UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Fayga Marcielle Madeira de Oliveira

POLIFONIA ANTI-IMPERIALISTA:
POLÍTICA E IDENTIDADE LATINO-AMERICANA NA DÉCADA DE 1920

CAMPINAS

2020

FAYGA MARCIELLE MADEIRA DE OLIVEIRA

Polifonia anti-imperialista:
política e identidade latino-americana na década de 1920

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em História, na Área de Política, Memória e Cidade.

Orientadora: Dra. Josianne Frância Cerasoli

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA FAYGA MARCIELLE MADEIRA DE OLIVEIRA, E ORIENTADA PELA PROFª DRª JOSIANNE FRÂNCIA CERASOLI.

CAMPINAS

2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

OL4p

Oliveira, Fayga Marcielle Madeira de, 1986-
Polifonia anti-imperialista : política e identidade latino-americana na década de 1920 / Fayga Marcielle Madeira de Oliveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Josianne Francia Cerasoli.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Imperialismo. 2. Intelectuais. 3. América Latina - História. I. Cerasoli, Josianne Francia, 1972-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Anti-imperialist polyphony : politics and latin american identity in the 1920s
Palavras-chave em inglês:
Imperialism
Intellectuals
Latin America - History
Área de concentração: Política, Memória e Cidade
Titulação: Doutora em História
Banca examinadora:
Josianne Francia Cerasoli [Orientador]
André Kaysel Velasco e Cruz
Fernando Luiz Vale Castro
Paulo Renato da Silva
José Alves de Freitas Neto
Data de defesa: 07-08-2020
Programa de Pós-Graduação: História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0003-1503-6244
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/2659701421205626

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 07/08/2020, considerou a candidata Fayga Marcielle Madeira de Oliveira aprovada.

Prof.ª Dra. Josianne Frância Cerasoli

Prof. Dr. André Kaysel Velasco e Cruz

Prof.ª Dr. José Alves de Freitas Neto

Prof. Dr. Fernando Luiz Vale Castro

Prof. Dr. Paulo Renato da Silva

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Aos meus pais, Cleunice e Wilson

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos, as mais cansadas linhas do trabalho, escritas por último, mas sempre em primeiro. Sou grata pela oportunidade que tive, em minha trajetória acadêmica e pessoal, de todos esses anos de estudo e vivência na Unicamp. Em um curso de excelência, com professores estimulantes, uma biblioteca com um importante acervo, e condições de pesquisa possibilitadas pela bolsa de estudos. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Em tempos mais difíceis, os protocolares agradecimentos institucionais e de financiamento ganham nova perspectiva.

Agradeço a todos os meus professores do período de pós-graduação. Das interessantes aulas de Teoria da História com Bob Slenes e do saudoso Edgar De Decca aos Tópicos e Seminários com Cristina Meneguello e Silvana Rubino. Em especial, agradeço ao professor Rui Luis Rodrigues, com quem não tive aulas, mas nem por isso aprendi menos. E da casa vizinha, a USP, agradeço à professora Maria Ligia Coelho Prado, pela escuta atenciosa, palavras precisas e por dividir comigo seu entusiasmo pela América Latina.

Com carinho, menciono as professoras do grupo de pesquisa "Núcleo História e Linguagens Políticas: Razão, Sentimentos e Sensibilidades", pela acolhida da *menina* recém chegada ao mestrado, que sentiu-se e sente-se privilegiada e encantada com todo o aprendizado dos últimos anos: Elizabeth Cancelli, Márcia Naxara, Marion Brepohl; Jacy Seixas e Christina Lopreato, desde outras paragens; à conterrânea e amiga querida, Karla Bessa; e ao professor Daniel Faria (ainda que não tenha achado justo flexionar gênero só por causa dele). Ainda no grupo, mas além, a Virginia Camilotti, pela leitura primorosa da minha dissertação de mestrado, essencial na formação da pesquisadora que hoje entrega uma tese. E, por todas as razões acima, à professora Izabel Marson, pelos ensinamentos nos Seminários de Linha da pós, pelas *aulas* nas reuniões do grupo, enfim, por toda a formação.

A Stella Bresciani, que mesmo antes de nós duas sabermos, já fazia parte da minha trajetória intelectual, com seus livros e seus alunos (meus professores). Orientadora da minha orientadora; minha orientadora (oficialmente por alguns meses), quando tão generosamente (como de costume) acolheu meu projeto de mestrado. E ainda por sua preciosa leitura da qualificação de doutorado. Por muitos caminhos e com tanto carinho, tão presente.

Aos professores da banca de doutorado. Os "da casa", Zé Alves, também meu professor e referência fundamental nos nossos trabalhos de América Latina; ao professor André Kaysel, tão atento e disponível que aceitou ser incomodado pelos corredores do IFCH por uma pós-graduanda perdida em hipóteses. E além, nos ofereceu contribuições tão preciosas no exame de qualificação. Aos professores Fernando Luiz Vale Castro e Paulo Renato da Silva, que tão prontamente aceitaram o convite para participar da banca, dispondo de tempo e atenção para esta etapa (última) do nosso trabalho. Agradeço à banca pela leitura interessante e interessada, sobretudo pela dupla leitura que acabamos tendo que fazer, uma na primeira data de defesa e a outra, meses depois, apanhados todos de surpresa com o adiamento provocado por uma pandemia que varreu todo o *mundo imperial*.

Aos meus amigos e colegas de História, companheiros nas aulas, passagens pelo CIEC e bares. Alan, Ana Carolina (as duas), Andresa, Anne, Camila, Clecia, Elis, Fernanda, Gabi, Gabriel, João, Juliana, Leo, Ludmila, Maria Isabel, Monique, Raquel, Suelen, Tainã. A Carol Balbino pela "importação" de bibliografia para uma latino-americanista carente.

Ao CIEC, nas pessoas de todos colegas pesquisadores e aos bolsistas que fazem dele um lugar tão acolhedor, que foi praticamente minha casa nos últimos meses de pesquisa.

Aos amigos que fiz em Campinas em todos esses anos e, entre todos, à Gabriela, que eu pude ver crescer e realizar seus sonhos, sem nunca perder a meiguice. Ao George, por tantos bons momentos (e por consertar meu PC).

Às minhas amigas que estão longe, mas nunca distantes. Claudinha, uma inspiração de tranquilidade e humildade. Ariane, parceira pra vida toda, irmã de coração. Aos meus amigos de ainda mais longe, Américo e Maria Júlia, amizade que atravessa o oceano e o tempo.

Razão e paixão na política, meu campo de estudos, fez muito mais sentido depois que vocês entraram na minha vida. Cada um com seu brilho, sua inteligência, sua forma de amar. Entrego *outra* tese por causa de vocês. Beatriz, Edson, Guilherme, Henrique, Kauê (que também editou a capa da tese, um agradecimento especial), Mabel (companheira de última hora, também pela revisão do trabalho), Marcel, Murylo, Nick, Tomás. Ao Germano e o Jean Luc por termos começado juntos essa aventura. Como um de vocês disse certa vez: "se não pararmos agora, corremos o risco de sermos amigos por toda a vida". Risco que vale a pena correr. Ao Ciro, personalidade doce que se incandesce na luta política, meu carinho, respeito e admiração.

À Isabela, amiga inseparável, minha *Bigs*, agradeço sabendo que não teria linhas suficientes pra escrever ou vida tão longa assim pra dizer tudo que você e sua amizade significam pra mim. A felicidade da sua cantoria quando chega em casa, sua capacidade de suportar meu bom humor matinal e toda a parceria, lealdade, sintonia. Bendita a hora que tive que procurar alguém pra dividir aluguel. De tudo, agradeço muito especialmente a sua paciência no último mês de escrita (a paciência que eu não tenho comigo mesma, você sabe). E claro, pelo *abstract*, notas e anexos!

À minha família toda, tias/tios e primos/primas, sempre tão presentes, agradeço o carinho, o apoio e por aguentarem a saudade. Não vou citar nomes para não correr o risco de algum esquecimento (ou de ter trezentas páginas só de Agradecimentos). Me dirijo especialmente a minha vó Iolanda, que tanto amo. Abnegada, sempre preocupada, muito mãe.

Aos meus irmãos Phelipe e Victor, que sempre transformam qualquer coisa em um repertório de piadas e trocadilhos ruins que eu adoro, felicidades da minha vida. À minha irmã Nathália e sua família com Rômulo que cresce tão lindamente, meus sobrinhos, fontes de alegria, Theo e Yuri. À Helena, que cuida tão bem do meu pai, não poderia ser mais grata.

Ao meu pai, dono de um lindo coração, sobrevivente, generoso, forte e que se enche de amor quando olha para os filhos. À minha mãe, com quem posso contar para qualquer coisa, que sempre me diz que tudo vai dar certo, e não faz ideia do quanto isso me conforta.

À Josi, por último para combinar com a música. *Périplo, ciclo, jornada*, chegamos ao final (?) de mais uma. A perspectiva dada por tanto tempo de convivência, de aprendizado, de orientação me fez perceber o que, dentre tantos e dentre tudo, eu deveria agradecer nessas poucas linhas. Agradeço, claro, o carinho, a compreensão, a paciência, mas, mais do que qualquer coisa, a confiança de saber que você nunca aceita nada menos do que eu posso fazer. É uma responsabilidade, sem dúvida, mas é um grande presente. Muito obrigada, *mi maestra*. Resgatei aquela música, de uma de tantas coisas que trabalhamos e vivemos juntas: *Das conjunções improváveis de órbitas instáveis é que eu me mantenho. E venho arrimado nuns versos, tropeçando universos, pra achar-te no fim.*

He aquí, esbozado en su fondo y en su forma, para qué están ahí los intelectuales, qué es lo que han venido hacer sobre la tierra: oponerse y seducir.

José Ortega y Gasset, Lisboa, 1944

Entre ese griterío confuso - a veces trágico o burlesco - de los que lo asisten a la fragua continental, hemos querido poner oído atento para distinguir las voces buenas - no siempre las más escuchadas - que actualmente se alzan con su ideal, su verdad o su esperanza, desde distintos sitios. La voz alentadora que llama a la defensa; la voz valiente que denuncia nuestras lepras; la voz orientadora que señala los caminos; la voz profética que formula el ideal; esas voces dicen su mensaje a través de este libro. (....) La aspiración debe ir a sinfonizar esas voces en un gran coro humano final, como en la NOVENA de Beethoven. Dispongámonos, pues, a oír esas voces. Por eso, este libro no se cierra con el primer volumen. Queda la oreja presta a seguir escuchando.

Benjamín Carrión. *Los creadores de la Nueva América*, 1928

Resumo

A tese investiga os debates de intelectuais anti-imperialistas latino-americanos na década de 1920. O estudo buscou compreender as questões político-identitárias implicadas nas práticas políticas desta intelectualidade e na formação de identidades coletivas pautadas por interpretações distintas sobre o imperialismo. Entre tais identidades, o entendimento priorizado é o das correlações entre a identidade supranacional latino-americana e a militância anti-imperialista. Para tanto, a pesquisa se deu a partir suas obras e biografias, publicações periódicas, trocas epistolares, registros de encontros e da formação de grupos de ação. A análise desta documentação foi feita a partir da noção de redes intelectuais, perscrutando relações e práticas políticas dialógicas, conjuntas e transnacionais. Nas redes anti-imperialistas analisadas, se destacaram os agentes Manuel Ugarte, José Ingenieros, Alfredo Palacios, José Vasconcelos, Víctor Raúl Haya de la Torre, José Carlos Mariátegui, Julio Antonio Mella. Os modos de sociabilidade entre os intelectuais do período foram objeto de reflexão, destacando a importância da categoria de geração e seus desdobramentos, como as noções *juventude* e *maestro*. A compreensão das dinâmicas de sociabilidades possibilitou a investigação da composição da autoimagem de vanguardismo político da qual os sujeitos se viam investidos. Foi demonstrado como o vanguardismo, apreendido como militância, era orientado na luta política para a superação da desigualdade social e enfrentamento do imperialismo. Tal enfrentamento compreendia de forma multifacetada conceitos como ideologia política e militância de esquerda, nação e nacionalismo, transformação radical e revolução. O estudo compreendeu as possíveis conformações recíprocas entre o posicionamento político anti-imperialista e o conjunto identitário apreendido por América Latina.

Palavras-chave: Imperialismo. América Latina. Anti-imperialismo. Intelectuais.

Abstract

The thesis investigates the debates of Latin American anti-imperialist intellectuals in the 1920s. The study sought to understand the political-identity issues involved in the political practices of this intellectuality and in the formation of collective identities guided by distinct interpretations of imperialism. Among such identities, the prioritized understanding is what concerns the correlations between Latin American supra-national identity and anti-imperialist militancy. To this end, the research started from the intellectuals works and biographies, periodicals, epistolary exchanges, records of meetings and the formation of action groups. The analysis of this documentation was made from the perception of intellectual networks, looking at dialogical, joint and transnational political relations and practices. In the anti-imperialist networks analyzed, leaders Manuel Ugarte, José Ingenieros, Alfredo Palacios, José Vasconcelos, Víctor Raúl Haya de la Torre, José Carlos Mariátegui, Julio Antonio Mella stood out. The ways of sociability among the period intellectuals were object of reflection, highlighting the importance of this generation and its consequences, such as the notions of youth and *maestro*. The understanding of the dynamics of sociability made possible to investigate the composition of the political avant-garde self-image in which the subjects saw themselves invested. It was demonstrated how vanguardism, perceived as militancy, was oriented in the political struggle to overcome social inequality and confront imperialism. This confrontation comprised concepts such as political ideology and leftist militancy, nation and nationalism, radical transformation and revolution in a multifaceted way. The study understood the possible reciprocal conformations between the anti-imperialist political position and the identity set seized by Latin America.

Keywords: Imperialism. Latin America. Anti-Imperialism. Intellectuals.

Resumen

La tesis investiga los debates de los intelectuales antiimperialistas latinoamericanos en la década de 1920. El estudio buscó comprender las cuestiones político-identitarias implicadas en las prácticas políticas de esta intelectualidad y en la formación de identidades colectivas pautadas por distintas interpretaciones sobre el imperialismo. Entre tales identidades, la comprensión priorizada es la de las correlaciones entre la identidad supranacional latinoamericana y la militancia antiimperialista. Por lo tanto, la investigación fue hecha a partir de sus trabajos y biografías, publicaciones periódicas, intercambios epistolares, registro de reuniones y la formación de grupos de acción. El análisis de esta documentación se basó en la noción de redes intelectuales, analizando las relaciones y prácticas políticas dialógicas, conjuntas y transnacionales. En las redes antiimperialistas analizadas se destacaron los agentes Manuel Ugarte, José Ingenieros, Alfredo Palacios, José Vasconcelos, Víctor Raúl Haya de la Torre, José Carlos Mariátegui y Julio Antonio Mella. Los modos de sociabilidad entre los intelectuales de la época fueron objeto de reflexión, destacando la importancia de la categoría de generación y sus consecuencias, como las nociones de juventud y maestro. La comprensión de las dinámicas de sociabilidad permitió investigar la composición de la autoimagen de vanguardia política de la cual los sujetos se vieron involucrados. Se demostró cómo el vanguardismo, percibido como militancia, se orientó en la lucha política para superar la desigualdad social y enfrentar el imperialismo. Esta confrontación comprendió conceptos de manera multifacética como ideología política y militancia de izquierda, nación y nacionalismo, transformación radical y revolución. El estudio comprendió las posibles conformaciones recíprocas entre la posición política antiimperialista y el conjunto de identidad capturado por la locución América Latina.

Palabras clave: Imperialismo. América Latina. Antiimperialismo. Intelectuales.

Sumário

Introdução..... 15

Parte I: *Mundo imperial*: uma história do século XX..... 29

Capítulo 1: Imperialismo: política, conceito e era..... 31

1.1 Uma política: o Império em expansão..... 32

1.2 Imperialismo: conceito político-econômico..... 37

1.3 Era dos impérios..... 40

1.4 Cultura e Imperialismo..... 43

Capítulo 2: Imperialismo, identidade e ação política..... 45

2.1 O pássaro imoral: expansão e antinorteamericanismo..... 45

2.2 Ensaísmo latino-americano no início do século XX..... 49

Capítulo 3: Imperialismo com aspas..... 53

3.1 Imperialismo: um problema sem nome, o nome de vários problemas..... 53

3.2 Manuel Ugarte: o precursor..... 59

3.3 Redes: os fios do relato e os rastros da história..... 68

Parte II: *Maestros e concertistas:* política, sociabilidade e redes intelectuais..... 71

Capítulo 4: Universidade e vida universitária: *la revelación del mundo político*..... 72

4.1 Reforma Universitária: além do "mito historiográfico"..... 72

4.2 Universidade: despertar político e compromisso intelectual..... 79

4.3 Universidades populares: *un ensayo práctico*..... 90

Capítulo 5: A agonia dos modernos: sociabilidades intelectuais em era de *juvenilismo*..... 99

5.1 *Los jóvenes a la obra*: a vanguarda é jovem..... 100

5.2 *Entre nosotros, las generaciones*..... 109

5.3 *Maestros*: *la responsabilidad tremenda del orientador*..... 112

5.4 *Los viejos a la tumba* ou a crítica de si e um lugar na modernidade..... 128

Capítulo 6: Redes anti-imperialistas: da *simbólica tragedia* às tragédias mais que simbólicas..... 132

6.1 A batalha por Ayacucho: as redes temáticas..... 134

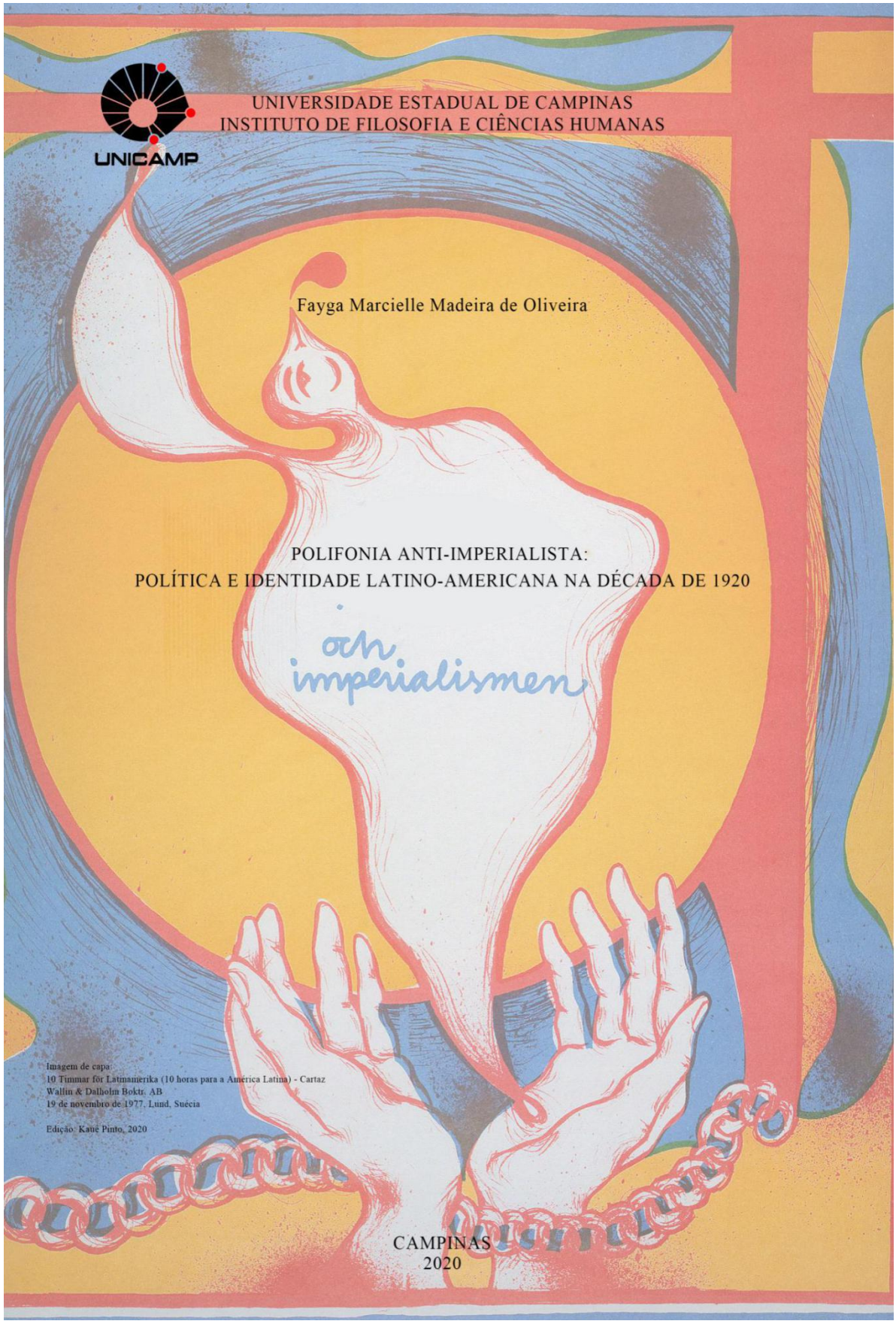
6.2 Mártires do anti-imperialismo: a *simbologia da tragédia*..... 140

Parte III: Anti-imperialismo *em termos*: esquerda, nacionalismo e revolução..... 146

Capítulo 7: Política à esquerda: os *profetas do contra*..... 148

7.1 Ideologia: o mundo que se quer..... 148

7.2 O Congresso de Bruxelas e a cisão dos anti-imperialistas..... 158
7.3 Transformações do jogo político do anti-imperialismo latino-americano..... 166
Capítulo 8: O lugar do nacionalismo nas políticas anti-imperialistas: nação e revolução..... 184
8.1 Qual nacionalismo?..... 184
8.2 (Inter)nacionalismo: imperialismo, o monstro de duas cabeças..... 199
8.3 *Que fazer? Quem fará a revolução política?* e outras questões revolucionárias..... 208
Considerações Finais - *Polifonía antiimperialista*..... 219
Outros arranjos..... 220
Referências..... 223
FONTES..... 223
Acervos e Bibliotecas Virtuais..... 223
Periódicos: consultados no original..... 224
Obras e Coletâneas..... 225
BIBLIOGRAFIA..... 238
Anexo 1: Apontamentos biográficos..... 254
1) Intelectuais, políticos e figuras públicas..... 254
2) Associações e grupos..... 264
Anexo 2: Sumários..... 268
Anexo 3: Quadro geracional..... 271


UNICAMP
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Fayga Marcielle Madeira de Oliveira
POLIFONIA ANTI-IMPERIALISTA:
POLÍTICA E IDENTIDADE LATINO-AMERICANA NA DÉCADA DE 1920
och imperialismen
Imagem de capa:
10 Timmar för Latinamerika (10 horas para a América Latina) - Cartaz
Wallin & Dalholm Boktr. AB
19 de novembro de 1977, Lund, Suécia
Edição: Kauê Pinto, 2020
CAMPINAS
2020

Introdução

> América Latina no tiene por desgracia un nombre. Padece de la falta de una expresión unánime que comprenda a todas las naciones situadas al sur del Río Bravo y que se extienden por el vasto continente hasta la Patagonia y la Tierra del Fuego. Ya hemos examinado en la proposición "Europa y las dos Américas" el significado de los nombres que se nos atribuye como realidad geográfica e histórica. Podemos hacer un resumen, o mejor un esquema amplísimo, usando la terminología matemática. Hispanoamericanismo igual Colonia; Latinoamericanismo igual Independencia y República; Panamericanismo igual Imperialismo, e Indoamericanismo igual unificación y libertad.
>
> Víctor Raúl Haya de la Torre, 1928

O projeto que deu origem a esta tese pouco se assemelha a ela. Sabendo que isso pode ser visto como um truísmo, pois é exatamente esse processo que caracteriza uma pesquisa, lançar um olhar retrospectivo possibilita reflexões interessantes sobre todo um mundo de compreensão que foi sendo desbravado e possibilitou o encadeamento de hipóteses sobre o imperialismo que hoje apresentamos. Naquele projeto, iniciado em 2015, o imperialismo aparecia como um tema tangencial naquilo que nos parecia circunscrito a um debate da intelectualidade sobre a identidade mais ou menos adequada para o subcontinente que, atualmente, sem maiores debates, é conhecido por América Latina.

Aproveitando o espaço destas linhas dedicadas à reflexão, considero sobre como, em alguma medida, minha própria perspectiva como brasileira a indagar sobre a América Latina tenha influído na forma de compreensão do problema. Em geral, por razões histórico-políticas das mais diversas - a dimensão continental do Brasil, o idioma, a posição de solitária monarquia entre repúblicas que atravessou o século XIX, a "política imperialista" brasileira na região e os mais variados tipos de preconceitos e interesses -, permanecemos alheios aos países vizinhos da costa do Pacífico e caribenhos. E a tal "América Latina" nos parece algo distante, ainda que, conceitualmente (com todos os problemas que o conceito carrega e que abordaremos no decorrer do trabalho), esse topônimo compreenda tudo ao sul Rio Bravo. Ser brasileiro e pesquisador voltado à América Latina implica em experenciar sutis ambivalências, como a de *pertencer* a uma *Nuestra América* que nem sequer está em sua língua, fator de identificação naturalizado em sociedades humanas. Mas não é o pretensamente natural que está em discussão nas identidades políticas e, para o bem ou para o mal, o Brasil tem lugar cativo nesta questão. Seguimos as reflexões de Maria Ligia Coelho Prado sobre a necessidade de considerar e perceber criticamente a dicotomia entre ser e não

ser América Latina. Possível em qualquer lugar do subcontinente, mas acentuada no Brasil pela historicidade do problema.[1] Conforme Maria Ligia Prado:

> O Brasil afirmou-se e afirma-se como América Latina em diversas e variadas manifestações políticas, mas também nega sua identidade, ignorando, desqualificando e formando estereótipos negativos relacionados ao mundo hispano-americano. No Brasil, os estudiosos da América Latina vivem intensamente essa dicotomia e precisam, de início, assumir os problemas delas decorrentes.[2]

Minha dissertação de mestrado, *Além da Tempestade: identidades latino-americanas e projetos políticos no Brasil no início do século XX*, entre outros temas, se dedica ao estudo da questão identitária no continente e traz em suas reflexões a perplexidade dos intelectuais Manoel Bomfim e Sílvio Romero sobre a América Latina (em 1905). Entre as mais elementares delas, perguntam-se se a América Latina era algo que efetivamente "existia" e se o Brasil faria parte dela. De certo modo, meu primeiro passo para dar continuidade à pesquisa como projeto de doutorado foi tentar complexificar a questão estendendo o debate identitário sobre a América Latina.

O olhar, condicionado por essa baliza, procurou em outro tempo, outros atores e outros suportes, os caminhos daquela discussão. As referências aparentemente confusas sobre distintas denominações, como América Latina, Indo-América, Pan-América, Ibero América, entre outras, foram pistas a serem perseguidas. O texto de Haya de la Torre, que serve de epígrafe a esta introdução, está presente também no projeto de pesquisa, pois foi impactante para o desenvolvimento dessas primeiras reflexões. Entretanto, Haya, a quem viria a *conhecer* depois, não tinha dúvidas sobre a unidade desse conjunto supranacional e de seu compartilhamento de origens e destinos, como o próprio título de seu texto nos permite perceber, *El problema historico de Nuestra América*[3]. Lido de forma mais profunda, considerando um número bem maior de variáveis - o que só é possível por meio da própria

---

[1] Segundo o relatório do projeto *The Americas and the World: Public Opinion and Foreign Policy*, desenvolvido pelo Centro de Investigación y Docencia Económicas (CIDE), da edição 2014/2015, apenas 4% dos brasileiros se definem como latino-americanos, enquanto a média entre os outros países pesquisados (Argentina, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru) é de 43%. *apud* GUIMARÃES, Thiago. "Brasileiro despreza identidade latina, mas quer liderança regional, aponta pesquisa". *BBC Brasil*, 21 de dezembro de 2015. Acesso em: 20/10/2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151217_brasil_latinos_tg?fbclid=IwAR2BA9r-FEIpWWHoR7QJPLfvlHdVQnY76xqbjQfd2IWkrQKXbSrmm_HOyHs>.

[2] PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no Século XIX*: Tramas, Telas e Textos. São Paulo: EDUSP, 1999, p.20. Agradecemos à professora Maria Ligia pela disponibilidade e acolhida generosa para o debate, que foram de grande ajuda na reta final do trabalho.

[3] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. El problema historico de nuestra América (Conferencia dada en el Anfiteatro de la Escuela Nacional Preparatoria México. Versión de Carlos Manuel Cox). *Amauta*, fev./1928, p.21-23.

pesquisa -, o que há no texto de Haya não é um debate sobre identidade, mas sua categórica afirmação precisamente frente ao imperialismo.

Analisando outros sujeitos, foi se evidenciando a preponderância da discussão anti-imperialista nas percepções identitárias e a necessidade de se inverter a perspectiva da pesquisa e tomar as discussões identitárias como subsidiárias. Esse percurso será aprofundado ao longo do texto, partindo-se da compreensão do anti-imperialismo como fundamento da ação político-intelectual na década de 1920 – principal hipótese explorada no trabalho.

Mostrou-se necessário também um ajuste na escolha da documentação. Havíamos planejado a análise, título a título, de periódicos, tomados como eixos editoriais que se relacionavam em *rede*.[4] A abordagem mostrou-se inadequada para o objeto. A exuberância da militância anti-imperialista não poderia ser bem apreendida em títulos específicos de periódicos, pois alcançava, além destes, organizações e associações civis, partidos políticos, federações estudantis, congressos, livros e "cavaleiros solitários". Além disso, a escolha por descentralizar as fontes de pesquisa possibilitou uma melhor apreensão das dinâmicas das *redes político-intelectuais*. Essa nova relação de fontes não parte mais da natureza do suporte, como era o caso dos periódicos. Mas, sim, da produção intelectual dos autores envolvidos nos escritos sobre imperialismo entre o início do século XX e meados da década de 1930, considerando a abordagem mais ampla e, da década de 1920, ao se tomar especificamente a produção da militância anti-imperialista. Pesquisamos em periódicos, coletâneas de textos e artigos, epistolários e obras dos próprios autores.

Tempos da política: redes e conceitos

> Tudo se passa como se, a despeito dos fenômenos aparentes ou mensuráveis, a vida política fosse também sustentada por uma história difusa e qualitativamente observável: a dos sentimentos coletivos e das paixões, que se inscrevem ou interferem nas práticas políticas.[5]

O trabalho de Pierre Ansart sobre a "gestão das paixões políticas" foi fundamental no desenvolvimento de nossas reflexões. Mais do que uma orientação metodológica pontual, os

---

[4] As publicações arroladas para a pesquisa no projeto eram *Cuba Contemporanea* (Cuba); *Mercurio Peruano*, *Amauta*, e *Mundial* (Peru); *Nosotros*, *Valoraciones*, e *Revista de Filosofía* (Argentina); *Repertorio Americano* (Costa Rica) e *Revista Americana* (Brasil). Ao final do percurso, trabalhamos com os originais de cerca de 40 periódicos de 7 países diferentes. Ver *Periódicos* nas Referências Bibliográficas.

[5] ANSART, Pierre. A afetividade política e sua reprodução. In: *A gestão das paixões políticas*. Trad. Jacy Seixas. Curitiba: UFPR, 2019, p.11.

estudos e debates sobre os sentimentos nas práticas políticas estão no cerne da forma pela qual lemos os documentos, percebemos os atores e compreendemos os temas desde a escolha do objeto de investigação.[6] As importantes leituras macro conjuturais, a investigação de doutrinas políticas e a atenção à história dos conceitos, que procuramos fazer, se complexificam a partir da compreensão da sensibilidade política. Em um trabalho como o nosso, que investiga a ação pública de sujeitos que não queriam nada menos que *mudar o mundo*, os apelos, indignações, sacrifícios e paixões parecem até mais que "observáveis", mas quase palpáveis.

Definir os agentes políticos envolvidos em tais lutas tornou-se uma das questões mais complexas do trabalho. A diversidade de formas de ação e as (auto)atribuições de rótulos concernentes às atividades políticas nos instigaram: Seria possível agrupar sobre a alcunha de intelectual elementos tão díspares quanto o filósofo, autor de tratados sobre moral e ética, José Ingenieros, a jovem liderança comunista, que havia apelado para o extremo de uma greve de fome como ação política, Julio Antonio Mella, o político habilidoso e de extensa carreira que fundou o primeiro partido de massa da América Latina, Víctor Raul Haya de la Torre, ou o autodidata, ensaísta e jornalista de profícua produção intelectual, José Carlos Mariátegui?

A categoria de *intelectual* pode ser tomada em duas abrangências, de acordo com Jean François Sirinelli, um grupo maior e indiferenciado de "letrados" e, a definição compreendida pela noção de "engajamento" político, ou seja, quando aqueles que pertencem a este estrato social se investem do dever de ação política e da defesa pública de sua causa.[7]

---

[6] Agradeço especialmente aos professores que integram o grupo de pesquisa "Núcleo História e Linguagens Políticas: Razão, Sentimentos e Sensibilidades" (CNPq), que integrei como aluna de pós-graduação desde o início da minha formação, e do qual Pierre Ansart foi um dos fundadores.

[7] SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. A princípio, a palavra intelectual foi transformada como substantivo de forma pejorativa pelo grupo que se opunha aos assinantes do manifesto pró-Dreyfus, mas foi prontamente apropriado com a significação de vanguarda política e cultural. Segundo Helenice Rodrigues, que faz uma síntese sobre o termo, a petição dos *dreyfusard* possui três particularidades que serão relevantes para a permanência da conotação política do substantivo intelectual: o direito ao escândalo quando fracassada todas as tentativas de legais de revisão do processo; o direito de se agrupar e afirmar sua comunidade política social; a reivindicação de um poder simbólico remetendo às titulações que os assinantes mencionavam diante de seus nomes. RODRIGUES, Helenice. O intelectual no "campo" cultural francês. Do "Caso Dreyfus" aos tempos atuais. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol.21, nº34, 2005. Além da própria discussão feita por Sirinelli, no texto referido, e que situa bem a longa discussão sobre os intelectuais na bibliografia francesa, convém referencia-la a partir das reflexões de Antônio Gramsci no Caderno 12. O autor italiano destaca a natureza social e não funcional do termo intelectual, uma vez que, não há trabalho humano que prescinda de atividade intelectual e portanto "seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais" e esta última que caracteriza o conceito de intelectual. GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 - Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais (1932). In: *Cadernos do Cárcere*. Vol. 2. COUTINHO, Carlos Nelson (org. e trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.18.

Ou, conforme a definição de Sartre, de homens que foram reconhecidos por "obras de inteligência" e "*abusam* dessa notoriedade por abandonar seu domínio e criticar a sociedade e os poderes estabelecidos"[8].

Ainda que estas conceituações de intelectual destaquem a preponderância política e de engajamento desses sujeitos, precisamos salientar esse aspecto com relação aos atores estudados. O trabalho intelectual de ideólogos e divulgadores, feito por eles por meio de livros, periódicos, discursos e outros formatos é entremeado por ações políticas de caráter distinto, também objetos de análise. Tais como, a fundação de partidos e associações, atividade docente, disputas eleitorais ou mesmo ações armadas. Nessa chave de leitura, explica-se nosso uso do termo militante/militância como auxiliar ao de intelectual, dando mais sentido a heterogeneidade acima destacada. Não se trata de propor um conceito alternativo a *intelectual*, mas, considerando-o em suas dimensões características de criador, mediador e arregimentador, propostas por Sirinelli, enfatizar devidamente este último. Solução semelhante a que apresenta Silvia Sigal em seu estudo com intelectuais-militantes argentinos da década de 1960. Sigal enfatiza a distinção entre as dimensões cultural e política dos militantes, bem como, sua complementaridade:

> (...) no lleva a anular lo que tienen de específico unos y otros, ya que existen diferencias sustanciales entre el saber sobre la sociedad que sustenta una militancia política - la dimensión letrada de los militantes -, y las consecuencias ideológicas de una actividad organizada alrededor del conocimiento - la dimensión ideológica de los letrados -.[9]

Entremeamos a perspectiva metodológica sincrônica, que privilegia as movimentações dos atores políticos e predomina no texto, com estudos diacrônicos dos conceitos políticos. Isso é particularmente relevante quando trabalhamos o conceito basilar da tese, o de imperialismo. Longe de uma sequência linear pretendida por um tipo de "história das ideias", buscamos recompor os elementos fundamentais dos conceitos no tempo. Sem a pretensão (que nunca seria alcançada) de compor alguma totalidade de sua história, mas de apontar usos políticos que "alteraram sua situação", na expressão de Koselleck. Com especial atenção

---

[8] SARTRE, Jean-Paul. Qu'est-ce qu'un intellectuel? (1965). In: *Plaidoyer pour les intellectuels*. URSS: Gallimard, 1972, p.13, grifo no original, tradução nossa.

[9] SIGAL, Silvia. *Intelectuales y poder en la década del sesenta*. Buenos Aires: Puntosur, 1991, p.23. Pierre Ansart desenvolve o conceito de "intelectual revolucionário", que é um pouco mais específico do que o intelectual militante, pois o intelectual é tomado mais próximo a noção de ideólogo ou teórico. Categoria na qual podem ser entendidos alguns dos nossos autores, como José Carlos Mariátegui e Haya de la Torre. Mas para a generalidade dos indivíduos que estudamos, a junção entre intelectual e militante nos parece mais adequada. Cf. ANSART, Pierre. Do medo à cólera. In: *A gestão das paixões políticas*. Trad. Jacy Seixas. Curitiba: UFPR, 2019.

para as condições de repetição necessárias para que se perpetuassem como ideia/tema/conceito.

Contando com o poder da imaginação do leitor, seria como um edifício construído pelo qual *hoje* se caminha, se trabalha, se vive e se disputa espaço - mudando a disposição dos móveis ou mesmo erguendo e derrubando paredes -, mas o qual podemos recordar este ou aquele período de sua obra ou de sua história a partir de algumas fotografias. As fotografias não são trazidas de maneira arbitrária para compor o "estado da arte" do objeto, mas como indicativos das repetições necessárias para que o conteúdo seja compreensível na temporalidade, seja qual for, do conceito estudado. Trata-se de apreender os elementos de diacronia, de mudanças bem mais lenta e caracterizada pela repetição, que estão contidos no uso pragmático e dinâmico da linguagem. Nos referenciamos na chamada história dos conceitos, sobretudo em Reinhart Koselleck. Segundo o autor:

> Portanto, o que a semântica indica é que ela é repetível. Trata-se de estruturas linguísticas que se repetem e cuja repetição é necessária para que o conteúdo seja compreensível, ainda que uma única vez. Eu só posso ser compreendido se um mínimo de repetição da semântica estiver pressuposto. (...) Devemos partir teoricamente da possibilidade de que em cada uso pragmático da linguagem (*Sprachpragmatik*), que é sempre sincrônico, e relativo a uma situação específica, esteja contida também uma diacronia. Toda sincronia contém sempre uma diacronia presente na semântica, indicando temporalidades diversas que não posso alterar.[10]

Por *redes* adotamos a definição de acordo Alexandra Pita González, que as entende enquanto "círculos de sociabilidad concretos"[11]. Esses círculos de sociabilidade, ou seja, de relações, são concretos na medida em que podemos observar sua fascinante movimentação. Os agentes se comunicam, se associam, se apresentam, trocam referências de forma muito direta. Os exemplos se multiplicam, desde uma polêmica travada nas páginas de um ou mais periódicos, incessantes trocas epistolares, oferecimentos e pedidos de recomendação editorial, ou mesmo acolhimento dos viajantes e exilados.[12] Mais do que conexões que unem colegas de ofício ou que representam de ligações de amizade (e inimizade), questões que também

---

[10] KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Palestra transcrita e traduzida por Manoel Luis Salgado Guimarães. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p.141.

[11] PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *La Unión Latino Americana y el Boletín Renovación*: Redes de intelectuales y revistas culturales en la década de 1920. México-DF: El Colégio de México; Universidad de Colima, 2009, p.25.

[12] A concretude destas redes são observáveis em diversos tipos de comunicação, como enumera Eduardo Déves Valdés, como correspondências, congressos, prologação de livros, publicação nos mesmos meios, participação nas mesmas campanhas, polêmicas, dentre outras. DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina*. Hacia la constitución de una comunidad intelectual. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados, USC, 2007, p.32. Além de Pita González e do trabalho citado de Devés Valdés, Cf. DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX*. Entre la modernización y la identidad. Tomo I. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, 2000.

perpassam a dinâmica das redes, é o propósito de ação pública que ata os fios dessas redes de relações.

Aparte essa materialidade que as redes constituem, é preciso lembrar que este é um constructo teórico, que é necessário que o pesquisador siga seus rastros para que possa demonstrar o estabelecimento dessas redes a partir do que Alejandro Paredes chama de "parámetros concretos", como sua extensão, limites e densidade.[13] Para a nossa pesquisa, pensar por meio das redes nos apontou a necessidade de mudar o foco, pois o que procurávamos não era o problema que mais interessava aos sujeitos que estudávamos. O que nos exigiu circunscrever entre o maior número de indivíduos possíveis e sondar quais os temas de debate que os motivavam a serem interlocutores. No nosso caso, seguindo os indícios, tais como próprio o fluxo desenhado pelos interlocutores em sua prática política, estendemos a análise considerando duas características essenciais: ser um intelectual latino-americano e atuar em temas relacionados ao imperialismo.

É importante destacar que a observação das redes nos permitiu investigar um aspecto considerado desde o início da pesquisa, a transnacionalidade do tema. O "mundo imperial", na expressão de Edward Said, ou seja, aquele afetado diretamente imperialismo, que objetivávamos em alguma medida compreender com essa pesquisa, poderia resultar em uma reflexão mais profícua ao não eleger o recorte nacional como premissa. O trabalho de Said tem o "Oriente", e o conhecimento que dele se produz, como objetos de análise, mas consideramos que suas reflexões são adequadas também para o entendimento do *lado de cá* deste mundo imperial, a América.

A opção por perscrutar as redes seguindo suas ramificações internacionalizadas, preponderante no nosso trabalho, não significa ignorar ou desmerecer as conjunturas políticas nacionais. No decorrer da escrita procuramos trazer personagens, políticas e acontecimentos mais nacionalizados pois respondem a parte significativa da movimentação dos sujeitos que perfazem as redes pesquisadas. As persecuções do governo de Augusto Leguía no Peru, as três décadas de ditadura na Venezuela, a repressão de Gerardo Machado em Cuba, a possibilidade de exercitar o pluralismo de opinião na Argentina, o ambiente de acolhimento criado no México para os perseguidos políticos. Usamos as notas de rodapé para contextualizar melhor algumas dessas questões na medida em que elas aparecem.

---

[13] PAREDES, Alejandro. De los casi-grupos a los colegios invisibles: distintos modos de pensar la interación entre intelectuales latinoamericanos durante el siglo XX. In: COSTA, Adriane Vidal; MAÍZ, Claudio (org.). *Nas tramas da "cidade letrada"*: sociabilidad dos intelectuales latinoamericanos e as redes transnacionais. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p.24.

Outra questão que precisa ser pontuada é sobre a constância e relevância no texto dos personagens abordados. Enquanto alguns aparecem pontualmente ou com pouco destaque, outros são praticamente fios condutores do enredo. Além do próprio espaço de escrita, que pressupõe certa limitação, essa constelação possui estrelas de diferentes grandezas que são atribuídas pelas próprios agentes em relação e podem ser percebidas de forma mais evidente com as titulações simbólicas de "mestres da juventude" atribuída pelos pares ou, de forma mais insidiosa, com o destaque de figuras que vão se tornando líderes. Lugares esses que, como poderemos ver, estão sempre em disputa.[14] O estudo das redes também compreende a existência de sujeitos em posições estratégicas, de maior destaque ou poder nas relações, como conclui Katherine Faust: "Además, habrá actores en posiciones estratégicas que tendrán el potencial de interrumpir, controlar o distorsionar el flujo de recursos entre los demás actores."[15]

No período estudado, há algumas dezenas de personagens envolvidos na militância anti-imperialista, mas alguns se destacam mais. Por sua atuação política, pela memória que deles se construiu, pela produção intelectual destacada e por se constituírem como claras referências ou lideranças em seus grupos. Características que pudemos perceber a partir da própria metodologia que utilizamos, circunscrevendo suas redes de relações. Mencionamos alguns: os argentinos Alfredo Palacios, José Ingenieros e Manuel Ugarte; os peruanos José Carlos Mariátegui e Víctor Raúl Haya de la Torre; o mexicano José Vasconcelos e, de Cuba, Julio Antonio Mella.[16]

---

[14] A noção de que a autoridade, prestígio ou a reputação são desiguais entre os intelectuais que compartilham um mesmo círculo e que depende de diferentes fatores é objeto de reflexão de Carlos Altamirano na Introdução Geral de *Historia de los intelectuales en América Latina.* ALTAMIRANO, Carlos; MEYERS, Jorge (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Madrid: Katz, 2008. No caso dessa pesquisa, as definições restritas à sociabilidade intelectual não nos parecem suficientes, pois parte dos nossos atores exercem como principal atividade a militância política, que tem outro componente modulador do destaque, a capacidade de arregimentar e inflamar, em outras palavras, o carisma. Cf. SANDRE, Ítalo de. Carisma [verbete]. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Vol. 1. Trad. João Ferreira (org.). Brasília-DF: Editora UNB, 1998 (1ªed. 1983), p.149.

[15] FAUST, Katherine. Las redes sociales en las Ciencias Sociales y del Comportamiento. In: GIL MENDIETA, Jorge; SCHMIDT, Samuel (org.). *Análisis de redes*. Aplicaciones en Ciencias Sociales. México-DF: UNAM, 2002, p.8

[16] Durante arguição da comissão examinadora, os professores ponderaram sobre a desproporção com que são abordados os círculos intelectuais latino-americanos, com predominância daqueles que envolvem Argentina, Cuba, México e Peru. A justa observação pode ser compreendida, além das reflexões já presentes no texto, como resultante em grande medida do próprio processo de pesquisa. Com isso, queremos dizer que se há, por um lado, a impossibilidade de se escrever sobre todos os atores e temas, o que pressupõe a necessidade de recortes e escolhas, por outro, essas escolhas tiveram como balizas as relações pautadas pelos autores que estudamos. Em meio a uma infinidade de relacionamentos intelectuais, alguns registrados a partir de apenas *uma* carta/*um* contato e que corresponderiam a fios mais tênues nas tramas das redes, outros são reforçados várias vezes por diversos meios, o que dá relevo aos seus contornos. E foram esses relevos que procuramos explorar com mais profundidade. Não consideramos esses intelectuais em específico ou suas procedências

Estes autores são trabalhados mais detalhadamente no decorrer do texto e nas notas quando fazem parte da narrativa, para que o leitor vá se familiarizando com as personas e suas ações políticas. Todavia, a grande quantidade de nomes e contextos que se apresentam no texto, pedia um tratamento mais atento da questão. Utilizamos como recurso um anexo com breves apontamentos biográficos que tem como objetivo localizar temporalmente os agentes e deixá-los disponíveis para consulta rápida durante a leitura. Cada autor tem em sua primeira menção na tese um *hiperlink* vinculado a este anexo diretamente para sua entrada correspondente no glossário. O uso de hiperligações durante o trabalho é possibilitado pelo exclusivo formato digital com que as teses e dissertações são disponibilizadas atualmente pela Universidade Estadual de Campinas. Formato que apresenta limitações em alguns aspectos, mas que por outro lado, abre oportunidades como essa.

Polifonia anti-imperialista: prelúdio

Na Parte I, "*Mundo imperial*: uma história do século XX", partimos da metodologia trabalhada pela História dos Conceitos com o objetivo de fazer um primeiro mapeamento para perceber as "forças diacrônicas contidas"[17] no conceito de imperialismo. Começamos por compreender as persistências e transformações do conceito formadas em outras temporalidades e que informam em parte seus usos ulteriores. Feito este mergulho na história do imperialismo (conceito/fenômeno político), com as devidas limitações; percebemos que a teorização tão recente do conceito, tendo com a publicação de *Imperialism - a study* (1902), de John A. Hobson como marco até os autores do nosso estudo na década de 1920, apontava para um acentuado deslocamento de sentido em um curto espaço de tempo. Para investigar essa hipótese, decidimos ter por parâmetro comparativo a intelectualidade latino-americana de inícios do século XX, e nos colocamos algumas questões: existiria indicações anteriores da pujança anti-imperialista observada no pós-Guerra? Qual(ais) eram as significações possíveis da ideia ou do conceito de imperialismo duas décadas antes? Quais características poderíamos encontrar que perfizessem linhas de continuidade entre os dois períodos?

As respostas são complexas e desenvolvidas na referida parte do estudo, mas apontaram para um problema que convém mencionar nesta introdução, o repertório identitário latino-americano. Partícipes de uma noção de coletividade que se desenhava pelo menos

---

nacionais como premissas para a investigação para iniciar o trabalho, foi antes o oposto, a própria pesquisa nos apontou várias dessas direções. Interpretadas e escolhidas, evidentemente, na escrita da tese.

[17] KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Palestra transcrita e traduzida por Manoel Luis Salgado Guimarães. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p.141.

desde os inícios dos processos de independência da América da Coroa Espanhola, os homens de letras hispano-americanos no final do XIX se debruçavam sobre os *problemas/falhas* que identificavam nas formações nacionais derivadas do antigo Império Espanhol. Nestes escritos, predominados pelo pensamento racialista oitocentista, pudemos notar a crescente percepção da força imperialista dos Estados Unidos para além dos limites de fronteira, já tão conhecidos pelos mexicanos. Esta preocupação nascente é indicada por usos de aspas e qualificativos para se referir a um "imperialismo". Como contraparte desta reflexão, investigamos também as relações entre a constituição da identidade latino/hispano-americana com os Estados Unidos com ênfase nas continuidades e descontinuidades entre o sentimento antinorte-americano e o anti-imperialismo da década de 1920. Visando debater: é possível que o anti-imperialismo do século XX fosse somente um desdobramento destas confrontações anteriores entre - para usar uma expressão dos contemporâneos, duas *raças*?

Um *ponto fora da curva*, o político e escritor argentino Manuel Ugarte tem uma trajetória muito interessante para a compreensão deste momento do pensamento sobre o imperialismo. Tanto por ser insistente sobre o aspecto transnacional e perigoso do apetite conquistador dos Estados Unidos, enquanto este tópico era marginal dentro dos debates. Quanto, anos depois, pelos desentendimentos do argentino com o Partido Socialista ao qual era filiado. Em 1915, a contenda de Ugarte com PS em virtude de sua militância anti-imperialista e seu de seu latino-americanismo sobressai como, mesmo dentro do campo de esquerda do espectro político, o imperialismo se configuraria como questão primordial posteriormente (entre o final da Guerra e a Revolução Russa), mas com uma velocidade vertiginosa.

O segundo eixo da nossa reflexão, "*Maestros* e *concertistas*: política, sociabilidade e redes intelectuais", é voltado para a compreensão das formações, funcionamentos e formas de manutenção das *redes intelectuais* anti-imperialistas. Essa preocupação se iniciou a partir do embasamento teórico-metodológico da noção de *redes*, tão importante para o trabalho, mas foi perfazendo um dos aspectos mais interessantes do trabalho. Ao invés de partirmos para a análise dos debates tendo em perspectiva que a ação dos agentes se operava em rede, como havíamos planejado, percebemos que perscrutá-las mais detidamente traria bons resultados para o estudo que nos propomos.

Tendo investigado primeiro a documentação anti-imperialista de seu período mais intenso dentro do nosso recorte temporal, entre 1925 e 1929, observamos que as

movimentações e comunicações entre os sujeitos já estavam estabelecidas e se liam pela chave do anti-imperialismo. O que nos colocou a questão sobre quais teriam sido os caminhos para suas primeiras conexões e, sobretudo, quais interesses teriam enlaçado e reforçado essas relações. A pesquisa a partir da vivência universitária dos autores não apenas indicou ser este um dos principais vórtices da formação dos quadros de militância política no período, como tornou visível a constituição de alguns dos nexos entre os autores, e destes com a questão imperialista. Na esteira da militância estudantil, despontam duas lideranças anti-imperialistas importantes, que iriam protagonizar um dos antagonismos mais notórios intrarredes: o cubano Julio Antonio Mella, que iniciou sua vida política no movimento universitário e tornou-se um importante quadro do Partido Comunista Mexicano (secção da III Internacional) e o peruano Víctor Raúl Haya de la Torre. A partir de 1924, Haya vai dando forma a um movimento fundado em uma identidade declaradamente anti-imperialista, a APRA, *Alianza Popular Revolucionaria Americana.*[18]

O engajamento político via universidade conforma um "espírito de corpo" amparado em uma ideia de cruzada civilizacional que perpassa também o movimento anti-imperialista. E, por sua vez, a "resistência anti-imperialista" vai sendo incorporada às interpretações dos universitários e ex-universitários da década de 1920 como constitutivo, desde suas supostas origens, de sua ação política coletiva. Coletividade que se representa pelo latino-americanismo, mas também persistente em afirmar sua juventude como razão do vanguardismo e modernidade dos posicionamentos políticos nos quais se engajavam. A insistência com que essas noções aparecem na documentação, nos trouxe algumas questões que entendemos como constituintes dos "modos de sociabilidade" das redes e que precisavam ser mais bem estudados, pois pareciam indicar formas de autorização discursiva, que são deles constitutivas.

Perseguimos então as seguintes indagações: quais poderiam ser os significados da juventude como valor norteador para a prática política anti-imperialista? Como elas se articulam com o fato de há agentes não-jovens na mesma luta? Existiam alternativas aceitas para a afirmação do vanguardismo? Investigamos estas questões, em sua inscrição histórica na década de 1920, a partir do binômio juventude/*maestro*. Fizemos esse caminho articulando o conceito de geração, fundamento importante da episteme historiográfica no período, com a

[18] Distinguimos aqui a APRA, utilizando o artigo feminino, em referência a este movimento anti-imperialista fundado em meados da década de 1920 e o APRA ou PAP (Partido Aprista Peruano), partido político peruano criado em 1930, também por Víctor Raúl Haya de la Torre, e ainda em atividade. Em ambos os casos, seus adeptos são conhecidos como *apristas*. Nosso foco é na *Alianza* e discutiremos melhor a atuação aprista no anti-imperialismo no decorrer da tese.

noção de *juvenilismo*. Termo este usado por pesquisadores latino-americanos na compreensão da supervalorização da juventude e seus atributos. Deste estudo, apreendemos conformações de identidade forjadas na luta política que ajudam a explicar os tipos de "impulsos elétricos" que animam as *sinapses* estabelecidas nas redes.

Ao final da Parte II, apreendemos todo este complexo quadro relacional em movimento. Circunscrevemos a rede transnacional envolvida nos debates em torno dos festejos do centenário da Batalha de Ayacucho (dezembro de 1924). Nos eventos da efeméride, o discurso que o argentino Leopoldo Lugones faz, defendendo a força bruta como único instrumento legítimo para manutenção do poder, tem desdobramentos imponderáveis. O mais notório deles, o enfrentamento entre os peruanos José Santos Chocano e o jovem Edwin Elmore, resulta no assassinato deste último na porta da diário limenho *El Comercio*, em 1925. A escolha por investigar uma polêmica em específico nos permitiu evidenciar os modos de conexão entre os autores e perceber como as linhas difusas pelas quais se formam as redes transnacionais tendiam a se relacionar com o tema do anti-imperialismo. Causa pela qual Elmore foi tomado como mártir.

A *extensão*, *limites* e *densidade*, ou "parámetros concretos" (citando mais uma vez Alejandro Paredes), são reajustadas na Parte III, *Anti-imperialismo em termos: esquerda, nacionalismo e revolução*, para a discussão do anti-imperialismo pela rede. Ressaltamos a diferença para com a abordagem da Parte anterior pois, enquanto naquelas predomina dinâmicas nas quais os debates são transpassados pelo anti-imperialismo, nesta, o anti-imperialismo é a agenda específica de disputa e militância.

Evidenciamos no decorrer da narrativa as harmonias dos anti-imperialistas, imbuídos em uma luta comum, por um lado contra o imperialismo, por outra, inspirados pela autoafirmação de seu vanguardismo político. Os vários pontos de convergência ideológica entre os sujeitos eram intercalados, na leitura que fizemos da documentação, de pontuais, mas crescentes discordâncias programáticas que irromperam definitivamente a partir de 1927. Percebendo as dicotomias e ambivalências dessas dinâmicas, optamos por atentar para essa "combinação simultânea de várias melodias", ou polifonia, do anti-imperialismo latino-americano a partir de alguns dos eixos temáticos que mais instigaram os militantes. É o que, na Parte III, chamamos de *termos*.

Com o primeiro termo, *esquerda*, queríamos entender como a própria constituição do anti-imperialismo como um posicionamento à esquerda - para além de qualquer pretensa

obviedade, e também como os autores se relacionavam com a afirmação deste pertencimento. Quais poderiam ser as implicações deste pertencimento para o anti-imperialismo, para a própria concepção de esquerda e até para o próprio latino-americanismo? Para estas reflexões, fizemos a leitura da ação política dos latino-americanos em correlação com seus congêneres europeus e asiáticos, em especial por meio da análise do Congresso de Bruxelas e pelo rompimento dos comunistas da III Internacional com os nacionalistas chineses do Kuomintang. Além da mudança na correlação de forças na esquerda extra-americana, explicada em parte pelo funcionamento do Comintern como um partido único de âmbito internacional e centralizado se entremeia com a disputa entre os latino-americanos pela hegemonia do movimento anti-imperialista no continente.

A escolha do termo seguinte, *nacionalismo*, foi instigado pela multiplicidade de apreensões que percebemos nos debates entre os autores. O nacionalismo não tem um lugar só na militância anti-imperialista do período. A compreensão unânime das mazelas que acompanham o nacionalismo, entre elas a Grande Guerra e o próprio imperialismo, não o sentenciam à exclusão do arsenal ideológico anti-imperialista. Na análise, fomos pautando as classificações e reclassificações feitas pelos sujeitos em relação ao que lhes era primordial: a ação política.

Por fim, colocamos em discussão a questão mais cara para aqueles que vivem para a prática política: *Que fazer?* A resposta imediata de parte expressiva dos reformadores sociais daquele período imediato ao pós-Revolução Russa era quase evidente: a revolução. A partir daí, a disputa pelo legado revolucionário e pela função da revolução em um mundo dominado pela ordem do capitalismo imperialista abre uma profusão de possibilidades. Optamos por aprofundar o debate em duas de suas frentes mais expressivas, comunistas e nacionalistas. Sem deixar de relacionar aos deslocamentos operados pelos autores em relação as contingências das conjunturas políticas, expectativas e projetos.

Ao final, refletimos sobre a nossa hipótese de como o anti-imperialismo se afirma reciprocamente com o pertencimento identitário latino-americano. Combinados em diferentes configurações ao longo de sua história, anti-imperialismo e latino-americanismo podem ser compreendidos como um conjunto de valores, práticas, projetos - uma *cultura política*[19] -

[19] Segundo Ângela de Castro Gomes, o conceito de cultura política pode ser entendido como "uma certa interpretação do passado (e do futuro) [que] é produzida e consolidada, integrando-se ao imaginário ou à memória coletiva de grupos sociais, inclusive os nacionais." GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Raquel. BICALHO, Maria Fernanda B. GOUVÊA, Fátima S. (org.). Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p.33. Nos referenciamos também na Introducción de Andrés Kosel e Florencia Grossi, que analisam as persistências anti-imperialistas em movimentos políticos e sociais do século XXI. Cf. KOZEL,

fundamental na América Latina no último século. Nesta leitura, refletir sobre a construção do anti-imperialismo na década de 1920 é relevante não apenas pela sua relação com o latino-americanismo, mas por uma série de elementos que são mobilizados na sua feitura. Em especial, a conformação dos embates político-ideológicos no campo da esquerda latino-americana entre comunistas e nacionalistas.

Longe de serem homogêneos no tempo e no espaço, anti-imperialismo e latino-americanismo têm trajetórias acidentadas, especialmente se considerarmos uma perspectiva a partir de experiências brasileiras. Mas são muitas suas intersecções e trocas, tópico final da nossa reflexão.

Andrés; GROSSI, Florencia; MORONI, Delfina (org.). *El imaginario antiimperialista en América Latina*. Buenso Aires: CLACSO, 2015.

> Mas ninguém, e certamente não eu, é capaz de ver ou apreender em toda a sua plenitude esse mundo imperial.
>
> Edward Said, *Cultura e Imperialismo*, 1993

Parte I: *Mundo imperial*: uma história do século XX

O estudo desenvolvido a seguir, que abarca os três primeiros capítulos, visa sobretudo compreender a historicidade da questão imperialista. Forma não apenas um quadro de antecedentes do período ao qual nos dedicamos, mas um mergulho necessário para compreender o debate da intelectualidade latino-americana atravessado também por deslocamentos diacrônicos de sentido. Construções estas que informam usos e propostas políticas dos nossos atores e são disputadas por eles, como se tornará mais claro no decorrer da reflexão.

Entretanto, o objetivo mais importante desta Parte é aquele que está indicado no próprio título, o *mundo imperial*. Não para abarcá-lo em sua plenitude, utilizando as palavras de Edward Said, mas para apreendê-lo como elemento constitutivo das ações políticas que pesquisamos. Desde a formação intercontinental das redes intelectuais que, a nosso ver, procuram responder à magnitude desta lógica imperialista, tal qual demonstraremos com análise do Congresso Anti-imperialista de Bruxelas (1927); até a configuração de respostas identitárias latino-americanas que ganham densidade na relação com o imperialismo e em relação as suas dinâmicas globais. *Mas ninguém, e certamente não eu*, pode fazer *a* história do capitalismo, mas podemos compreender o anti-imperialismo latino-americano com mais complexidade dando um passo atrás e ampliando a perspectiva.

Ao final desta Parte, retomamos esta reflexão já entretecida com as questões desenvolvidas no decorrer do texto, a fim de dar mais elementos sobre a importância de enfrentar o desafio de compreender o imperialismo antes de chegarmos nos seus *anti*.

Capítulo 1: Imperialismo: política, conceito e era

> But is it? Is there any real need for investigation? A dogmatic word challenges the investigator before he has even begun his work, and tells him to spare his pains. That word is imperialism. (...) Imperialism is no word for *scholars*. The emotional echoes which it arouses are too violent and too contradictory.[1]

Em seu longo estudo, de 1940, sobre a *Commonwealth* britânica e suas dependências, o historiador australiano W.K. Hancock renuncia à utilização do conceito de imperialismo por considerá-lo impreciso, pretensioso e, sobretudo, de negativa carga semântica, o que, em seu entendimento, era fruto da leitura marxista sobre o tema.[2] Entretanto, aceitar o desafio de fazer do *imperialismo* uma palavra para *scholars* implica precisamente em considerá-la em suas imprecisões e variação semântica.

Para esta pesquisa, que se dedica à compreensão do imperialismo como tema da intelectualidade latino-americana no período do entreguerras mundiais é necessário ter em perspectiva as noções associadas ao termo imperialismo neste período. Primeiro, por se inscrevem historicamente após a e*ra dos impérios*[3] em 1914, com a conclusão de grande parte da expansão dos domínios colonialistas europeus sobre a Ásia e a África. E daquilo que é considerado seu maior desdobramento, a Grande Guerra. Todavia, se circunscrevem também antes dos processos de descolonização iniciados no pós-Segunda Guerra e que se estenderam por quase toda a segunda metade do século XX. Bem como, ainda sem terem

---

[1] A crítica do historiador australiano Hancock parece ser balizada por um entendimento de *scholar* como pesquisador e cientista que deve evitar, como ele alegadamente o faz, o uso de termos "dogmáticos" e "emocionais". HANCOCK, W.K. *Survey of British Commonwelth Affairs*. Problems of Economic Policy, 1918-1939. Vol II. Part 1. Oxford: Oxford University Press, 1940, p.1, grifo nosso. Este segundo volume de *Survey of British Commonwelth Affairs*, dedicado a economia política, foi escrito entre 1937 e 1938, e ainda que tenha sido publicado apenas em 1940, seu autor assinala ter resistido à tentação de fazer grandes alterações no texto, apesar da Guerra ter "rapidamente alterado a perspectiva em que vemos nossos problemas" [tradução nossa], p.VII. William Keith Hancock foi condecorado *Sir* da coroa britânica em 1953, por seu extenso trabalho acadêmico e serviços prestados à Coroa. Cf. DAVIDSON, Jim. Hancock, Sir William Keith (1898–1988). *Australian Dictionary of Biography*. National Centre of Biography, Australian National University. Accessed online 9 September 2019: http://adb.anu.edu.au/biography/hancock-sir-william-keith-460/text22673

[2] Hancock tenta contornar o conceito de imperialismo utilizando, em seu lugar, categorias relacionadas à fronteira (fronteiras móveis, expansíveis ou imperiais), como o próprio autor justifica no início do trabalho: "For the present inquiry, the word frontier will serve as a starting-point. This word too has different significations; but the differences are clear-cut, and they offer a useful clue." In: HANCOCK, W.K., op. cit., p.2.

[3] A expressão "era dos impérios" é do historiador Eric Hobsbawm, que notabilizou a interpretação histórica conhecida como o "longo século XIX", iniciado, segundo ele por volta de 1776 com a dupla revolução, a saber, a irrupção da revolução industrial na Grã-Bretanha e a revolução política franco-americana. Ainda que a noção de império seja muito mais antiga, Hobsbawm se refere a uma fase imperial do capitalismo, como abordaremos a seguir. Como fruto destas pesquisas, o autor escreveu a trilogia das eras que caracterizariam o longo século XIX: *A era das revoluções* 1789-1848; *A era do capital* 1848-1870 e *A era dos impérios* 1870-1914. A relação entre a "era dos impérios" e o imperialismo é importante e será mais bem desenvolvida a seguir. Cf. HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios*, 1875-1914. Trad. Sieni Campos; Yolanda Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2009 (1ªed. 1988). A expressão "era imperialista" é utilizada por Hannah Arendt em *Origens do Totalitarismo* (texto da década de 1950) para referenciar especificamente o período de 1884 a 1914.

passado pela completa ascensão dos Estados Unidos como grande potência capitalista mundial.

A necessidade de fazer essa demarcação temporal para alinhar o estudo com as expectativas dos autores pesquisados não diminui a importância de se fazer uma análise sobre o imperialismo e distingui-lo em algumas de suas abordagens. Em especial, são consideradas três aplicações distintas que não necessariamente se excluem ou são incompatíveis, mas, em nossa análise, constituem eixos importantes e diversos para a compreensão do conceito.

O primeiro deles corresponde ao termo, surgido a partir da sufixação (em meados do século XIX) da palavra império e que identifica ou atribui movimento de avanço e domínio (seja militar, econômico, político, cultural). O segundo se refere a imperialismo como conceito, datado de início do século XX e utilizado para compreender as políticas imperialistas sistemáticas, sobretudo em sua natureza político-econômica. E, por fim, como identificação de um período histórico que, segundo Hannah Arendt "[como poucos] pôde ser datado com tanta precisão"[4], o período do imperialismo ou a já referida "era dos impérios".

Essa distinção não visa tentar estabelecer concepções definitivas, hierarquizá-las ou recomendar algum suposto uso correto do conceito. Ao contrário, tais conceituações, adotadas aqui para fins de análise, se informam reciprocamente, e foram construídas como ferramentas para perceber a característica múltipla fenômeno do imperialismo e apreender alguns de seus deslocamentos diacrônicos de sentido, para os quais dedicamos todo o trabalho. Abordaremos cada uma delas em particular com o objetivo, ao final desta primeira parte, de podermos iniciar o debate sobre o imperialismo nos termos que nos interessam: entre os anti-imperialistas latino-americanos, dedicados ao trabalho político-intelectual. Quais seriam os significados possíveis do imperialismo, suas causas e consequências e, sobretudo, quais as políticas para combatê-lo?

The dreams of men, the seed of commonwealth, the germs of empires.
Joseph Conrad, *Heart of Darkness*, 1899

1.1 Uma política: o Império em expansão

[4]ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 (1ªed. 1951), p.147.

A palavra da qual todos esses significados se desdobraram faz parte de um conjunto de neologismos que eram incomuns até meados do século XVIII: aqueles com o sufixo grego *-ismo*.[5] Esse sufixo, que designa a substantivação e "generalização do significado do vocábulo primitivo"[6], foi acoplado ao antigo substantivo proveniente do latim, *império.* E passou a ser utilizado na cena política europeia a partir de meados do século XIX, no início relativo apenas à política expansionista de Napoleão III. E nesta acepção, de forma pouco elogiosa, é empregado por Karl Marx em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (1852), no qual aparece três vezes, com significações levemente variadas, mas todas negativas.[7] A primeira delas, com a expressão "imperialismo dissimulado", serve para qualificar o "*nacionalismo francês*" (grifo no original) dos adeptos do grupo político *National*, opositores de Luís Filipe; outro uso relativo à força e estupidez da massas camponesas como "imperialismo" estimulado pela própria burguesia; e a última, sobre a "paródia do imperialismo" das *idées napoléoniennes* e seu exército "defendendo a sua nova possessão contra os de fora, glorificando a sua nacionalidade recém-conquistada, pilhando e revolucionando o mundo".[8] No geral, em *18 de Brumário*, as inserções de imperialismo parecem destacar um suposto caráter de ostentação dissimulada que Marx registra na política francesa do período, tema do livro, e notadamente, relacionada à deplorável exaltação da nacionalidade.

Para não nos restringirmos à palavra, mas atentarmos às compreensões possíveis de Marx sobre o tema, podemos perceber o grande interesse do autor alemão sobre questões relativas a um termo correlato, o colonialismo. Expulso da cidade de Colônia, Marx se radica em Londres e, na década de 1850, dedica vários artigos ao tema do expansionismo inglês. Redator internacional para o *New York Daily Tribune*, Marx, em artigo publicado em 11 de julho de 1853, acompanha com interesse a utilização da empresa Companhia das Índias

---

[5] Nesse caso, a terminação *-ismo* está em português (que também é correspondente para espanhol), mas foi adaptada com o mesmo radical de acordo com a ortografia das línguas de alfabeto latino, *-ism* em inglês, *-isme* em francês, *-ismus* em alemão e etc. De acordo com o filologista Gianastacio, incialmente, o sufixo tinha seu uso mais comum em palavras relacionadas com religiosidade, desde seu mais antigo registro em *batismo*, e outros vocábulos que indicam adesão, como *cristianismo*, *paganismo*, *sebanistianismo* e ainda aqueles que indicam "ação em progresso", como *ostracismo*. Especificamente em português, há o registro de 30 mil vocábulos sufixados com *-ismo* durante o século XIX, em comparação com apenas 10 mil vocábulos existentes antes deste período. GIANASTACIO, Vanderlei. *A presença do sufixo* -ismo *nas gramáticas da língua portuguesa e sua abrangência de valores semânticos, a partir do* Dicionário da Língua Portuguesa Antônio Houaiss. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: USP, 2009.

[6] RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portugueza*. 2ªed. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1885, p.159.

[7] Corresponde a *Imperialismus,* no original em alemão, *Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte*. Sendo assim, é imprecisa a informação trazida por Eric Hobsbawn, em *A era dos impérios*, de que a palavra imperialismo "não figura nas obras de Karl Marx, falecido em 1883". Cf. HOBSBAWM, op.cit., p.103.

[8] MARX, Karl. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011 (1ªed. 1852). Os trechos estão nas páginas 40, 145 e 148-149.

Orientais pelo governo britânico para avançar sobre o território indiano. A posse da coroa britânica sobre a Índia só se oficializaria em 1858, entretanto, alguns anos antes, Marx havia feito um histórico dessa relação. Apontando o que para ele configurava tanto a hipocrisia dos ingleses e a tentativa de camuflar o empreendimento colonial via Companhia das Índias, quanto o esforço de querer fazê-lo sem que incorresse em responsabilidade para o governo e/ou para os ingleses. Conforme Marx:

> This, then, is the first reason of the India question's having failed to become a great political question, since and before 1784; that before that time the East India Company had first to conquer existence and importance; that after that time the Oligarchy absorbed all of its power which it could assume without incurring responsibility. (...) As to its exterior, India was now finished. It is only since 1849, that the one great Anglo-Indian Empire has existed. Thus the British Government has been fighting, under the Company's name, for two centuries, till at last the natural limits of India were reached. We understand now, why during all this time all parties in England have connived in silence, even those which had resolved to become the loudest with their hypocritical peace-cant, after the *arrondissement* of the one Indian Empire should have been completed. Firstly, of course, they had to get it, in order to subject it afterward to their sharp philanthropy. From this view we understand the altered position of the Indian question in the present year, 1853, compared with all former periods of Charter [de concessão] renewal.[9]

Segundo Koebner e Schmidt, em *Imperialism: The Story and Significance of a Political Word*, este continuou a ser o tom no qual a palavra aparecia nos debates dos parlamentares britânicos na Câmara dos Comuns. Como uma expressão usada com desdém por aqueles que se opunham à política colonial inglesa e associado a um galicismo político, portanto, visto como impróprio para os ingleses:

> In the first chapter of this study we showed how the term imperialism became associated in the British mind with the despised regime of Napoleon III and we pointed out (...) how the term occasionally recurred to denounce an alien form of government that made use of direct appeals to the multitude, false military splendour [sic], adventures abroad, Empire expansion, and practised arbitrary despotic rule; it all fitted so perfectly with what the Liberals felt Disraeli represented, the fraud, the charlatan, as *Punch* [satírico periódico londrino] called him (...).[10]

---

[9] É importante atentar para o tópico a respeito da "responsabilidade", pois será importante na especificação de imperialismo frente a colonianlismo que faremos adiante. MARX, Karl. The East Company - Its History and Results (Londres, 21/06/1853). *New York Daily Tribune,* New York - EUA, 11/07/1853, p.6, grifo no original. Outros artigos, fragmentos de obras e cartas de autoria de Marx e de Engels, escritos a partir de 1850, sobre o tema, podem ser encontrados na coletânea *On Colonialism*. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *On Colonialism*. Moscou: Progress Publishers, 1974 (1ªed. 1959).

[10] KOEBNER, Richard; SCHMIDT, Helmut Dan. *Imperialism*: The Story and Significance of a Political Word, 1840-1960. Cambridge: Cambridge University Press, 2010 (1ªed.1964), p.147. Benjamin Disraeli, Conde de Beaconsfield, romancista e político, foi primeiro-ministro britânico duas vezes pelo Partido Conservador, no qual redefiniu importantes linhas de atuação, como a deliberada identificação do partido com o imperialismo. Disraeli esteve comprometido diretamente, como primeiro-ministro e líder da oposição, nas questões relativas à política colonialista, envolvendo, por exemplo, o Canal de Suez, a proclamação da Rainha Vitória como Imperatriz da Índia e também foi líder da delegação britânica no Congresso de Berlim (1877).

Mesmo que a noção de *império* e suas possessões ultramarinas, como demonstra Edward Said, fizesse parte do repertório de ingleses e franceses oitocentistas, sendo "um grande tema de atenção cultural sem que houvesse qualquer constrangimento"[11], uma gama de implicações dessa política provocava dissenso entre os britânicos. Questionava-se sua conformação, se deveria ou não avançar formalmente sobre "raças" não-brancas; sobre sua forma de governança, se deveria se dar através de administração direta ou por meio do controle de governos autóctones; sobre seu custo moral e até mesmo sua viabilidade econômica (posicionamento capitaneado por Adam Smith)[12], pois não eram poucos aqueles que consideravam que as colônias causavam prejuízo e corrompiam o espírito inglês.[13]

Com mais de dez anos de domínio inglês oficializado sobre a Índia, os debates parlamentares sobre as questões relativas às possessões imperiais se transformam. Abre-se espaço para que o imperialismo fosse paulatinamente, ainda sob críticas, convertido a política de Estado. Em 1872, o então líder da oposição na Câmara, o conservador Benjamin Disraeli, proferiu seu discurso *Conservative and liberal principles*[14], que ficaria marcado como sua *profissão de fé* para com o império britânico e como um discurso fundacional do "Novo Imperialismo".[15] Nesta fala, Disraeli defende o império britânico e acusa os liberais de separatismo, numa tentativa de vincular a política externa imperial ao seu grupo conservador, apelando ao orgulho britânico de construir uma poderosa nação imperial com uma missão e uma plataforma política:

> It is whether you will be content to be a comfortable England, modelled and moulded upon continental principles and meeting in due course an inevitable fate, or whether you will be a great country, - an imperial country - a country where your sons, when they rise, rise to paramount positions, and obtain not merely the esteem of their countrymen, but command the respect of the world...[16]

---

[11] SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011 (1ªed. 1993), p.42.

[12] Sobre a crítica pensamento liberal britânico, e de Adam Smith em particular, acerca do imperialismo Cf. PITTS, Jennifer. *A turn to empire*: the rise of imperial liberalism in Britain and France. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2006.

[13] Cf. *Touching the imagination of nations* [Capítulo 1] In: UNDERWOOD, Jonathan Allen. *From empire to Empire*: Benjamin Disraeli and the Formalization of the British Imperial Social Structure. Dissertação (Mestrado em História). Raleigh-NC (USA): NC State, 2006.

[14] DISRAELI, Benjamin. Conservative and liberal principles. In: *Elected Speeches of the Late Right Honourable Earl of Beaconsfield*. KEBBEL, T.E. (org.). Vol. 2. London: Longmans, Green, & Co., 1882, p.523-535.

[15] STEMBRIDGE, Stanley R. Disraeli and the Millstones. *Journal of British Studies*. Vol.5, nº1, nov. 1965, p.122.

[16] DISRAELI, op.cit., p.534. Com relação ao referido discurso e a atuação política de Disraeli há, de forma persistente na bibliografia um debate sobre a sinceridade da "fé imperialista" de Disraeli, com base em declarações anteriores sobre as colônias serem "uma mó pendurada no pescoço da Inglaterra", o acusando apenas de se utilizar de uma retórica oportunista. Além deste trabalho não ser o espaço adequado para essa

Pouco tempo depois, a vitória de Disraeli como patrono da política imperial britânica seria coroada com a aprovação do projeto de lei *Royal Titles Act* que Disraeli, agora como primeiro-ministro, apresentou ao parlamento britânico, em 1876. Lei que conferia à rainha Vitória também o título de "Imperatriz da Índia" (revogado em junho de 1948). Não sem reação da oposição liberal que, segundo o jornalista T.E. Kebbel, contemporâneo aos acontecimentos, novamente acusou Disraeli de usar um expediente negativo e alheio à cultura da monarquia inglesa, o *imperialismo*:

> On February 17, 1876, Mr. Disraeli introduced a Bill for enabling Her Majesty to adopt a new title for the sovereignty of India. When it became know that the title selected was that of Empress, a violent ferment was raised by the Opposition, who denounced the attempt to introduce 'a bastard imperialism' into the English monarchy, and under cover of a new form to insinuate the thin end of the wedge of military despotism.[17]

O argumento acerca da estranheza do imperialismo à cultura política britânica, embora persistente, foi pouco a pouco suplantada, como observa Lawrence James, no capítulo "The Mission of Our Race: Britain and the 'New Imperialism'". A partir de 1880, o orgulho imperial e sua massiva propaganda é predominante na literatura, nas escolas (civis e religiosas), bem como na imprensa.[18]

Além dos conhecidos aspectos ditos "missionários" e "civilizatórios" dos discursos colonialistas e imperialistas, a noção de imperialismo também foi, desde seus primeiros usos, informada e construída por críticos de todo o espectro político. Entretanto, como argumentam Margaret Kohn e Kavita Reddy, no verbete "Colonialism", de Stanford Encyclopedia of Philosophy, que abrange também teorias do imperialismo, a justificativa civilizatória do empreendimento imperial não se sustenta simplesmente no liberalismo. Adam Smith, por exemplo, tinha sérias desconfianças de que a sustentação econômica do império pesasse sobre os contribuintes britânicos e afetasse o equilíbrio do livre mercado. Entretanto, esse

---

discussão, corroboramos com a leitura de Jonathan Underwood sobre este aspecto: "The sincerity with which the British people endorsed and celebrated their imperial construct, and the social constructs that still pervade British society speaks volumes of the importance that Disraeli and the Empire played in shaping British culture between the middle of the nineteenth century and the middle of the twentieth. Disraeli's promotion of that imperial construct, whether through political gaming or legitimate interest is of little consequence when one considers that the formalization of the British Empire reinvigorated the public's interest in aligning domestic power structures with foreign ones, redefining the British psyche and spreading a vision of Britishness around the world." UNDERWOOD, op.cit., p.61-62.

[17] Nota explicativa do organizador da coletânea, T.E. Kebbel, ao texto do discurso de Disraeli, *Royal Titles Bill* (09/03/1876). In: DISRAELI, op.cit., p.231.

[18] JAMES, Lawrence. *The rise and fall of the British Empire*. New York, NY: St. Martin's Press, 1994. Uma documentação diversificada, reunida por Jane Samson, traz uma coleção de documentos e textos relacionados ao Império Britânico e ao expansionismo, de William Shakespeare a Winston Churchill, passando por Adam Smith e Edward Said. Cf. SAMSON, Jane (org.). *The British Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

ponto é mais bem explicado pela confluência da teoria liberal com a ideia de processo de desenvolvimento histórico, como exposto pelas autoras:

> The idea that civilization is the culmination of a process of historical development, however, proved useful in justifying imperialism. According to Uday Mehta, liberal imperialism was the product of the interaction between universalism and developmental history (1999). A core doctrine of liberalism holds that all individuals share a capacity for reason and self-government. The theory of developmental history, however, modifies this universalism with the notion that these capacities only emerge at a certain stage of civilization.[19]

Por fim, a centralidade dada nesta análise à empresa imperial britânica não responde apenas a sua longa duração, abrangendo pelo menos os séculos XVIII, XIX e XX, ou a sua extensão, que chegou a 25% do território terrestre e uma população de mais de 440 milhões de pessoas - números equivalentes a três vezes o domínio da França e dez vez o alemão[20] -, mas aos elementos discursivos que mobiliza, (in)formando a noção de imperialismo que, a partir da pena de outro inglês, John Hobson, ganhará o mundo enquanto conceito político.

1.2 Imperialismo: conceito político-econômico

Dedicada aos problemas do capitalismo moderno, a profícua produção intelectual de John Atkinson Hobson, inglês de filiação política liberal e reformista, ganhou um novo direcionamento após a experiência do autor como correspondente especial do periódico *Manchester Guardian* na África do Sul. Quando fez a cobertura jornalística da sangrenta Segunda Guerra dos Bôeres (1899-1902).[21] Após ver em primeira mão a atuação da "política imperialista" britânica, Hobson deu novo rumo aos seus trabalhos[22]. Sistematiza assim o

---

[19] KOHN, Margaret; REDDY, Kavita. "Colonialism". *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. ZALTA, Edward N. (org.), 2017: https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/colonialism/
Acesso: 28/05/2019.

[20] Estimativa referente ao início do século XX. FERGUSON, Niall. *Empire*: The Rise and Demise of the British World Order and Lessons for Global Power. London: Allen Lane, 2002, p.202.

[21] John A. Hobson (1858-1940) economista, jornalista, filiado ao Labor Party, defendia a drástica diminuição dos excedentes financeiros dos grandes monopólios e a redistribuição de renda por meio da tributação de seus lucros. Em sua autobiografia, no qual aborda seus cinquenta anos de pensamento econômico, Hobson qualifica a si mesmo como um "economista herético", segundo ele, não por bravata, mas por ter buscado, desafiando a ortodoxia, um "olhar humano" sobre os fenômenos econômicos e sobre termos como "valor", "custo" e "utilidade". HOBSON, John A. *Confessions of a Economic Heretic* - Autobiography. London: Unwin Brothers, 1938. Algumas das obras de Hobson, anteriores a *Imperialism*: *The Physiology of Industry* (em parceria com Albert F. Mummery), 1889; *Problems of Poverty,* 1891; e *Evolution of Modern Capitalism,* 1894.

[22] Em seu artigo logo após a sua viagem à África do Sul, *The War in South Africa: Its Causes and Effects* (1900), Hobson concluía que a hiperconcentração do capital financeiro e seu investimento nos empreendimentos imperialistas como uma conspiração judaica. Segundo Hannah Arendt, os financistas judeus perderam prontamente a importância no investimento imperialista e isso fôra percebido por Hobson antes da publicação de *Imperialism - a study*, que nesta obra não faz nenhuma menção ao tema. ARENDT, op.cit., p.165; Cf. HOBSON, John A. *The War in South Africa*. It's causes and effects. London: James Nisbet & Co., 1900.

primeiro estudo dedicado a compreender o imperialismo como um fenômeno complexo, no qual procura estabelecer aquelas que entendiam como sendo suas causas e efeitos.

Em *Imperialism - a study*, publicado em 1902, Hobson subdivide seu argumento em duas partes. Uma delas investiga a teoria e a prática imperialista a partir da sua autoproclamada "missão civilizatória sobre povos inferiores" e reflete sobre suas implicações políticas e morais. E a outra, responsável pela grande repercussão de seu livro, foi dedicada às origens econômicas do fenômeno e é densamente substanciada por dados e estatísticas sobre a hiperconcentração de capitais e agudização do monopolismo industrial e financeiro. Processo multifacetado que, para o autor, derivava em uma excrescência perniciosa do capitalismo: o imperialismo.

No prefácio, Hobson justifica o tom condenatório do imperialismo e a falta da isenção da qual poderiam acusá-lo, dizendo que não há outra forma de abordar uma "patologia social", que se manifestaria de forma maligna. De acordo com o autor:

> Those readers who hold that a well-balanced judgment consists in always finding as much in favor of any political course as against it will be discontented with the treatment given here. For the study in distinctively one of social pathology, and no endeavor is made to disguise the malignity of the disease.[23]

Hobson não inaugura a tradição pejorativa do termo, conforme já abordamos, mas a marca de forma indelével e, mais importante, estabelece as bases para aquela que viria a ser a leitura mais difundida do imperialismo: como um fenômeno político de natureza econômica. Dessa forma, a obra do autor inglês, que agrega elementos das leituras que lhe são contemporâneas, é percebida nos estudos sobre imperialismo como uma virada semântica. O assunto e o termo que, como diz o próprio Hobson, já estavam "nos lábios de todo mundo"[24], receberam essa viragem que seria essencial para o paradigmático trabalho de Lenin anos depois.[25] A escolha de destacar Hobson nesta análise se explica de forma evidente pelo

---

[23] HOBSON, John A. *Imperialism* - a study. New York: James Pott & Co., 1902, p.VI.

[24] "This study of modern Imperialism is designed to give more precision to a term which is on everybody's lips and which is used to denote the most powerful movement in the current politics of the Western world." HOBSON, John A. *Imperialism* - a study. New York: James Pott & Co., 1902, p.VI.

[25] Duas décadas antes, em 1883, o historiador inglês John Robert Seeley publicou um sucesso de vendas, *The Expasion of England*. No livro de Seeley a palavra *imperialism* aparece apenas três vezes e em referência apenas a avanços militares. SEELEY, John Robert. *The Expansion of England*. Two courses of lectures. London: Macmillan and Co., 1914 (1ªed.1883). O livro *Discovering Imperialism - Social Democracy to World War I*, organizado por Richard Day e Daniel Gaido, traz vários artigos sobre o imperialismo antes da publicação de Lenin (em 1917). O revolucionário russo é o parâmetro para os autores pois a coletânea é dedicada a autores marxistas, mas, serve de referência sobre a ampla discussão do imperialismo anteriores não apenas a Lenin, mas também a Hobson. O artigo mais antigo desta coletânea é *Modern English Imperialism*, de novembro de 1897 e de autoria do marxista australiano Max Beer. In: DAY, Richard B.; GAIDO, Daniel (org.). *Discovering Imperialism*: Social Democracy to World War I. Leiden: Brill, 2012. Outros livros também haviam sido publicados por marxistas antes de Lenin e ele mesmo os referencia em seu livro: Rudolf Hilferding (1910), Rosa

pioneirismo de seu estudo sobre imperialismo e sua conceituação enquanto fenômeno político.

O trabalho de Hobson é referência fundamental para a mais notória obra sobre o tema, o livro *Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio popular*, de Vladimir Lenin, de 1917.[26] Diferente do intelectual inglês, para quem o imperialismo é um desajuste no capitalismo, Lenin o considera como uma conclusão esperada da acumulação monopolista própria da ordem do capital. Em sua pesquisa, Lenin se preocupa em demonstrar como a livre-concorrência, vigente no capitalismo até meados da década de 1870, havia sido subvertida de forma a ocasionar a hiperconcentração, seja de força de trabalho, de matérias primas e, sobretudo, de poder financeiro, nas mãos de corporações cada vez maiores e em menor número. A imensa quantidade desse capital financeiro/rentista que monopolizado esterilizava-se dentro das fronteiras nacionais, encontrou no potencial de violência institucional do Estado seu escape. A guerra é entendida como conclusão inequívoca desta luta do capital financeiro por esferas influência, como Lenin resume no prefácio a edição de 1920:

> No livro [*Imperialismo, estágio superior do capitalismo*], prova-se que a guerra de 1914-1918 foi, de ambos os lados, uma guerra imperialista (isto é, uma guerra de conquista, de banditismo e de rapina), uma guerra pela partilha do mundo, pela divisão e nova partilha das colônias, das "esferas de influência" do capital financeiro etc.[27]

A compreensão de Lenin sobre o imperialismo será retomada outras vezes neste trabalho, não porque seja *a* definição correta, mas por ser a principal interlocução sobre o tema para a maioria dos autores estudados. A concepção leninista de imperialismo foi central para o debate da intelectualidade latino-americana nas décadas de 1920 e 1930 que se debruçava sobre esta questão no continente. Os trabalhos de Lenin, de forma geral, e o *Imperialismo*, em particular, são referências obrigatórias para grande parte deles, tanto a fim de corroborar

---

Luxemburgo (1913), Nicolai Bukharin (de 1915 e prefaciado pelo próprio Lenin) e a quem direciona suas mais pesadas críticas, Karl Kautsky (1914).

[26] As pouco mais de 100 páginas que compõem a versão final do livro, adequadas às exigências da censura da Rússia czarista, derivam de uma extensa pesquisa de Lenin, publicados como 50 cadernos de estudo escritos pelo autor e que contêm anotações extraídas de 148 livros e 232 artigos em alemão, em francês e inglês. RUDAKOVA, Iskra. *Sobre a Obra de Lénine "O Imperialismo Fase Superior do Capitalismo"*. Moscou: Progresso, 1986, p.8.

[27] LENIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*: ensaio popular. São Paulo: Expressão popular, 2012 (1ª ed. 1917), p.26. Quando da publicação da primeira edição de *Imperialismo*, em 1917, Lenin e os bolcheviques tinham como uma de suas principais plataformas tirar a Rússia da Grande Guerra, considerada um conflito alheio ao país, pois fruto do imperialismo, e que lhe custava recursos e milhares de vidas. Sua condenação, no entanto, era direcionada à guerra imperialista, salvaguardando as revolucionárias: "(...) nem todas as guerras são iguais, existem também as guerras revolucionárias (...)." p.29, trecho também referente ao Prefácio de 1920.

quanto de contestar e procurar sua melhor aplicabilidade para entender o que chamavam de realidade regional. Mesmo porque o imperialismo aparece nas análises divulgadas na Europa e em suas conceituações relativas à expansão capitalista europeia a Oeste (África e Ásia) e marginalmente em relação aos Estados Unidos e à América Latina (*topônimo* bem pouco utilizado até então).

Nesse sentido, além de compreender melhor a inserção e o repertório da intelectualidade americana do entreguerras na discussão sobre imperialismo, na qual a interpretação leninista tem grande relevância, ainda poderemos perceber *se* e *como* esses intelectuais atuaram nas percepções sobre o imperialismo, sobretudo no âmbito da América Latina.

1.3 Era dos impérios

> Apanhados no torvelinho desse tempo de guerra, informados de maneira unilateral, sem distanciamento das grandes mudanças que já ocorreram ou estão para ocorrer e sem noção do futuro que se configura, ficamos nós mesmos perdidos quanto ao significado das impressões que se abalam sobre nós e quanto ao valor dos julgamentos que formamos.
>
> Sigmund Freud, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, 1915

O termo e o conceito de imperialismo como exposto anteriormente têm uma relação direta com a chamada "era imperialista", referência comum para os historiadores. Essa periodização tem como parâmetro o final do século XIX, com início não antes de 1870 e nem posterior a 1885 até, invariavelmente, 1914. O segundo marco é autoevidente e se refere à Primeira Guerra Mundial (até então a Grande Guerra), quando são comuns às menções, de contemporâneos e estudiosos, ao fim de uma era e de toda uma concepção de mundo.[28] No entanto, o primeiro é mais aberto a discordâncias e depende da compreensão sobre o início do imperialismo como um fenômeno novo.

Em geral, predomina o entendimento expresso por John Hobson no início do século XX, de que a década de 1870 é um indicativo do início do imperialismo, mas que só alcança seu auge em meados da década seguinte:

> Though, for convenience, the year 1870 has been taken as indicative of the beginning of a conscious policy of Imperialism, it will be evident that the movement did not attain its full

[28] Ainda que esta ideia de ruptura seja relativizada, ela é importante por corresponder a uma concepção bastante difundida por aqueles que a vivenciaram. Esse tema será retomado na análise das fontes, muitos autores compreenderam o período da Guerra como o ocaso da Europa e a consequente "hora americana".

> impetus until the middle of the eighties. The vast increase of territory, and the method of wholesale partition which assigned to us great tracts of African land, may be dated from about 1884.[29]

Essa periodização compreende a política imperialista como algo novo em sua lógica e funcionamento diferente da antiga expansão imperial, ao estilo de Roma, e também distinto do colonialismo europeu existente desde o século XV. Seguindo este entendimento, Hannah Arendt destaca que, ao contrário da conquista colonial que visava a pilhagem temporária ou assimilação duradoura, o imperialismo aparecia como política em que a expansão é seu objetivo supremo e permanente. A política imperialista implica não apenas a conquista de outros territórios em si ou sua colonização, mas sua incorporação sistemática na ordem econômica da grande potência, ocasionada pela necessidade gerada pelos exorbitantes excedentes do crescimento econômico industrial e do capital financeiro. Para autora, é somente a partir de 1884 que se pode falar do imperialismo enquanto política expansionista, desdobrada do colonialismo, e orientada "pela incompatibilidade do sistema de Estados nacionais com o desenvolvimento econômico e industrial"[30].

Essa *incompatibilidade* teria derivado da incapacidade do Estado-nacional de dar vazão à grande quantidade de capital supérfluo (capital remunerando capital) que precisava ser reinvestido, culminando na necessidade de expansão. Se por um lado, não havia força política e material dos grandes oligopólios para fazer valer seus interesses e os aparatos do Estado pareciam sua melhor possibilidade sucesso, por outro, o risco também parecia iminente para os Estados, pois havia uma tendência em se misturar os negócios das companhias com a política governamental, colocando-se em risco a própria poupança dos negócios de Estado. Sendo assim, de acordo com Hannah Arendt: "Só a expansão dos instrumentos nacionais de violência poderia racionalizar o movimento de investimentos no estrangeiro e reintegrar na economia da nação as desenfreadas especulações com o capital supérfluo (...)."[31]

Grosso modo, o período de profundas transformações do capitalismo no último terço do século XIX, quando os interesses do capital monopolista se convertem em sistemática política de Estado, é o que caracteriza a "era dos impérios". No entanto, a face visível e mais assombrosa é a expansão e domínio das potências europeias sobre a maior parte do mundo, com exceção do continente americano. No decorrer do século XIX o avanço é vertiginoso. Se,

---

[29] HOBSON, op.cit., p.19.
[30] ARENDT, Hannah. Prefácio de 1967. In: *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 (1ªed. 1951), p.147.
[31] ARENDT, Hannah. Ibid., p.166.

em 1800, os Estados europeus detinham 35% da superfície do globo, em 1878 atingiram 67% e, em 1914, quando do início da Grande Guerra, se aproximavam de 85%. Composto por colônias, protetorados e outros domínios[32], o que na África representava quase a totalidade do continente (com exceção de Etiópia, Libéria e uma parte do Marrocos).

O fim da *era imperialista* não é explicado por um alteração na lógica monopolista do capital (cuja vigência costuma marcar seu início) ou pelo fim do domínio colonial dos impérios; o maior deles, o inglês, só começaria a ser desfeito no pós Segunda Guerra e, apenas no último quarto do século, a descolonização portuguesa na África. Desta afirmação decorre, e é importante reafirmar, que a "era dos impérios" não compreende a inteireza do imperialismo, tanto como avanço expansionista ou como conceito político. Estes imperialismos não estão sujeitos a datações tão exatas, seja seus difusos inícios, como trabalhamos neste capítulo e menos ainda, o seu (bastante discutível) fim.

Quanto à era dos impérios, a noção de que havia chegado o seu fim é a mesma que caracteriza o ocaso do "longo século XIX" e a crença inabalável no progresso, o desenrolar catastrófico da Primeira Guerra e a percepção de que "os métodos da barbárie se tornaram parte integrante e esperada do mundo civilizado"[33]. É uma percepção que faz ruir a *torre do orgulho* civilizacional, na metáfora de Barbara Tuchman, que se sustentava na crença inabalável no progresso contínuo e irrefreável:

> Quando esses esforços terminaram, as ilusões e os entusiasmos que se tinham tornado possíveis em 1914 mergulharam lentamente no mar da mais profunda desilusão. Pelo preço que pagou, o maior benefício da Humanidade seria a penosa conclusão de suas limitações. A torre do orgulho, construída através da grande época da civilização europeia, era um edifício de grandeza e de paixão, de riqueza e de beleza e também de caves escuras.[34]

O fim da era dos impérios, em 1914, é assim considerado pois "foi sentido como o fim de uma era em seu tempo"[35], é marcado pelo medo e pela ideia de derrocada civilizacional,

---

[32] SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011 (1ªed. 1993), p.40.

[33] HOBSBAWM, op.cit. p.504.

[34] TUCHMAN, Barbara. *A Torre do Orgulho*: um retrato do mundo antes da Grande Guerra (1890-1914). Trad. João Pereira Bastos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990 (1ªed. 1962), p.619. Como demonstra Peter Gay em *O cultivo do ódio*, a eclosão do confronto foi saudado em seus primeiros meses por políticos e intelectuais e por populações embaladas pelo chauvinismo nacionalista, louvando a força e a masculinidade e ancorada numa literatura bélica de grande sucesso e tradição. Em seu artigo *Gedanken im Kriege* [Pensamentos na Guerra], publicado em novembro de 1914 na revista *Neue Rundschau*, o escritor alemão Thomas Mann escreveu sobre a sensação de alívio trazida pela Guerra: "Como poderia o artista, soldado no artista, deixar de louvar a Deus pelo colapso de um mundo pacífico de que estávamos fartos, tão extremamente fartos." *apud*. GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. Vol. 3 - O cultivo do ódio. Trad. Sérgio de Paula; Viviane Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 (1ªed. 1993), p.517.

[35] HOBSBAWM, op.cit., p.20.

mas, simultaneamente, por esperanças tanto no futuro do capitalismo como em seu fim pela via revolucionária.

Este sintético mapeamento semântico sincrônico e diacrônico do termo *imperialismo* objetiva embasar o estudo de uma compreensão mais acurada de seu uso pelos autores sobre os quais nosso estudo se debruça. Uma vez que, segundo nossa hipótese, o imperialismo e sua antítese, o anti-imperialismo, podem ser considerados como fundantes da militância política e das concepções identitárias assumidas por parte deles. Ao mesmo tempo, as disputas políticas em torno do conceito de imperialismo nas décadas de 1920 e 1930 informam parte dos seus usos no pós-guerra, o que, como argumentaremos posteriormente, é uma noção imprescindível para os estudos político-identitários da América Latina em todo o século XX.

Consideramos que as três acepções distinguidas acerca da noção de imperialismo são relevantes neste estudo, entretanto, não se confunde inteiramente com nenhuma delas. A *era do imperialismo*, findada em 1914 e que se refere a mudança de paradigma que tem na Guerra seu evento mais notório, é importante para a intelectualidade latino-americana. Não apenas na já citada "hora americana" como renovação civilizacional no Ocidente, mas também internamente, com a reivindicada demarcação de modernidade de uma geração sobre a anterior. O vocábulo imperialismo, com significado aproximado ao de expansão e domínio, também é uma palavra-chave de uso constante e renovado durante o século XX. E o conceito de imperialismo como fenômeno político é pesquisado, instrumentalizado e refletido pelos autores em sua luta política.

1.4 Cultura e Imperialismo

Metodologicamente, destacamos também que a própria experiência histórica do imperialismo é fundamental na leitura da política e da cultura do século XX e no estabelecimento de relações cada vez mais mundialmente interdependentes. O fato maior do século XIX, segundo Hobsbawm, "a criação de uma economia global única e que atinge progressivamente as mais remotas partes do mundo"[36], tem no imperialismo sua conformação mais bem-acabada. Em concomitância, as culturas foram se tornando cada vez mais interligadas e híbridas, das quais fazem partes processos violentos e intensos, mas que resultam em experiências, ainda que desiguais, comuns. De acordo com Edward Said:

[36] Ibid., p.95.

> Uma das realizações do imperialismo foi aproximar o mundo, e embora nesse processo de separação entre europeus e nativos tenha sido insidiosa e fundamentalmente injusta, a maioria de nós deveria agora considerar a experiência histórica do império como algo partilhado em comum.[37]

A ideia de uma suposta pureza ou unidade cultural, própria da construção das *comunidades imaginadas*[38] nacionais, parece ainda mais inadequada na experiência histórica globalmente compartilhada do imperialismo. Além de período histórico, termo e conceito, o imperialismo, deve ser considerado também metodologicamente, como faz Edward Said, em sua relação cultural (*contrapontual* e *nômade*). Esta perspectiva possibilitaria compreender os atores e suas obras como envoltos, de modo indissociável, na relação entre cultura e império.

Para desenvolver esta abordagem, damos continuidade ao estudo a partir de dois elementos constitutivos do anti-imperialismo dos anos 1920. O primeiro deles, mais diretamente apreensível, é a relação da América hispânica com a América inglesa como questão sensível na formação de um antinorteamericanismo. Tão importante na leitura sobre o anti-imperialismo, esse sentimento difuso de rejeição ao vizinho do norte tem uma trajetória própria e, como argumentaremos, não circunscrito na totalidade pelo imperialismo.

O outro ponto que trabalharemos na sequência é o das autoavaliações dos latino-americanos e a percepção, partícipe de uma leitura eurocêntrica, que preconiza os *desvios*, *problemas*, *inadaptações* e *falhas* da inscrição da América Latina no mundo moderno. Tema muito importante para a compreensão do anti-imperialismo, pois opera no mesmo sentido de autoavaliação e busca por problemas e suas resoluções, ainda que o localize "de fora". Como ainda por se ancorar no mesmo conjunto compreendido por "Nuestra América". Entretanto, percebemos que este último elemento (de identidade) não se sobrepõe da mesma forma nos dois momentos e que o pertencimento identitário latino-americano (em especial, com este nome) é exacerbado pelo anti-imperialismo, que atua para fazer da América Latina, cada vez mais, *a* América Latina.

---

[37] SAID, op.cit., p.24.

[38] Referência a noção desenvolvida por Benedict Anderson em seu estudo sobre nacionalismo. ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (1ªed. 1983).

> Apoyada en un asta de que cuelga la bandera de las estrellas y de las fajas rojas y blancas, un águila extiende su cabeza hasta tocar con el pico el istmo del Panamá...
>
> Federico García Godoy, *Páginas Efímeras*, 1912

Capítulo 2: Imperialismo, identidade e ação política

2.1 O pássaro imoral: expansão e antinorteamericanismo

> For my own part I wish the bald eagle had not been chosen as the representative of our country.
> He is a bird of bad moral character.
> He does not get his living honestly.
>
> Benjamin Franklin, 26 January 1784

A construção identitária "nuestra América" dá conta, no período independentista das colônias espanholas na América (na década de 1820), de uma *nova dimensão do pensar social*[39]. Adequa-se tanto à luta anticolonial, pois afirma sua independência política frente à metrópole, quanto, por outro lado, privilegia um pertencimento étnico de fala espanhola, ou seja, branco e católico. Ainda que pese o longo período de domínio imperial espanhol na América, desde a ancoragem de Colombo nas ilhas Bahamas, em 1492 - ou sua extensão, que chegou a ocupar da Terra do Fogo a Tutka (no Alasca), a compreensão política-identitária dessas expressões coletivas, assim como as muito estudadas identidades nacionais, não devem ser tidas como desdobramentos naturais.

É possível apreender a historicidade da formação dessa hispano-americanicidade que, no início do século XIX, é formulada em um sentido antiespanhol (pois anticolonial), passando, na década de 1860 com a primeira associação dos termos América e Latina, até a Guerra Hispano-Americana (1898) que formariam uma locução que assumiria o status de topônimo. A partir de então, a acumulada e latente hostilidade com a "grande República do norte" e ao seu apetite expansionista, passa a sobressair como elemento fundamental nesta difusa identidade hispano-americana.[40]

---

[39] FUNES, Patricia. América Latina. Los nombres del Nuevo Mundo. *Explora* – Las ciencias en el mundo contemporáneo, Buenos Aires, 2009.

[40] A primeira obra em que consta o termo "América latina" como substantivo se chama precisamente *Las dos Américas*, poema do colombiano Torres Caicedo, de setembro de 1856. Sobre os primeiros usos da noção de "nuestra América" e o desenvolvimento da hispanoamericanicidade entre os independentistas *criollos*, bem como, o surgimento da associação dos termos América e Latina durante o século XIX, desenvolvemos uma reflexão mais aprofundada em *Além da Tempestade*. Cf. OLIVEIRA, Fayga Marcielle Madeira de. *Além da*

No desenvolvimento do nosso trabalho, essa reflexão tem como objetivo compreender um dos elementos mais vivazes da militância anti-imperialista, mas que não se confunde com ele, o antinorteamericanismo. Como argumentaremos, esse processo, espelhado e ao mesmo tempo distorcido, de construção identitária, é paulatinamente sedimentado. Como demonstra João Feres Jr., a expressão *Latin America* funciona como base para o contraconceito assimétrico, a partir do qual, por comparação com outra *raça*, considerada de forma negativa como não-branca, emotiva, atrasada, preguiçosa, entre outras, a sociedade estadunidense refrata a imagem positiva e superior de *America* (Estados Unidos).[41] Atua, nesse sentido, o já antigo repertório anti-hispânico conformado pela *Leyenda Negra*[42], presente na língua inglesa desde pelo menos o século XVI e, na esteira do sucesso expansionista dos Estados Unidos em fins do século XVIII. O desdém ocasional dos norte-americanos pelos vizinhos hispano-americanos ganha então status de "questão política candente".[43]

Por outro lado, a hostilidade aos vizinhos do norte, advinda de sua dinâmica política expansionista, acompanhou também a percepção dos hispano-americanos. Em pouco mais de 60 anos, os Estados Unidos ampliaram seu território das Treze Colônias e adjacências, conquistadas com o final da Guerra de Independência, em 1783, a toda a faixa territorial até a costa do Pacífico. Processo que custou ao México cerca de metade de seu território entre 1846 e 1848.[44] A crescente percepção de usurpação, corroborada pelo rápido processo de expansão e confronto, é expressa pelo jornalista colombiano José María Samper, em 1860, ao defender a adequação do nome *America* para designar os Estados Unidos. Para Samper, a denominação do continente, advinda erroneamente de Américo Vespúcio, representava um roubo da glória de Cristóvão Colombo, sendo adequada aos americanos.[45] A contraposição

---

Tempestade: identidades latino-americanas e projetos políticos no Brasil no início do século XX. Dissertação (Mestrado em História). Campinas-SP: Unicamp, 2015, p.15-22.

41 FERES Jr., João. *A história do conceito de 'Latin America' nos Estados Unidos*. Bauru-SP: EDUSC, 2005.

42 A *Leyenda Negra*, que sempre remonta às atrocidades descritas pelo dominicano espanhol Bartolomé de Las Casas em *Brevíssima relação da destruição das Índias* (1552), e caracteriza a colonização espanhola como mais cruel, ambiciosa e depravada que a de outros povos, é ainda mais antiga e está relacionada com a expansão da Coroa Espanhola na própria Europa. Segundo Arnoldsson: "El origen de esta Leyenda Negra era la Italia prerrenacentista, pero su actual estructura y divulgación la obtuvo con la propaganda protestante, anti-Austria y anti-española del siglo XVI. En ésta se intercalaba incluso una caricatura de la colonización española del Nuevo Mundo." ARNOLDSSON, Sverker. *La Conquista española de América según el juicio de la posteridad* - Vestigios de la Leyenda Negra. Madrid: Insula, 1960, p.24.

43 FERES op.cit., p.63.

44 Ao final das guerras de independência, em 1783, o território da confederação dos Estados Unidos havia dobrado a área original das Treze Colônias inglesas e este seria mais que duplicado nos 70 anos seguintes com a ocupação em faixa contínua até a Califórnia mexicana, em 1848, concluindo assim a expansão até a costa Oeste.

45 "Esta denominación ha defraudo la gloria de Cristóbal Colón, y atribuídole al descubridor secundario, Amerigo Vespucci, lo que no le pertenece. – La justicia exige que el mundo moderno restablezca la clasificación histórica; tanto más cuanto que así desaparecerá toda confusión en las denominaciones." SAMPER, José M. *Ensayo sobre las revoluciones políticas y la condición social de las repúblicas colombianas*

presente já no período colonial, se desdobra em inimizade das *raças* recém independentes e, somada à pecha de usurpadores, dá contorno ao antinorteamericanismo que ganharia corpo ao final do século XIX.

Entretanto, é importante pontuar a distinção entre o expansionismo norte-americano que avança até 1848, e que age sobre a percepção de ameaça da *raça inimiga*, e as leituras sobre o imperialismo no início do século seguinte. Estabelecer uma continuidade ou equivalência entre expansão e a política imperialista incorre, como tratamos anteriormente, não um simples problema de anacronismo de vocabulário, mas embota a compreensão do imperialismo como fenômeno capitalista de alcance global e funcionamento distinto.

Do mesmo modo que, assim como no já tratamos no caso britânico, pesam sobre o expansionismo norte-americano aqueles que são considerados os ônus da empresa colonial. Seus custos, a manutenção do território ocupado e, sobretudo para os norte-americanos, que guerreavam com povos vizinhos, a incorporação de uma população considerada mestiça e racialmente inferior. Essa não era uma questão teórica para a opinião pública nos Estados Unidos durante o século XIX. Causou grande celeuma no Congresso e na imprensa norte-americana a anexação de territórios e, consequentemente, suas populações originais, à ordem política do país. As consideradas diferenças culturais e raciais eram o principal argumento de seus opositores, como podemos apreender no discurso do deputado por Nova York, Washington Hunt, sobre a integração do Novo México e da Califórnia à Confederação, em 1847:

> If we acquire New Mexico and California, he almost trembled to think of the character of the population which must come with them into our Confederacy. We must prepare to receive an incongruous mass of Spaniards, Indians, and mongrel Mexicans - a medley of mixed races, who are fitted neither to enjoy nor to administer our free institutions: men of different blood and language, who cannot dwell and mingle with our people on a footing of social or political equality. They must be governed as a colonial dependency, under provincial laws, or else be incorporated into our federal system, to become an eternal source of strife, anarchy, and civil commotion.[46]

Ao mesmo tempo que o congressista Hunt utiliza toda uma série de argumentos racistas contra as incorporações territoriais na fronteira sul, ao qual se o opõe resolutamente, parece também procurar uma solução de governança caso elas fossem efetivadas. A proposta considerada por Hunt, de submeter esses povos a um sistema legal diferenciado, nas suas

---

(hispano-americanas): con un apéndice sobre la orografía y la población de la confederación granadina. Paris: E. Thunot Y., 1864 (1ªed. 1861), p.XIV-XV.

[46] HUNT, Washington. *Speech* - On the Three Million Bill and the Wilmot Proviso. The House of Representatives, February 13. Printed at the Office of Blair & River, 1847.

palavras, “como dependência colonial”, nos permite perceber a tendência a encontrar alternativas aos “ônus” do processo expansionista. Outras variáveis entram em jogo nos debates parlamentares nos Estados Unidos a respeito da incorporação ou não de territórios à federação, notadamente aqueles relativos à escravidão, objeto da *Wilmot Proviso*, sobre a qual Hunt se pronuncia no mesmo discurso.[47] Entretanto, como indica a própria resolução da questão do status do New México, convertido a possessão norte-americana em 1850, mas admitido como estado apenas em 1912, houveram movimentos no sentido de limitar os efeitos, e incrementar as potencialidades da ação colonialista. O expansionismo territorial norte-americano vai cessando de forma paulatina até 1900, mas seu poderio e ameaça militar, a ingerência política e o garroteamento econômico de outros povos crescem exponencialmente. Sem os encargos da expansão territorial, a política imperialista ganha força.

A crítica de Benjamin Franklin à águia, uma “ave imoral”, que se aproveitava de táticas de caça oportunistas e covardes, foi apenas uma provocação bem-humorada a um grupo político. Mas a imagem da agressiva ave de rapina seria recuperada várias vezes como inimigo e ameaça comum de “nuestra América”, servindo de importante contraponto nas construções identitárias latino-americanas.[48]

Essa síntese visa destacar as diferenças e distâncias entre o antinorteamericanismo e o anti-imperialismo debatido no continente americano a partir da segunda década do século XX, não sendo o primeiro mero antecedente do segundo. Ainda que tenha sido incorporado como uma de suas características mais importantes.[49] O antinorteamericanismo, assim como o anti-hispanismo nos Estados Unidos, é um elemento constitutivo da formação das identidades supranacionais hispano-americanas durante o século XIX, de Francisco de Miranda e Simón Bolívar[50] a Rubén Darío e José Rodó. Não de forma homogênea, mas este espelhamento com

---

[47] O projeto de lei apresentado pelo democrata David Wilmot, em 1846, proibiria a escravidão em todos os territórios que fossem adquiridos na Guerra Mexicano-Americana.

[48] O trecho é de uma correspondência de Benjamin Franklin a sua filha Sarah Bache, na qual critica a Society of the Cincinnati. Entretanto, não se tratava de uma correspondência verdadeira, mas de um escrito planejado para ser “vazado” e tornar públicas algumas opiniões com ares de privacidade. Franklin chegou a mandar traduzir o texto para o francês, mas foi demovido da ideia de divulga-lo e o texto só foi conhecido em 1815, após a sua morte. Acesso em 20/12/2019. BENJAMIN, Franklin. To Sarah Bache. In: *Founders Online.* https://founders.archives.gov/documents/Franklin/01-41-02-0327

[49] Essa observação é relevante pois, como abordaremos no decorrer do trabalho, a questão do imperialismo norte-americano é marginal dentro da discussão europeia, que se ocupa sobretudo do império britânico e suas ações sobre África e Ásia, mas é primordial nos debates dos hispano-americanos.

[50] Além do aspecto tático, pois Bolívar considerava que o estreitamento de laços com os Estados Unidos poderia ser considerado um ato hostil pela Inglaterra e isso representaria um perigo para a Confederação que queriam formar, o Libertador argumentava com o general Santander da impertinência de estendê-la aos Estados Unidos, de natureza distinta de *nosotros*: “Los americanos del norte y los de Haití, por solo ser extranjeros, tienen el carácter de heterogéneos para nosotros. Por lo mismo jamás seré de opinión de que los convidemos

a antiga colônia inglesa é persistente na percepção dessas identidades, tanto pela rejeição bem como por uma (in)confessada admiração, como resume Oscar Terán para a argentina *Punto de Vista*, em 1981: "De tal manera, en una relación especular mutuamente fascinada, los EE.UU y América Latina irán constituyendo una serie de saberes sobre sí mismos y sobre el otro sin los cuales resulta incomprensible la emergencia del antiimperialismo latinoamericano."[51]

2.2 Ensaísmo latino-americano no início do século XX

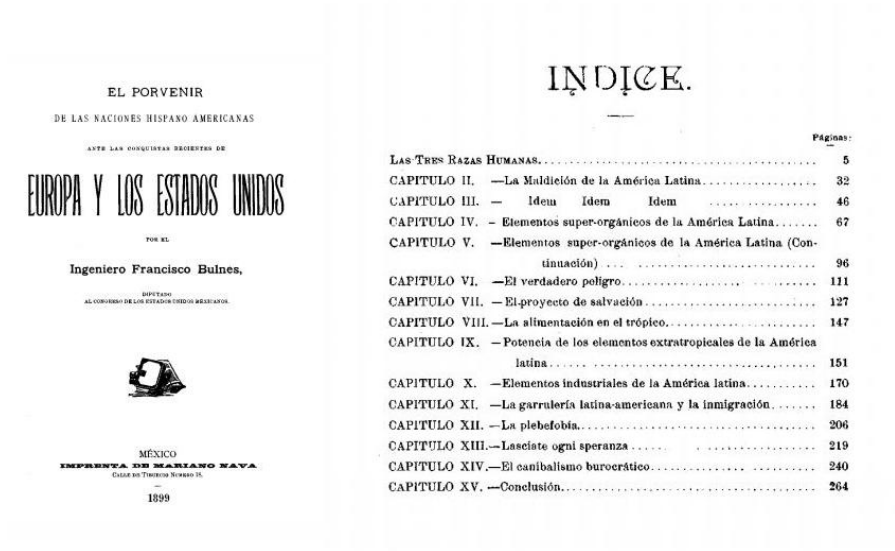
Até cerca de 1910, os grandes ensaios que tinham por objeto a América Latina, se propagaram pela intelectualidade do continente, aliando o tradicional formato das narrativas nacionais oitocentistas, fundamentalmente o *homem* e o *meio*, com abordagens metodológicas biologistas (Darwin e Spencer), de psicologia social (Le Bon) e psicologia histórica.[52] Tratava-se de avaliar os componentes *naturais* - as características inatas das raças formadoras dos povos e a influência de seu meio ambiente, e suas trajetórias históricas com o objetivo de, quando possível, prescrever intervenções políticas para sanar os *males de origem*. Neste período, além do recorte nacional, que mantém sua relevância, a América Latina se configura como importante objeto de estudo e de projetos políticos. Essa interpretação aqui defendida, ainda que ampla e na qual se perdem nuances, pode ser demonstrada com a análise dos sumários (ANEXO 2) de algumas dessas obras de interpretação, como *El porvenir de las naciones hispano-americanas* (1899), do mexicano Francisco Bulnes:

---

para nuestros arreglos americanos." BOLÍVAR, Simón. 30 de maio de 1825, Arequipa (Peru). In: *Obras completas*. Tomo II. Caracas: Piñango, 1978, p.148.

[51] TERÁN, Oscar. El primer antiimperialismo latinoamericano. *Punto de Vista.* Buenos Aires, out./1981, p.4. Fundada em 1978, com tiragem irregular, por Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano e Ricardo Piglia, *Punto de Vista* era uma revista intelectual de amplo leque temático (crítica literária, teoria política e social, sociologia, história cultural e intelectual dentre outros), alinhada à esquerda e de oposição à ditadura militar argentina. Passaram por suas páginas nomes importantes da intelectualidade e da academia argentina de finais do século XX, como Oscar Terán, José Aricó e Juan Carlos Portantiero. *Punto de Vista* encerrou suas atividades, após 30 anos, em abril de 2008. Cf. *AHIRA*, Archivo Histórico de Revistas Argentinas: https://www.ahira.com.ar/revistas/punto-de-vista/. Acesso 20/01/2020.

[52] Trabalhamos com as referências bibliográficas mais importantes nos inícios do século XX seguindo os teóricos que Manoel Bomfim e Silvio Romero mais citavam em suas respectivas obras no capítulo "Uma nação por construir: raça e história enquanto problemas" e que são amplamente compartilhadas no período. Cf. OLIVEIRA, op.,cit. Em especial sobre as ideias eugênicas como discurso cientificamente autorizado na América Latina entre os escritores debruçados sobre temas de reforma social e construção das nacionalidades ver STEPAN, Nancy Leys. *"A hora da eugenia"*: raça, gênero e nação na América Latina. Trad. Paulo M. Garchet. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005 (1ªed. 1991).



EL PORVENIR

DE LAS NACIONES HISPANO AMERICANAS

ANTE LAS CONQUISTAS RECIENTES DE

EUROPA Y LOS ESTADOS UNIDOS

POR EL

Ingeniero Francisco Bulnes,

DIPUTADO

AL CONGRESO DE LOS ESTADOS UNIDOS MEXICANOS.

MÉXICO

IMPRENTA DE MARIANO NAVA

CALLE DE TIBURCIO NÚMERO 15.

1899

INDICE.

		Páginas:
Las Tres Razas Humanas		5
CAPITULO II.	—La Maldición de la América Latina	32
CAPITULO III.	— Idem Idem Idem	46
CAPITULO IV.	— Elementos super-orgánicos de la América Latina	67
CAPITULO V.	—Elementos super-orgánicos de la América Latina (Continuación)	96
CAPITULO VI.	—El verdadero peligro	111
CAPITULO VII.	—El proyecto de salvación	127
CAPITULO VIII.	—La alimentación en el trópico	147
CAPITULO IX.	—Potencia de los elementos extratropicales de la América latina	151
CAPITULO X.	—Elementos industriales de la América latina	170
CAPITULO XI.	—La garrulería latina-americana y la inmigración	184
CAPITULO XII.	—La plebefobia	206
CAPITULO XIII.	—Lasciate ogni speranza	219
CAPITULO XIV.	—El canibalismo burocrático	240
CAPITULO XV.	—Conclusión	264

Imagem 1 - Índice de *El porvenir de las naciones hispano-americanas* (1899) - Francisco Bulnes.

Capítulos listados no índice: *Las Tres Razas Humanas; La Maldición de la América Latina; Elementos super-orgánicos de la América Latina; El verdadero peligro; El proyecto de salvación; La alimentación en el trópico; Potencia de los elementos extratropicales de la América latina; Elementos industriales de la América latina; La garrulería* [relativo a falastrão] *latina-americana y la inmigración; La plebefobia; Lasciate ogni speranza; El canibalismo burocrático* e *Conclusión*.[53]

Bulnes dedica os primeiros capítulos do livro a caracterizar as "três raças" e a "maldição da América Latina" (sobretudo sua natureza tropical), perpassa também características comportamentais (psicológicas e fisiológicas) e, nas partes finais, o autor se ocupa dos problemas políticos contemporâneos como a industrialização incipiente e as questões relacionadas à imigração.

Em *Nuestra América* (1903), "ensaio de psicologia social" do argentino Carlos Bunge, o elemento humano é predominante na análise. Na primeira parte, *Los españoles*, o autor disserta sobre a "arrogância espanhola" e suas consequências na degeneração coletiva de seus descendentes; na segunda, *Índios, negros y mestizos*, trata dos supostos traços psicológicos dos fatores étnicos não-europeus e as consequências (negativas) da mestiçagem; na parte três, *Los hispanoamericanos*, trabalha com a ideia da "complexidade étnica do *criollo*" e suas qualidades psicológicas características, desdobradas das anteriores. E, por último, em *Política hispanoamericana* e *Políticos hispanoamericanos*, trata daquelas que seriam as expressões políticas derivadas da análise psicológica das raças que, segundo o autor, se desdobram no caudilhismo característico da política *criolla*.[54]

---

[53] BULNES, Francisco. *El porvenir de las naciones hispano-americanas* - Ante las conquistas recientes de europa y los Estados Unidos. México: Mariano Nava, 1899.

[54] BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América* - Ensayo de Psicologia social. Buenos Aires: Casa Vaccaro, 1918 (1ªed.1903).

Os exemplos se multiplicam, sejam em trabalhos com recortes nacionais mais específicos, como *Evolución política del pueblo mexicano*, de Justo Sierra (México, 1902) e *Raza chilena*, de Nicolas Palacios (Chile, 1904),[55] sejam proposições mais abrangentes, como as anteriormente citadas e também *A América Latina - males de origem*, de Manoel Bomfim (Brasil, 1905); *A América Latina*, de Sílvio Romero (Brasil, 1906) e *Pueblo enfermo*, de Alcides Arguedas (Bolívia, 1909).[56]

Com uma abordagem semelhante à de Carlos Bunge, Manoel Bomfim focaliza a "hereditariedade psicológica e social" das raças formadoras da América Latina e seus efeitos deletérios sobre as sociedades que formaram. O livro de Sílvio Romero surge como resposta à obra de Bomfim. Nele, Romero polemiza com Bomfim não só ao valorizar a herança ibérica e rejeitar as noções de "parasitismo" e a "degeneração" como efeitos hereditários dela, mas também ao discordar quanto a existência de um espaço que possa ser compreendido sob o epíteto *América Latina*.[57]

O objetivo não é fazer a síntese dessas obras, mas evidenciar o debate identitário e a convicção entre os autores de que supostamente havia um problema com as sociedades latino-americanas e que, para maioria dos intelectuais, ele era inerente à natureza de seus componentes ambientais e étnicos.[58] Entretanto, a centralidade da crítica aos fatores tidos como elementares da formação latino-americana não exclui, na leitura das questões contemporâneas, as correlações de forças internacionais, sobretudo com os Estados Unidos e a Europa. Nesse sentido, a palavra que estava nos *lábios de todo mundo*, nos dizeres do

---

[55] SIERRA, Justo. *Evolución política del pueblo mexicano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977 (1ªed.1902); PALACIOS, Nicolás. *Raza chilena*. Libro escrito por un chileno y para los chilenos. Valparaíso: Imprenta Alemana, 1904.

[56] ARGUEDAS, Alcides. *Pueblo enfermo*: contribución a la psicología de los pueblos hispanoamericanos. Santiago de Chile: Ed. Ercilla, 1937 (1ªed. 1909). Em Arguedas, o foco do autor é a "enfermidade" boliviana, mas sua análise de psicologia social também considera como prioridade as características biológicas comportamentais que seriam inerentes às raças formadoras dos povos hispanoamericanos e sua mestiçagem.

[57] BOMFIM, Manoel. *A América Latina* – males de origem. 4ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005 (1ªed. 1905); ROMERO, Sílvio. *A América Latina* – Análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim. Porto: Livraria Chardon, 1906. Para a polêmica entre Bomfim e Romero e análise mais detalhada das obras Cf. OLIVEIRA, op.cit..

[58] Conforme João Gabriel Ascenso e Fernando Luiz Vale Castro, na Introdução à coletânea "*Raça*: trajetórias de um conceito", o repertório intelectual racialista, afirmado ou negado, estava no centro de grande parte das análises dos homens de letras preocupados com o progresso, ou a ausência dele, em seus povos: "No contexto continental [americano], veremos que os argumentos do racismo científico eram, ora referendados e, de diferentes formas, apropriados pela intelectualidade desejosa de ingressar em um patamar de civilização e de progresso; ora questionados e denunciados, fosse através da rejeição do caráter biológico de raça (compreendendo-se a mesma a partir de pressupostos culturais e/ou espirituais), fosse pela própria negação desse conceito como categoria analítica válida." ASCENSO, João Gabriel da Silva; CASTRO, Fernando Luiz Vale (org.). *Raça*: trajetórias de um conceito - história do discurso racial na América Latina. Rio de Janeiro: Ponteio, 2014, p.7.

inglês John Hobson, que se referia à Europa, também figurava nos debates obras dos latino-americanos.

As questões relativas ao imperialismo, que também aparecem, por exemplo, como subtítulo da obra de Bulnes – *Ante las conquistas recientes de Europa y los Estados Unidos* – permeiam, ainda que tangencialmente, as discussões de identidade e formação latino-americano no período. A prospecção feita a seguir é relevante para mapear a formação do imperialismo como campo semântico e sua relação com as questões identitárias na América Latina que, já familiar à intelectualidade, se converteria em cerne da questão latino-americana.

Neste momento, nos interessa sobretudo perceber como, a persistente questão identitária, que neste período gravita em torno dos essencialismos racialistas e fatalismos históricos, compreende também aspectos eminentes da política internacional contemporânea. Os desequilíbrios de poder entre as grandes potências, as europeias e o ascendente vizinho do Norte, com a América hispânica vai encontrando mais espaço e preponderância nas reflexões sociológicas. A seguir, nos aprofundamos nos argumentos que correspondem a estas análises políticas, que sem dúvida são marginais nas propostas gerais das obras, mas oferecem pistas destes deslocamentos. Para tanto, perseguimos as primeiras utilizações e entendimentos de imperialismo entre a intelectualidade.

Capítulo 3: Imperialismo com aspas

3.1 Imperialismo: um problema sem nome, o nome de vários problemas

Na polêmica entre Bomfim e Romero, não obstante se compreendesse como falhas inatas aquelas resultantes das raças formadoras da América Latina, há nuances importantes. Bomfim não aceitava o argumento racialista como origem absoluta dos problemas latino-americanos contemporâneos. O autor chama atenção para o perigo das "nações imperialistas", sobretudo europeias, e como, também a partir da metodologia de psicologia social, a "malevolência" da Europa e dos Estados Unidos inferiorizava a América Latina. Era o que, para Bomfim, tinha como objetivo sujeitar psicologicamente os latino-americanos à política de rapinagem empreendida pelas nações poderosas no mundo. Embora não desacreditasse das teorias sobre a desigualdade das raças, Bomfim as percebia por meio do conceito de "parasitismo social". Consistia no uso, por intelectuais e políticos europeus, da ideia de superioridade das raças brancas como estratégia de dominação política e imperialista sobre as populações não-brancas, ou seja, uma dominação ideológica.

As referências de Bomfim às políticas imperialistas não aparecem nenhuma vez flexionadas pelo sufixo *-ismo*, entretanto, o termo é usado por Romero para contestá-lo. Para Romero, o que se "atualmente costuma chamar de pretensão *imperialista"* corresponde à "velha doutrina" da desigualdade das raças, defendida por ele, apenas para desviar um "debate científico para o das paixões partidárias da atualidade".[59] Nesse ponto, é interessante observar como a queixa sobre um uso político condenatório, que reproduzimos aqui a partir do protesto de W.K. Hancock contra o marxismo (na década de 1940), aparece também no início do século, o que constitui uma persistência intrigante, e que, no estilo mordaz de Silvio de Romero, é atribuída ao "socialismo de colegial" de seu opositor.

Romero, defendendo a teoria da desigualdade de raças das "preocupações pejorativas" contidas no novo termo, o compara com a história dos impérios anteriores: "O *imperialismo hodierno*, que não passa duma atribulação de fracos inspirada pelo medo, é uma graciosa fantasia dos modernos, se o compararmos com o dos antigos, dos medievos e dos tempos do chamado *absolutismo régio*."[60] A preocupação de Bomfim, do pensamento racialista como manipulação ideológica do imperialismo, é lida de forma contrária por seu contestador. Para

---

[59] ROMERO, op.cit., p.213, grifo no original.
[60] Ibid., p.214, grifos no original.

Sílvio Romero, pensar em "imperialismo moderno" é que seria uma leitura enviesada e vitimista de um fenômeno que era científico e não político.

Anos antes desse debate, no livro citado de Francisco Bulnes, o vocábulo imperialismo é empregado uma vez e com sentido aproximado ao de "expansão" para se referir à alegada degeneração que, em sua interpretação, o contato com "elementos inferiores" sujeitava os Estados Unidos naquele período.[61] Já em *Evolución política del pueblo mexicano*, de 1902, Justo Sierra faz um uso ainda mais diversificado de imperialismo, se referindo a pelo menos três significados diferentes: quando fala de "imperialismo" (entre aspas no original) para se referir ao nacionalismo dos independentistas mexicanos da década de 1820, empenhados em "extirpar del país hasta el último rastro de la preponderancia española"; outras vezes como sinônimo para as forças francesas que invadiram o México em 1862 e instauraram o império de Maximiliano; e, com outro sentido, acrescentando o qualificativo *atual* após o termo imperialismo para remontar à anexação do Texas pelos Estados Unidos (em 1846), considerando o "apetite territorial" daquela época como a "primeira forma do imperialismo atual [1902]".[62]

No ano seguinte, em 1903, Carlos Octavio Bunge publica *Nuestra América* e, além da rápida referência à "democracia imperialista de Theodore Roosevelt" para citar o imperialismo norte-americano, traz ainda dois usos distintos do termo imperialismo e que não aparecem nas obras já citadas. A partir da locução "imperialismo romanocatólico" disserta sobre o período do expansionismo colonialista espanhol e, em outro trecho, em sentido aproximado ao do anterior chama de imperialismo a forma monárquica anterior a das monarquias constitucionais, contrastando o que supõe ser a estabilidade e disciplina da forma monárquica ao caos do "caciquismo caudilhista" das repúblicas da América Hispânica.[63]

Há ainda outras compreensões possíveis, de obras ainda não citadas e que não tem a mesma extensão das anteriores. Trata-se dos artigos do cubano Enrique José Varona e outro de José Ingenieros. Em 1905, Varona ministrou a conferência *El imperialismo a la luz de la Sociología*, cuja versão escrita, também traz entre aspas a expressão "imperialismo". O cubano, tomando a Inglaterra como grande exemplo da política imperialista que lhe era

---

[61] Nos referimos ao seguinte parágrafo: "Otros sociólogos creen que los elementos inferiores de que se están llenando los Estados Unidos por la inmigración y el imperialismo, y de los cuales se hayan casi repletos, los hará degenerar y les quitará la inmunidad que hasta ahora han presentado contra el socialismo." No trecho citado, o racialismo de Bulnes é balizado pelo seu fervor anti-socialista, que também dá a tônica de parte do livro. BULNES, op.cit., p.234.

[62] SIERRA, op.cit., respectivamente páginas 126; 254 e 270; e 169. Sobre o período do governo imperial de Maximiliano: "(...) Mejía, el famoso general indígena de la reacción, el más convencido, el más leal y el más bravo de los capitanes con que contaba el imperialismo en México, capituló em Matoros (...)." p.254

[63] BUNGE, op.cit., p.83 e p.226.

contemporânea, elenca três requisitos necessários para que o imperialismo fosse possível: forte crescimento populacional e urbanização, desenvolvimento econômico e "cultura superior". Para Varona, portanto:

> Lo que llamamos hoy "el imperialismo", es un fenómeno muy antiguo al que ha dado un nombre nuevo; porque debemos entender - por lo menos en el transcurso de esta conferencia -, por "imperialismo", la forma de crecimiento o integración de un grupo humano, cuando llega expresamente a tener la forma de dominación política, sobre otros grupos diversos, de distinto origen, próximos o distantes del núcleo principal.[64]

A referência de Varona em "fenomeno muy antigo" é o imperialismo romano da Antiguidade. Na percepção do autor, o "imperialismo" corresponderia a uma atualização da política imperial romana, da qual os ingleses eram a referência. Diferente de Varona, que na época desta conferência já era um nome de destaque político e intelectual no continente, José Ingenieros ainda não contava com 30 anos quando publicou o artigo *Imperialismo*, em 1906. O que sobressai em suas palavras é o determinismo histórico que para ele, então, impunha o fenômeno imperialista:

> Los grupos germánico y anglosajón llegan ya a su momento. Su rol histórico actual, por la acción intensa y fecunda, vale el de los grandes imperios que han llenado algún capítulo de la crónica humana. El imperialismo existe. Es inútil manifestar simpatía o aversión hacia él, rendirle homenaje o cubrirlo de invectivas. La evolución histórica es sorda a las loas y a las diatribas de los apóstoles; solo entreabre su secreto a los críticos despreocupados. (...) Los pueblos fuertes se creen encargados de tutelar a los otros, extendiendo a ellos los beneficios de su civilización más evolucionada.[65]

No texto, Ingenieros conclui que a potencialidade econômica somada ao aumento populacional e à expansão territorial engendram um "estado de espírito" que corresponde a essa potencialidade e uma organização poderosa do militarismo para proteger todo o sistema. Nestes anos, Ingenieros, médico recém-formado, estava imerso em pesquisas de Psiquiatria e Criminologia e, em paralelo às atividades dedicadas ao socialismo, como a revista *La Montaña*, fundada com Leopoldo Lugones no final do século anterior, estava impressionado pelo pensamento positivista, a partir dos quais conduzia seus estudos médicos.[66]

---

[64] VARONA, Enrique José. El imperialismo a la luz de la Sociología (Universidade de Havana, 1905). In: *Ensayos*. Catalunya: Linkgua, 2014, p.99. Duas décadas depois, Varona seria um importante *maestro* da juventude cubana. Depois de ter sido vice-presidente de Cuba no primeiro mandato de Mario García Menocal (1913-1917); presidiu o ato de fundação da Federación Estudiantil Univeristaria a convite de Julio Antonio Mella; apoiou os jovens na reforma universitária e contra a ditadura de Gerardo Machado.

[65] INGENIEROS, José. Imperialismo (1906). In: *Al margen de la ciencia*. Buenos Aires: J. LAJOUANE, 1908, p.117.

[66] Em longa introdução a coletânea *Antimperialismo y nación*, que reúne parte da produção intelectual de Ingenieros de 1895 a 1925, o organizador Oscar Terán uma pormenorizada análise da carreira e das transformações nas referências intelectuais de toda a trajetória de Ingenieros. Sobre o período de 1900 a 1911, Terán identifica o predomínio da tendência biologista positivista nas obras de seu biografado: "(...) el marco

Trouxemos este texto para marcar um contraponto interessante, a ser desenvolvido posteriormente, ao próprio Ingenieros que, vinte anos depois, se converterá em um aclamado *maestro* da juventude por sua dedicada militância anti-imperialista, como com a fundação da ULA (Unión Latino Americana). A concepção de progresso em Ingenieros, que levou o autor a afirmar, em 1906, tomando Guilherme II, Chamberlain e Roosevelt como exemplos, que "el ideal del imperialismo no es de guerra, sino de paz"[67], foi abalada, como a de vários de seus contemporâneos, pelo "suicidio de los bárbaros". A forte expressão de Ingenieros sobre a Guerra em 1914, evidencia, neste momento, a sobreposição da defesa da justiça social, própria de seu veio socialista, sobre sua concepção de que o progresso era (e deveria ser) irrefreável. Para o autor, a Guerra representava um monstruoso retrocesso civilizacional. Isso o levou a qualificar a Europa de "feudal" e a desejar, de fato, seu desaparecimento para que "sobre a carniça do imperialismo" se impusesse outra moral, com valores éticos que se mediriam pelo ideal de justiça.[68]

Esse breve mapeamento não visa contar as incidências do termo ou discutir cada significado a ele atribuído, mas sim perceber o uso bastante difuso, mas muito frequente e crescente, que dele se fez. Imprecisão esta que é constituinte da batalha semântica de um vocábulo político de grande repercussão e uso intenso, que perpassa todo o século XX. É importante ressaltar que essa reflexão sobre as (in)definições do imperialismo entre os latino-americanos na primeira década do século XX não se filiam à tradição intelectual de considerar como impertinências da cópia local feita de ideias importadas/originais europeias.[69] Essas incursões, avanços/recuos, embates/negociações e dissonâncias são

---

general del sistema ingenieriano adoptará connotaciones positivistas de corte darwiniano, en donde el economicismo se irá soldando con nociones biologistas hasta impregnar el universo de discurso de esta segunda etapa." TERÁN, Oscar. José Ingenieros o la voluntad de saber [Introducción]. In: INGENIEROS, José. *Antiimperialismo y nación*. TERÁN, Oscar (org.). México: Siglo Veintiuno, 1979, p.45.

67 INGENIEROS, op.cit., p.120.

68 A expressão "suicidio de los bárbaros" se tornou uma das referências mais importantes a Ingenieros. O artigo, que leva este nome, foi publicado dois meses após o início da Guerra. O desenho, sem autoria assinalada, que o acompanha traz referências a um acampamento de guerra, com vários corpos pelo chão, alguns cachorros e um soldado a cavalo com um antigo elmo romano. INGENIEROS, José. El suicidio de los bárbaros. *Caras y caretas*. Buenos Aires: nº829, 22/08/1914, p.57.

69 A ideia de original/cópia implicada na tese da *importação de ideias* (de tanta tradição no pensamento latino-americano) tem sido questionada, como aponta o trabalho de Elías J. Palti ao analisar o debate entre Roberto Schwartz e Maria Sylvia Carvalho Franco, tanto para questionar a antinomia simplificadora entre "ideias" e "realidades" quanto para refletir sobre a forma como tal raciocínio toma as ideias como entidades desencarnadas e não arduamente trabalhadas por sujeitos/agentes. Cf. PALTI, Elías J. Apéndice – Lugares y no lugares de las ideas en América Latina. In: *El tiempo de la política*. El siglo XIX reconsiderado. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007. É importante também destacar como esta dicotomia constitui um lugar-comum, uma chave interpretativa acrítica nas análises histórico-sociológicas sobre o Brasil e sobre a América Latina, que atribui uma "causa" sem se preocupar muito em explicá-la. Para tanto, seguiremos as reflexões de Stella Bresciani e o conceito de lugar-comum de Myriam D'Allones: "Os lugares-comuns não são simples clichês ou banalidades. Eles são também os lugares do "comum", ou seja, um fundo compartilhado de ideias, noções, teorias, crenças,

constitutivas e permanentes da história dos conceitos políticos.

Os pontos comuns mais relevantes entre as obras são as menções, quase unânimes, ao imperialismo *novo* (atual, hodierno, democrático) que remete a uma distinção em relação a um imperialismo anterior. Pode-se dizer que esse imperialismo é tido ou sentido como um fenômeno novo e parcialmente relacionado com a política estadunidense. Cerca de uma década depois, o fenômeno do imperialismo - então sem aspas -, deixaria de prescindir de ser qualificado como moderno/atual, pois era moderno e atual.

Quando dizemos "parcialmente" relacionada com a política externa norte-americana, queremos ponderar que, até os anos iniciais do século XX, quando as obras que analisamos foram publicadas, os exemplos mais expressivos de política imperial conhecidos eram aqueles das potências europeias. O que justifica a menção mais recorrente ao imperialismo europeu que, conforme dito, compreendia quase totalidade do território mundial (à exceção da América). Enquanto os empreendimentos propriamente imperialistas dos Estados Unidos começam quase em simultâneo com a forma de conceito político que o imperialismo vai tomando.

A despeito do histórico expansionista estadunidense, os avanços na região do Caribe e América Central, compreendiam uma lógica de dominação diferente da anexação. A partir de 1898, o nascente imperialismo norte-americano ganha força quando desmontam o que havia restado do império espanhol tanto no Atlântico, com as guerras de independência em Cuba e em Porto Rico e, no Pacífico Norte, com Guam e Filipinas.[70] Iniciando o século XX, os protetorados e ingerências estadunidenses se estendem sobre o Caribe e América Central, envolvendo Cuba, Porto Rico, Santo Domingo, Nicarágua, Haiti e atuando na separação do

---

preconceitos, argumentos e opiniões sobre uma comunidade política efetiva." Cf.:BRESCIANI, Maria Stella. O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2007; D'ALLONES, Myriam Revault. *Le dépérissement de la politique*: généalogie d'un lieu commun. Paris: Aubier, 1999, p.9.

[70] Em 1900, o arquipélago do Havaí foi também anexado como território norte-americano e seria convertido em estado da federação em 1959. Em *La diplomacia del dolar*, os escritores comunistas norte-americanos, Scott Nearing e Joseph Freeman fazem uma análise da política imperialista dos Estados Unidos. Os autores estimam que a expansão territorial estadunidense, entre anexações e protetorados, de 1898 a 1917, compreenderiam 281.044mi² e mais de 17 milhões de pessoas. NEARING, Scott; FREEMAN, Joseph. *La diplomacia del dolar*. Un estudio acerca del imperialismo americano. México: C. Rivadeneyra, 1926, p.319. Importante pontuar que o estudo de Nearing e Freeman é bibliografia básica dos anti-imperialistas latino-americanos que analisamos na tese, servindo de base, por exemplo, para a tabela sobre as expansões norte-americanas do livro *Yanquilandia bárbara*, do argentino Alberto Ghiraldo, nomeada de "Estadística del Crimen". GHIRALDO, Alberto. *Yanquilandia bárbara*. La lucha contra el imperialismo. Madrid: Historia Nueva, 1929, p.215. Sobre esta obra de Ghiraldo, Cf. PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Historia y antiimperialismo: Yanquilandia bárbara de Alberto Ghiraldo (1929). In: PITA GONZÁLEZ, Alexandra; MARICHAL SALINAS, Carlos. *Pensar el antiimperialismo*: ensayos de historia intelectual latinoamericana, 1900-1930. México-DF: El Colegio de México: Universidad de Colima, 2012.

Panamá do território colombiano (1903) e dando início a construção do Canal do Panamá (cuja administração foi assumida pelo governo panamenho apenas a partir de 1999).[71]

Oscar Terán, em seu artigo *El primer antimperialismo latinoamericano*, aborda o anti-imperialismo do período de 1898 a 1914 destacando, como refletimos aqui, que embora dois dos principais elementos das formulações anti-imperialistas, a contraposição aos Estados Unidos e o apelo pela unidade latino-americana, pudessem ser inscritos na "duvidosa estratégia dos antecedentes", é mais proveitoso percebê-los como uma "sobreposição quase geológica" de séries descentradas, "(...) no para inscribirlos a priori en la senda luminosa de una continuidad inexorable, sino para que nos digan qué objeto constituían cuando pronunciaban el nombre "antimperialismo"."[72]

A constituição de um amplo repertório, que forma e informa o discurso anti-imperialista latino-americano vigente no século XX e, mais precisamente, no período do entreguerras, tende a ir se desprendendo, embora sem negá-las das diferenças culturais/raciais essencializadas. Assumindo como característica central a noção de uma identidade difundida pela percepção de um enfrentamento comum. As duas proposições podem ser apreendidas neste trecho do prólogo que o venezuelano Rufino Blanco-Fombona fez para a obra anti-imperialista do diplomata mexicano Carlos Pereyra, *El Crimen de Woodrow Wilson*, de 1917:

> Están frente á frente dos razas: la de origen latino y la de origen sajón; dos Américas: (...); dos concepciones de la vida: la idealista y la sanchopancesca; dos sectas: el catolicismo y el protestantismo; dos ideas sociales: el individualismo y la solidaridad; dos civilizaciones (...). Cuando Colombia se queja de Roosevelt por la secesión y rapto de Panamá; cuando Nicaragua maldice de Taft por escalimento con fractura de la soberanía nicaragüense; cuando Méjico increpa a Wilson por el desencadenamiento de la anarquía en suelo mejicano; cuando Santo Domingo acusa al mismo sonreído y cartilaginoso luterano de que hable de libertad, de derecho, de vida, mientras dispone expediciones militares que llevan a esa Antilla la esclavitud, la barbarie y la muerte, prueban Santo Domingo, Méjico, Nicaragua y Colombia, que no conocen el problema de que son víctimas, y que mientras no lo conocen el problema de que son víctimas, y mientras no lo conozcan y comprendan, los Estados

---

[71] Gregorio Selner (1922-1991), jornalista e historiador argentino, é autor de uma extensa bibliografia crítica sobre o imperialismo norte-americano e durante 36 anos reuniu fichas com documentos, recortes e notas que resultou em quatro tomos com mais de 2500 páginas sobre o histórico de ingerência norte-americana na América Latina de 1776 a 1990. SELSER, Gregorio. Cronologia de las intervenciones extranjeras en América Latina. Tomos I a IV (1776-1990). TORRES, Beatriz; SACRISTÁN, Ana María (org.). México-DF: Camena: 2010.

[72] TERÁN, Oscar. El primer antiimperialismo latinoamericano. *Punto de Vista.* Buenos Aires, out./1981, p.4.

> Unidos de la América sajona invadirán, descuartizarán y reducirán a coloniaje a los Estados desunidos de la América latina [sic].[73]

A força do argumento cultural presente no texto de Blanco-Fombona, opondo e contrastando as duas Américas ao elencar uma série de essencialidades que as distinguiriam, não impede a proeminência da crítica política a atuação dos Estados Unidos na América Latina que o transforma em "enemigo tradicional, presente y futuro". E mais, a própria compreensão do problema dos "Estados *desunidos* de la América latina" passaria pela percepção de se constituir como uma coletividade que está sujeita a mesma lógica de ação que ambicionava reduzi-las à colonização. Essa lógica, abordada por Rufino em sua expressão mais visível, do domínio político-militar, pode ser apreendida pela noção de imperialismo.

Esses deslocamentos graduais de sentido, que não têm uma direção unívoca ou necessariamente acumulativa, compreendem assim afirmações identitárias (nas *duas* Américas, sendo a Latina o nosso objeto), com leituras persistentes sobre essencialidades culturais e históricas e as tentativas de entender a política contemporânea e suas novas correlações de força. Neste último, a percepção do imperialismo como fenômeno político e, gradualmente, como período histórico, vai assumindo um lugar de destaque.

3.2 Manuel Ugarte: o precursor

> Tal libro es un libro "de buena fe", que diría Montaigne, un libro que, para el ideal que sostiene, hacía falta. El grito de alarma se había dado ya líricamente. Vargas Vila, entre otros, había lanzado terribles clamores; José Martí, más de una vez, había dicho cosas bellas y proféticas sobre el acecho de los hombres del Norte. Yo mismo, hace ya bastante tiempo, lancé á Mister Roosevelt, el fuerte cazador, un trompetazo, por otra parte inofensivo. Pero

---

[73] BLANCO-FOMBONA, Rufino. Prólogo. In: PEREYRA, Carlos. *El Crimen de Woodrow Wilson*. Juan Pueyo: Madrid, 1917, p.IV-V. Nesta obra, Carlos Pereyra prefere abordar o imperialismo por sua faceta corruptora. No capítulo *El imperialismo corrputor en la República de Nicaragua*, Pereyra afirma que o "imperialismo incruento" dos Estados Unidos, é exercido pelo poder do dólar e da corrupção das consciências. Esta última, na própria negação de estarem empreendendo uma política imperialista, ocultado sob o véu do desinteresse ou de valores superiores: "Pero lo que subleva es que para sus conquistas llamen a la Moral y la obliguen a que les extienda una acta de probidad y desinterés, declarando que la conquista no es conquista, ni la dominación [é] imperio. Lo que subleva sobre todo es que cuando no hay medios de comprar y cuando faltan alientos para la agresión franca, se emplee la corrupción de las conciencias y la disolución de las sociedades. Más aún: subleva que en estas expansiones de imperio, se apela a Conciencia Universal, que es frecuentemente la universal cobardía, para que, asesorándose de la Moral, de la Justicia, del Derecho, de la Libertad y de otras abstracciones (...)." PEREYRA, Carlos. *El Crimen de Woodrow Wilson*. Juan Pueyo: Madrid, 1917, p.180-181.

> esas son cosas de poetas. El volumen de Manuel Ugarte es trabajo de estudioso, con observaciones felices, erudición, método, y, aunque el autor no lo quiera, literatura.[74]

A elogiosa crítica do escritor modernista Rubén Darío é direcionada ao livro de Manuel Ugarte, *El porvenir de la América Latina*, de 1910 que, segundo Darío, teria transformado o lirismo dos poetas contra "los búfalos de dientes de plata"[75] em literatura. *El porvenir* reune reflexões que Ugarte vinha desenvolvendo há pelo menos dez anos, a partir de *El peligro yanqui* e *La defensa latina*, publicados no portenho *El País* em 1901.[76] Motivo pelo qual se orgulhava e que constituía sua autoimagem de precursor[77] da luta anti-imperialista e também a qual atribuía desventuras financeiras e políticas, como expõe em 1927, em *Amauta*:

> Hace veinte años que clamo contra nuestra dispersión y nuestra inmovilidad. Por denunciarlas he sacrificado fortuna, porvenir político, y me hallo pobre, expatriado, difamado. Desde mi retiro reivindico el honor de haber continuado sin interrupción desde 1905 la tesonera prédica de haber publicado cuatro libros sobre el asunto, de haber fundado en Buenos Aires la primera Asociación Latino Americana, y de haber recorrido el Continente repitiendo mi terca certidumbre.[78]

Em 1911, concomitante ao lançamento do seu livro, que analisaremos a seguir, Ugarte iniciou um longo giro continental. Foram dois anos de viagens pela América Latina com conferências, viagens, entrevistas, discursos e recepções oficiais que se converteram numa verdadeira pregação anti-imperialista e pela unidade latino-americana. A relação de Ugarte com o Partido Socialista argentino, ao qual era filiado desde 1903, nunca havia sido fácil,

---

[74] DARÍO, Rubén. Manuel Ugarte - Cabezas. *Mundial*, Paris, Vol. II, nº10, 1912, p.318. A revista Mundial foi editada por Darío, em Paris, entre 1911 e 1914. Sobre os empreendimentos editoriais de Rubén Darío Cf. CARILLA, Emilio. Las revistas de Rubén Darío. *Atenea*, nº415-416, 1967.

[75] Refere-se a uma metáfora usada por Darío para se referir aos Estados Unidos: "No, no puedo, no quiero, estar de parte de esos búfalos de dientes de plata. Son enemigos míos son los aborrecedores de la sangre latina son los Bárbaros. Así se estremece hoy todo noble corazón así protesta todo digno hombre que algo conserve de la leche de la Loba." DARÍO, Rubén. El triunfo de Calibán (*El Tiempo*, Buenos Aires, 1898). JAUREGUI, Carlos (ed.). *Revista Iberoamericana*. Vol.LXIV, nº184-185, 1998, p.451.

[76] UGARTE, Manuel. El peligro yanqui. *El País*, Buenos Aires, 19/10/1901; UGARTE, Manuel. La defensa latina. *El País*, Buenos Aires, 19/11/1901.

[77] E como tal seria considerado como tal pelas "novas gerações" quando alçado a condição de *maestro* alguns anos depois. Como lembra o equatoriano César E. Arroyo, amigo do argentino e entusiasta de sua obra, quando Manuel Ugarte completava suas "bodas de prata" de militância anti-imperialista, em 1930: "Desde entonces en veinticinco años, no ha cejade [dejado?] un solo día en su campaña anti-imperialista y libertaria. Toda esta labor formidable ha cristalizado en libros que con como Evangelios de la América Española: EL PORVENIR DE LA AMÉRICA LATINA, EL DESTINO DE UN CONTINENTE, LA PÁTRIA GRANDE, MI CAMPAÑA HISPANOAMERICANA. Consciente de su arduo destino, este hombre apostólico ha sacrificado a su ideal todo." ARROYO, César E. Las Bodas de Plata de Manuel Ugarte. *Repertório Americano.* San José de Costa Rica, 04/01/1930, p.10, destaques no original. Amigo e admirador do intelectual argentino, Arroyo escreveu um livro intitulado *Manuel Ugarte* (de 1931) e também se correspondia com ele. ARROYO, César E. *Série Cuadernos*. SALAZAR, Gustavo (org.). Madrid: A Pie de Pagina, 2009.

[78] UGARTE, Manuel. Manifiesto a la juventud latino-americana. *Amauta*, abril/1927, p.37. A situação financeira de Ugarte fica tão crítica que, em 1934, ele vende a sua biblioteca e escreve ao intelectual mexicano José Vasconcelos dizendo estar passando miséria e fome. GALASSO, Norberto. *Manuel Ugarte*. Tomo II - De la liberación nacional al socialismo. Buenos Aires: Eudeba, 2015.

mas piorou após a viagem do escritor. Sua concepção de imperialismo acentuava suas diferenças ideológicas com o partido, que o acusava de colocar a causa nacional/latino-americano acima do conflito capital-trabalho.

A expulsão de Ugarte do PS, levada a efeito oficialmente pelo seu desentendimento pessoal com seu correligionário Alfredo Palacios, veio a reboque de seu processo disciplinar por "desviacionismo", ocasionado pela sua defesa do nacionalismo ante a orientação internacionalista do partido. Diante da expulsão iminente, Manuel Ugarte apelou para que seu caso fosse avaliado no próximo congresso partidário, no qual teria a oportunidade de fazer a defesa pública da conformidade de seus pressupostos com a doutrina socialista. Conforme declara em entrevista ao *Tribuna*:

> Espero tranquilo la decisión de mis correligionarios de la 20 [20ª Secção Executiva do PS]. Si me dan una oportunidad de defensa, yo expondré mis opiniones no sólo sobre el duelo, sino también respecto a otras teorías que me hago un honor en prestigiar y que creo que no son incompatibles con el socialismo. La patria, por ejemplo y sobre todo mi concepto sobre nacionalidad e internacionalismo.[79]

O pedido de Ugarte, de poder discursar no congresso seguinte, visava falar à massa do partido, utilizando sua capacidade oratória para fazer a defesa de sua ideologia anti-imperialista e latino-americanista, rechaçada por parte da cúpula partidária. A 20ª Secção do PS concedeu ao escritor apenas o adiamento de alguns dias para a reunião executiva que decidiria seu futuro no partido. Entretanto, tendo seu pedido de falar publicamente negado, Ugarte apresentou sua carta de desfiliação. Esta foi recusada pela direção, que estava determinada a proceder com a expulsão. Não sem "escenas de pugilato" entre os diretores, a direção proscreveu Ugarte de seus quadros, apresentando as seguintes justificativas:

> Considerando que la actitud de Manuel Ugarte, dentro del partido socialista, es sumamente perjudicial para la causa del proletariado, por cuanto fomenta el confusionismo doctrinario y obscurece el verdadero concepto de la "lucha de clases"; comprendiendo que su obsesión latinoamericanista y su excesivo apego al atavismo patriótico, están reñidos con el

---

[79] UGARTE, Manuel. *Tribuna*, Buenos Aires, 06/11/1913. *apud* GALASSO, Norberto. *Manuel Ugarte*. Tomo I - Del vasallaje a la liberación nacional. Buenos Aires: Eudeba, 2015, Capítulo XIX, s/n. A expulsão de Manuel Ugarte do Partido Socialista se fundamentou na violação do artigo 48 do estatuto partidário, que estabelecia que "ningún adherente podrá batirse en duelo, ni enviar ni aceptar padrinos en las llamadas cuestiones de honor.". Cf. UNIÓN EDITORIAL HISPANO-AMERICANA. Manuel Ugarte se retira del Partido Socialista. In: *Manuel Ugarte y el Partido Socialista* - Documentos recopilados por un argentino. Buenos Aires: Dupont, Ros & Cia, 1914, p.90. Já Palacios, por ser deputado, se submetia a outro regimento e seria objeto de avaliação disciplinar no próximo congresso partidário, entretanto só seria expulso dois anos depois após se envolver novamente em um episódio de duelo com o também deputado, Horacio Oyhanarte. Assinada por um grande grupo de "cronistas parlamentarios", a coletânea *El Diputado Palacios; su separación del Partido Socialista* (1915), traz a transcrição do debate de Palacios com Oyhanarte na Câmara, a nota sobre a expulsão de Palacios do PS, seu discurso de renúncia do cargo de deputado e diversos artigos de periódicos sobre o tema. Cf. CRONISTAS PARLAMENTARIOS [Pedro Colombo, Manuel López Weigel et al]. El Diputado Palacios; su separación del Partido Socialista. Buenos Aires (?), 1915.

> socialismo, desde que para justificar su opinión desestima las "condiciones económicas" como causa determinante de formas más progresistas en el orden político-social de los conglomerados humanos, y atribuye esa evolución a causas subjetivas, a factores pura y exclusivamente sentimentales; entendiendo que gustosamente rinde culto a los más extravagantes prejuicios, como lo prueba el lance de honor concertado con el diputado Alfredo L. Palacios (...), el centro de la sección 20, reunido en asamblea general, resuelve: "Separar de su seno al ciudadano Manuel Ugarte, por entender que su permanencia dentro del partido es en absoluto perniciosa para nuestra causa."[80]

No trecho citado, parece que a infração do artigo 48, com a questão do duelo, estava mais próxima de um pretexto formal do que de uma justificativa, esta baseada sobremaneira no dissenso de fundo ideológico entre os socialistas. A cúpula do PS argentino considerava a "obsessão" latino-americanista de Ugarte como em direto desacordo com a doutrina socialista e fator de obscurecimento da luta de classes e prejudicial à causa do proletariado. A nota atribui ainda o latino-americanismo de Ugarte a sua personalidade supostamente subjetivista e sentimental, o que justificaria inclusive sua propensão à prática bárbara do duelo, própria da "burguesia atrasada e corrompida", ainda de acordo com o documento. Esse sentimentalismo, que na visão do Partido Socialista era próprio do nacionalismo e, por extensão, do latino-americanismo, se oporia à análise racional das condições econômicas internacionalizadas do capitalismo.

A tensão entre a luta de classes e o princípio nacional permeia todo o debate sobre o socialismo desde seus primórdios e já tem vasta tradição quando é usada pelo PS contra Ugarte em 1913. Entretanto, neste ponto é importante notar que não há, por parte dos dirigentes do partido, a percepção de que a luta anti-imperialista de Ugarte se dá no campo econômico e político, mas como um aspecto menor e subjetivo de identidade supranacional. Por extensão, danosa à luta dos trabalhadores.

Menos de uma década depois, quando o imperialismo assume a preponderância na análise política – e é possível aventar a relevância do *Imperialismo* de Lenin e a fundação da Terceira Internacional –, essa chave de leitura se altera e o imperialismo é compreendido como um fenômeno de matriz econômica e fundamental na luta social da esquerda. Contudo, mesmo quando o imperialismo se torna o principal pressuposto de análise, na década de 1920, o tema do internacionalismo *versus* o nacionalismo não perde sua importância e estrutura outros eixos de debate entre a intelectualidade latino-americana, sobretudo aquele que discute as particularidades ou não da América Latina frente ao capitalismo mundial. Este tema será

---

[80] UNIÓN EDITORIAL HISPANO-AMERICANA, op.cit., p.96.

mais bem analisado no decorrer da tese, pois é basilar à compreensão do anti-imperialismo durante todo o século XX.

Publicados em 1901, os primeiros artigos de Ugarte sobre as relações entre Estados Unidos e América Latina [*El peligro yanqui* e *La defensa latina*] têm como problema fundamental o expansionismo norte-americano, que denunciava sob o então difundido *slogan* de "peligro yanqui" e que, segundo o autor, teria como melhor possibilidade de defesa a união dos latino-americanos. Essa união, ainda que se baseie no compartilhamento de um "espírito comum", para Ugarte se efetivaria a partir de questões bem objetivas, como a expansão e integração telegráfica e ferroviária (com propriedade vedada aos estadunidenses) sobre a qual se fundamentaria a defesa anti-imperialista: "Esos elementos secundarios, acumulados sobre la base esencial de la unidad latinoamericana, bastarían en la opinión de muchos para constituir un poderoso sistema de defensa."[81]

Os dois textos são breves incursões de um jovem intelectual muito impactado com a atuação estadunidense no Caribe após a guerra de 1898 e com a situação cubana, submetida a um protetorado. Desde então até a publicação de *El porvenir*, em 1911, a conjuntura da política externa norte-americana sobre a América Latina não apenas se agravou, como Ugarte se investiu da função política que para ele deveria ser a principal característica do trabalho intelectual[82] e acumulou leituras e trocas intelectuais que o permitiriam fundamentar sua noção de imperialismo com mais clareza e sem aspas.[83]

---

[81] Além de *La defensa latina* e *El peligro yanqui*, Ugarte relaciona no prólogo de *El Porvenir* outras reflexões anteriores que teriam se desdobrado naquele livro: "La campaña que emprendí en *El País* de Buenos Aires en 1902, que reanude en *La Época* de Madrid en 1907 y que he continuado en 1909 y 1910 en *La Revue* y en el *Courrier Europeen* de Paris, encuentra ahora su expresión amplia y su síntesis final." UGARTE, Manuel. *El porvenir de la América Latina* - La raza, la integridad territorial y moral, la organización interior.Valencia: Sempere, 1910, p.IX-X. Cf. UGARTE, Manuel. La defensa latina. *El País*, Buenos Aires, 19/11/1901.

[82] Em 1925, em carta para o colombiano Cornelio Hispano, Ugarte relembra suas críticas ao movimento modernista que, para ele, eram outro aspecto da dependência latino-americana: "[Há 15 anos] La dependencia intelectual se enlazaba con la dependencia económica o era corolario de ella. He insistido luego sobre lo que el mismo movimiento llamado modernista tuvo de ajeno a nuestro medio. Los temas fueran de segunda inspiración [e Darío, Vargas Vila, Gómez Carrillo] aun cuando queden como páginas memorables, no añaden mucho al acervo americano, ni alcanzan dentro de nuestras almas más vibración que la que puede tener una obra de arte exótica." UGARTE, Manuel. Carta a Cornelio Hispano [1925]. *apud* GALASSO, Norberto. Manuel Ugarte. Tomo II - De la liberación nacional al socialismo. Buenos Aires: Eudeba, 2015. Natalia Butelo aborda os longos debates entre Rubén Darío e Manuel Ugarte e a insistência de Ugarte no papel social do escritor frente a "liberdade da arte" de Darío. Cf. BUSTELO, Natalia. Entre la renovación estética y la renovación política Políticas del modernismo en Rubén Darío, Leopoldo Lugones y Manuel Ugarte. *Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas*, INCIHUSA – CONICET, Vol. 15, nº 1, 2013.

[83] Apenas uma vez em *El peligro yanqui*, Ugarte usa o termo imperialismo, e entre aspas, no seguinte trecho: "No es que el pueblo de los Estados Unidos abrigue malos sentimientos contra los americanos de otro origen, sino que el partido que gobierna se ha hecho una plataforma del 'imperialismo'." UGARTE, Manuel. El peligro yanqui. *El País*, Buenos Aires, 19/10/1901.

No Prefácio de *El porvenir*, além de delimitar seu objeto, compreendendo a América Latina como "nossa pátria superior e nacionalidade final", que compartilhava a mesma origem e destino, Ugarte busca antecipar algumas prevenções das quais poderia ser alvo: como a de "escrever sobre problemas transcendentais e provocar alarmes inúteis" e também sobre seu latino-americanismo, que poderia ser atacado pelos "fanatismos de província" dos adeptos do nacionalismo estreito de seus países. A primeira delas, que aponta as reações ao imperialismo norte-americano como teorias conspiratórias, exageradas ou mesmo um temor infundado – prevenção similar à que havia sido imputada, como já citamos, por Romero a Manoel Bomfim – é uma característica relativa a esses primeiros anos e que se desvanece quando a questão do imperialismo chega ao primeiro plano nos escritos políticos.[84]

Mesmo Manuel Ugarte não parece tão seguro assim da premência da sua preocupação ao argumentar que, se há exageros, ainda assim, "mais vale prevenir que lamentar" e que para a luta política é necessário escrever com muita veemência: "(...) não é possível seguir fazendo branda literatura enquanto a casa se queima e todos estamos, mais ou menos diretamente, em perigo."[85] Esse tipo de contra-argumentação, do exagero do "peligro yanqui", à qual Ugarte se antecipa, será incomum na década seguinte, quando a percepção dominante é de que o *fogo tomou conta da casa*.

Em *El Porvenir*, Ugarte segue o padrão dos estudos do período que tratavam sobre os povos do continente, começando pelos temas da *raça* e do *meio*, mas parece fazer de maneira protocolar. No início do livro, quando faz a síntese das partes que o compõem, o argentino dedica apenas uma linha à primeira e menor delas, *La raza* e o faz sem convicção de sua importância: "Aunque la primera parte *resulte en cierto modo inactual*, era necesario pasar por ahí para recordar cuáles son las bases del edificio, antes de definir las contingencias que lo amenazan y antes de soñar los minaretes que lo pueden coronar."[86]

---

[84] É possível relacionar tais críticas, além da própria percepção a ação dos Estados Unidos como "restrita" à área do Caribe, como também a pujante propaganda pan-americanista financiada e sistematizada pelo Departamento do Estado norte-americano. Fernando Atique, em sua tese *Arquitetando a "boa vizinhança"*, sobre a relação do Brasil com Estados Unidos do final do XIX até meados do século XX, considera o vasto e heterogêneo conjunto de propostas acerca do panamericanismo, com posturas nuançadas que passam pela celebração, adesão crítica ou repúdio, tanto das relações político-diplomáticas quanto culturais. Cf. ATIQUE, Fernando. Arquitetando a "boa vizinhança": a sociedade urbana no Brasil e a recepção do mundo norte-americano. Doutorado (Tese em Arquitetura). São Paulo: FAU-USP, 2007.

[85] UGARTE, Manuel. *El porvenir de la América Latina* - La raza, la integridad territorial y moral, la organización interior. Valencia: Sempere, 1910, p.VIII, tradução nossa.

[86] O *inatual* pode se referir tanto à questão racial em si, quanto à composição das raças do seu período em comparação ao passado. Entretanto, mesmo no segundo caso, demonstra o pouco apreço dele pela questão, uma vez que as "raças formadoras", para aqueles que defendiam tais teorias, eram elementos indeléveis, e que não perdiam sua *atualidade* como definidor, em alguma medida, dos problemas sociais. UGARTE, op.cit., p.IV, grifo nosso. Esta escolha de Manuel Ugarte pode ser compreendida a partir de elementos da análise do discurso de Michel Foucault. No período em que escrevia, o predomínio de trabalhos sociológicos de matriz cientificista

E na segunda parte, *La integridad territorial y moral*, se fundamenta na compreensão das duas Américas e de seus territórios como chave de leitura do imperialismo, como vamos abordar a seguir. O autor não valida aqueles que considera os problemas políticos da América Latina em sua formação racial, ainda que seja uma variável presente em suas considerações iniciais. Como analisa Margarita Merbilhaá, em toda a obra de Manuel Ugarte é comum que os elementos de raça e meio apareçam de maneira residual e instrumental. Em especial, a raça, que serve por exemplo para o autor justificar a "divisão do Novo Mundo em duas metades", mas não são determinantes na análise da política contemporânea que se segue.[87]

Em *El porvenir*, ao elencar os elementos que distanciavam as civilizações que compunham as duas Américas, o autor estabelece três causas, as duas primeiras em oposição uma a outra: a de *origem*, na qual não se detém; a de educação, que apenas caracteriza; e como elemento destoante e de sentido único, a "loucura imperialista".

> Los motivos de alejamiento [entre as duas Américas] se pueden sintetizar en pocas líneas. Primero, el origen; segundo, la educación y las costumbres, aquí ásperas, imperiosas y brutales en una sociedad trepidante de actividad y de vida, y allá inseguras, escépticas y bulliciosas, con un enjuto soleado y negligente, y tercero, la locura imperialista.[88]

Entretanto, a noção de imperialismo não é usada de forma displicente pelo autor, que faz do seu ensaio um grande esforço de conceituação do fenômeno, e diferente do que observamos entre os autores até então, com apenas uma significação. Um dos tópicos mais destacados na análise do argentino é a percepção do imperialismo como uma fase expansionista do capitalismo norte-americano retroalimentada pelo seu próprio crescimento, chamada por Ugarte de "paradoja imperialista". O paradoxo compreende a necessidade do próprio capitalismo norte-americano de se expandir para manter-se, em um processo que não

---

e racialista pode ter funcionado como um dispositivo de coerção na escrita de Ugarte. Para estar no campo do "verdadeiro" na sua disciplina, o argentino se viu impelido a "satisfazer a certas exigências" da ordem do discurso [1996: 37], repertório que, de qualquer modo, era parte fundamental de seus estudos. Também em Foucault, há a noção de que a configuração de um campo enunciativo são inicialmente delimitados por um "campo de presença", "isto é, todos os enunciados já formulados em alguma outra parte e que são retomados em um discurso a título de verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundado ou de pressuposto necessário" [2008: 63]. Poderíamos afirmar que a relação de Ugarte com os enunciados racialistas é uma combinação destes modos de inscrição no campo de presença no qual busca sua autorização. Cf. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996; FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 (1ªed. 1969).

[87] Margarita Merbilhaá aponta essa estratégia em alguns dos primeiros trabalhos de Ugarte, como nos livros El *Arte y la Democracia* (1904) e *Enfermedades Sociales* (1906). Para as concepções racialistas em Ugarte Cf. MERBILHAÁ, Margarida. *Trayectoria intelectual y literaria de Manuel Ugarte* (1895-1924). Tese (Doutorado em Letras). La Plata, Argentina: UNLP, 2009, p.102-157.

[88] UGARTE, op.cit., p.90-91.

deixa de ser admirável aos olhos do autor pela prosperidade exuberante ostentada pelos vizinhos do norte:

> Los sudamericanos, que apenas tienen un siglo de independencia y que nacieron a la libertad treinta años más tarde que los Estados Unidos, no pueden dejar de ver con recelo la fantástica prosperidad de un país que al ensanchar su acción no hará, después de todo, más que conformarse a una exigencia de su crecimiento y sus victorias. En las regiones más inmediatamente limítrofes, la sangre latina se ha arremolinado ya contra la tutela deprimente y el posible aniquilamiento.[89]

A análise de Ugarte, todavia, não se encerra nos aspectos econômicos ou expansionistas do imperialismo. Ugarte descreve o processo de forma holística, considerando a importância de suas manifestações insidiosas e que permeariam uma invasão paulatina alicerçada comercial, política e moralmente:

> Bien se que en el Sur nada es mas imposible que la conquista directa, dada la falta de comunicaciones, la extensión de nuestros territorios y la distancia a que se hallan algunos de ellos de la nación absorbente. ¿Pero una constante preeminencia moral, una infiltración económica progresiva, una inútil protección acordada a la independencia, la difusión del idioma y la especie de paternidad ostentada ante los europeos, no pueden ser acaso los agentes de una invasión espiritual, comercial y política que la prosperidad portentosa de aquel país y la habilidad de un ministro como Mr. [Elihu] Root logre empujar al fin hasta los límites?[90]

No mesmo sentido, Ugarte traz para a crítica a "coincidência milagrosa" de interesses norte-americanos com eventos políticos próprios da América Latina. Tipo de denúncia que constituiria um dos principais motes das militâncias anti-imperialistas latino-americanas no século XX:

> ¿Hemos olvidado la exploración sintomática que la cañonera norteamericana *Wilmington* hizo en 1899 en el río Amazonas, la tentativa del sindicato que pugnó algunos años después por hacerse dueño del territorio en litigio entre Bolivia y el Perú, la, aventura inverosímil de la célebre república del Acre y el movimiento separatista del Panamá, que tan milagrosamente coincide con la apertura del istmo? ¿Quien ha prestado apoyo a las últimas revoluciones en Venezuela? ¿Donde fue robustecida y alentada la insurrección que dio por resultado - no la libertad - sino el cambio de soberanía en Cuba?[91]

El porvenir estabelece também uma discussão sobre a força da ascendência imperialista na América Latina e sua capacidade de resistência. Para Ugarte, seriam três zonas distintas, a Sul (Argentina, Brasil, Chile e Uruguai), que estaria em "plena prosperidade livre de toda a influência norte-americana"; a do Centro (Peru, Bolívia, Paraguai, Equador, Colômbia e

---

[89] Ibid., p.91.
[90] Ibid., p.96.
[91] Ibid., p.126. O golpe de estado na Venezuela, que havia colocado Juan Vicente Gomez no poder, se deu em 1908.

Venezuela), que também seriam adiantadas, mas "permeadas por discórdias e menos favorecidas pela imigração" e não poderiam oferecer muita resistência ao imperialismo; e a Norte, subdivida entre México, com o mesmo progresso das do primeiro grupo, mas em perigo pela fronteira direta com os Estados Unidos, e as do grupo *b*, com América Central e Caribe, muito expostas à esfera de influência norte-americana. A subdivisão das possibilidades de alcance do imperialismo na América Latina será retomada pela rede intelectual anti-imperialista atuante na década de 1920, como discutimos neste capítulo.

Para a defesa da América Latina, Ugarte advogava a necessidade de encarar o imperialismo como um problema sério e sem "lirismos inúteis". Nesse sentido, é dura a crítica de Ugarte ao excesso de orgulho que alguns latino-americanos ostentam de sua suposta superioridade moral, mera infantilidade para o autor: "Nada nos perjudica mas que la opinión exageradamente orgullosa que tenemos de nosotros mismos. Lejos de imaginarnos débiles ante el extranjero, suponemos, por una ilusión tan infantil como funesta, que somos incalculablemente superiores a él."[92] Não há nenhuma citação direta, mas essa crítica pode ser tomada como uma reprimenda ao arielismo de José Rodó, em alta entre a intelectualidade, por sua abordagem espiritualista da questão latino-americana e o incensamento de seus predicados.[93]

El porvenir de la América Latina reúne assim elementos da crítica anti-imperialista que, se nesse momento aparece como mais uma das possibilidades de militância hispano-americanista de cunho antinorte-americano (e nem sequer a mais destacada delas), darão a tônica aos debates no pós-guerra. Baseiam-se numa compreensão menos cultural/racial e mais convergente para uma acepção política e macroeconômica. Convém destacar que não se trata de atribuir ou não a Ugarte o título de "precursor" da ação anti-imperialista na América Latina ou colocá-lo nos "antecedentes históricos", e sim perceber suas contribuições nas significações da noção de imperialismo neste período.[94]

---

[92] Ibid., p.127.

[93] São bem poucas as referências a outros autores em *El porvenir*, sendo as principais, o sociólogo francês Gabriel Tarde, que embasa seu alerta sobre a pouca preocupação que os latino-americanos parecem demonstrar frente ao imperialismo e, como contraponto, o venezuelano César Zumeta, a quem considera alarmista e pessimista. Como lembra Valdir Donizete dos Santos Junior, "Zumeta constituía, em seu ensaio [*El continente efermo*, 1899], uma interpretação quase fatalista da história hispano-americana, prevendo que, com os avanços dos Estados Unidos, os quais se somavam ao processo expansionista europeu das últimas décadas do século XIX, a América Latina caminhava a passos largos para a perda de sua autonomia." SANTOS Jr., Valdir Donizete dos. *A trama das ideias*: Intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914). Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFLCH-USP, 2013, p.239.

[94] Ao enfrentarmos discussão semelhante, em *Além da Tempestade*, sobre Manoel Bomfim ser tido como "a frente do seu tempo" por parte da bibliografia, recorremos às reflexões de Giorgio Agamben. Segundo o filósofo italiano, aqueles que se encaixam perfeitamente em sua própria época, já pertencem ao passado. É contemporâneo aquele que, incomodado, consegue sombrear a luminosidade de seu tempo e o interpela, aquele

Entretanto, no caso de Ugarte, a questão sobre pioneirismo é também relevante, sem tributar sua veracidade, mas por que o próprio autor assim constituiu sua imagem, bem como era percebido por seus pares; o que, sem dúvida, constitui ponto de interesse no debate sobre as redes intelectuais anti-imperialistas.[95]

Quando o trabalho de mapeamento e pesquisa evidenciou a premência do imperialismo na escrita político-intelectual latino-americana da década de 1920, conforme nossa reflexão desenvolvida na Introdução deste trabalho, fez-se necessário compreendê-lo melhor. A relativa familiaridade com o tema e com sua bibliografia mais elementar (Hobson e Lenin) apenas em parte esclarecia a nossa primeira questão: o que estes intelectuais poderiam (ou efetivamente não poderiam) *querer dizer*. Não tomamos esta expressão como sinônimo de desvendar uma "intencionalidade" dos autores, mas de escrutinar repertórios intelectuais, conjunturas políticas, projetos e questões disponíveis e frequentes.

Tema tão pujante nos anos 1920, anteriormente o imperialismo teria tido algum lugar na escrita dos latino-americanos? A variedade de proposições pouco precisas que encontramos, e analisamos nesse capítulo, nos ajudou a construir o entendimento sobre a historicidade da questão imperialista e, mais precisamente, da militância anti-imperialista na América Latina. Compondo de forma importante nossa compreensão do anti-imperialismo como um posicionamento político-ideológico inaugural no período estudado, ainda que de rápida adesão no pensamento político. Mas que bebe de várias fontes, de repertórios vários, passando pela história do capitalismo (e de sua compreensão), das relações intracontinentais americanas e pelo inconformismo com uma autoimagem turva que busca na sociologia e na política respostas e saídas.

3.3 Redes: os fios do relato e os rastros da história

Ao terminar a década de 1910, a intelectualidade latino-americana, parte desse "mundo imperial" que a Grande Guerra e a Revolução Russa fizeram sentir com grande força, se

---

que "(...) está à altura de transformá-lo e colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de 'citá-la' segundo uma necessidade que não provém de maneira alguma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder." AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó-SC: Argos, 2009, p.72. Para o debate acerca de Manoel Bomfim. Cf. OLIVEIRA, op.cit., p.54.

[95] Vamos trabalhar com as sociabilidades das redes intelectuais na próxima Parte, por ora, pontuamos que Ugarte, Palacios, Ingenieros e outros analisados neste capítulo, figuraram na classe dos *maestros*, referências intelectuais importantes para os anti-imperialistas, de outra "geração", da década de 1920.

coloca como partícipe deste momento histórico percebido e teorizado como o início de uma outra era. Relacionada a demandas diversas, como as que analisamos no capítulo anterior, sobre o repertório político-intelectual antiestadunidense e marxista (leninista em particular), o imperialismo começou a se desenhar como um problema candente. Tendo estudado a compreensão da historicidade do tema do imperialismo e de suas inscrições diacrônicas que informam suas significações e potencialidades, passamos ao desenvolvimento da nossa hipótese.

Tal hipótese tem como proposição o entendimento de que o imperialismo - em suas múltiplas configurações -, foi um elemento decisivo nos debates políticos da intelectualidade latino-americana na década de 1920 e marca de forma indelével as elaborações identitárias sobre o subcontinente, hoje, tão comumente chamado de América Latina. Muito mais do que um topônimo, *América Latina* possui uma "consistência", nas palavras que Edward Said usa para refletir sobre a ideia de *Oriente*, que apontam tanto para seu funcionamento enquanto prática discursiva, quanto para uma criação teórica/prática em que houve, por muitas gerações, um "considerável investimento material"[96]. E, no entre-Guerras, parte importante deste investimento passa pelo imperialismo.

O trabalho, que a partir deste ponto prioriza uma leitura sincrônica da documentação, se articula nas duas partes seguintes, cada uma com três capítulos, que se propõem a análise da problemática do imperialismo a partir da categoria de *redes intelectuais*. Seguindo essas redes de relações; materializadas nas inúmeras referências comuns, nas trocas epistolares, na constituição de grupos, associações, partidos, nos debates e polêmicas travados em periódicos e tantos quanto tão numerosos exemplos; a necessidade de se compreender melhor tais redes, ao invés de só exemplificá-las, foi ganhando importância. Em um primeiro momento, como subsídio para entender as ações da militância anti-imperialista na intelectualidade e, depois, percebemos que pensar, entender e investigar as conformações das redes e seus funcionamentos era imprescindível para o trabalho que nos propusemos.

Isto se deve, primeiramente, à percepção de que o anti-imperialismo não só tomou corações e mentes, por ser sentido como um problema político tão urgente, mas também foi tomado por eles (mentes e corações), que agiram, disputaram e criaram seus significados coletivamente. Bem diferente do "falar sozinho" sobre imperialismo, que dava argumento para a (auto)afirmação de Manuel Ugarte a sua posição de precursor, remetendo aos seus textos do início do século.

---

[96] SAID, Edward W. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 (1ªed. 1978), p.18.

Tendo em vista tais reflexões, a próxima parte, "*Maestros e concertistas:* política, sociabilidade e redes intelectuais", é dedicada a complexificar o entendimento dessas redes e versa em especial sobre três pontos. A saber, a constituição da comunidade político-intelectual da década de 1920, para qual a vida universitária tem um papel central; os modos de sociabilidade e reconhecimento entre os pares, em especial como a noção de geração condiciona parte da atuação intrarredes e como chave de leitura para a (auto)atribuição de vanguardismo político e; por fim, nos propomos a seguir os rastros de uma polêmica fundada no antagonismo ideológico que, de um dos lados, amálgama anti-imperialismo e antitirania e atua na constituição de uma coletividade intelectual que orienta suas ações por princípios comuns. Ligações e tessituras tão imponderáveis que, neste caso, compreendem um discurso, um congresso e um assassinato.

Sabendo que não são dimensões separáveis da prática política, *forma* e *conteúdo*, propomos ao leitor que considere esta subdivisão como uma tentativa de evidenciar precisamente sua complementaridade. Quando se trata de redes intelectuais, ainda que a confluência de ideias e repertórios seja imperiosa para estas formações, muitos *comos* e *porquês* podem ser percebidos de forma mais acurada, ou até como determinantes, entre os fios do relato e os rastros da história.[97]

[97] GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Trad. Rosa Freire d'Aguiar, Eduardo Brandão. São Paulo Companhia das Letras, 2007.

Jóvenes son los que no tienen complicidad con el pasado.
José Ingenieros, *Las fuerzas morales*, 1925

Parte II: *Maestros e concertistas:* política, sociabilidade e redes intelectuais

Capítulo 4: Universidade e vida universitária: *la revelación del mundo político*

4.1 Reforma Universitária: além do "mito historiográfico"

A ação dos intelectuais a partir das *redes* de sociabilidade que se fortaleceram na década de 1920 tem no meio universitário um seus *locus* mais importantes de desenvolvimento. No século XX, a universidade ganha relevo como ambiente privilegiado para ação política da juventude, essa ascendência é permeada por elementos como o relativo aumento do acesso universitário em finais do século anterior; uma nova noção de *intelectual*, um maior alcance do pensamento de matriz socialista/anarquista, que ganha espaço no repertório dos homens de letras da América Latina e todo o conjunto de modernidade, tecnologia e comunicação que aturdiu o mundo a época.[1]

Algo que possa ser entendido como "ensino superior", um extenso período de dedicação ao conhecimento especializado, contempla inúmeras e antiquíssimas formas de ensino e aprendizado, sobretudo na sua conformação mais básica (mestre e discípulo). Todavia, as origens ocidentais da concepção moderna de universidade remontam à *universitas* medieval, palavra que servia para designar "grêmios, corporações ou fraternidades integradas pelos mestres (*magistri*) e aprendizes (*discipuli*)"[2], termo que, ato contínuo, serviu também para denominar a instituição em si e pressupõe a outorga de títulos e seu reconhecimento pelo poder constituído "universal".[3] Na Espanha e, como desdobramento, em suas colônias no

---

[1] Chamada de Revolução Científico-Tecnológica, que se concentra mais drasticamente nos Estados Unidos e na Europa, não impacta apenas pela variedade de produtos, processos e equipamentos, listados pelo historiador Nicolau Sevcenko, mas pela sua relação direta o dia-a-dia de seus contemporâneos: "Mas desse ponto em diante, quando o impacto da Revolução Científico-Tecnológica se faz sentir na sua plenitude, alterando tanto hábitos e costumes cotidianos quanto o ritmo e intensidade dos transportes, comunicação e do trabalho, o mundo que então se estabelece já nos parece francamente familiar." E tem relação direta com as condições de possibilidade da relação entre cultura e império, permitindo a experiência histórica do império como algo partilhado em comum de forma global e simultânea, como um "(...) impulso extraordinário que ela deu para a consolidação da unidade global do mercado capitalista, nos quadros daquela dinâmica expansionista a que se referia o professor Hobsbawm." SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.) *História da vida privada no Brasil.* República: da Belle Epoque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.11.

[2] TÜNNERMANN BERNHEIM, Carlos. *La universidad ante los retos del siglo XXI*. México-DF: UDUAL, 2003, p.24.

[3] Como é possível imaginar, essa conformação institucional da universidade é bem menos linear do que nossa afirmação denota, mas são fortes os indícios que remetem à esta caracterização já em seus inícios. Considerada a mais antiga universidade europeia, a Universidade de Bolonha teve sua *Authentica habita*, documento imperial que garantia, pela primeira vez regras, direitos, liberdades e privilégios específicos da universidade no ano de 1155. E, apenas cinquenta anos depois, como demonstra Lydia Schumacher em seu livro, os graduados pela Universidade de Paris eram investidos de direitos específicos advindos de sua formação. Características estas, o regramento específico da "cidade universitária" e o direito de ofício outorgado com a integralização do

Novo Mundo, o poder de constituir universidades era real ou pontifício, mas sua validade dependia de dupla autorização, com precedência da autoridade monárquica. Mesmo instituída por bula papal 1538, mas oficializada por decreto real só em 1558, a Universidade Santo Tomás de Aquino (Santo Domingo) perde o título de mais antiga da América para a Universidad Nacional Mayor de San Marcos, no Peru, decretada em 1551 e outorgada pelo papa vinte anos depois.[4] De qualquer modo, o histórico de fundação de universidades e instituições de ensino superior na América colonial espanhola é bastante antigo e data da primeira metade do século XVI, tendo significativa expansão por todo o continente após as independências.[5]

Em inícios do século XX, quando ocorrem as primeiras formas de organizações estudantis mais sistemáticas e propositivas, sobretudo em questões relativas aos padrões de ensino e de autonomia universitária, permeadas por uma noção de coletividade americana de origem hispânica. Como aquela que expressa pela *Asociación de Estudiantes de Montevideo* ao convocar e realizar o "Primer Congreso Internacional de Estudiantes", em 1908, e que contou com delegados da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Cuba, Guatemala, Paraguai e Peru:

> Los estudiantes de América debemos sentirnos hermanos en el presente, hermanos por la doble fraternidad de las tradiciones y de los ideales, como se sintieron hermanos nuestros abuelos, en las horas de hierro de nuestro pasado, hermanos por la doble fraternidad del dolor y de la gloria. [6]

---

curso, que se tornariam definidores do conceito de universidade. Schumacher esclarece os inícios deste processo de formalização da instituição universitária: "Just prior to the appearance of [Cardial Stephen] Langton's commentary - more specifically, in 1200 - the University of Paris came into semi-formal existence when King Philip II of France issued a charter that represents the first extant grant of privileges to masters who had gathered in the city. In 1215, the guild of masters was formally recognized and statutes laid down to endow them with specific rights and privileges proper to their status as a *universitas magistrorum et scholarium*. These rights, which were reinforced by Pope Gregory IX in the 1231 bull *Parens scientiarum* - the so called 'Magna Carta' of the University of Paris - solidified the work that had been done by independent masters in Paris from the latter half of the twelfth century and gave new momentum to efforts to standardize the pedagogical practices and method of education deployed there." SCHUMACHER, Lydia. *Early Franciscan Theology*. Between Authority and Innovation. Cambridge-UK: Cambridge University Press, 2019, p.15

[4] O surgimento das universidades europeias e sua posterior implantação no território americano espanhol é abordado de forma detalhada por Tünnermann Bernhein. Cf. TÜNNERMANN BERNHEIM, op.cit., 2003.

[5] A colonização portuguesa submeteu sua colônia americana a um padrão distinto, com a implantação apenas de cursos para engenheiros-militares, com a *Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho,* no final do século XVIII, e a abertura da primeira instituição de ensino superior, com a *Escola de Cirurgia da Bahia*, em 1808. As primeiras universidades brasileiras foram criadas no início do século XX.

[6] MIRANDA, Héctor. Invitación al Congreso - La Asociación de los Estudiantes de Montevideo á sus compañeros americanos. *Evolución*, Montevideo, n.21-24, mar./1908, p.2. Neste número condensado de *Evolución* foram reunidas quase quatrocentas páginas de documentação sobre o congresso de 1908.

Nos anos seguintes, se realizaram mais duas edições, em Buenos Aires (1910) e Lima (1912), periodicidade que seria suspensa em virtude da Grande Guerra.[7] A profusão de grupos e associações universitárias nacionais e a realização de outros congressos internacionais nos anos seguintes, também foi acompanhada pela rápida ampliação do escopo de ação política sobre as questões sociais que caracterizou a geração universitária pós-1918.

> Desde allí [Córdova] franqueó sus límites, se extendió primero a todo el país, asumió luego bríos americanos y se instaló, durante más de una década, en todo el continente.[8]

Essa narrativa triunfante, escrita por Juan Carlos Portantiero, sobre o movimento universitário de 1918, corresponde à abordagem predominante sobre o tema: o início de um processo contínuo, contagiante e implacável que varreria a juventude universitária latino-americana por uma década, a chamada Reforma Universitária. Portantiero e o também argentino Dardo Cúneo reuniram, em suas coletâneas sobre a Reforma, dezenas de documentos produzidos por movimentos e federações universitárias da América Latina até 1930. Na leitura de ambos, há a atribuição de uma filiação de todos eles ao movimento argentino, mesmo que em parte considerável dos documentos ela não esteja explícita, e mais, à concepção de que se trata de um único evento, *a* Reforma Universitária em seus mais de dez anos de duração.

Contestando a tese da "influência direta" do movimento cordovês nas insurgências estudantis do período, Fabio Moraga Valle aponta, por um lado, para o histórico destas

---

[7] O historiador Fabio Moraga Valle analisa algumas associações estudantis fundadas na década de 1910, especialmente as representações estudantis do Uruguai, Argentina, Peru e México. Esta última, além de ser a fundada mais tardiamente, depois da estabilização política do país, até então imerso em guerras civis pós-revolução, diferente da maioria das outras, constituiu-se muito próxima ao governo central, especialmente após José Vasconcelos assumir a Secretaria de Educação do México, em 1921. MORAGA VALLE, Fabio. Reforma desde el sur, revolución desde el norte. El Primer Congreso Internacional de Estudiantes de 1921. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, nº47, 2014.

[8] PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudiantes y política en América Latina*. El proceso de la reforma universitaria (1918-1938). México: Siglo XXI, 1978, p.13. Em *Estudiantes y política en América Latina,* Portantiero traça uma linha evolutiva dos universitários revolucionários, "de Mella a Fidel", e dos reformistas, naquilo que, em sua leitura, constituiriam setenta anos de "rebelião estudantil" que nasce, precisamente, no movimento cordovês em 1918: "Si el continente americano tiene tras de sí sesenta años de rebelión estudiantil, el mensaje ideal que de allí se prolonga sólo pudo encontrar realización efectiva en un país en que la reforma, para ser tal, tuvo que ser, primero revolución. Y esa intuición, dolorosamente adquirida luego con la sangre de infinitas jornadas de lucha, había comenzado a germinar en el continente en el lejano 1918, cuando un grupo de jóvenes estampaba esta frase balbuceante: 'creemos no equivocarnos, las resonancias del corazón nos lo advierten: *estamos pisando sobre una revolución, estamos viviendo una hora americana*.'" PORTANTIERO, op.cit., p.128, grifo no original.

intervenções universitárias, iniciadas pelo menos uma década antes de Córdova, e uma cultura estudantil propensa a rediscutir os parâmetros positivistas de ensino. E, por outro, o alheamento e até a negação desta filiação cordovesa por grupos subsequentes. No entanto, não basta descaracterizar essa interpretação ou classificá-la como "(...) un mito historiográfico que ha sido reproducido acríticamente por muchos historiadores (...)."[9], mas compreendê-la, no caso dos autores citados, a conjuntura destes trabalhos no âmbito do latino-americanismo anti-imperialista pós 1960[10] e também, como uma representação fomentada em grande medida pelos próprios contemporâneos, como tratamos a seguir.

Em 1918, a Universidade de Córdova, a mais antiga das universidades argentinas (de 1613), reunia cerca de mil dos 12 mil universitários do país, dos quais 80% se concentravam em Buenos Aires. O movimento, que viria a ser chamado de Reforma Universitária, se iniciou com um pequeno tumulto, no final de 1917, entre os estudantes de engenharia, pois havia o descontentamento com a forma de ordenamento dos docentes e, entre os estudantes de medicina, predominava a indignação pelo fechamento do internato do Hospital de Clínicas. A situação se agravou quando, nos primeiros meses do ano seguinte, o Consejo Superior decidiu "no tomar en consideración ninguna solicitud de los estudiantes". Sem se darem por vencidos, os estudantes instalaram o Comité Pró Reforma e prosseguiram com os protestos, impedindo o funcionamento da universidade. Em abril, sem conseguir debelar a greve de "Los jóvenes huelguistas, firmes en su empeño revolucionario y de franca rebeldía (...)."[11], o reitor, Julio Deheza, proibiu a entrada nas dependências da universidade e suspendeu todas as atividades acadêmicas. O desespero do reitor e a situação caótica na Universidade de

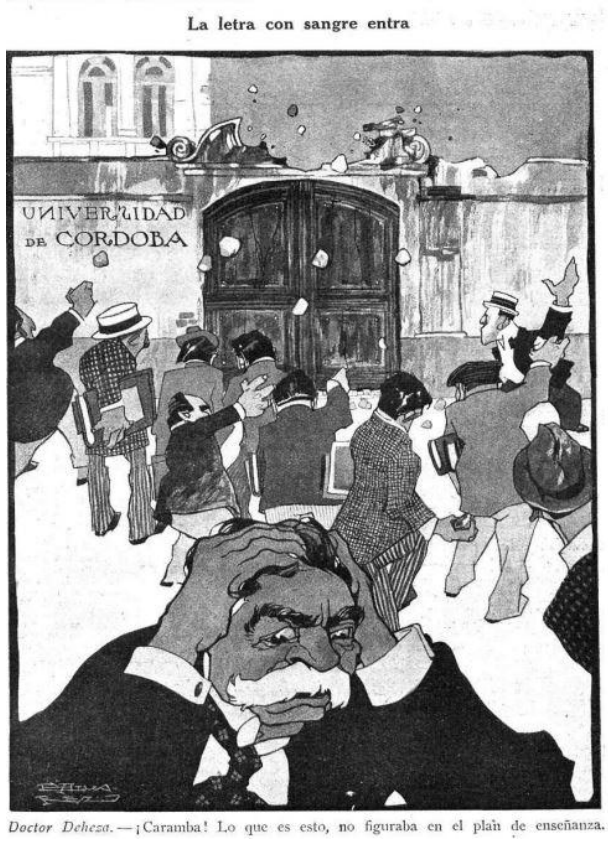
---

[9] MORAGA VALLE, op.cit., p.159-160.

[10] Em Portantiero, a militância política não é residual, é constituinte de seu trabalho intelectual, jornalístico e docente, passando pela filiação ao Partido Comunista e pelo exílio durante a ditadura militar argentina na década de 1970. A extensa trajetória político-intelectual de Portantiero foi relembrada por Lanzaro quando da morte do sociólogo argentino, em 2007. Cf.: LANZARO, Jorge. Juan Carlos Portantiero (1934-2007): o intelectual e a política. Trad. Renata Rufino. *Dados*, Rio de Janeiro, vol.50, nº4, 2007. Dardo Cúneo, de geração anterior, partidário do socialismo, atuou na campanha presidencial de Arturo Frondizi (deposto pelo golpe de 1962), exerceu a militância socialista sobretudo por meio do periodismo, em mais de setenta anos de carreira. Cf. HERRERA, Carlos Miguel. El intelectual como partido: Dardo Cúneo y la experiencia de Acción Socialista. *Archivos* - Revista de historia del movimiento obrero y la izquierda, nº3, septiembre de 2013.

[11] DEHEZA, Julio. [Carta] Ao Senhor Ministro de Justicia e Instrucción Pública de la Nación, 03/04/1918. Crónica Universitaria - Documentos oficiales relativos a la intervención de la Universidad. *Revista de la Universidad Nacional de Córdoba,* Argentina, abr./1918, p.366. Essa revista, publicação oficial da Universidad de Córdoba, foi fundada em 1914 para a divulgação de trabalhos acadêmicos, mas a secção "Crónica Universitaria" tratava do funcionamento administrativo da universidade. Em 1915, Deheza havia sido reeleito pela terceira vez como reitor em Córdova. Cf. BIANCO, José. Universidad nacional de Córdoba. Concepto y significado de la reforma; Antecedentes ilustrativos; Crisis universitaria argentina. *Revista de Ciencias Económicas*, Córdova, Argentina, mai./1918, p.316. As diferenças políticas não atrapalharam o casamento do principal líder do movimento cordovês, Deodoro Roca, com María del Rosario Deheza, filha do reitor, ocorrido em meio aos tumultos dos reformistas, em novembro de 1918. KOHAN, Néstor. *Deodoro Roca, el hereje*. Buenos Aires: Biblos, 1999, p.24.

Córdova, que estavam na ordem do dia da imprensa argentina, ganharam contornos vívidos em uma das revistas mais populares do período, o satírico político *Caras y Caretas*, o qual estampava em página inteira a capa da edição da segunda quinzena de abril de 1918:



Título: *La letra con sangre entra*
Legenda: *Doctor Deheza: -¡Caramba! Lo que es esto, no figuraba en el plan de enseñanza*[12]

Neste momento, os estudantes dão um grande passo para a notoriedade que caracterizaria o movimento cordovês: sua difusão nacional. Em intensa comunicação com as outras agremiações estudantis argentinas, no mesmo dia 11 de abril no qual o presidente Hipólito Yrigoyen nomeava o interventor para UNC, os representantes de todas as universidades nacionais e provinciais do país criaram a Federación Universitaria Argentina (FUA). O interventor, José Matienzo, teve mais sucesso que o reitor Deheza nas negociações com os grevistas, mas a falta de acordo e a resistência de estudantes e professores antirreformistas e ligas católicas estenderam os meses de impasse. Entre outros desdobramentos, detalhados por Carlos Borches, os conflitos e a paralisação das atividades foram até setembro, quando os

[12] Descrição: o desenho traz homens lançando pedras contra a fachada da universidade e, em primeiro plano, o reitor com a expressão angustiada e as mãos na cabeça. Desenho assinado por Alvarez. ALVAREZ. Universidad de Córdoba [Caricatura]. *Caras y caretas*. Buenos Aires: nº1019, 13/04/1918, s/p.

estudantes assumiram a reitoria, tomaram as instalações da universidade e demandaram a volta de um interventor que desse seguimento a todos os termos da reforma. Tarefa esta que Yrigoyen delegou ao próprio Ministro da Justiça e Instrução Pública, José Salinas.[13]

Em meio a sedição universitária em Córdova, os estudantes lançaram o jornal *La Gaceta Universitaria*, em 1º de maio imprimiam o primeiro número sob o lema *Rara temporum felicitate, ubi sentire quae velis, et quae sentias, dicere licet*[14]. Pouco depois lançaram, na primeira página da *Gaceta*, o manifesto *A los hombres libres de Sud América*, depois conhecido como Manifesto Liminar[15], considerado o documento fundacional da Reforma e que carrega o tom de cruzada civilizacional que caracteriza os escritos políticos do período.

São signatários do Manifesto os estudantes que dirigiam a federação de Córdova: Enrique F. Barros, Horacio Valdés, Ismael C. Bordabehere, Gumersindo Sayago, Alfredo Castellanos, Luis M. Méndez, Jorge L. Bazante, Ceferino Garzón Maceda, Julio Molina, Carlos Suárez Pinto, Emilio R. Biagosch (diretor da *Gaceta*), Angel J. Nigro, Natalio J. Saibene, Antonio Medina Allende e Ernesto Garzón. Entretanto, a autoria é atribuída a Deodoro Roca, conhecido como o principal líder do movimento, mas que não poderia constar nos documentos oficiais como autor, pois o jovem advogado havia se formado alguns anos antes. Nos anos que se seguiram, Deodoro Roca assumiria a luta anti-imperialista em Córdova através do periodismo e das associações, como a ULA (de José Ingenieros), da qual fundaria a filial cordovesa. Organizaria ainda a *Liga Argentina Argentina por los Derechos del Hombre*, o *Comité Pro Paz y Libertad de América*, o *Comité Pro Exilados y Presos Políticos*, entre outras.[16]

Desde seus primeiros desdobramentos, o Manifesto dá ao levante de Córdova essa característica, que perdura na historiografia sobre o período, de início ou explosão de um

---

[13] Borches explica também que a Universidade de Buenos Aires já havia passado por uma reforma acadêmico-institucional, em 1906, que compreendia os principais pontos demandados pelos cordoveses em 1918, razão pela qual a UBA dificilmente poderia ter sido o epicentro do movimento. BORCHES, Carlos. A 90 años de la Reforma Universitaria - Córdoba se redime. *La Ménsula.* Revista do Programa de Historia de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales, UBA. Buenos Aires: año 2, nº5, ago./2008.

[14] Citação de Tácito que pode ser traduzida por: "Raros momentos de felicidade, aqueles em que pensar o que quiser e dizer o que pensa está permitido." LA GACETA UNIVERSITARIA. *La Gaceta Universitaria.* Órgano de la Federación Universitaria de Córdoba. Córdoba, 1918. Segundo Natalia Bustelo e Domínguez Rubio, várias revistas de orientação bolchevique foram impressas pelos reformistas argentinos entre 1918 e 1932, a saber, *Bases, Clarín* e *Insurrexit* (de Buenos Aires); *Mente* (Córdoba); *Alborada* e *Germinal* (de La Plata); *Verbo Libre, La Antorcha* e *Germinal* [2] (de Rosario). Cf. BUSTELO, Natalia; DOMÍNGUEZ RUBIO, Lucas. Radicalizar la Reforma Universitaria. La fracción revolucionaria del movimiento estudiantil argentino, 1918-1922. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, Vol.44, nº2, 2017, p.35.

[15] FEDERACIÓN UNIVERSITARIA DE CÓRDOBA. La juventud argentina de Córdoba a los hombres libres de Sud América: Manifiesto de la F.U. *La Gaceta Universitaria.* Órgano de la Federación Universitaria de Córdoba. Córdoba, 21/06/1918.

[16] Cf. KOHAN, op.cit., p.68.

único e grande movimento de sublevação juvenil nas universidades do continente. Entretanto, nossa intenção não é, como Moraga Valle, denunciar historiadores "acríticos", mas apreender a Reforma Universitária em Córdova como um evento relevante, não por ser supostamente um *estopim* de um amplo movimento que perpassaria mais de uma década, e sim por ser tomada como um acontecimento significativo por grande parte de seus contemporâneos. Bem como porque o ambiente universitário ganharia cada vez mais relevância no debate do contexto estudado e na própria formação político-intelectual dos intelectuais estudados, como analisaremos a seguir.

O aspecto formativo é esperado de instituições educacionais, mas o que se destaca é a atuação estudantil, e mesmo docente, de se voltar para questões mais amplas, extrauniversitárias e de conhecimento formal (ainda que este também estivesse sob a mira dos estudantes), as sociais, ou seja, alçando para primeiro plano a atuação política no âmbito universitário. Ainda que não se possa dizer que é algo novo com relação à universidade, mesmo no caso latino-americano, estas ações alcançam um volume inaudito quando, neste período, se fundamenta no repertório intelectual de cunho socialista.

Pretendemos, assim, evitar os dois equívocos de interpretação sobre a Reforma apontados por José Alves de Freitas Neto, ou de restringi-la a seus aspectos internos, mais propriamente acadêmicos, ou de inscrevê-la tão somente como uma consequência de conjunturas macropolíticas. Conforme o autor:

> Um processo de reforma universitária com alcance continental, como foi o de Córdoba, exige uma abordagem que não cometa dois equívocos. O primeiro é que ele não pode ser analisado de forma restritiva, em que apenas os aspectos acadêmicos mais imediatos possam ser listados como bandeira estudantil, desencadeando mudanças na secular universidade argentina. O outro seria, no extremo oposto, pensar a greve universitária como uma reação às questões internacionais do pós-Primeira Guerra Mundial, a crítica ao imperialismo e a situação política da Argentina que absorvia um grande número de imigrantes e que ampliava os direitos políticos por meio de uma reforma na legislação eleitoral. Entre os dois pontos há demandas imbricadas que se apresentavam antes de 1918 e que tiveram desdobramentos posteriores. Por isso, nossa opção é buscar na história universitária argentina os pontos que nos parecem mais relevantes e contextualizados para compreender os alcances do movimento cordovês.[17]

É significativo o que Deodoro Roca escreve, no início do Manifesto, "Creemos no equivocarnos: las resonancias del corazón nos lo advierente: estamos pisando sobre una

[17] FREITAS NETO, José Alves de. A reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto por uma universidade latino-americana. *Ensino Superior Unicamp*, Campinas, 2011, p.63.

revolución, estamos viviendo una hora americana."[18] É esta a tônica principal dos documentos produzidos pela Reforma. Roca e seus companheiros buscam extrapolar as questões relativas à admissão dos professores na UNC ou da escolha do Conselho Universitário e se utilizam do motim para carregar outras bandeiras que também calavam fundo em seus contemporâneos e que foram acolhidas por eles.

4.2 Universidade: despertar político e compromisso intelectual

Ao final de 1918, depois de um ano de resistência impassível e barulhenta, que resultou em vitória, a federação de universitários argentinos (fundada na esteira dos eventos em Córdova) teria um exemplo de luta de sucesso para oferecer aos seus pares. Talvez isto, aliado a noção da similitude de problemas e à vontade revolucionária, seja um indício para percebermos a relevância dos acontecimentos em Córdova para os jovens universitários do período, como uma revolução que havia apenas se iniciado. Esta é a mensagem propagada pela também argentina Universidad de Santa Fé, em 1919, que fundaria sua federação estudantil antes mesmo de ser convertida em universidade:

> Vivimos en una hora única en la historia del mundo. De roces del entrevero, de los constantes choques de la refriega, nacieron en los pueblos, fuertes y graves, serenas y profundas, las ideas. Ya a nadie escandaliza este renacer glorioso que pone en cada pecho un motivo de júbilo infinito. Asistimos a un espectáculo que levanta, original caso de estímulo en que el hombre es anulado por el acontecimiento y los ideales se suceden vertiginosamente en una sed de perfección eterna.
> (...)
> Cansados estamos de escuchar promesas solemnes de labios de hombres buenos. Veintinueve años de vida apacible, de existencia caritativa, de desarrollo parsimonioso, (...) pudieron haberse soportado en épocas en que una verdadera oligarquía espiritual pretendió imponer su imperio en todo el mundo; no hoy que el derrumbe se ha iniciado por la digna encauzadora de la corriente, la valiente Córdoba actualista, que demostró en forma gallarda a veinte pueblos de América, de lo que es capaz una juventud cuando la alienta un gran ideal de justicia, cuando pone en sus resoluciones toda la fuerza característica de la raza.[19]

Alguns anos depois, em 1926, quando Enrique Cornejo Koster publica sua narrativa sobre o movimento estudantil peruano dos últimos sete anos, considera que as notícias sobre

---

[18] FEDERACIÓN UNIVERSITARIA DE CÓRDOBA, op.cit.. Na esteira da renovação nos quadros docentes, estimulados pela Reforma, o próprio Deodoro Roca assumiu, em Córdova, uma cadeira na Faculdade de Filosofia entre 1918 e 1921.

[19] FEDERACIÓN UNIVERSITARIA DE SANTA FE. La Federación Universitaria de Santa Fe al pueblo de republica [Argentina, 1919]. In: CUNEO, Dardo (org.). *La Reforma Universitária* (1918-1930). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978, p.13-14. A Universidad de Santa Fé (hoje Universidad Nacional del Litoral), com cursos de superiores desde 1889, foi federalizada apenas em 1919, sendo considerada "filha da Reforma". Em 1918, Antes mesmo de sua conversão em universidade, os estudantes criaram a Federación Universitaria del Litoral e participaram do primeiro encontro nacional de estudantes, sediado na ocupada Universidade de Córdova.

o “movimento e as conquistas dos estudantes argentinos” haviam sido “um tanto exageradas” na época. Mas vê nelas e nas campanhas oratórias do socialista argentino Alfredo Palacios em Lima (em 1919) atos fundamentais nas campanhas pela “revolución universitaria” no Peru:

> (...) llenaron el ambiente estudiantil de inquietud, encauzaron el descontento hacia un objetivo determinado, llevaron al espíritu de la masa estudiantil el convencimiento de la necesidad de reformar la Universidad, reforma que solo podía alcanzarse mediante métodos un tanto violentos.[20]

Ainda segundo Cornejo, mesmo que as notícias sobre Córdova pudessem ter sido desproporcionais, ele percebia o movimento em seu país como repercussão dos ventos reformistas soprados por seus companheiros da Argentina:

> El año 1918 comienza una nueva etapa en la vida de la juventud de América. El manifiesto que los muchachos de Córdoba lanzaron ese año a los hombres libres de todo el continente, vigoroso e magnífico llamado, encontró eco en todas las universidades latinoamericanas porque condensaba la vaga inquietud, la sorda rebeldía, la disconformidad inquietante de los estudiantes frente a la incapacidad y la ignorancia de los viejos profesores, frente a los arcaicos métodos, frente a un régimen universitario de insultante privilegio medieval.[21]

Para o revolucionário cubano Julio Antonio Mella[22], em entrevista a Arturo Roselló, em 1924, o movimento cordovês não tinha o papel de precursor no reformismo universitário do continente e nem tinha sido um vetor de um “contágio”. Mas Mella também entendia que reverberação reformista se devia aos instintivos sentimentos da juventude “americolatina” que, despertada pela Grande Guerra, questiona a cultura europeia como parâmetro civilizatório. Para Mella, essa aspiração comum e genuinamente latino-americana corria a América:

> Este movimiento - nos dijo [Mella] - se inició en Córdoba, en la Argentina, en el año 1918, y parece obedecer a un sentimiento, instintivo, simultáneo, de nuestra raza, porque no tiene precedente ni se funda en adaptaciones de iniciativas exteriores. De allí se extendió a Chile,

---

[20] CORNEJO KOSTER, Enrique. Crónica del movimiento estudantil peruano [1926]. In: MAZO, Gabriel del (org.). *La Reforma Universitaria* - Tomo II: Propagación americana (1918-1940). La Plata: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1941, p.16.

[21] Ibidem, p.15.

[22] Nascido como Nicanor MacParland, registrado apenas com o nome da mãe, mas criado pelo pai, Mella conseguiria o reconhecimento oficial da paternidade apenas na adolescência. Na ocasião, mudou não apenas seu sobrenome, abandonando MacPartland, mas adotando também outro nome próprio, Julio Antonio. Egrégio da militância estudantil, Mella foi fundador do Partido Comunista Cubano, em 1925. Neste mesmo ano foi preso, iniciando uma greve de fome que durou 18 dias e causou grande mobilização internacional, constrangendo o governo Gerardo Machado a consentir na expedição do *habeas corpus*. A mesma greve de fome que impulsionou sua notoriedade, ocasionou sua expulsão do PC cubano, que considerou o recurso à greve de fome um expediente “pequeno burguês”. Exilou-se no México e entrou para o PCM com a autorização da direção mundial da III Internacional, apesar da expulsão da secção cubana e dos protestos desta junto ao partido. Mella envolveu-se em múltiplas iniciativas e campanhas anti-imperialistas e é um dos agentes que abordamos com destaque no decorrer do trabalho. Para uma biografia detalhada do insurgente cubano Cf. HATZKY, Christine. *Julio Antonio Mella* (1903-1929): una biografía. Santiago de Cuba: Oriente, 2008.

> a Uruguay, a Perú, y a otras repúblicas de América. Lo original, lo prodigioso es que casi no ha obrado entre nosotros ninguna razón de contagio. Ha sido una aspiración común, de espontánea violencia, que la juventud americolatina ha sentido. La resultante de la guerra que asoló medio mundo, ha sido para la humanidad la brutal revelación de una verdad amarga. ¿Qué bienes se han derivado para la sociedad? ¿Qué provecho ha surgido de la falsa obra civilizadora? Después de lentos años de esfuerzos y de creación, estallan viejos rencores y toda esa labor se destruye, ¿con cuál objeto, con qué fin, en holocausto a qué progreso?[23]

Esta entrevista de Mella é ainda mais relevante para percebermos como a repercussão da Reforma foi sendo construída e alimentada por interpretações como esta. Na entrevista concedida a *Carteles*, com status de jovem liderança política, o então estudante de Direito não está fazendo uma retrospectiva, como Cornejo (também motivado por suas próprias questões políticas), mas justificando as ações do movimento estudantil cubano, para decretar na sequência: "Localizando el tema, diré que en Cuba la revolución es un hecho."[24] Podemos aventar como hipótese que a efervescência estudantil e obreira, que já se fazia sentir na ilha e no ano seguinte resultaria na explosão de uma bomba no centro de Havana - pela qual Mella foi preso -, tenha ganhado mais um elemento de reflexão (ou causa) após a entrevista em uma das revistas de mais sucesso no período.[25] Em um movimento recíproco, os estudantes se autorizavam coletivamente na "rebeldia espiritual de nuestra América", nas palavras de Mella, da qual Córdova teria sido a primeira fagulha e, por outra via, reforçavam a mitologia criada em torno da Reforma Universitária.

No âmbito desta pesquisa, nossa abordagem sobre a(s) Reforma(s) Universitária(s) não objetiva compreender o fenômeno em toda sua complexidade, mas sim perceber o papel do ambiente universitário na formação tanto de uma rede de debate anti-imperialista dos anos seguintes. Consideramos como indícios principais, os vários quadros políticos relevantes que advêm da militância estudantil e também a propagação de repertórios de ação política, entre teses e práticas, disseminado no caudal daquilo que ficou conhecido como *a* Reforma Universitária.[26] Para traçar essa linha, ainda que sutil, e perceber os reformistas

---

[23] MELLA, Julio Antonio. Sobre la revolución universitaria [Nuestras entrevistas, por Arturo A. Roselló. *Carteles*. Havana, Cuba, 23/11/1924]. In: *Escritos revolucionarios*. México, Siglo XXI, 1978, p.61.

[24] Ibidem, p.61.

[25] Fundada em 1919, o mensário de variedades *Carteles* viu sua demanda aumentar e passou a semanário em 1924. Com projeto gráfico e direção artística de Conrado Walter Massaguer, foi dirigida também por Alejo Carpentier e Emilio Roig de Leuchsenring. *Carteles*, Havana, Cuba (1919-1960).

[26] Marcelo e Maria Cristina Hayashi fazem um amplo levantamento sobre os artigos científicos sobre Reforma de Córdova que, segundo os autores resultam em quase uma centena e possuem grande amplitude temática, "(...) desde o significado desse movimento reformista (...) até seus impactos e projeção futura no contexto das universidades da América Latina e do Caribe." HAYASHI, Marcelo; HAYASHI, Maria Cristina. A Reforma de

universitários desta década como conjunto, utilizamos a categoria de *demandas*, compreendidas como unidades que, quando articuladas, conformam a unicidade de grupos. De acordo com Ernesto Laclau:

> (...) la unidad del grupo es, en nuestra perspectiva, el resultado de una articulación de demandas. Sin embargo, esta articulación no corresponde a una configuración estable y positiva que podríamos considerar como una totalidad unificada: por el contrario, puesto que toda demanda presenta reclamos a un determinado orden establecido, ella está en una relación peculiar con ese orden, que la ubica a la vez dentro y fuera de él.[27]

Esse projeto de nova universidade, com liberdade de cátedra e representatividade estudantil, pela qual lutavam os reformistas, demandava também outra inserção dos universitários ante as questões sociais. Esse, entretanto, era tema bem menos consensual entre os estudantes. Ainda em Córdova, Osvaldo Loudet, presidente da federação argentina, se colocava contra a adição de pautas não relacionadas de maneira direta à universidade: "Este es un Congreso Universitario [de 1918] y ha de estudiar los problemas con espíritu universitario. Quiero decir, que es todo ajeno a él, menos las cuestiones de pedagogía superior."[28] A pretensão de reduzir a ação do movimento aos limites da universidade foi constantemente tensionada entre os grupos de orientação socialista. A recém bem-sucedida Revolução Russa, alimentou sonhos e expectativas revolucionárias dos estudantes reformistas, como avalia o líder estudantil da Universidad Nacional de La Plata, Julio V. González, em 1923:

> La guerra europea, la revolución rusa y el advenimiento del radicalismo al poder en nuestro país, son las tres llaves que nos abren a las puertas a la verdad. Lo primero, bien lo sabemos, sacudió al mundo con la crisis más aguda que haya sufrido la humanidad desde la Revolución Francesa. La civilización occidental, con todos sus postulados, se presentaba en bancarrota, producía con ello el caos y daba así libre juego a todas las fuerzas que un sistema de civilización había encauzado por largos siglos. En medio de la desorientación, de la incertidumbre y del escepticismo que dominaba a los espíritus, aparece en el escenario la Revolución Rusa trayendo una luz nueva, ofreciendo ideales de humana redención, levantando una voz acusadora y profética al mismo tiempo. (...) La Revolución Rusa, que para la mirada fría de la historia, era un hecho escueto que obedecía a leyes inmutables, fue para media humanidad el símbolo de un idealismo rebelde y reconstructor.[29]

Córdoba de 1918: Estado do Conhecimento Baseado em Artigos Científicos (1978-2018). *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, vol.5, 2019, p.19.

[27] LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015 (1ªed. 2005), p.9.

[28] LOUDET, Osvaldo. Primer Congreso de la FUA, julio de 1918 *apud* BORCHES, Carlos. A 90 años de la Reforma Universitaria - Córdoba se redime. *La Ménsula*. Revista do Programa de Historia de la Facultad de Ciencias Exactas y Narurales, UBA. Buenos Aires: año 2, nº5, agosto de 2008, p.6.

[29] GONZÁLEZ, Julio V. Significado de la Reforma Universitaria [1923]. In: CUNEO, Dardo (org.). *La Reforma Universitária* (1918-1930). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978, p.188. Julio V. González é considerado o primeiro historiador da Reforma, seu primeiro livro sobre o tema foi publicado em 1922, quando era ex-presidente da federação argentina e "socio correspondiente" da federação estudantil do Peru, títulos que

A vida universitária foi assim entendida para muitos jovens como um despertar para a política, seu primeiro campo de luta e mesmo a revelação das grandes implicações da vida pública. Essa é a leitura de Raúl Roa, em 1936, sobre as vidas de seus recém-falecidos amigos, os também cubanos, Rubén Martínez Villena e Julio Antonio Mella, o primeiro morto em 1934 vivendo na clandestinidade em seu próprio país, e o segundo assassinado a mando do ditador Gerardo Machado, em 1929. De acordo com Roa:

> El ambiente universitario, por su parte, operará sobre Rubén como un tónico poderoso. Bajo el laurel centenario fermenta la vida y el futuro se atisba sobre la realidad del presente. Tuvo allí, a su sombra fragante y cargadas de trinos, como Julio Antonio Mella más tarde, *la revelación turbadora y confusa de la realidad circundante, del mundo político*, hasta entonces inexistente para él. Y era hosca y era fea, y toda estaba enturbiada por un humo hediondo de apetitos oscuros y pasiones bajas, de pugnas comineras y sangrientas por el mangoneo de la cosa pública y del predominio cada vez más amenazante y letal de los intereses norteamericanos en la economía y control del país, aquella realidad súbitamente revelada.[30]

Avaliação semelhante à de Deodoro Roca, em 1936, que vincula este despertar social do estudantado não apenas à vida universitária, mas diretamente à Reforma de 1918, da qual havia sido um dos mais destacados líderes. A memória da luta, o impacto nas gerações seguintes - lembrando que em 1936 já haviam se passado quase vinte anos -, e sobretudo o "descobrimento" da raiz social e de política pública dos problemas da universidade, fora para Roca o grande florescimento daquela geração, imbuída da sua missão histórica de transformação social. Nas palavras de Roca:

> La Reforma fue todo lo que pudo ser. No pudo ser más de lo que fue, en drama y actores. ¡Dio de sí, todo! Dio pronto con sus límites infranqueables. Y realizó un magnífico descubrimiento. Esto solo la salvaría: al descubrir la raíz de su vaciedad y de su infecundidad notoria, dio con este hallazgo: "Reforma Universitaria" es lo mismo que "reforma social". Sin reforma no puede haber Reforma Universitaria. En la memorable lucha, la Universidad fue para la juventud una especie de microcosmos social. Descubrió el problema social. Y ligado a su dramático destino. Bien pronto advirtió que Estado, Sociedad, Universidad, se alimentaban de la misma amarga raíz.[31]

Além do despertar, apontado por Roa e Deodoro Roca, a universidade dispunha aos estudantes variados acervos bibliográficos que chamavam atenção daqueles preocupados com temas políticos e sociais. Retomando o relato de Cornejo Koster, temos algumas pistas da

---

ostenta na primeira folha da obra. GONZÁLEZ, Julio V. *La Revolución Universitaria 1918-1919*. Buenos Aires: Nosotros, 1922. Só na década de 1920, González publica três livros sobre a Reforma.

[30] Bibliografia escrita por Raúl Roa dois anos após o falecimento de Rubén Martínez Villena, acrescida como prólogo a coleção póstuma de poemas de Martínez, *La Pupila Insomne*. ROA, Raúl. Prólogo (Bosquejo biográfico). In: MARTÍNEZ VILLENA, Rubén. *La Pupila Insomne*. La Habana: Editorial Lex, s.d (1ªed.1936), p.21-22, grifo nosso.

[31] ROCA, Deodoro. Encuesta. *Flecha*. Córdoba, Argentina, 15/06/1936.

formação dos estudantes peruanos em inícios dos anos 1920. O autor destaca a atuação de alguns professores na formação intelectual dos universitários, em especial, a revolução operada pelo filósofo Pedro Zulen. Quando assumiu a direção da biblioteca da Universidad de San Marcos, o professor Zulen renovou seu acervo com "ideias contemporâneas", nas quais se destacam as socialistas e comunistas:

> Además Zulen, como director de la biblioteca de la universidad [San Marcos, Lima], la renovó totalmente. Creó una sección llamada "Ideas contemporáneas", que fue la más consultada. Lenín, Trotky [sic], Marx, Engels, Spengler, Freud, Born, Einsten, Russell [sic], Croce, y muchos más de los más notables pensadores y escritores representativos del pensamiento contemporáneo, eran frecuentemente leídos, y lo eran a tal punto que al publicarse la estadística de libros consultados en la biblioteca, los diarios gubernistas la llamaron, poniendo el grito en el cielo, "*sucursal de Moscú*".[32]

Essa era também a posição de um dos intelectuais mais relevantes na época, o ítalo-argentino José Ingenieros, que dois anos antes da Reforma em Córdova havia publicado *La universidad del porvenir*. Ingenieros preconizava que a universidade deveria ser adaptada ao seu meio social, bem como prover uma formação universitária que capacitasse o cientista com "técnicas de economia social" para intervir neste meio de forma a alcançar o bem comum:

> El nuevo ideal [universitário] se manifiesta como tendencia a aumentar la función social de la cultura, que no debe considerarse como un lujo para entretener ociosos sino como un instrumento capaz de aumentar el bienestar de los hombres sobre el planeta que habitan. Mientras la enseñanza superior fue un monopolio reservado a las clases privilegiadas, se explicaba que las Universidades viviesen enclaustradas y ajenas al ritmo de los problemas vitales que mantenían en perpetua inquietud a la sociedad (...). La cuestión, en nuestros días, tiende a cambiar sustancialmente; las Universidades comienzan a preocuparse de los asuntos de más transcendencia social y las ciencias se conciben como instrumentos aplicables al perfeccionamiento de las diversas técnicas necesarias a la vida de los pueblos.[33]

---

[32] A referência de Cornejo Koster às estatísticas da biblioteca se relaciona ao trabalho de biblioteconomia do professor Zulen. Formação que havia adquirido em Harvard, sendo o primeiro a exercê-la no Peru. Atualmente, Pedro Zulen dá nome a principal biblioteca da Universidad de San Marcos. CORNEJO KOSTER, op.cit. p.15, grifo no original. Edgar Carone faz um levantamento sobre as principais edições europeias e o volume de tiragem das obras de Marx e Engels entre 1845 e 1914, destacando-se a proeminência das edições alemãs, seguidas pelas inglesas e, a partir de 1895, um crescimento expressivo do mercado editorial marxista na Itália. É possível observar também quais são as obras mais editadas, e provavelmente mais lidas, como *Manifesto Comunista* (Marx e Engels), *Contribuição à crítica da economia política* e *O Capital Livro I*, ambos de Marx. Cf. CARONE, Edgard. O marxismo no Brasil - das origens a 1964 [texto de 1986]. In: *Leituras marxistas e outros estudos*. SECCO, Lincoln; DEAECTO, Marisa Midori (org.). São Paulo: Xamã, 2004.

[33] Ingenieros trocou correspondência com os estudantes de Córdova e enviou um artigo para ser publicado em *La Gaceta*, um apoio de bastante prestígio para a causa da reforma cordovesa. INGENIEROS, José. *La universidad del porvenir*. Buenos Aires: Ateneo del Centro de Estudiantes de Medicina, 1920 (1ªed. 1916), p.78. A trajetória intelectual de Ingenieros começa com a criação socialista advindas dos pais, militantes que fugiram de perseguição política na Itália quando ele ainda era criança; jovem médico e intelectual conhecido na América e na Europa, especialista em psicologia e criminalogia, Ingenieros voltou seus estudos para o positivismo e o

As sucessivas reavaliações, em coletâneas, memórias, estudos e homenagens às quais o movimento reformista foi submetido nos últimos cem anos – como as de Gabriel del Mazo, González, Cornejo, Portantiero, Cúneo e tantas outras – evidenciam a tessitura de uma narrativa de grandiosidade que foi compondo as memórias da Reforma desde seus inícios e, ainda, revelam ênfases de análise despertadas pelas emergências políticas vividas por estes *bardos* da Reforma. Uma delas, particularmente interessante para o nosso trabalho, foi o questionário promovido em 1936 por Deodoro Roca em comemoração aos dezoito anos da Reforma e publicada em seu periódico *Flecha*.[34]

As seis perguntas do questionário, elaborado por Roca, têm três eixos temáticos: um de balanço, das perguntas 1 e 2, que pede aos entrevistados que definam o que foi a Reforma, o que ela alcançou e o que não conseguiu fazer; outro que admite a Reforma como uma questão presente, e pergunta o que ela *é* e o que ainda pode vir a ser (questões 3 e 4); e por último, nas perguntas 5 e 6, uma proposta comparativa, que inquire sobre semelhanças e diferenças entre o estudante e o professor de 1918 e o de 1936. Sintetizando o questionário, Roca diz querer amenizar as discordâncias de opinião, mas, sobretudo, saber se a Reforma "¿Es una cosa muerta, o es cosa viva?"[35]

A entrevista era fechada e a lista de convidados tinha mais de 100 nomes e apresenta a seguinte justificativa: "Y hemos invitado todos aquellos que nos parece tienen alguna significación en el movimiento reformista, caracaterizada posición en uno u otro lado, por sua labor universitaria, por haber sido responsables, en alguna medida. Y también protagonistas."[36] Todavia, foram publicadas apenas 28 respostas no decorrer de três edições da revista quinzenal. Entre elas, contemporâneos ao movimento reformista, como Julio V. Gonzalez, os irmãos, ambos ex-reitores da UNC, Enrique e José Benjamín Barros, o próprio Deodoro Roca, e os então jovens, Dardo Cúneo e Sergio Bagú.[37]

---

evolucionismo; na década de 1920 trabalhou pela denúncia do imperialismo e promoveu a formação da associação anti-imperialista *Unión Latinoamericana*. Cf. NEIVA, Ruth Cavalcante. A trajetória intelectual de José Ingenieros: constâncias e rupturas. *Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC*, Campo Grande - MS, 2016.

[34] A revista *Flecha* circulou entre 1935 e 1936 e teve 17 números, a única coleção que se conservou foi a que havia sido encadernada pelo próprio Deodoro Roca, bastante deteriorada, foi doada por Horacio Sanguinetti ao CeDInCI (Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas) e está disponível no Portal AMÉRICALEE: CeDInCI: http://cedinci.org/; AMÉRICALEE http://americalee.cedinci.org/. Sobre a importância desta revista na trajetória intelectual de Roca Cf. BERGEL, Martín. *Flecha*, o las animosas obsesiones de Deodoro Roca. *AMÉRICALLE*, Buenos Aires, s/d. Acesso: 29/10/2019. http://americalee.cedinci.org/wp-content/uploads/2016/12/FLECHA_ESTUDIO.pdf

[35] Neste número, além das perguntas, há a divulgação da lista completa de convidados para responder ao questionário. FLECHA. Encuesta - La Reforma Universitaria. *Flecha*, Cordoba, 01/06/1936, primeira página.

[36] Ibidem, primeira página.

[37] Lista completa numerada conforme a sequência original: Na edição de 15 de junho: 1- (Ex-Consejero y Profesor), 2- Enrique A. Puccio (Estudiante), 3- Saúl Taborda (Ex-Rector del C. Nacional de La Plata), 4- Juan

As interessantes diferenças interpretativas, que analisaremos na sequência, nos levaram a refinar a pesquisa sobre cada um dos entrevistados. Com especial atenção para a geração a qual pertenciam, considerando os dezoito anos que separam as duas datas, percebemos que quase metade eram de contemporâneos ao início do movimento (15 autores) e, os outros 13 indivíduos eram bem mais jovens, nascidos depois de 1910.[38] Há o evidente interesse de Roca em ampliar geracionalmente a amostragem dos entrevistados, visto que vários dos convidados eram jovens. Mas o interesse parece ter sido maior que o esperado, haja vista que enquanto todos os contemporâneos geracionais de Roca estavam entre os chamados para responder à pesquisa, entre os jovens, 6 dos 13 não haviam sido requeridos, inclusive Dardo Cúneo.

Esta análise nos possibilitou perceber um significativo deslocamento de interpretação da Reforma. Enquanto, pelo menos até 1925, o imperialismo é incomum nas análises sobre o tema, no balanço promovido por Roca, o tema aparece com destaque em ao menos seis das entrevistas. Notadamente entre aqueles nascidos por volta de 1910. Além do aprista[39], Enrique S. Portugal, taxativo ao considerar "el movimiento aprista peruano, producto de la

---

Filloy (Magistrado y Escritor), 5- Carlos Brandan Caraffa (Profesor), 6- Juan E. Zanetti (Estudiante), 7- Horacio Miravet (Ex-Presidente de la F.U), 8- Antonio Navarro (Profesor), 9- José Martorelli (Ex-Secretario del C.E. de Medicina), 10- José Benjamin Barros (Ex-Rector de la Universidad), 11- Deodoro Roca (Ex-Profesor y Ex-Consejero), 12- Jorge Orgaz (Profesor), 13- Dardo Cuneo (Estudiante), 14- Paulino Gonzalez Alberdi (Escritor), 15- Alberto May Zubiría (Ex-Presidente de la F.U.A), 16- Vicente Mocciaro (Estudiante), 17- Ismael C. Bordabehere (Ex-Presidente de la F.U. del 18 y Ex-Rector), 18- Sergio Bagu (Ex-Presidente de la FUA), 19- Raúl A. Orgaz (Profesor), 20- Marcos Meeroff (Ex-Presidente de la FU), 21- Enrique Barros (Ex-Presidente de la FU), 22- Adelmo R. Montenegro (Presidente de la C. del Maestro), 23- Tomas Bordones (Ex-Presidente de la F.U). E no número seguinte, de 01 de julho, por terem chegado atrasadas à redação, as respostas de 24- Emilio Baquero Lazcano (Professor); 25- José Lopez Gonzalez (Ex-Presidente de la C. de D.); 26- Enrique S. Portugal (Dirigente aprista del Perú), 27- Sergio Mayor (Ex-Secretario de [ilegível]) e finaliza apenas na edição seguinte (21/07) com 28- Mario Carlisky, sobre quem não traz nenhuma informação.

[38] Quase não há informações sobre alguns dos sujeitos, mas comparamos dados sobre a época de exercício profissional ou de filiação aos movimentos estudantis. E, mesmo a falta de referências pesou em alguns casos, pois é possível considerar que os contemporâneos que Roca chamou para responder a *encuesta* já tinham cerca de vinte anos de atuação pós vida estudantil, enquanto os mais jovens que não seguiram carreiras acadêmicas de notoriedade, como Cúneo e Bagú, pudessem ter deixado poucos registros. Segue em anexo (*Encuesta* de *Flecha,* 1936), em um conjunto separado dentro do Anexo 1 (de biografias), os dados sobre os intelectuais que responderam ao questionário, classificados pelo critério geracional que usamos neste estudo.

[39] É importante pontuar que o APRA ou PAP (Partido Aprista Peruano), existe como partido desde 1930, formado a partir da Aliança que lhe dá nome (que tem como data simbólica de fundação 07 de maio de 1924), é um agrupamento político ativo há quase cem anos. Portanto, uma análise mais detida de sua trajetória política está fora do escopo do nosso trabalho, que irá circunstanciá-lo no período estudado, com ênfase nos anos finais da década de 1920. Do mesmo modo, não nos cabe analisar a vida política do seu conhecido líder, Haya de la Torre. *El jefe*, como era chamado pela militância de seu partido, construiu uma liderança inconteste para seus correligionários, entremeada por uma aura de culto à personalidade também bastante conhecida. O Haya de la Torre que acompanhamos até 1935 em sua luta anti-imperialista teria mais 44 anos de carreira política, nos quais se tornaria uma figura marcante na história peruana do século XX, com uma série de viragens político-ideológicas que também não temos condições de acompanhar neste trabalho. No decorrer da tese, referenciamos alguns dos trabalhos se dedicam a esses temas. Nossa escolha em usar o artigo feminino "a" para nos referirmos ao movimento, se orienta por uma diferenciação entre a *Alianza*, de atuação continental, e o partido político peruano.

Reforma"[40], a mencionam também Enrique Puccio, Juan Zanetti, Sergio Bagu, Adelmo Montenegro e, o único dentre estes de fato contemporâneo à Reforma, Gonzalez Alberdi.

A menção ao aprismo é importante por se tratar de um dos movimentos anti-imperialistas latino-americanos mais destacados do período, rivalizando na América Latina com os comunistas filiados à III Internacional. Composto majoritariamente por peruanos, a *Alianza Popular Revolucionaria Americana*, foi formada, a partir de 1924, como um programa de frente única de combate ao imperialismo. Em 1936, ano do questionário, a APRA já tinha se oficializado como partido político no Peru, e eleito alguns de seus quadros nas eleições legislativas de 1931. Mesmo ano em que seu líder, Víctor Raúl Haya de la Torre, concorreu à presidência do país pela primeira vez.

Na *encuesta* de Roca, entre impressões mais amenas, de certa intuição da questão imperialista pela juventude de 1918 à sentença de Puccio, de que a Reforma "constituyó objetivamente una insurgencia antiimperialista"[41], há a incorporação do tema do imperialismo na percepção sobre a Reforma Universitária e do próprio entendimento do papel político, propiciado e exigido pela vida universitária.[42] A militância anti-imperialista que, *grosso modo*, completava pouco mais de dez anos em 1936, parece constituir para a juventude que a sucedia nas universidades, um repertório de importância significativa na compreensão das questões políticas do presente e *passadas*.

Deodoro Roca, após reunidas e publicadas as entrevistas, fez uma breve avaliação sobre seus resultados. Ao mesmo tempo que admite que dificilmente os depoimentos acrescentaram algo ao que já era sabido pela Reforma, ele despreza esse saber sobre o passado e o compara

---

[40] PORTUGAL, Enrique. Encuesta - La Reforma Universitaria. *Flecha*, Cordoba, 01/07/1936, p.2. Enrique Portugal era um dos exilados peruanos que compunham a célula aprista na Argentina, que tinha como principais nomes Luis Heysen e Manuel Seoane. Todavia, quando responde ao questionário de *Flecha* como aprista, Portugal já havia sido considerado expulso do partido acusado de ser um "agente provocador". As suas divergências com Seoane, a quem chama de "miserable y canallita fascio-aprista" e sua defesa pública de uma frente que incluísse os comunistas culminaram na sua expulsão sumária pela executiva do partido em Buenos Aires em abril de 1936. Notícia que recebeu pelo telefone, como conta no artigo *Yo, "agente provocador"*, publicado também em *Flecha*. Apesar disso, Enrique Portugal continua se afirmando como filiado ao movimento, mais precisamente da "izquierda aprista", em contraposição a Seoane. Dado que demonstra a amplitude da APRA, na década de 1930, como movimento, a despeito de sua condição de partido. Período crítico para o aprismo, que sofria forte persecução no Peru e que acentuava viragens ideológicas e um exacerbado anti-comunismo que afastaria vários de seus quadros fundadores, como Portugal. PORTUGAL, Enrique. Yo, "agente provocacor". Consideraciones aclaratorias acerca de mi expulsión del Partido Aprista (Buenos Aires, 20/04/1936). *Flecha*, Cordoba, 01/05/1936, p.3.

[41] PUCCIO, Enrique A. Encuesta. *Flecha*. Córdoba, Argentina, 15/06/1936, p.4. Não há mais informações de Puccio, além de sua presença em listas estudantis da década de 1930 e uma possível atuação na área de medicina.

[42] Mesmo fora do tema do nosso trabalho, cabe mencionar como nas entrevistas o problema do fascismo aparece nas análises, sobretudo denotando um deslocamento do conservadorismo dos anti-reformistas de outrora para a ideologia fascista de meados da década de 1930. Há ainda referências à política argentina de então, que vivia um período de repressão que se seguiu ao golpe de estado de 1930; período que ficaria conhecido como "Década Infame".

a despojos e cadáveres a serem jogados na lata do lixo. Para o ex-líder do movimento estudantil cordovês, a Reforma não era importante por seu histórico, mas por seu devir, sempre reposto na luta política demandada pelo enfrentamento dos problemas sociais:

> Ponemos punto final a la encuesta de la "Reforma". ¿De "lo que fue", sabemos más que antes? No es probable. Pero dejemos su túnica para que otros se la repartan. Sabemos más - y es lo que importa - de "lo que es", porque esto lo vivimos, y porque es renovada creación. Ahí los "ataja-caminos". Los necrófagos. La fruición de los cadáveres. Para ellos los despojos. El pasado inconcluso o muerto. Para eso y para ellos, nueve dioptrías. Los despojos. El cajón de basuras. Para nosotros, lo que es, lo que pugna por ser, lo que queremos que sea, lo que será.
>
> (...)
>
> Pero expresiva de cuanto en la fenecida encuesta se ha venido destacando como nota fundamental: la Universidad cumple un servicio social. El problema de la cultura está inseparablemente unido al problema social.[43]

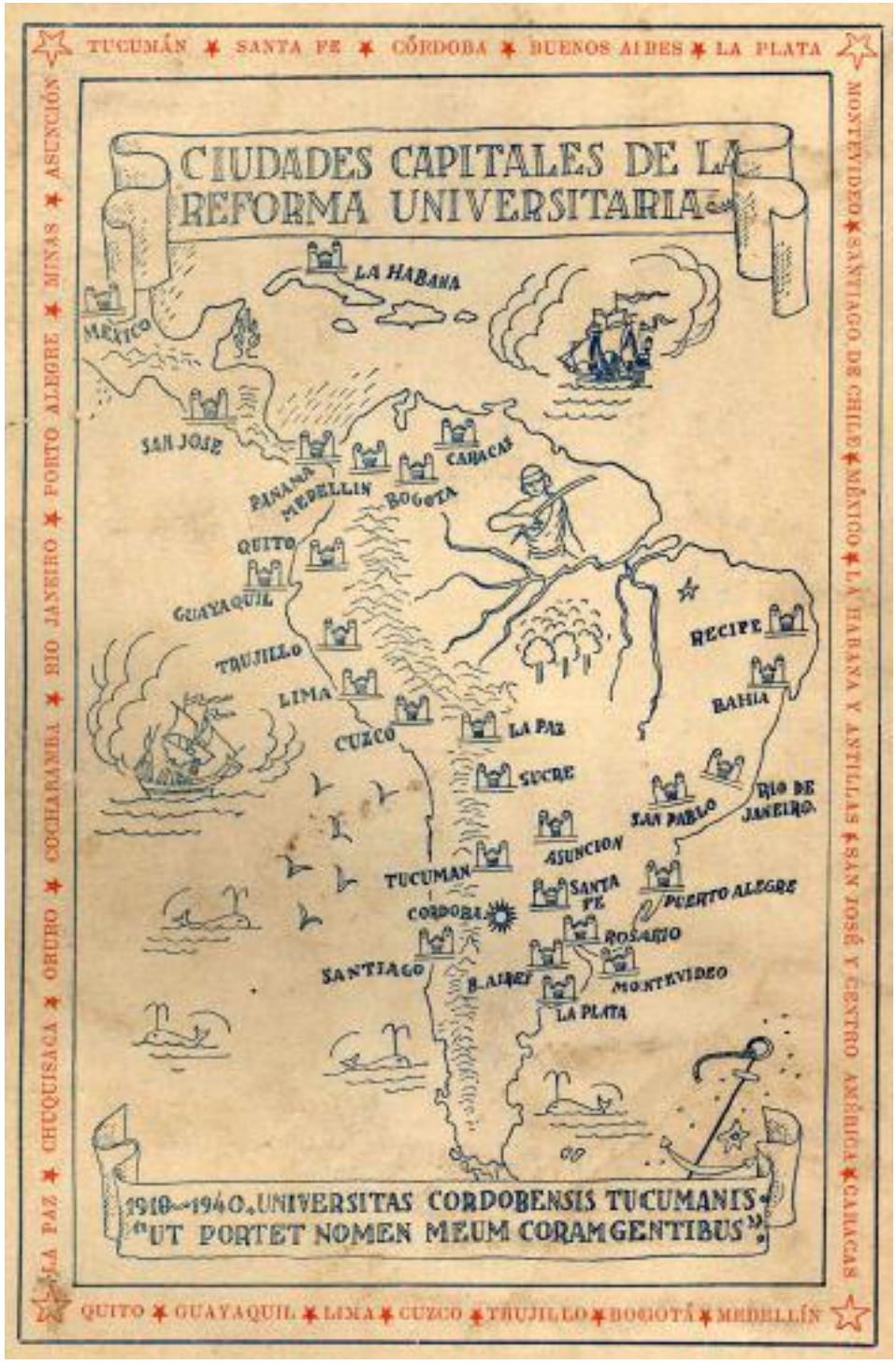
Encerramos essa reflexão sobre a Reforma com os livros da trilogia reunida por Gabriel del Mazo e impressa pelo Centro de Estudiantes de Ingeniería de La Plata, em 1941. Os três tomos, *El Movimiento Argentino*, *Propagación Americana* e *Ensayos Críticos* trazem documentos de 1918 a 1940 produzidos por federações e grupos estudantis de todo o continente, agrupado sob o título geral de *La Reforma Universitária*.[44] Ainda que muitos destes documentos não tenham relação direta com os reformistas argentinos ou sequer se referencie neles, a forma de unicidade é reforçada (deliberadamente ou não).

A *portada* da coletânea de Mazo deixa poucas dúvidas a este respeito. Traz um grande mapa da América Latina, estilizado como cartografia antiga, em fonte gótica e dizeres em latim. Apresentando, sob o estandarte "Ciudades capitales de la Reforma Universitaria" cada uma dessas universidades que fariam parte da *cruzada* do movimento reformista:

---

[43] ROCA, Deodoro. Punto final. *Flecha*, Córdoba, 21/07/1936, p.3. Dioptria é a unidade de medida dos "graus" na Ótica, que afere o poder de refração de uma lente. A expressão "nueve dióptrias" sugere uma metáfora com miopia, doença que afeta a refração no olho humano e é considerada alta quando superior a 6 dioptrias.

[44] MAZO, Gabriel del. *La Reforma Universitaria*. Tomo I - El Movimiento Argentino (1918-1940). La Plata: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1941; *La Reforma Universitaria*. Tomo II - Propagación Americana (1918-1940). La Plata: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1941; *La Reforma Universitaria*. Tomo III - Ensayos Críticos (1918-1940). La Plata: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1941.



Ciudades capitales de la Reforma Universitaria[45]

[45] O desenho, que ocupa uma página inteira, não está assinado e aparece nos três tomos da coletânea. As cidades que aparecem marcadas no mapa são: *México*, *La Habana*, *San José* (Costa Rica), *Panamá*, *Medelli* e *Bogotá* na Colômbia; na Venezuela, apenas *Caracas*; as equatorianas, *Quito* e *Guayaquil*; no Peru, *Trujillo*, *Lima* e *Cuzco*; na Bolívia, *La Paz* e sua capital, *Sucre*; a paraguaia, *Asuncion*; seis cidades argentinas, *Tucuman*, *Cordoba*, *Santa Fe*, *Rosario*, *Buenos Aires* e *La Plata*; *Montevideo*; e *Puerto Alegre*, *San Pablo*, *Río de Janeiro*, *Bahia* e *Recife* no Brasil.

4.3 Universidades populares: *un ensayo práctico*

> Nos hablaba Haya de la Torre de algo de astronomía, y nos decía, bueno, estos luceros que ven ustedes es la constelación tal, la constelación cual, y esta es la Osa Mayor, la Osa Menor. Claro, yo no había tenido la ocasión de ver el cielo así, con explicaciones...
> Julio Portocarrero

O compromisso ético-político com as questões de "transcendência social" que guiava ações dos universitários politicamente engajados estimulou iniciativas como as chamadas *universidades populares*. Os estudantes, em geral com pouco apoio institucional ou docente em suas universidades de origem, buscaram realizar suas demandas de transformação social, investindo na educação e formação política dos trabalhadores.

Os poucos experimentos de educação popular universitária realizados antes de 1918 diferem desse modelo, primeiro por não se caracterizarem como extensão universitária, a efêmera *Universidad Popular de Buenos Aires* (1904) foi fundada pelo Partido Socialista Argentino e a *Universidad Popular Mexicana* (1912-1920) é obra da associação de intelectuais, *Ateneo de Juventud* (1909). A universidade do *Ateneo* também contrasta com as iniciativas posteriores pois, de acordo com sua filiação arielista, visava a elevação cultural e humanística das classes populares, ou oferecê-la "remédios de alma"[46], por meio de conferências periódicas em horários acessíveis aos trabalhadores, mas se afastava de questões políticas e religiosas, que eram vedadas aos professores.[47] Essas iniciativas, chamadas por eles de "universidade" não se caracterizam como instituições universitárias no sentido estrito do termo (com titulação e reconhecimento estatal), mas parece ser uma nomenclatura que visa valorizar o trabalho de ensino junto à população. O termo "universidade popular" se difunde nesta acepção de trabalho educacional não normatizado e assistindo por estudantes e jovens intelectuais preocupados com sua "moderna e civilizadora búsqueda del pueblo".[48] Busca e formação do povo que ganhará outros contornos.

---

[46] UNIVERSIDAD POPULAR MEXICANA. La Universidad Popular Mexicana y sus primeras labores [México-DF, 1913] *apud* KRAUZE, Enrique. *Caudillos culturales en la Revolución Mexicana*. México-DF: Siglo Veintiuno, 2008 (1ªed. 1976), p.50.

[47] A Universidad Popular Mexicana sobreviveu à dispersão dos ateneístas em 1913 e funcionou até 1920, não sem mudanças em suas diretrizes. Sobre o *Ateneo de la Juventud*: GARCÍA MORALES, Alfonso. E*l Ateneo de México* (1906-1914). Orígenes de la cultura mexicana contemporánea. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-americanos, 1992; KRAUZE, op.cit..

[48] MELGAR BAO, Ricardo. Las universidades populares en América Latina 1910-1925. *Pacarina del Sur,* México-DF, nº38, 2019.

No final da década de 1910, as universidades populares se multiplicam na América Latina, tendo em comum a iniciativa estudantil (sobretudo das federações nacionais), de temática e formato voltados para o trabalhador e de forte conteúdo político. A primeira é a chilena *Universidad Popular Lastarria*[49]; seguida pela de Porto Rico (1918), fundada pelo argentino Júlio R. Barros; a do México, de 1921 que, diferente das demais, tinha apoio governamental a partir da atuação do secretário de Educação, José Vasconcelos; a guatemalteca, atualmente em atividade, tendo sido proscrita entre 1932 e 1944 durante a ditadura de Jorge Ubico Castañeda; e, os dois casos mais relevantes para o nosso estudo, ambas de 1923, a *Universidad Popular González Prada*, que oferecia cursos em três outras cidades peruanas além da capital; e a cubana *Universidad Popular José Martí*.[50] Nestas últimas se forjarão duas importantes lideranças da militância anti-imperialista na década, respectivamente Víctor Raul Haya de la Torre e Julio António Mella.[51]

A formação humanística, que fundamentava a universidade ateneísta mexicana de anos antes, ficava em segundo plano nos projetos das universidades populares conformadas a partir da militância estudantil. Em atuação conjunta com lideranças obreiras, sindicais e também com a intelectualidade extra-acadêmica, as universidades populares ofereciam cursos noturnos e de fim de semana. Em geral a formação era voltada para os ofícios dos trabalhadores locais e se ocupavam da alfabetização quando necessário. A vida privada do operariado era do mesmo modo era objeto de intervenção das universidades populares, que ministravam classes sobre medicina preventiva, profilaxia venérea, puericultura e combate ao alcoolismo. O primeiro número da revista peruana *Claridad*, dirigida por Haya de la Torre, traz o programa da *Universidad Popular*, que compreendia "Secciones para adultos

---

[49] O nome dado à universidade popular chilena homenageava o político e advogado José Victorino Lastarria (1817-1888), que fez parte do quadro de professores fundadores da Universidade do Chile (1843).

[50] Sobre as Universidades Populares na América Latina: MELGAR BAO, op.cit.; CARRETTA-BELTRÁN, Claudia. Del trabajo al centro cultural. La Universidad Popular Mexicana (1912-1920) y su papel en la construcción del "nuevo ciudadano". *Latin American Studies Association*, Dallas, Texas, 2003; e PRUNEDA, Elvira. La permanencia de la Universidad Popular Mexicana durante la Revolución. 1912-1920. Ambos em: *Pacarina del Sur,* México-DF, nº38, 2019.

[51] Alguns anos depois, Haya de la Torre fundará a APRA (ver nota 39 deste capítulo), movimento que se estrutura, em seus inícios em torno da militância estudantil peruana e, em especial, do trabalho pela *Universidad Popular*. A partir de 1925, Julio Antonio Mella ganhará destaque como liderança comunista. Também egrégio do movimento universitário, Mella conheceria Haya de la Torre em novembro de 1923, quando o peruano, então perseguido político, ministrou conferências na Universidade de Havana e participaria da fundação da *Universidad Popular José Martí*, que trataremos na sequência. A edição do diário *La Noche*, de Havana, de 04 de novembro de 1923, traz na capa uma fotografia da inauguração da José Martí na noite anterior. Na imagem, ao centro está Eusebio Hernández, médico obstetra, então com 70 anos, e ao seu lado Víctor Raúl Haya de la Torre e Julio Antonio Mella. LA NOCHE. *La fundación de la Universidad Popular José Martí.* La Noche, Havana, 04/11/1923. No final da década de 1920, ambos já reconhecidas lideranças anti-imperialistas, estariam em lados opostos da mesma luta, Mella nas fileiras da III Internacional comunista e Haya engajado em formar sua própria frente de atuação de matriz nacionalista.

analfabetos de ambos sexos", "Cursos de generalización y cursos de especialización orientación prática y máxima capacitación del trabajador en su propio trabajo", "Enseñanza y divulgación artística"; "Cursos de Ciências Naturais e Físicas"; e "Medicina Social", com programa de "Higiene general, de vulgarización sobre enfermedades epidémicas de higiene sexual y una intensa campaña antialcohólica (...)."[52]

O relato de Cornejo Koster, ao qual nos referimos anteriormente, dedica várias páginas ao histórico e funcionamento da *González Prada* que, naquele momento, 1926, passava por sérias dificuldades com a maioria de seus professores presos ou exilados, inclusive o próprio autor.[53] Na defesa que faz da universidade e da atuação de seus companheiros na formação dessas instituições, na qual sobressai a figura de Haya de la Torre. Cornejo destaca ainda a orientação revolucionária que segundo ele era oferecida na universidade, com conferências "de índole diversa: cuestiones sociales, organización obrera, orientación revolucionaria de la clase trabajadora" e o trabalho extraclasse, que consistia em participar das greves dos trabalhadores e ganhar aos poucos a confiança deles, conquista que ele atribui a Haya:

> El tesón de Haya e de una minoría, que en muchas ocasiones estuvo compuesta por cuatro estudiantes; la orientación abiertamente revolucionaria que adquirió, la cual se puso de manifiesto no solo en la orientación de la enseñanza, sino en las campañas oratorias de Haya de la Torre entre los trabajadores de Lima y pueblos vecinos a favor de la consciencia de clase, y el hecho de que la universidad popular se pusiera siempre al lado de los proletarios en toda huelga o conflicto de otra índole, ganaron poco a poco la confianza obrera.[54]

Enrique Cornejo Koster se refere assim àquela que seria a etapa da formação da universidade popular como extensão universitária no Peru. Segundo o autor, a Universidad Popular, que só ganharia o nome de González Prada em 1923, "para distinguirla de la que los conservadores trataban de formar", foi fundada em 1921 pelos estudantes devido ao encaminhamento feito pela Federación de Estudiantes em 1920 pelo seu presidente Juan F. Valega e que havia sido delegada a Haya de la Torre.[55] Dessa forma, o currículo e as linhas de atuação apresentadas pela *González Prada* no início de 1923 seriam resultado de pelo

---

[52] CLARIDAD. Página de la Universidad Popular González Prada. *Claridad,* Organo de la juventud libre del Perú. Lima, maio de 1923, p.9-10.

[53] Na primeira nota de rodapé há a seguinte lista: "Los professores deportados fueron: Haya de la Torre, Oscar Herrera, Luis F. Bustamante, Eudocio Ravines, Luis Heysen, Nicolás Terreros, Esteban Pavletich, Jacobo Hurwitz, Julio Lecaros, Alberto Delgado y Enrique Cornejo Koster." CORNEJO KOSTER, op.cit.,, p.22.

[54] Além das conferências, cursos e greves, Cornejo Koster dá grande destaque às festas que a universidade realizava com os trabalhadores. CORNEJO KOSTER, op.cit., p.21.

[55] Consta na documentação a adição, de autoria de Haya de la Torre, das Universidades Populares na ata do Congresso: "4º - La Universidad Popular tendrá intervención oficial en todos los conflictos obreros, inspirando su acción en los postulados de justicia social. - Adición Haya de la Torre." PRIMER CONGRESO NACIONAL DE ESTUDIANTES PERUANOS. Tema VII - La Universidad Popular (Sesión del 17 de Marzo, Cuzco, 1920). In: MAZO, 1941 (Tomo II), p.45.

menos dois anos de experiência dos estudantes, que na Universidad Popular eram professores, e o intenso convívio neste período com os trabalhadores e suas lideranças.

Aliança que remontava à greve de 1919, iniciada na têxtil norte-americana *Grace Company* de Lima, quando os trabalhadores pediram apoio à recém-criada Federación de Estudiantes Peruanos, que destacou três de seus quadros para mediarem a participação dos estudantes nas manifestações dos trabalhadores, entre eles, Haya de la Torre.[56] Em 1921, conforme o relato de Cornejo fundava-se a Universidade Popular em Vitarte, localidade com cerca de 5 mil trabalhadores têxteis.

Julio Portocarrero, de Vitarte, membro fundador da CGTP (Confederación General de Trabajadores del Perú) e seu primeiro presidente, narra com detalhes o surgimento Universidade Popular na localidade e a relação dos trabalhadores com os estudantes. Em sua memória, o grupo de trabalhadores, sabendo do projeto dos estudantes sobre implementar as "universidades populares" junto à população, havia deliberado em procurá-los para tentar instalar uma filial em Vitarte. E ele fora destacado para conversar com Haya de la Torre, chamado então de "reitor" (em referência a UP). Ainda segundo Portocarrero, Haya aceitou de imediato e a universidade deu início a suas atividades ocupando o campo do clube de futebol Sport Vitarte, pertencente ao sindicato. Além de rico em detalhes e impressões, o livro de memórias do ex-sindicalista acompanha uma grande coleção de imagens, panfletos e fotografias, como esta, em frente a UP de Vitarte em dezembro de 1921:

[56] Esse movimento grevista resultou na decretação das 8 horas de trabalho/dia, pelo presidente peruano José Pardo, reivindicada pelos trabalhadores. KLAIBER, Jeffrey L. The Popular Universities and the Origins of Aprismo, 1921-1924. *The Hispanic American Historical Review*, Durham-EUA, vol.55, nº4. 1975, p.696.



Ao centro, com os braços cruzados à frente, Haya de la Torre;
de branco, a sua direita, o líder sindical Julio Portocarrero.
Universidad Popular, Vitarte - Peru, dezembro de 1921.[57]

No mesmo período, em novembro de 1923, os estudantes cubanos inauguravam com uma aula magna na Universidade de Havana e 400 estudantes matriculados, a *Universidad Popular José Martí*. Seu currículo, também visando uma formação ampla do trabalhador, trazia em seu quadro de aulas cursos de História, Literatura, Gramática, Matemática, Psicologia e Lógica, bem como, Homicultura[58], Maternidade e Profilaxia Sexual, Economia Política e Social, Legislação do Trabalho, Moral Antidogmática e Rudimento de Ciências das Religiões.[59] Entretanto, para seu principal idealizador, o estudante de Direito, Julio Antonio

---

[57] Descrição da imagem: um grupo de cerca de 30 homens posam para foto em frente à fachada da Universidade Popular de Vitarte. Legenda completa: "Profesores y estudiantes en la clausura del primer año de la Universidad Popular. Vitarte, diciembre de 1921. En primera fila, Teófilo Faydel, Jesús Portocarrero (profesor), Julio Portocarrero, Víctor Raúl Haya de la Torre (rector), Alberto Benítes, Felipe Osterling, Urbano Ugaz, Juan Grados, Paulino Montoya, s/i, y Eustaquio Portocarrero. Foto: Francisco Yarlequé. (Archivo de Josefa Yarlequé Vda. de Marquina)". PORTOCARRERO, Julio. *Sindicalismo Peruano*: primera etapa 1911–1930. Lima: Labor, 1987, p.88-89. A legenda que acompanha a reprodução da fotografia no livro de Portocarrero, além de identificar a maioria dos presentes, descreve os cartazes afixados ao fundo: "Pegados en la pared, los afiches de la campaña contra el alcoholismo y un letrero que dice: *La Fiesta de la Planta es el sencillo y alto exponente de la gran cruzada cultural que viene realizando la Universidad Popular*." Sobre Portocarrero Cf. DELAO LIZARDO, Larry. Los orígenes del sindicalismo peruano. Un comentario al libro de Julio Portocarrero. *Cátedra José Carlos Mariátegui*, Lima, 2017.

[58] Conceito do médico cubano Eusebio Hernandez, que compreende o desenvolvimento humano desde a fase intrauterina à maturidade sexual. HERNÁNDEZ, Eusebio. Homicultura. [*Sanidad y Beneficencia*. Boletín Oficial de la Secretaría, 1910]. *Revista Cubana de Salud Pública*, v.35 nº2, La Habana, 2009.

[59] MELLA, Julio Antonio; BERNAL DEL RIESGO, Alfonso. Plan de estudios y profesores de la Universidad Popular José Martí. [*El Universal*, Havana, 14/11/1923]. In: HERNÁNDEZ VALDÉS, Emilio (org.). *Mella*: 100 años. Vol.1. Havana: Oriente, 2003.

Mella, a questão fundamental era garantir (a qualquer custo) a autonomia frente à Universidade de Havana o que, apenas assim possibilitaria uma extensão universitária com a independência e o caráter revolucionário da *José Martí*:

> Repito, por eso, que nuestro objetivo esencialmente, inmediato, directo, es la autonomía universitaria. Para obtenerla iniciaremos ahora una campaña incesante, con redoblado brío, por la tribuna, por la prensa, por la acción si es necesario, por la violencia. Nuestra unidad de acción y pensamiento es absoluta y haremos, si los acontecimientos lo demandan, una huelga nacional. En Cuba, como en todos los países donde el movimiento se realiza, contamos con la cooperación de los elementos radicales, de las extremas izquierdas, del proletariado consciente. La aspiración del obrero cubano recibe y comprende nuestra aspiración análoga. De ahí, concretamente, surgió la Universidad Popular, que hemos viabilizado y que realiza una extensión universitaria en nuestro suelo. Esa extensión universitaria, como bien se sabe, iba a hacerse por la propia Universidad. Pero entonces sería una cosa incolora, retrógrada, desvirtuada en su finalidad y en su origen. Nosotros llevamos hasta las clases populares, hasta los obreros gremiales, un saber complejo y dúctil, generalizado, consciente. Comprende desde los altos cursos, de naturaleza superior, hasta lo más elemental, que es el propio alfabeto. Hacemos, por lo tanto, *un ensayo práctico* de nuestra teoría constructiva. Nos mueve un plan.[60]

As universidades populares fundadas pelos estudantes visavam realizar a responsabilidade social e política da qual se viam atribuídos, ou *un ensayo prático* de suas teorias políticas, formando o trabalhador educado, saudável e politicamente consciente. A universidades González Prada e José Martí não tiveram vida fácil, ou mesmo longa, a despeito dos esforços de estudantes e sindicatos. No Peru, seus professores foram sendo deportados pelo governo Augusto Leguía a partir de 1924 e as atividades da universidade foram suprimidas. Entretanto, quando da deportação de Haya de la Torre, a direção da *González Prada* e seu periódico, *Claridad*, foram assumidos por Oscar Herrera e José Carlos Mariátegui e a universidade continuou existindo sob a persecução de Leguía, até 1930.[61] Em Cuba, o governo de Gerardo Machado, perseguiu a *José Martí*, que se viu obrigada a mudar sua sede várias vezes pelo país, se instalando de preferência em sindicatos. Com o exílio de Mella, em 1926, Rubén Martínez Villena assumiu a direção da universidade, até seu definitivo fechamento por Machado em julho de 1927.

A Reforma Universitária e a difusão das universidades populares não são tomadas aqui como meros antecedentes da atuação política anti-imperialista mas como processos concomitantes, nos quais os intelectuais são sensíveis à responsabilidade social com a qual se

---

[60] MELLA, Julio Antonio. Sobre la revolución universitaria [Nuestras entrevistas, por Arturo A. Roselló. *Carteles*. Havana, Cuba, 23/11/1924]. In: MELLA, 1978, p.64, grifo nosso.

[61] O ano de encerramento da *Universidad Popular* coincide com o ano da morte precoce de Mariátegui, aos 35 anos. De acordo com Jeffrey Klaiber, sob a direção de Mariátegui, a formação política havia ganhado mais relevo na *González Prada,* e suas conferências e cursos eram balizados pelo marxismo revolucionário de Mariátegui. KLAIBER, op.cit., p.709.

veem obrigados. Representando assim, de acordo com Ricardo Melgar Bao, o questionamento permanente dos limites institucionais governamentais e das políticas educacionais, que tinham em atores sociais extra-acadêmicos, sobretudo nos trabalhadores, a contraparte nestas ações:

> Traducía [a extensão universitária] no sólo los particularísimos propios del movimiento de reforma universitaria en su deseo, voluntad y compromiso moral de incidir en el nuevo curso de una modernidad excluyente, sino también los límites institucionales que fijaban los gobiernos de turno y las propias autoridades educativas (...). Por otro lado, la recepción popular-urbana de los proyectos de extensión universitaria, no puede ser considerada pasiva. Los liderazgos obreros y de la propia intelectualidad extra-académica, presionaron en diversas direcciones para recrear los alcances de las Universidades Populares y las escuelas obreras.[62]

O exercício político que os autores compreendiam nas ações de extensão, o compartilhamento tanto de um repertório político-intelectual quanto da percepção de continentalidade latino-americanista da Reforma e até o próprio despertar para a vida pública, são elementos significativos nas construções das redes anti-imperialistas. A postura anti-imperialista, como apreendemos na *encuesta* de aniversário de 18 anos da Reforma, vai assumindo centralidade na interpretação desta. As rememorações da Rerforma que, como argumentamos, a constituem como movimento político encontra primeiro na Guerra e então no anti-imperialismo suas grandes justificativas macroconjunturais . Em 1920, celebrando os dois anos da Reforma Universitária, a Federação Universitária Argentina divulga aquele que seria o primeiro manifesto ligado às associações estudantis sobre o imperialismo:

> Que además de las pérdidas incalculables de todo orden producidas por la hecatombe de 1914-1918, diez millones de muertos (...) ofrendaron su vida alimentando la esperanza suprema de (...) una era de paz y de justicia social. (...) Que muy al contrario, la guerra sólo aparece como un triunfo de la fuerza, siendo una verdad dolorosa que las rivalidades comerciales han renacido ásperamente como agente de inquietudes y germen de nuevas guerras entre los pueblos aliados e vencedores. Que el viejo sistema colonial, cruda manifestación del imperialismo económico, se ha vigorizado con los *mandatos* creados por la conferencia de Versalles, lo cual equivale a mantener en la esclavitud a la mayoría de los pueblos de Asia y de África, sin que América está libre de este peligro.[63]

Entretanto, neste primeiro momento, essa menção é incidental e mais ligada à noção de derrocada civilizacional europeia representada pela hecatombe da Grande Guerra e que, no

---

[62] MELGAR BAO, 2019, s/p.

[63] Manifiesto de la Federación Universitaria argentina al pueblo de la República [1920]. In: PORTANTIERO, op.cit., p.166, grifos no original. Segundo Portantiero, compilador da coletânea, o próprio Gabriel del Mazo reivindica este manifesto como a primeira manifestação estudantil sobre o imperialismo, entretanto Portantiero não indica a fonte dessa afirmativa: "Lanzado el 11 de octubre de 1920 por la junta representativa de la Federación Universitaria Argentina. Como bien recuerda Gabriel de Mazo, el presente es el primer documento del movimiento reformista latinoamericano referido al problema del imperialismo", nota de rodapé, p.166.

manifesto dos estudantes cordoveses, dava lugar ao advento de uma nova era com a chegada da "hora americana". Na América Latina, o impacto e a escala do confronto europeu se fazem sentir de diversas formas. Por um lado, questiona-se a até então pacificada "liderança espiritual" e intelectual da Europa no pensamento ocidental, devido ao teatro de barbárie que protagonizava com a guerra. As formulações pessimistas ganham protagonismo nas letras europeias e a obra de Spengler [*A Decadência do Ocidente,* 1918-1922] ganha admiradores ao decretar a "decadência europeia" e o ocaso de sua civilização.[64] Traduzido já em 1923 do alemão para o espanhol para compor o editorial do intelectual madrileno José Ortega y Gasset, *A Decadência do Ocidente* vai ao encontro dos anseios de uma iconoclasta e convulsionada juventude intelectual latino-americana que proclamava a chegada da deste novo tempo.[65]

O intuito de nossa reflexão acerca da Reforma Universitária pode ser sintetizado em alguns pontos chaves: o advento do clamor reformista, ligado à juventude; a noção de dever de ação política e social embasado numa concepção que compreende que ser intelectual é ser engajado; e a ideia de pertencimento comum forjada no âmbito dela, ainda que não corresponda supostamente à exuberância real do movimento. Quando os estudantes passam aos partidos, ligas e associações todos esses elementos e as próprias dinâmicas de relacionamento formadas nesse período serão fundamentais na compreensão de suas redes.

O estudo do próximo capítulo segue a mesma indagação deste que encerramos: compreender a formação das redes intelectuais latino-americanas na década de 1920. Mas lida de forma complementar à primeira característica da rede, tomando outra de suas facetas: a percepção da *juventude* como um valor politicamente apreensível. Este valor, como

---

[64] SPENGLER, Oswald. *A decadência do Ocidente*. Esboço de uma morfologia da História Universal. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Zahar, 1964 (1ªed. 1918-1922). Como observa Arthur Herman, em seu livro *A ideia de decadência na história ocidental*, apesar da tradição do "pessimismo cultural" ser bem anterior à obra de Spengler, ela causou grande impacto e atingiu os leitores como algo inaugural, como Thomas Mann que, naquele momento, a considerou como "o livro mais importante da época" In: HERMAN, Arthur. *A ideia de decadência na história ocidental*. Trad. Cynthia Azevedo; Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 1999, p.257. Cf. MUMFORD, Lewis. *A condição de homem* – Uma análise dos propósitos e fins do desenvolvimento humano. Trad. V. de Miranda Reis. Globo: Rio de Janeiro, 1955 (1ªed. 1944).

[65] Em um levantamento preliminar, encontramos as seguintes referências *A Decadência do Ocidente* naqueles anos: os comentários do cubano Enrique José Varona em *Cuba Contemporânea* (1924), do peruano José Carlos Mariátegui na revista *Mundial* (Peru, 1925), do dominicano Pedro Henriquez Ureña na revista platense *Valoriaciones* (1925) e em duas edições da revista *América Brasileira* (1924 e 1925) por Ronald de Carvalho. A obra de Spengler seria debatida com entusiasmo por pelo menos mais uma década. Em junho de 1933, um grupo de universitários cariocas fundou o Centro Oswald Spengler, no salão da Faculdade de Direito, com o objetivo de "promover o conhecimento da obra desse notável pensador e filósofo moderno". CORREIO DA MANHA. Centro Oswald Spengler. *Correio da Manha*. Rio de Janeiro: RJ, 25 de junho de 1933, p.2.

desenvolvemos na sequência, ultrapassava o fato de os sujeitos serem jovens e/ou estudantes. Servia para localizar e autorizar os sujeitos do discurso. Além disso, esta linha de investigação nos ampara na compreensão da identidade que esses sujeitos anti-imperialistas construíram de seu potencial revolucionário e de sua força transformadora.

Capítulo 5: A agonia dos modernos: sociabilidades intelectuais em era de *juvenilismo*

¡Los viejos a la tumba, los jóvenes a la obra!
Manuel González Prada, Lima, 1888

Se, como afirma Michel Foucault em *A ordem do discurso*, "não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa"[66], como podemos apreender, em alguma medida, essas permissões e denegações, no âmbito das relações intelectuais, de forma que auxilie em um melhor entendimento sobre o período? As inúmeras possibilidades desta questão nos instigam e nos impõem uma escolha. Repetidas à exaustão pelos homens de letras do período, as referências à juventude (jovem, nova geração, dentre outros) chamam atenção pela frequência com que aparecem, mas por outro lado - e talvez por isso -, se tornam banais na leitura da documentação. Embalada ainda pelo grande consenso com que se apresentam.

Com a análise, ficou claro que não se tratava só de um epíteto ou uma menção vaga a um grupo etário, mas de uma noção bem mais complexa e que, naquele momento, passava por uma disputa de significado. A força do *juvenilismo* - valor positivo imanente da condição de ser *jovem*-, tão caro e óbvio na década de 1920, escamoteia a tensa construção de uma conceituação de jovem bastante específica e que corresponde a (auto)referentes identitários essenciais na compreensão das formas de relação e conexão dessas redes.

Quando falamos de *juvenilismo* usamos um neologismo que, mesmo não tendo status de conceito histórico-sociológico, é utilizado pela bibliografia latino-americana para se referir à noção de supervalorização, em determinados períodos, dos jovens/juventude como vanguarda histórica. Relembrando os apontamentos que fizemos na Parte I, a flexão pelo sufixo *-ismo* (como em *imperialismo*) faz com que o radical que o acompanha possa designar tanto "ação em progresso" como "adesão". No caso de *juvenilismo*, entendemos que denota a adesão ao preceito do inexorável direito e dever do jovem a ocupar o lugar de vanguarda da história. Trata-se, portanto, de uma noção analítica, pensada a posteriori, não presente nos autores estudados, mas que consideramos que localiza com perspicácia a "devoção à juventude" que permeia a intelectualidade latino-americana da década de 1920. *Juvenilismo* e juventude não se sobrepõem, sendo aquele a utilização política deste, sem, porém, acepção pejorativa. Isso nos permite ainda desnaturalizar uma concepção de juventude como intrinsecamente vanguardista ou transformadora. Como esclareceremos na sequência, acompanhamos os

[66] FOUCAULT, 1996, p.9.

autores, em sua maioria argentinos, no uso do termo por considerar suas potencialidades analíticas.[67]

5.1 *Los jóvenes a la obra*: a vanguarda é jovem

> Quando eu era jovem, a crença corrente era de que a juventude é progressista por índole. Desde então isso revelou-se falso, pois aprendemos que movimentos reacionários ou conservadores também podem formar organizações juvenis.[68]

Em 1943, o sociólogo Karl Mannheim, que havia visto a onda da Juventude Hitlerista tomar conta da Alemanha naqueles anos, observava o desfazimento da crença, que percebia em sua juventude, de um caráter progressista inato aos jovens.[69] Com Mannheim, nascido em 1893, e contemporâneo aos *jovens* deste estudo, iniciamos nossa reflexão acerca dos modos de identificação e validação das redes anti-imperialistas da década de 1920. O pertencimento ou não a esta força social (auto)referida como juventude, tida então como *avant-gard* da história ou "progressista por índole", responde a uma parte importante do reconhecimento entre os pares destas redes e serve também como fundamento e justificativa para seu repertório de ação política.

O "culto moderno à juventude", como demonstra Dardo Scavino, foi uma tradição intelectual forjada sobretudo durante o século XIX. Período no qual se constitui o entendimento dos jovens como força social contra-hegemônica destinada a renovar o mundo sempre em antagonismo com os antigos.[70] Com a proposta de fazer a genealogia desta devoção à juventude, Scavino analisa como esta noção, e seus correlatos (como o de "nova

---

[67] Usamos *juvenilismo* destacado em itálico por tomarmos o termo da escrita em língua espanhola, ainda que não dicionarizada na língua. Em português, a palavra consta no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, mas tem significação bastante distinta, relacionada à medicina.

[68] MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna (1943-54). Trad. Octavio Alves Velho. In: BRITO, Sulamita de (org.). *Sociologia da Juventude*. Vol.1: da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.73. Nascido em 1893 na Hungria, o sociólogo judeu Karl Mannheim viveu na Alemanha entre 1919 e 1933, onde foi professor em Heidelberg e Frankfurt.

[69] Os grupos posteriormente conhecidos como "juventude hitlerista", que reuniam crianças e adolescentes, iniciaram suas atividades em cerca de 1922. Os movimentos foram crescendo e, a partir de 1936, já unificados pelo estado em uma única associação, o alistamento se tornou obrigatório para todos os alemães (não judeus) saudáveis a partir dos 14 anos de idade. Em 1938, a Juventude Hitlerista reunia mais de 7 milhões de membros. Cf. BARTOLETTI, Susan Campbell. *Juventude hitlerista*: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

[70] Referenciamos também o estudo de Jacques Le Goff sobre como, a partir de finais do século XVIII, o par antigo/moderno se relaciona com a ideia de progresso, imprimindo um novo significado ao "novo" e, assim, valorizando sistematicamente o "moderno". Nesse sentido, de acordo com Le Goff, a "consciência da modernidade" nasce desse sentimento de ruptura com o passado. Noção importante para o tema da tensão geracional que envolve o *juvenilismo*. LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno [Trad. Irene Ferreira]. In: *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

geração") tornaram-se, a partir de finais do século XVIII, noções chave na intelectualidade ocidental para se pensar a humanidade, sua história e a própria afirmação de concepção de modernidade. Conforme Scavino:

> La apoteosis de la juventud significaba eso: a través de la veneración de esa edad, las sociedades occidentales empezaron de pronto a rendirle culto a su propia humanidad. La apoteosis de juventud no es sino el surgimiento del sujeto moderno.[71]

Este difuso conjunto de valores, chamado de "*juvenilismo*" por parte da bibliografia, pode ser entendido como "una creencia o ideología según la cual le corresponde a los jóvenes asumirse como avanzada histórica"[72]. Esta conceituação, que tomamos de Hugo Edgardo Biagin é elaborada pelo autor tendo como referência os estudos do historiador Arturo Roig, que trabalhou com a ideia de "*juvenilismo* rio-platense" remontando aos escritos dos argentinos Esteban Echeverria e Juan Batista Alberdi (da década de 1840), passando por José Enrique Rodó em *Ariel* e chegando aos reformistas de Córdova.[73]

Todavia, além destas importantes referências históricas acerca do tema do *juvenilismo* nas letras latino-americanas, questão com forte presença entre os historiadores e filósofos argentinos ou que trabalham com temas argentinos[74], nos interessa sobretudo compreender as formas pelas quais o culto à juventude, como pretendemos demonstrar, constituíram um repertório intelectual com grandes significações na prática política dos nossos agentes. Os valores do *juvenilismo* que, segundo Patricia Funes, aparecem como "marco contenedor de

---

[71] SCAVINO, Dardo. *Las fuentes de la juventud*. Genealogía de una devoción moderna. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2015, p.330.

[72] Utilizamos esta definição, sintetizada por Hugo Biagin em artigo no qual destaca alguns autores que marcaram essa valorização do potencial transformador da juventude como Emile Zola, Walter Benjamin, José Ortega y Gasset, Jules Michelet, Oscar Wilde, José Rodó e aborda ainda o *juvenilismo* na "revolução sessentista" do século XX. BIAGINI, Hugo E. El discurso juvenilista y la impronta roigiana. Horizontes Filosóficos, nº3, 2013, p.57. Outros trabalhos de Biagin sobre o tema: BIAGINI, Hugo. El juvenilismo reformista desde adentro. *Questiones de RUPTURA*. Cúcuta, Colombia, Vol.2, nº1, jan-jun./2018; BIAGINI, Hugo. *Utopías juveniles*: de la bohemia al Che. Buenos Aires: Leviatán, 2000.

[73] O principal artigo de Roig sobre *juvenilismo*, *Deodoro Roca y el Manifiesto de la Reforma de 1918,* de 1998, foi republicado como prólogo do Volume I de uma coletânea com os trabalhos de Deodora Roca. Cf. ROIG, Arturo A. Deodoro Roca y el Manifiesto de la Reforma de 1918 (1998). In: ROCA, Deodoro. *Obra reunida*. Vol.I. Cuestiones universitarias. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2017.

[74] Além de Roig, Biagin e Scavino, há referências importantes em Cattáneo e Rodríguez; Patrícia Funes; e Alexandra Pita González. Cf. CATTÁNEO, Liliana; RODRÍGUEZ, Fernando. Ariel exasperado. Avatares de la Reforma Universitaria en la década del veinte. *Prismas*, Quilmes, Argentina, nº4, 2000; FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latino-americanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p.45-49; PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *La Unión Latino Americana y el boletín Renovación*. Redes intelectuales y revistas culturales en la década de 1920. México-DF: El Colegio de México, Universidad de Colima, 2009, p.39-43. Em sua coletânea documental *Vida e muerte de la República verdadera (1910-1930),* o historiador Tulio Halperín Donghi organiza os temas em diferentes secções. A secção que reúne escritos de jovens conservadores, como os ligados à revista *Inicial*, Halperín denomina de "Las ambigüedades del juvenilismo". Cf. HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Vida e muerte de la República verdadera* (1910-1930) - Documentos. Buenos Aires: Emecé, 2007.

intelectuales y políticos a comienzos de los veinte"[75], tem ainda mais relevância quando compreendidos como repertório a partir do qual os autores estabeleciam e delimitavam seus papéis. De forma tão evidente que a partir deles, estabeleciam seus compromissos, reconheciam seus "companheiros" e validavam ou não um interlocutor e se constitui como uma das chaves para entender os modos de conexão entre os agentes da rede.

Em outras palavras, os valores entendidos como exclusivamente pertencentes à juventude atuam como parte das engrenagens do funcionamento das redes intelectuais. Pensamos este *funcionamento* a partir do que Katherine Faust entende como a situação relacional efetiva de uma rede: "La clave para conjeturar un modelo de red social a partir de una situación real estriba en la conceptualización *relacional* de tal situación. Es decir, en establecer qué tipo de lazos existen entre las entidades sociales en cuestión."[76] Dito funcionamento, no qual os valores juvenis são tão prementes, é historicamente referenciado, uma vez que responde a atuações e relações específicas. No nosso caso, da intelectualidade latino-americana do pós Grande Guerra.

A juventude do pós-Guerra: critérios de pertencimento e ação política

A juventude, tomada como identidade política, nunca envelhece, pois se fundamenta em uma contemporaneidade que lhe é imanente e, portanto, sempre reposta. Entretanto, na inscrição histórica de sua luta compreende múltiplas configurações sobre as quais se estabelece sua identidade, missão e iconoclastia da ordem do dia. Isto posto e lembrando, conforme Pierre Bourdieu, que "juventude e a velhice não são dados, mas construídas socialmente"[77], nos propomos a compreender os possíveis significados de juventude para os agentes deste estudo, jovens na década de 1920.

O dado imprescindível da idade biológica é importante, mas incompleto. Ele não permitiria a nenhum dos intelectuais da rede provenientes de geração anterior se incluírem na categoria de juventude (na década de 1920) sem estarem sujeitos ao ridículo. Como seria, por exemplo, o caso de Ugarte, Ingenieros e Vasconcelos - nascidos em 1875, 1877 e 1882.[78] A

---

[75] FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latino-americanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p.49.

[76] FAUST, Katherine. Las redes sociales en las Ciencias Sociales y del Comportamiento. In: GIL MENDIETA, Jorge; SCHMIDT, Samuel (org.). *Análisis de redes*. Aplicaciones en Ciencias Sociales. México-DF: UNAM, 2002, p.2, grifo no original.

[77] BOURDIEU, Pierre. A "juventude" é só uma palavra (Entrevista com Anne-Marie Métailié, 1978). In: *Questões de Sociologia*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003, p.152.

[78] Em 1888, o peruano Ricardo Palma (1833-1919) não poupou ironia quando González Prada, seu contendor habitual, então como 44 anos proclamou sua famosa frase *¡Los viejos a la tumba, los jóvenes a la obra!*. Palma comentou: "a los cuarenta e cuatro años, esto es cuando se avecina ya a la vejez". In: PALMA, Ricardo. La

idade juvenil neste período se relaciona com a percepção de fim de uma era - e início de outra, que tem na Grande Guerra seu marco principal. A chegada da "hora americana", sintetizada pelo Manifesto Liminar de 1918, converge para a percepção do advento dos novos homens, nascidos para vida a adulta após a hecatombe do velho continente. Esse referencial é comum não apenas nos documentos produzidos pelo processo da Reforma Universitária, mas figura também na forma que os contemporâneos perceberam aquela que seria uma transição de geração. Como podemos perceber na *encuesta* promovida pela revista *Nosotros* em 1923.

O questionário do periódico bonaerense sobre a "nueva generación literaria" se propunha a captar as diferenças de "sensibilidad y de ideología" com a geração predecessora. Para definir esta nova geração, para a qual o questionário era direcionado, *Nosotros* utiliza dois critérios: os "que no ha pasado aún de los treinta años" e, portanto, de geração diferente dos "escritores representativos de la pre-guerra"[79]. Este segundo fator, que compreende um arco geracional muito maior do que apenas aqueles "que ainda não passaram dos trinta" é a principal baliza etária para o pertencimento a categoria de jovem neste período. Juventude que compreende os que entram para a vida adulta - política, profissional, intelectual -, após o fim de uma era - e início de outra. Para os contemporâneos, representada pelo advento da Grande Guerra.[80]

Além do fator geracional, subjaz na identidade juvenil do período, o modo de participação na política e a inserção social do indivíduo a partir do estudo ou da vida estudantil, o que Habermas *et al.* chamam de "premissas objetivas" a partir das quais "os estudantes têm de desenvolver sua consciência e conduta, em confronto com coevos da mesma idade, são diversas sob múltiplos aspectos. Isso é especialmente válido em referência

---

propaganda de la difamación [*El Comercio*, Lima, 13/11/1888] *apud* TAUZIN CASTELLANOS, Isabelle. Le Pérou partagé entre idéalisme et réalisme. Aperçu sur vingt années de polémiques littéraires (1870-1890). *América*: Cahiers du CRICCAL. Polémiques et manifestes aux XIXe et XXe siècles en Amérique latine, n°21, 1998, p.294. A reação de Palma se justifica pois, ainda que não citado nominalmente na fala, era uma liderança do grupo "tradicionalista", alvo principal das críticas de González naquele período, e cerca de dez anos mais velho que este. O texto de Palma em *El Comercio* é publicado anonimamente, mas alguns anos depois ele assume a autoria. Além do trabalho deste trabalho de Tauzin Castellanos, a história da contenda entre González Prada e Ricardo Palma pode ser consultada em: PODESTÁ, Bruno. Ricardo Palma y Manuel González Prada: Historia de una enemistad. *Revista Iberoamericana*, nº78, Vol. 38, 1972.

[79] NOSOTROS. Nuesta encuesta sobre la nueva generación literaria. *Nosotros*, Buenos Aires, mai./1923, p.5. A chamada pública para a *encuesta* foi publicada em abril de 1923 e o periódico publicou 44 respostas entre maio e setembro daquele ano. A primeira pergunta da encuesta, "Como es Vd. joven, presumimos que nos podrá contestar a lo siguiente con absoluta franqueza: ¿cuántos anos tiene Vd.?", que aparentemente só perguntava a idade, foi uma das que causou mais celeuma entre os entrevistados.

[80] Este foi o critério fundamental na composição do nosso quadro geracional (Anexo 3). No quadro, relacionamos as idades de alguns dos indivíduos que trabalhamos no decorrer de todo o texto e ajuda a localizar os sujeitos em seus tempos geracionais.

à sua participação na vida política."[81] Mais do que as diferenças de repertório intelectual e da formação de redes (das quais já destacamos o papel da universidade como *locus* de desenvolvimento), nos referimos à própria identificação enquanto "juventude", precisamente por se tratar de uma identidade política.

Esse elemento é observável, por exemplo, quando vimos que mesmo sendo "coevos de mesma idade", Haya de la Torre e Julio Portocarrero, que trabalharam juntos pela implementação da Universidade Popular em Vitarte, se percebem como representações sociais distintas. O primeiro - universitário, egrégio de uma família trujillana com posses e que vivia de seu trabalho de escrita e da docência -, se identifica como membro da "juventude peruana" (ou "trabalhador intelectual", termo usual entre os apristas); enquanto Portocarrero, operário do setor têxtil, líder sindical, com "dois anos de instrução primária"[82] era *obrero* ou "trabalhador manual".[83] Não se trata, evidentemente, hierarquizar ou qualificar tais participações na vida política, mas compreender como este aspecto é formativo deste grupo social e latente entre os agentes deste estudo.

Ethos juvenilista na década de 1920

Todavia, esta definição de juventude como o conjunto de jovens adultos do pós-Guerra de trabalho intelectual ou experenciando a vida universitária, opera apenas como pressuposto do que configura a identidade juvenil na década de 1920: sua função política. Na década de 1920, mais do que um referente geracional, a ideia de juventude e daquilo que é compreendido como seus deveres de vanguarda da histórica, tem um papel político arregimentador fundamental entre a intelectualidade latino-americana. Implica uma orientação política caracterizada pela prioridade dada à questão social e pela afirmação da modernidade da ideologia que professa.

O idealismo arielista, que dá o tom do *juvenilismo* dos universitários reformistas cordoveses em 1918, que preconizavam o heroísmo daquela juventude "cruzada extrema por nuestra liberación espiritual"[84] vai se afirmando na luta pela questão social. Tal reorientação

---

[81] HABERMAS, J.; FRIEDEBURG, L.V.; OEHLER, Ch.; WEITZ, F. O comportamento político dos estudantes comparado ao da população em geral [1961]. Trad. Breno Schman. In: BRITO, 1968.

[82] LÉVANO, César. Conversando con Julio Portocarrero y Lino Larrea. Con los Primeros Comunistas Peruanos. *MARKA*, Revista de Actualidad y Análisis, nº165, 24/07/1980, p.16. Portocarrero nasceu em 1898, sendo três anos mais novo que Haya.

[83] Tais diferenças não se dão apenas em relação as classes sociais, mas também podem ser observadas, em uma mesma sociedade, a partir de questões de gênero, por exemplo.

[84] COMITE PRO-REFORMA UNIVERSITÁRIA DE CÓRDOBA. Nuevo manifiesto (31/03/1918). In: MAZO, 1941 (Tomo I), p.7, Manifesto que chama os estudantes de Córdova para greve geral.

era apontada pelos autores como o novo sentido da ação juvenil, que adequava sua luta para o momento histórico revolucionário, marcado pelo anseio de justiça social. Ressignificação tão poderosa que, para Deodoro Roca, havia sido intuída pelo povo mesmo que os muitos dos jovens ainda não se dessem conta. Diz o jovem advogado em 1920:

> Y un día, los jóvenes, inquietos de hondas y lejanas inquietudes, sintieron un asco invencible. Abrieron las puertas y tomaron lo suyo, sin pedírselo a nadie. Animaba sus mentes un profundo anhelo de renovación. El pueblo, con instinto seguro, comprendió el significado recóndito de aquella cruzada iconoclasta. Advirtió oscuramente - acaso más certeramente, que los mismos actores - su amplio contenido ético y social. Leyó la clara razón de ceguera. Y diose todo entero a la causa de los estudiantes revolucionarios.[85]

Também em 1920, de forma muito semelhante, Gabriel del Mazo, tributa à união de estudantes e trabalhadores a este anseio comum de justiça social. Em nome da Federação Universitária Argentina, Mazo defende os estudantes da acusação publicada pelo governador da província de La Plata de perturbar a "ordem social" e insuflar trabalhadores contra o governo. Mazo, que presidia a FUA, expressa seu orgulho pela situação e reinterpreta a situação. Não a vê como uma influência dos universitários sobre os trabalhadores, mas como uma simpatia recíproca afinada com o momento histórico:

> El señor gobernador no pierde oportunidad de poner de manifiesto la adhesión de los obreros a los estudiantes. Nos acusa por esta circunstancia y nos sentimos honrados por ella. No nos extraña que, a diferencia de otros poderes, no nos comprenda. No es la primera vez que se nos califica de anárquicos o disolventes. Bien sabemos que es esta la reacción natural del espíritu viejo. *La simpatía entre estudiantes y obreros es una resultante lógica y natural del momento histórico que vivimos; y los ideales que animan a la Reforma Universitaria, conjuntamente con la voluntad de propender al enaltecimiento de la Universidad argentina, dan vida a un hondo anhelo de justicia social y por sobre todo tienen la significación alta y a la vez profunda de habernos colocado en una situación de espíritu, e inducido a una actitud de lucha, capaz de hacernos sentir y repudiar las mentiras que andan a nuestro alrededor. Nos ha hecho también querer como hermanos a todos los que, paralelamente a nosotros, bregan en esta hora por afianzar el imperio de la verdad.*[86]

Não apenas entre os argentinos, esse deslocamento de uma autoimagem menos espiritual para uma mais social também se evidencia nos primeiros escritos de Julio Antonio Mella, em especial em sua fase universitária, entre 1921 e 1925.[87] Bastante conhecido por sua

---

[85] ROCA, Deodoro. Servidumbre de la cultura [1920]. In: CUNEO, 1978, p.152.

[86] MAZO, Gabriel del. Plan del Gobierno provincial y de la prensa en general contra la Federación Universitaria (23/03/1920). In: MAZO, 1941 (Tomo I), p.158, grifo no original. Pelas notas de Mazo, o ministro repreendeu o governador por sua oposição aos estudantes: "La comunicación que motiva este mensaje es la voz de la juventud estudiosa, que debemos escuchar atentamente, para contribuir a afianzar el concepto de la justicia en el espíritu de los hombres llamados por su preparación a ser, en un futuro próximo, los conductores de pueblos", p.181

[87] Mella se matriculou como aluno de Direito da Universidade de Havana em setembro de 1921, mas não chegou a completar o curso, foi expulso em outubro de 1925 e, logo na sequência, foi preso e exilou-se no México. Segundo Christine Hatzky, fazia tempo que a direção da Universidade de Havana queria se

militância comunista, nesse momento Mella deixa transparecer então sua formação intelectual rodoniana. Em seu periódico *Juventud*, revista dedicada a "eternos jóvenes rebeldes"[88], além da já referenciada menção a Haya de la Torre como o "arquetipo de la juventud latinoamericana, es un sueño de Rodó hecho realidad, es Ariel", qualificou José Varona como "el Prospero de *Ariel*".[89]

Neste primeiro período de seu trabalho político-intelectual, entre o início de sua vida universitária e sua saída para o exílio, Mella busca harmonizar suas referências arielistas e sua crescente adesão ao comunismo. O grupo marxista *Renovación* do qual Mella fazia parte, junto com os também jovens cubanos Sarah Pascual, Gustavo Aldereguía e Alfonso Bernal del Riesgo, participou da mesma variação. Fundando, em fevereiro de 1924, a escola *Intituto Politécnico Ariel* e, no ano seguinte, emprestando a sede da escola para a formação do Partido Comunista Cubano. Para Mella, a convergência era total, pois lia em Rodó o mesmo ideal de luta social que o guiava para a militância comunista, como afirma em 1924, no texto *Intelectuales y tartufos*: "Intelectual es el trabajador del pensamiento. ¡El trabajador! o sea, el único hombre que a juicio de Rodó merece la vida, es aquel que empuña la pluma para combatir iniquidades"[90]

O *juvenilismo* era tão marcante para Mella que, mesmo quando tentou se desvincular dele como forma de antagonizar com a APRA e reafirmar seu posicionamento classista, teve dificuldades para nega-lo totalmente. Como é possível apreender em seu antiaprista *¿Que és el ARPA?*, de 1928:

> Otro error, derivado del anterior, son los gritos sobre el papel de la juventud, en abstracto, como si la lucha social fuese fundamentalmente una cuestión de glándulas, canas y arrugas, y no de imperativos económicos y de la fuerza de las clases, totalmente consideradas.

Entretanto, complementa adiante:

> No se niega el valor de agitación entre los "jóvenes", su "destino manifiesto", su "importancia", etc., como un buen medio para adquirir partidarios temporales entre los que están en la edad de soñar con ser napoleones o mussolinis o algo así. Mas como cuestión de la "juventud y su papel" no es más que literatura, de la cual los obreros se ríen (...).[91]

---

desembaraçar do "problema Mella", o que foi feito quando Mella se colocou em uma discussão entre sua esposa Olivia Zaldívar, também estudante de Direito, e o professor Rodolfo Méndez Peñate, ensejando sua expulsão. HATZKY, Christine. *Julio Antonio Mella* (1903-1929): una biografía. Santiago de Cuba: Oriente, 2008, p.177.

[88] MELLA, Julio Antonio. *Juventud*, 1924 *apud* HATZKY, op.cit., p.132.

[89] Respectivamente: Víctor Raúl Haya de la Torre [*Juventud*, Havana, nov.dez/1923]; Los falsos maestros y discípulos [Juventud, Havana, out.1924]. Há também pelo menos outros dois textos com referências a Rodó: Intelectuales y tartufos [*Juventud*, Havana, mar./1924]. In: MELLA, 1978; e Luis L. Franco: Un poeta de la vida [*Juventud*, maio/1925.] MELLA, 2008.

[90] MELLA, Julio Antonio. Intelectuales y tartufos [*Juventud*, Havana, mar./1924]. In: MELLA, 1978.

[91] MELLA, Julio Antonio. *¿Que es el ARPA?* La lucha revolucionaria contra el imperialismo (El primer documento político sobre el aprismo). Lima: Minerva, 1975 (1ªed. 1928), respectivamente páginas 28 e 29.

Na América Latina, o compromisso com o combate às desigualdades sociais, que vai sendo assumido como a principal missão dessa juventude, implica em uma referência direta ao anti-imperialismo. Uma vez que, amparada por uma concepção materialista de história, o poder imperialista é concebido como forma global da mesma matriz de exploração capitalista produtora de desigualdade. É desta maneira que os apristas Herrera, Cornejo Koster, Eudocio Ravines, Luis Heysen, Manuel Seoane e Francisco Acero, que assinam a *Noticia biográfica sobre el autor*, prólogo da coletânea de artigos de Haya de la Torre, *Por la emancipación de América Latina* (1927), caracterizam a militância da sua geração e ao seu líder Haya em particular:

> La juventud estudiantil y obrera de la América latina [sic], "la nueva generación", como la llamamos, ha definido su ideología en la lucha social del continente, y a Haya de la Torre corresponde, en primer término, esta definición. Las páginas de este libro [*Por la emancipación de América Latina*] la condensan. A los movimientos anteriores, en nombre de la "raza", de la "cultura", o del "hispanoamericanismo", más o menos oficial, más o menos liberal-burgués, Haya de la Torre ha opuesto, desde 1923, la definición económica, clasista, del antiimperialismo y del latinoamericanismo revolucionarios.[92]

Compromisso social: vanguardista, revolucionário, de esquerda

Esse conjunto ideológico identificado à juventude ganha o status de dever e, em consequência, partícipe da própria definição do termo. É por "dever" que Haya de la Torre diz responder com rapidez ao chamado do *compañero* Gabriel del Mazo para escrever para o periódico platense *Estudiantina*, em 1925. Em seu artigo *La Reforma Universitaria y la realidad social*, Haya repõe a noção de que a Reforma Universitária havia sido uma campanha preparatória para a grande batalha da juventude e razão de sua ação política, o enfrentamento revolucionário das forças que escravizavam a América Latina:

> A toda voz de vanguardia de la juventud de nuestra América he de responder yo como soldado a grito de mando. Consagrada está mi vida a la causa de nuestra generación, que es causa de justicia y de unidad revolucionaria (...). América Latina está viviendo la hora tremenda en que se gesta su conflicto definitivo: de un lado, las fuerzas del pasado arrastrándonos traidoramente a la esclavitud del imperialismo que acecha y corrompe, y del otro, nuestra generación que después de la "revolución universitaria" - la precursora

[92] HERRERA, Oscar; RAVINES, Eudocio; CORNEJO KOSTER, Enrique, HEYSEN, Luis E.; SEOANE, Manuel A., ACERO, Francisco. Noticia biográfica sobre el autor. In: HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *Por la emancipación de América Latina* - artículos, mensajes, discursos (1923-1927). Buenos Aires: M. Gleizer, 1927, p.12. Os companheiros apristas de Haya remontam à infância deste para destacar a insubordinação que o caracterizaria desde tenra idade, usando várias expressões adjetivas neste sentido, tais como "pequeño rebelde", "voluntarioso", "alumno de mala conduta" e de espírito de "emancipación y rebeldía".

> revolución de los espíritus - va hallando su camino, enseñándoselo a los maestros hasta ayer desorientados y preparándole a la lucha gloriosa y fatal.[93]

Mesmo sem ser exclusiva deste período, nos interessa aqui demonstrar como a valoração política atrelada ao sujeito jovem se caracteriza para estes agentes. Ideias e pressupostos pelos quais passamos nesta análise, em especial, os de revolução/revolucionário e vanguardista são fundamentais no entendimento do trabalho e serão tratados na próxima Parte, na qual enfatizaremos suas correlações, no ambiente intelectual da década de 1920, com orientações ideológicas de esquerda. Neste momento, nos interessa apontar para as características próprias do "culto à juventude" no período estudado, bem como, enfatizar seu funcionamento como identidade compartilhada e reconhecida pelos autores de tal forma que chegou a funcionar como vocativo.[94]

A partir desta análise podemos definir esta identidade juvenil da década de 1920 como um (auto)referente de um grupo mais ou menos difuso que compreende, de forma imprescindível, uma faixa etária adequada, uma atuação profissional voltada para o trabalho intelectual; e o perceber-se como elemento social imbuído de uma missão renovadora. E, comungar de uma orientação ideológica considerada compatível com tal tarefa, a saber, de esquerda, como sintetiza José Ingenieros: "La juventud que no está con las izquierdas es una simple vejez que se anticipa a las canas."[95]

O protagonismo atribuído à juventude na ação política transformadora de cunho social e extrauniversitária[96], elemento tão relevante que a define como identidade neste período, é tensionado pela evidente existência de não-jovens na vida intelectual. Na sequência, faz-se necessário compreender como a noção de "geração", apreendida neste período como

---

[93] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. La Reforma Universitaria y la realidad social [*Estudiantina,* La Plata, 1925]. In: CUNEO, 1978, p.227.

[94] Nas cerca de 500 páginas do primeiro volume reunido por Gabriel del Mazo sobre a Reforma Universitária são quase 300 as ocorrências da palavra juventude. Expediente usual na luta política, como o "camarada", de tantos usos, mas que ficou marcado como pronome de tratamento comunista e que reforça a ideia de pertencimento, identificação e comunidade, como explica Kirsten Harris: "The word 'comrade' has military origins: meaning more than simply being together, 'comradeship' invokes the bond that is forged when a common cause is fought side by side (...). But it seems that comradeship impied something deeper about fellowship and interconnectedness, something that chimed with a strong current in socialist thought: the idea of community." HARRIS, Kirsten. *Walt Whitiman and British Socialism*. "The Love of Comrades". New York: Routledge, 2016, p.13.

[95] INGENIEROS, José. La Reforma en América Latina (*Renovación*, 1924). In: CUNEO, Dardo (org.). *La Reforma Universitária* (1918-1930). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978, p.222. Trataremos sobre a relação entre esquerda política e anti-imperialismo na próxima Parte.

[96] Essa observação não significa que a relação entre a juventude e os *maestros* fosse inexistente ou irrelevante no início das reformas universitárias. Como tratamos no capítulo anterior, os escritos e o apoio de Ingenieros e os discursos de apoio por Palacios até fora da Argentina, são indícios de sua significação para os agentes.

categoria histórico-epistemológica, funcionou como elemento de articulação e ligação entre *novos* e *antigos* no enfrentamento conjunto da luta política.

5.2 *Entre nosotros, las generaciones*

No início do século XX, uma ampla bibliografia percebia a contemporaneidade e a historicidade como temporalidades distintas e simultâneas balizadas pelas "idades" dos homens, apreendido por meio do conceito de *geração*. Em especial, para os hispano-americanos, a partir da leitura do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. As principais referências de Ortega neste debate são os pensadores alemães, como o trabalho de genealogia de Friedrich Nietzsche e, sobretudo, a teoria do conhecimento da extensa obra de Wilhelm Dilthey (1833-1911). A ideia de geração em Dilthey corresponde à noção de um espaço-tempo que agrupa coetâneos, termo tido como um conceito distinto de "contemporâneos". Enquanto este último diz respeito aqueles que viveram no mesmo tempo (no sentido de época), coetâneo especifica o tipo de relação entre os contemporâneos "que tuvieron una edad infantil común y una común juventud y cuya época de madurez coincidió"[97].

Para Ortega é grande a importância política da "nova geração". Todavia, ela não se caracterizaria pela massa de coetâneos de mesma idade juvenil, mas a uma minoria seleta e responsável pela "sensibilidade vital" de uma época e a potência de sua mudança, fazendo desta categoria "o conceito mais importante da história" pois caberia a esta geração, quando engajada, executar os movimentos da história, conforme Ortega.[98] Para o filósofo madrileno, entretanto, esta geração condutora pode tanto ser motor de transformações históricas, assumindo a postura de vanguarda, como pode ser também apenas uma de geração "continuadora" da anterior.

---

[97] DILTHEY, Wilhelm. Acerca del estudio de la historia de las ciencias del hombre, de la sociedad y del estado (1875). In: Psicología y teoría del conocimiento. Obras. Vol VI. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 2014, p.284.

[98] ORTEGA Y GASSET, José. El tema de nuestro tiempo (1923) In: *Obras Completas*. Tomo III. Madrid: Revista de Occidente, 1994, p.147, tradução nossa. Ortega y Gasset dá prosseguimento a estas reflexões. Em 1933, defende que as gerações constituíam um método histórico que "nos permite ver a vida" dentro da história e os três tempos do "hoje" (respectivamente os 20, 40 e 60 anos de idade). Cf. ORTEGA Y GASSET, José. La idea de la generación - Lección III (1933) In: *Obras Completas*. Tomo V. Madrid: Revista de Occidente, 1994, p.40. Baseado na teoria de gerações de Ortega y Gasset, desde 2015, um grupo de pesquisadores na Universidade Nova de Lisboa, faz um levantamento bio-bibliográfico da intelectualidade ibero-americana atuante no período de 1898 a 1945. *Gerações hispânicas*. Cultura, história e pensamento ibéricos e ibero-americanos. Acesso: 11/11/2019. http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/ghispanicas/

A concepção histórica desdobrada dessas reflexões dista de uma crença absoluta no progresso ou na sua inexorabilidade, ou de uma simples sucessão de gerações, mas se fundamenta na percepção dos processos de suas coincidências, sobreposições no tempo e característica (continuadora ou vanguardista). Percebida assim, a noção de geração aplicada à compreensão histórica é entendida como "sujeto colectivo" com uma visão de mundo, capacidades e inclinações próprias. Ao avaliar a geração que iniciava sua vida político-intelectual nos anos 1920, Ortega y Gasset não tinha dúvidas de que se tratava de uma geração de aspiração vanguardista e atitude beligerante, ainda que, numericamente inferior (característica própria da vanguarda). De acordo como autor:

> Aquéllas son épocas [continuadoras] de filosofía pacífica; éstas son épocas de filosofía beligerante, que aspira a destruir el pasado mediante su radical superación. Nuestra época es de este último tipo, si se entiende por "nuestra época" no la que acaba ahora, sino que ahora empieza. Cuando el pensamiento se ve forzado adoptar una actitud beligerante contra el pasado inmediato, la colectividad intelectual queda escindida en dos grupos. De un lado, la gran masa mayoritaria de los que insisten en la ideología establecida; de otro, una escasa minoría de corazones de vanguardia, de almas alerta, que vislumbran a lo lejos zonas de piel aún intacta.[99]

Hostilidade, beligerância e noção de dever que se harmonizam com a autorreferência da militância anti-imperialista da década de 1920. Caracterizada pela defesa ideológica intransigente de seus pressupostos de transformação social. Não estamos sugerindo, todavia, serem os escritos de Ortega y Gasset e Ingenieros - também referência fundamental no entendimento da geração como agente de transformação social - elaborações teórico-filosóficas descoladas ou subsidiárias, mas sim partícipes do mesmo circuito de atuação político-intelectual *juvenilista*. No caso do *maestro* argentino, envolvido na militância anti-imperialista por meio do periodismo e da fundação da ULA, e Ortega que escolheu seu *quehacer*[100] no ensaísmo e docência tomados por uma "vista ideológica", como justificou em carta a "nueva generación argentina", em 1924:

> Ahora bien; un hombre cuya producción consista en un deleitoso flujo literario, un poeta, un novelador, un estilista puede contentarse con ser leído. Pero yo no soy nada de eso. En cambio, mis libros, mejores o peores, tienen siempre un tema, un asunto objetivo sobre el cual he pensado, del cual he tomado una vista ideológica. Me es, por consiguiente,

---

[99] ORTEGA Y GASSET, José. El tema de nuestro tiempo (1923) In: *Obras Completas*. Tomo III. Madrid: Revista de Occidente, 1994, p.145-146.

[100] *Quehacer*, na filosofia orteguiana, é a vida autêntica, o inventar a própria trajetória de forma necessária e não caprichosa; uma noção de dever forjada a partir das próprias circunstâncias: "Se vive siempre en una circunstancia única e ineludible, ella es quien nos marca con un ideal perfil lo que hay que hacer. Esto he procurado yo en mi labor. He aceptado la circunstancia de mi nación y de mi tiempo". ORTEGA Y GASSET, José. *El quehacer del hombre* [Registro sonoro]. Madrid: Archivo de la Palabra, 1932.

> necesario que otros miren el hecho de que yo pretendo hacer la anatomía y confronten mi imagen con la suya.[101]

No caso do período que estudamos, esta percepção nos ajuda a compreender não apenas a relevância do *juvenilismo*, praticamente inconteste como força vanguardista, mas a acomodação de outros papeis sociais, como aquele que foi sendo atribuído à geração anterior. Uma vez que o escalonamento geracional pressupõe a correlação entre elas. Destacamos assim o que Zygmunt Bauman considera como o caráter perfomativo da noção de geração:

> Igual que los conceptos de "nación" o "clase", el término "generación" es "performativo" (expresiones que crean una entidad por el hecho de nombrarlas): una convocatoria o un grito de guerra que se eleva a la condición de una comunidad imaginada o postulada de manera más precisa. El término pide una solidaridad de actitudes e intenciones que transforma un amplio agregado de individuos en una comunidad de pensamientos y actos, y eleva la comunión sugerida de destino a la condición de "destino común" (...).[102]

Seja na diacronia, como combatentes de "filosofia beligerante" em relação à geração predecessora, seja na sincronia, na relação entre contemporâneos não coetâneos, a noção de geração tem, no período estudado, um importante potencial performativo. De tal forma que é possível perceber a confluência entre o "fervor sectário" como analisado por Pierre Ansart nos pequenos grupos políticos e os indivíduos estudamos aqui. Sujeitos que imprimiram, por meio de múltiplos repertórios político-intelectuais disponíveis, um valor universal ao seu *juvenilismo* radical e transformador. Conforme Ansart:

> O grupo nega a autoridade do pai para se tornar seu próprio pai. Ao mesmo tempo, a nova lei é promulgada para todos e dada, frequentemente, como dotada de valor universal. Isso provoca, no grupo engajado na ação de transformação fundamental da sociedade, uma intensa exaltação que toma, especificamente, a forma de uma ligação excepcional com as palavras, como os textos redigidos e sua formulação. Os textos passam a figurar a verdade prática, fontes incontestáveis de valor sagrado. A nova linguagem enunciada é a linguagem do grupo, fonte de seus símbolos, signo de reconhecimento entre os membros e defesa contra o mundo exterior.[103]

O ímpeto iconoclasta do *juvenilismo*, de grande eficácia no período da Reforma Universitária e que guiou a franca hostilidade dos universitários contra os professores naqueles anos, é matizado pela ideia de geração, tornando-se um elemento articulador entre as diferentes idades orientadas pela mesma pauta política. A mesma chave de leitura que

---

[101] ORTEGA Y GASSET, José. El deber de la nueva generación argentina. *La Nación*, Buenos Aires, 06/04/1924, p.2.
[102] BAUMAN, Zygmunt. Entre nosotros, las generaciones. In: LARROSA, Jorge (org.). *Entre nosotros*. Sobre la convivencia entre generaciones. Barcelona: Fundació Viure i Conviure, 2007, p.114.
[103] ANSART, Pierre. O fervor sectário. In: op.cit., p.98.

autoriza o jovem ao seu lugar social de juventude, a luta pela justiça social, passa a servir ao não-jovem como o prestigiado lugar de *maestro*.

Mas, diferente daquela, esta não é passível de autoatribuição e era proclamada pelos grupos identificados com a juventude que - por sua vez -, tinham seu prestígio aferido pelos elogios e apoios públicos da maestria. Esse complexo jogo de relações, que analisamos a seguir, compõe também os pontos e formas de conexão que dão concretude às redes. Jovens e *maestros* - tomados como categorias de pertença e reconhecimento -, constituem assim sinapses entre os pontos conectados que formam as redes e funcionam como importantes autorizações para a interlocução. Assim como no caso dos jovens, a maestria tem complexos processos de assentimento identitário, que abordaremos na sequência.

5.3 *Maestros*: *la responsabilidad tremenda del orientador*

> Dillón trajo aquella noche la embajada especialísima de invitarnos a saludar y a conversar con Ingenieros.
> -¿Cuándo...? exclamamos anhelantes.
> -Mañana, sábado, a los dos de la tarde.
> Se hizo un gran silencio en la mesa; hasta los gallegos burlones guardaron respetuoso mutismo. Íbamos a conocer, a escuchar, a ver en persona a don José Ingenieros.
>
> Eudocio Ravines

No decorrer do trabalho, temos utilizado o termo *maestro*, mantendo a grafia original em espanhol, língua materna da maioria dos autores estudados. Todavia, a principal razão para falarmos em *maestro,* e não em mestre ou professor, foi a necessidade de se compreender o significado do termo a partir da tradição intelectual de língua espanhola. *Maestro*, além da significação usual da palavra, como sinônimo de *profesor*[104], é um termo comum entre homens de letras de língua hispânica como uma deferência a companheiros de ofício mais experientes ou para designar alguém com notório saber sobre determinada arte/conhecimento.[105] Para entender a acepção de *maestro* entre os intelectuais hispânicos,

---

[104] Em língua espanhola, *maestro* pode tido com sinônimo de *profesor*. De acordo com o costume do lugar, *maestro* pode ser a designação do educador primário (o mestre-escola) e *profesor* como aquele que ensina sua especialidade, relativo aos professores de ensino médio e superior.

[105] A dificuldade de tradução de *maestro* para português com significação semelhante se faz sentir para Antonio Herrera Filho. O brasileiro traduziu uma entrevista que Manuel Ugarte concedeu com exclusividade para o *Correio do Parará.* Para apontar o papel de Ugarte como orientador da juventude, que aparece no título, usou o termo "animador da juventude". Ideia que, em espanhol, seria compreendida pelo termo *maestro*. O argentino Félix Real Torralba, correspondente para do *Correio do Paraná*, entrevistou Manuel Ugarte em 1935. REAL

podemos remeter ao estudo do professor George Steiner sobre a expressão, em francês, *maître à penser*[106], que compreende o prestígio conferido à *intelligentsia* e ao exercício do magistério - não necessariamente institucional - e de ampla abrangência, dedicada ao conhecimento e também à orientação ética de seus discípulos.

Essa primeira definição nos serve como ponto de partida para o entendimento de *maestro* como uma categoria que, a semelhança de *juventude*, mobiliza uma identidade com papel fundamental na articulação das redes intelectuais do período. As dinâmicas de interação entre as redes evidenciam como vão se forjando demandas de ação, regramento moral, deveres e prerrogativas que fazem destes *maestros* os "maestros de la juventud" e que separa um *maestro*-professor e aquilo que chamamos aqui de um *maestro*-orientador. *Maestro* que para o universitário Julio Antonio Mella, em 1924, deveria ter na formação ética de seus alunos, o sentido de seu sacerdócio:

> Se ha dicho que no puede existir una universidad sin alumnos. Esto es cierto pero más cierto aún es que no puede existir una universidad sin maestros. Hemos dicho maestros, y no profesores, porque creemos que hay una diferencia entre estos dos nombres. Profesor podrá serlo cualquiera. Enseñar conocimientos aprendidos en viejos libros es cosa fácil. Lo difícil es la obra del maestro. El maestro es aquel que forma el carácter del alumno, y por lo tanto, el que moldea, como artista hábil, el futuro de la sociedad en su aula: taller de obrero excelso. El maestro es un sacerdote. Solemne y trascendental es su labor. El maestro es el faro luminoso que señala la ruta a la juventud en el aula, y fuera de ella. Es aquel que nos enseñó, junto con la ciencia en la universidad, la verdad en la vida.[107]

Durante o século XIX, aqueles que eram os grandes pensadores políticos e considerados como os formadores das nacionalidades de seus países ganharam também o status de magnos *maestros* de seus povos. Sarmiento na Argentina, Bolívar na região colombo-venezuelana e, posteriormente, José Martí em Cuba foram tomados como grandes *maestros* de suas nações. Representados, nas palavras de Carlos Altamirano, como "heróis do pensamento":

> Al menos hasta mediados del siglo XX, la concepción del hombre de letras como apóstol secular, educador del pueblo o de la nación, fue seguramente el más poderoso de esos modelos que se encarnaban en ejemplos dignos de admirar como de imitar. El prototipo se forjó en la cultura de la ilustración y les proporcionó a nuestros ilustrados una imagen de su papel social. El discurso americanista se entretejen tempranamente con esa representación

---

TORRALBA, Félix. Manuel Ugarte, Animador da Juventude Latino-Americana. Trad. Antonio Herrera Filho. *Correio do Paraná*, Curitiba, Brasil, 10/08/1935, primeira página.

[106] STEINER, George. *Leciones de los maestros*. Trad. María Condor. Madrid: Ediciones Siruela, 2004. *Lessons of the Masters*, publicado em 2003, se origina a partir de conferências proferidas por George Steiner na Universidade de Harvard sobre a arte de ensinar e aprender. Nesta obra, Steiner faz um panorama da relação entre mestres e discípulos, de Sócrates e Platão a Husserl e Heidegger, explorando o complexo arranjo de poder que envolve dependência e vulnerabilidade, ameaça de subversão e traição e a troca recíproca de confiança e amor, de aprendizagem e instrução entre aluno e mestre.

[107] MELLA, Julio Antonio. Los falsos maestros y discípulos [*El Heraldo*, Havana, 16/10/1924]. In: MELLA, 1978, p.53.

> de los hombres de saber y en el panteón de las personalidades del continente añadió, junto a los héroes de la emancipación – los Libertadores –, a los héroes del pensamiento.[108]

Ainda que, como define Altamirano, esta concepção tenha perdurado até meados do século XX, ela se esmaece como noção de "patronos da nação". Isso acontece com José Vasconcelos, chamado de "Sarmiento redivivo"[109] e sempre retomado quando se fala da constituição do México moderno pós-revolucionário, por exemplo. Mas a noção de maestro é afetada pela ideia moderna de *intelectual*. Como podemos apreender na percepção que Pedro Henríquez Ureña, companheiro de juventude e de *Ateneo* de José Vasconcelos, faz da maestria de José Enrique Rodó. Para o dominicano, Rodó seria o primeiro entre os latino-americanos a alcançar a maestria apenas com a "palavra escrita", comparado a antigos *maestros*, entre os quais cita o venezuelano Andrés Bello, o argentino Domingo Sarmiento, o equatoriano Juan Montalvo e o portorriquenho Eugenio Hostos, políticos e professores de poderosa oratória. Esta noção, defendida por Henríquez para caracterizar Rodó, se aproxima muito de um entendimento que naquela época começava a se definir pelo termo *intelectual*:

> No vacilemos ya en nombrar a José Enrique Rodó entre los maestros de América. Rodó es el maestro que educa con sus libros, el primero, quizás, que entre nosotros influye con solo la palabra escrita. No a todos será fácil, sin duda, conocer la extensión de esa influencia; pero quién observe la descubrirá a poco ahondar, esparcida por donde quiera: los partidarios de *Ariel*, los futuros secuaces de *Proteo*, son multitud que crece cada día. Hecho singular si se considera que los libros de Rodó son de difícil acceso en la mayor parte de América; explicable, en cambio, por la virtud sugestiva de ellos, que a todos sus admiradores nos convierte en propagandísticos. Esa virtud sugestiva, virtud de persuasión, don de maestro, habría podido, quizás, bastar a hacernos presentir en los primeros trabajos de Rodó, puramente literarios, su actual personalidad de pensador, de director de espíritus.[110]

Segundo Henríquez Ureña, o relevante aspecto formativo da obra de Rodó fazia dele também um grande *maestro*, ainda que não fosse fácil para todos perceberem. Pois, em comparação aos outros citados, o trabalho do uruguaio seria "apenas" um intelectual. A justificativa de Pedro Henríquez Ureña parece indicar um deslocamento. O "formador da nacionalidade" oitocentista, que equivalia aos *maestros* em suas nações, é marcado por essa figura tão própria do século XX, o intelectual. Essa distinção é importante para a

---

[108] ALTAMIRANO, Carlos. Introducción general. In: ALTAMIRANO, Carlos; MEYERS, Jorge (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Madrid: Katz, 2008, p.15-16.

[109] DROMUNDO, Baltasar. Unos apuntes a la carta de Lugones (México, 27/01/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 01/03/1926, p.132.

[110] HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. La obra de José Enrique Rodó [Conferencia *Ateneo de la Juventud Mexicana*, 22/08/1910]. *Obras completas*. Tomo V. Escritos políticos, sociológicos y filosóficos. Santo Domingo: Editora Nacional, 2004, p.66-67. A diferença de idade entre Rodó e Vasconcelos/Henríquez Ureña é de cerca de 10 anos, esses e outros recortes geracionais podem ser consultados no Anexo 3.

entendermos melhor as figurações de natureza política da maestria na década de 1920, sobre as quais refletimos a seguir e que também não se sobrepõem de maneira integral ao *maestro*-intelectual.

> Nadie ha contado aún como latía nuestro corazón de los veinte años en aquel momento decisivo de la historia. En la incertidumbre y el desconcierto, llevábamos vividos varios años, tenso el oído a los rumores lejanos. (...) Pero, ¿cómo discernir entre el tumulto de las voces, la palabra de vida que señalara el camino? ¿Quién echaría sobre sí la responsabilidad tremenda del orientador y del vigía? En torno nuestro, el espectáculo indigno de los momentos graves: los profesionales de la política moviéndose en las sombras; los intelectuales del país llamándose a silencio. (...) Sólo un hombre podía hablar y hacia él se volvían nuestros ojos. Millares de estudiantes y obreros caldeaban la sala del Teatro Nuevo, la noche aquella de conferencia memorable (22 de noviembre de 1918) (...).[111]

No capítulo Maestro, do ensaio biográfico *Jose Ingenieros su vida y su obra*, publicado pela *Revista de Filosofía* em janeiro de 1926, Aníbal Ponce resgata as impressões de profunda incerteza do final da década anterior. Compartilhada por ele e por tantos de seus coetâneos com "corações de vinte anos", estas impressões se relacionavam a dois complexos acontecimentos: a Grande Guerra e as transformações, ainda difíceis de se compreender, que se vislumbravam a partir da longínqua Rússia. Para Ponce, esse horizonte confuso e aterrador demandava uma grande responsabilidade, que em sua visão, estava sendo negligenciada pelos políticos e intelectuais argentinos, de orientar as juventudes e as massas. É neste cenário que o jovem argentino interpreta a volta de José Ingenieros da Europa, em 1918, e seu discurso no *Teatro Nuevo*.

A biografia de Ingenieros, escrita por Ponce, publicada em homenagem ao recém-falecido *maestro* nos oferece indícios não apenas da percepção que a juventude tinha de Ingenieros, *maestro* inconteste, mas das significações da maestria e da relação desta com a juventude, ponto que nos interessa mais. Em comparação à acepção de *maestro* que discutimos anteriormente, podemos evidenciar a característica ativa do *maestro* requerido por Ponce. O fato de considerar Ingenieros um grande pensador, nesta data já reconhecido, não era suficiente para a referência que procurava, do intelectual vigilante para com a realidade político-social e comprometido em traduzi-la aos jovens. Ingenieros, para Ponce, ascendeu à condição de *maestro* ao assumir sua responsabilidade de orientador.

---

[111] PONCE, Aníbal. *Jose Ingenieros su vida y su obra* [*Revista de Filosofía*, jan.1926]. Buenos Aires: Iglesias y Matera, 1948, p.144-145.

Isso traz um "problema" aos novos *maestros*. Enquanto os *maestros* paraninfos ou intelectuais haviam garantido a vitalicidade de seu prestígio, o orientador precisava provar-se. A percepção corrente é aquela expressa por Julio Antonio Mella, então estudante de Direito em Havana, em 1924: "La nueva generación universitaria está huérfana."[112] A orfandade, o abandono, a sensação de que os intelectuais e professores das gerações anteriores haviam desertado de sua missão de *maestro* ou não estavam preparados para ela é difundida entre a juventude. Balizada pela negação da simples autoridade dada pela cátedra - uma das bandeiras da Reforma Universitária -, e pela ideia de que havia uma oposição, ou nas palavras de Haya de la Torre, "casi una lucha, entre las generaciones de ayer y de hoy"[113], a *maestria* vai mudando sua configuração. Pois deveria, na visão da proclamada "nova geração", compreender a luta política do mundo moderno e aderir ao movimento da juventude, verdadeira vanguarda da história.

Em outro texto, publicado na revista parisiense *Europe*, em número especial de homenagem ao sexagésimo aniversário de seu fundador e editor, Romain Rolland, Haya inscreve, mais uma vez, em Córdova, o mítico despertar da juventude latino-americana que havia seguido seu rumo fora dos muros da universidade e se alinhando de forma ampla às causas sociais. Nesta luta, que se traduzia então pelo anti-imperialismo, a velha geração era chamada a ser colaboradora:

> Mais la jeunesse sentit en elle la volonté héroïque de sauver nos peuples du destin des peuples de l'Europe. Depuis 1918 résonne le cri de révolte de notre nouvelle génération latino-américaine en opposition déclarée avec la vieille idéologie bourgeoise des classes dominantes. Voyant dans les Universités le foyer d'irradiation et la meilleure tribune de cette idéologie, la jeunesse les attaque révolutionnairement, appelant de nouvelles normes culturelles. En tous les pays latino-américains elle s'agita dans le même esprit de révolte et de rénovation. A l'appel de la jeunesse, beaucoup de maîtres illustres de l'ancienne génération, tels que les Vasconcelos, Ingenieros, Palacios, Varona, vinrent à elle et rallièrent ses drapeaux. (...) Chaque jour plus vaste, chaque jour plus en contact avec la réalité sociale de nos peuples, apercevant chaque jour avec plus de clarté la menace de conquête qui vient de l'empire des Etats-Unis, comprenant l'urgence de détruire des frontières qui trahissent notre voeu d'unir l'Amérique Latine en une seule fédération, le mouvement de la jeunesse qui depuis sept ans manifeste son esprit insurrectionnel en Argentine, dans les murs séculaires de l'Université de Cordoba, montre déjà la force d'une nouvelle conscience latino-américaine qui se précisera chaque fois plus comme un élan

---

[112] Neste artigo, entretanto, Mella divide a responsabilidade desta orfandade, além da falta de *maestros*, acusa a própria juventude de desconhecer "a los Martí, a los Rodó, a los Ingenieros, a los Vasconcelos" e dar ouvidos a "hipócritas vanidosos". MELLA, Julio Antonio. Los falsos maestros y discípulos [*El Heraldo*, Havana, 16/10/1924]. In: MELLA, 1978, p.53 e 54.

[113] "Una oposición, casi una lucha, entre las generaciones de ayer y de hoy. Es verdad, los jóvenes no siguen a maestro alguno, pues los han negado a todos. Dos o tres hombres de gran importancia, como José Vasconcelos en Méjico y José Ingenieros en la Argentina, se aliaron con el movimiento, pero éste es espontáneo, autónomo y rebelde en todos los países del gran continente." HAYA DE LA TORRE, Victor Raul. El movimiento de los estudiantes de América latina [*Boletín de la Unión Panamericana,* 1926, original em inglês]. In: MAZO, 1941 (Tomo II), p.171.

> pour la justice sociale et pour l'unité de nos peuples que nous voulons soustraire à la griffe impérialiste [sic].[114]

São muitas as referências aos padrões esperados por parte dos *maestros*, contraparte da própria definição da identidade juvenil. Em especial, esses padrões precisavam ser politicamente adequados, como consta da própria epistemologia geracional de Ortega y Gasset, para quem "la mocedad [es] un juez terrible, insobornable, que exige a quien pretenda influir sobre él"[115]. Todavia, no caso latino-americano, este *juiz terrível* tinha claras predileções. Vasconcelos, Ingenieros, Palacios (citados por Haya no texto anterior) e Ugarte aparecem como *maestros* mais aceitos, como é apreensível nas homenagens públicas, nas correspondências, nos prefácios nos encontros e na procura destes *maestros*, ou seja, em toda a configuração de rede intelectual que estudamos.[116]

Todavia, o caso da consagração de José Vasconcelos como *maestro* nos oferece indícios ainda mais da importância desta identidades como marcador da sociabilidade intelectual latino-americana.[117] Um pouco mais jovem que seus companheiros de geração, tendo completado 40 anos de idade apenas em 1922 e, até então envolvido na política do México pós-revolucionário, a consagração de Vasconcelos a *maestro* foi de certa forma "oficializada" pela primeira vez pela própria juventude.

Iniciada pela Assembleia de Estudantes Colombianos em maio de 1923, que elegeu Vasconcelos *maestro* da juventude do país, justificada pela "admirável obra realizada" por ele na política educacional do México e "ansiosa de dar una prueba definitiva e inequívoca de solidaridad Hispano-Americana", os estudantes convocaram seus pares de outras associações

---

[114] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Sem título - Numéro Spécial a Romain Rolland à l'occasion de son soixantième anniversaire. *Europe*: Paris, 15/02/1926, p.203-204. Além de Haya, escreveram artigos em homenagem a Romain Rolland, os intelectuais Henri Barbusse, Upton Sinclair, Miguel de Unamuno, entre outros.

[115] ORTEGA Y GASSET, José. El deber de la nueva generación argentina. *La Nación*, Buenos Aires, 06/04/1924, p.2.

[116] Também em eventos promovidos pela juventude, sobretudo universitária, como o *Primer Congreso Ibero-Americano de Estudiates* (CIADE), ocorrido no México em 1931, que nas Conclusões apresentadas pela Mesa diretora e aprovada em assembleia "Se declaran Maestros de la juventud iberoamericana a José Vasconcelos, Miguel de Unamuno, Enrique José Varona, Alfredo Palacios, José Ingenieros y José Martí." Neste evento, estiveram representados Argentina, Bolívia, Cuba, Colombia, Costa Rica, Espanha, Honduras, México, Nicarágua, Perú, Santo e algumas associações, entre elas a AGELA. Outro exemplo encontramos na revista *Claridad*, de Lima, dirigida por Haya de la Torre, que na primeira página, ao lado da lista de colunistas do periódico, consta outra intitulada "Bajo los auspícios en América de:" com os nomes de, José Ingenieros, Eugenio Debs, Jorge F. Nicolai, José de [sic] Vasconcelos, Alfonso Goldehsmitd [sic], Gregorio Berman [sic], Carlos Vicuña Fuentes, Alberto Palcos, Ana Graves, Gabriela Mistral, Amanda Labarca, Alejandro Korn, Antonio Caso e Juan Enrique Lagarrigue." CLARIDAD. Bajo los auspícios en América. *Claridad*, Lima, maio/1923.

[117] Consultando nosso quadro geracional (Anexo 3), vemos que entre os citados, a maior diferença de idade são os sete anos que separam os nascimentos de Manuel Ugarte e José Vasconcelos.

a fazerem o mesmo.[118] O caráter eminentemente político da nomeação, já apontado pela "solidariedade Hispano-Americana", rechaçada por grupos estudantis nacionalistas e pela imprensa conservadora, é ainda mais explícito por se tratar da figura de Vasconcelos, que alcançou notoriedade por sair em defesa dos estudantes venezuelanos com sua condenação pública à ditadura de Gómez.[119]

Na polêmica que se seguiu à nota da quarta Assembleia de Estudantes colombianos, Gabriel Turbay, um dos estudantes de Medicina que defenderam que o mexicano fosse declarado *maestro*, disse ao *El Tiempo* que não se tratava de um título honorífico ou uma medalha de honra mas "sino la cifra y el compendio de una nueva y vigorosa ideología". Merecida por Vasconcelos por suas ideias e posturas políticas, "seductoras a las miradas de la juventud", como "su vitalidad creciente, su dinamismo reformador y su espíritu revolucionario e iconoclasta".[120] Essa descrição é interessante pois nos permite comparar o *maestro* desejado por esta juventude às definições do mesmo termo que discutimos antes e observar as singularidades do compromisso político a ser assumido para ser investido de orientador da juventude.

Vasconcelos não era indiferente à responsabilidade e ao compromisso exigidos do *maestro*. A proposição a ser apresentada na Assembleia havia sido enviada pelo presidente da Federação Universitária da Colômbia, Germán Arciniegas, para o aceite prévio de Vasconcelos. A mensagem dos estudantes colombianos, para Vasconcelos tão surpreendente que parecia "caída del cielo", lhe instigou algumas reflexões, pela grande honra que representava, mas também pelo peso do comprometimento público que ela acarretaria e, até mesmo, por parecer *confessar-se* velho. Como conta o *maestro* quinze anos depois:

> Me pareció, desde luego, excesivo el honor y, además, comprometido. Y no respondí sino hasta que tuve los pormenores del caso. Comprendí entonces que no debía rehusar, porque el nombramiento significaba un esfuerzo para vencer el localismo de las patrias americanas (...). Y contesté a la designación en mensaje que anda en alguno de mis libros y que se publicó profusamente. Pasé por alto en dicho mensaje la aceptación formal de la categoría de maestro, primero porque maestro propiamente no lo es, a mi juicio, sino Nuestro Señor Jesucristo, y segundo, porque, aun me parecía que era confesarme viejo el actuar de maestro.

---

[118] EL TIEMPO. Asamblea de estudiantes - La sesion de anoche. *El Tiempo*, Bogotá 15/05/1923, p.3. A nota da Assembleia, ocorrida na noite de 14 de maio, foi publicada logo no dia seguinte.

[119] Em suas *Memórias*, no capítulo Maestro de la Juventud, ao elencar os motivos pelos quais havia sido nomeado *maestro*, coloca "en primer lugar, el incidente de Venezuela", que Vasconcelos avalia como tendo atraído a atenção continental. VASCONCELOS, p.118. Retomaremos o *incidente* de Vasconcelos com a Venezuela quando formos tratar sobre o tema do nacionalismo, no Capítulo 8, p.198-199.

[120] TURBAY, Gabriel. Vasconcelos, Maestro (*El Diario Nacional*, Bogotá, 27/05/1923). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 16/07/1923, p.231. Segundo a nota publicada pela Assembleia, Turbay foi do estudantes de Medicina que fez a defesa pública da nomeação de Vasconcelos. *El Tiempo*, Bogotá 15/05/1923.

> Además, mi carácter voluntarioso y arbitrario se avenía mal con la ponderación y solemnidad que a menudo asociamos con la condición de maestro.[121]

Além disso, Vasconcelos temia a "solemnidad que asociamos con la condición del maestro", que presumiria sempre uma virtude e a obrigação em abdicar de um mundanismo que ele não sabia se estava disposto a abrir mão.[122] Para o jovem chileno Arturo Torres Rioseco, as circunstâncias demandavam que seu *maestro* e conterrâneo, Enrique Molina (reitor da *Universidad de Concepción*) continuasse seu trabalho como educador na esfera política - como ministro -, e fosse "o *Vasconcelos* do Chile". O inquisitivo apoio político de Torres a Molina, publicado em *Repertorio* em 1923, advertia o professor de que seus deveres de *maestro* eram incompatíveis com seu desejo de tranquilidade: "Los jóvenes le aman. Es un maestro de juventud. Enrique Molina me dice en una carta: 'Amo mi tranquilidad espiritual'. Enrique Molina no tiene derecho a esta tranquilidad."[123] A afirmação da obrigação pública do *maestro* para com os jovens, que o *amam*, confirma a via de mão dupla que se estabelece entre as partes. O *amor* (ou reconhecimento) atrelado à expectativa de ação política e esta, por sua vez, redundando na afirmação deste amor, como fios que ligam os sujeitos destas redes.[124]

A exaltação de Vasconcelos como *maestro* foi tomada como uma bandeira pelos estudantes e jovens intelectuais, em especial Haya de la Torre, que começou uma grande campanha para que o título de *maestro* da juventude colombiana de Vasconcelos fosse também proclamado pelos peruanos e com status de maestro americano. "¡ELIJAMOS A JOSE VASCONCELOS MAESTRO DE LA JUVENTUD!" estava estampado por toda a edição do segundo número da revista *Claridad*, dirigida por Haya. No mesmo número, o editorial destacou a necessidade romper fronteiras convencionais de nacionalidade para, finalmente, encontrar um *maestro* adequado à nova juventude, como ansiavam os jovens:

> Nuestros camaradas del norte [refere-se à Colômbia] viven también como nosotros en anhelante búsqueda diogénica de un maestro propio; y allá como aquí, no hay sino tipos del

---

[121] VASCONCELOS, José. Maestro de la juventud. In: *Memorias*. Vol.II. El desastre. El proconsulado. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 1984 (1ªed.1938-1939), p.118-119. Alguns parágrafos depois, Vasconcelos observa, porém, que a relação com a juventude mexicana era menos fácil e carinhosa, o que ele imputava a linha dura que adotou à frente da Secretaria de Educação e aos conflitos cotidianos. Ibidem. p.120.

[122] Ibidem, p.119.

[123] TORRES RIOSECO, Arturo. Noticiario (1923). *Repertorio Americano*, 19/11/1923, p.143.

[124] Agradeço a professora Stella Bresciani pela leitura atenta e observações que me permitiram o desdobramento desta reflexão.

> otro siglo, retóricos sin contenido, mentalidades seniles ambiciosas de posiciones políticas.[125]

Declarações de Vasconcelos, desta vez contra o governo Leguía, se seguiram a sua proclamação como *maestro* pelos peruanos em Trujillo, terra natal de Haya de la Torre, e Lima. A campanha de Haya prosseguiu no rastro de seu exílio. No Panamá, primeira escala do desterro, Haya foi recebido pela Federação de Estudantes, que também aclamou o *maestro* mexicano.[126] Em agosto seguinte, a Associação de Estudantes e Intelectuais da Costa Rica também aderiu ao movimento e proclamou a maestria de Vasconcelos. Como publicado em *Repertorio Americano*:

> Sinceros paladines pregonan a los cuatro vientos la cruzada inmortal. Los clarines harán oír sus ecos en todos los valles, en todas las montañas, en todos los rincones a lo largo de la Cordillera de los Andes, proclamando el nuevo día. Y cuando las legiones dispersas, oyendo la voz esperada, levanten sus ojos en busca de un símbolo, de la insignia, de la bandera que condensase todos los afanes, que representase todos los intereses, que pregone todas las fuerzas unidas, hallarán flotante sobre la extensión del Continente, por su primera vez en la historia, ese símbolo, eres la insignia, esa bandera. Pues tú, Vasconcelos, eres el símbolo, eres la insignia, eres la bandera esperada; tú, Vasconcelos, el hermano mayor de la raza. (...) Creemos que la raza palpita en todos los pechos de las generaciones vivientes de Nuestra América. (...) Donde quiera que vayas tu nombre será nuestra insignia . Los jóvenes de Argentina, de Perú, de Colombia te han proclamado su Maestro. Somos compañeros suyos; por este mismo correo les irá transcrito este mensaje, que es nuestra proclama.[127]

O lugar político da maestria entre a intelectualidade incluía também a posse de uma espécie de chancela como direito privativo do *maestro,* derivado da autoridade a ele concedida, e bastante demandado pelos mais jovens. A recomendação pública, prática comum entre os intelectuais[128], a perspectiva política vai ganhando relevo, como podemos observar com o epistolário do *maestro* argentino Manuel Ugarte.

Só temos a correspondência passiva de Manuel Ugarte, mas é possível acompanhar o argentino exercendo suas funções de *maestro*-orientador e tendo o prestígio disputado pelas

---

[125] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Sem título. *Claridad* - Organo de la juventud libre del Perú. Lima: año 1, nº2, junho?/1923, p.13, grifo no original. A prática na publicação é de ter autorias assinaladas, mas nesta coluna não tem autoria explícita, por ser editor do periódico e ter interesse direto no tema da atribuição do epíteto de *maestro* a Vasconcelos, consideramos que o autor provavelmente é Haya de la Torre.

[126] No início de outubro de 1923, o governo de Augusto Leguía expatriou Haya de la Torre e fez sua escolta até o Panamá, onde estava quando se comunicou com José Vasconcelos, que lhe ofereceu o posto de secretário particular. Sobre a passagem de Haya de la Torre no Panamá Cf. SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Haya de la Torre o el Político*. Crónica de una vida sin tregua. Santiago de Chile: Ercilla, 1936 (1ªed. 1934), p.103 e ss.

[127] ASOCIACIÓN DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS E INTELECTUALES DE COSTA RICA. Mensaje y Proclama. *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 04/08/1924, p.313.

[128] No ano do lançamento de seu *Ariel* (1900), Rodó escreve para o cubano Enrique José Varona, enviando também um exemplar do livro, pedindo o endosso do já renomado *maestro,* "a autoridade de um nome esclarecido", para seu "livro de propaganda, de combate, de ideias", para conseguir fazer dele a "profissão de fé da juventude latino-americana". RODÓ, José Enrique. Carta a Enrique José Varona [07/05/1900]. In: *Obras completas*. RODRIGUEZ MONEGAL, Emir (org.). Madrid: Aguilar, 1967 (1ªed. 1954), p.1330-1331.

jovens lideranças, como o aprista Haya de la Torre e o comunista Julio Antonio Mella. Nas correspondências recebidas por Ugarte em 1927, consta uma carta em que Haya agradece ao *maestro* pela redação de um manifesto de apoio a APRA, enviada de imediato pelo peruano para a publicação em *Repertorio Americano* e pede "¿Puedo esperar su saludo a la APRA?"[129] Enquanto Mella, em sua carta de abril do mesmo ano, solicita um escrito de Ugarte como endosso às deliberações do Congresso Anti-imperialista de Bruxelas e ainda elencou para o *maestro* os pontos que ele gostaria que fossem abordados na carta.[130]

Para além dos pedidos de chancela (a obras, associações, periódicos), atribuição de longa data dos *maestros*, a maestria a partir da década de 1920 foi continuamente confrontada e cobrada pelos jovens para prestar socorro, utilizando sua influência e notoriedade, reagindo em caso de perseguições políticas e de grave ameaça, as quais estavam sujeitos os militantes. Foi o que fez a poetisa aprista Magda Portal quando seu amigo e líder de seu grupo político, Haya de la Torre, fora preso no Peru em 1932. Escreve Portal para Ugarte: "[para pedir-lhe] que con su enorme autoridad moral y su antiguo prestigio de hombre americano, intervenga Ud. como otros intelectuales de América y Europa para obtener la libertad de Haya de la Torre".[131]

Três anos depois, em 1935, foi a vez de Haya recorrer ao *maestro* Ugarte para que intercedesse por Magda Portal. Segundo a carta de Haya, a poetisa, presa por motivos políticos, estava correndo riscos por estar encarcerada em um presídio comum. O líder aprista também menciona outros companheiros submetidos a condições precárias na colônia prisional de Satipo (região amazônica do Peru) e pede a Ugarte que interpele o presidente do Peru, general Óscar Benavides:

> ¿No podría V. enviar un telegrama o carta abierta al general Benavides haciéndole ver que en las selvas inhóspitas del "Satipo" agonizan cerca de ochenta compañeros, muchos de ellos atacados de tuberculosis y todos sometidos a terribles tratos y a un sistema de

---

[129] Referência do manifesto à APRA escrito por Ugarte e publicada em *Repertorio*: UGARTE, Manuel. Mensaje del escritor argentino MANUEL UGARTE a la sección de la Apra en París con motivo de la gran demostración anti-imperialista realizada el 12 de enero [1927]. *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 23/04/1927, p.235. Na mesma correspondência Haya pede a Ugarte que lhe indique como poderia comprar seus livros na Europa. Na missiva seguinte de Haya, enviada em maio, vemos a partir de sua resposta, que Ugarte fez bem mais do que isso e enviou dois livros seus diretamente para o peruano, que lhe agradece. Cf. HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Carta a Ugarte [Oxford, 28/03/1927]; Carta a Ugarte [Oxford, 09/05/1927]. In: UGARTE, Manuel. *Epistolario* (1896-1951). SWIDERSKI, Graciela (org.). Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1999. O agradecimento pela mensagem à APRA está na carta de março e novo pedido de "saludo" na correspondência de maio.

[130] MELLA, Julio Antonio. Carta a Ugarte (Berlim, 23/04/1927). In: UGARTE, 1999, p.66-67. O Congresso de Bruxelas, de 1927, foi um evento que reuniu dezenas de representas de movimentos anti-imperialistas de todo o mundo, e será objeto de análise na Parte III.

[131] PORTAL, Magda. Carta a Ugarte (Lima, 06/08/1932). In: UGARTE, 1999, p.116. Consta também na relação do epistolário de Ugarte uma troca de correspondência com a ativista Anna Graves sobre a situação de Haya de la Torre em 1932. Ibidem.

> alimentación sin carne, sin pan y sin leche, compuesto de yucas y otras raíces llamadas "pitucas"?[132]

Ainda sobre este tema, temos outra pista interessante no epistolário de Ugarte. Em 1936, o argentino recebeu um telegrama oficial enviado pelo presidente brasileiro Getúlio Vargas. Segundo a descrição, Vargas afirma que "la vida de los presos comunistas no corre peligro, ya que en Brasil no se aplica la pena de muerte"[133]. Não tivemos acesso ao conteúdo da carta, mas muito provavelmente não foi um ato de ofício de Vargas, tendo sido motivada pelo próprio Ugarte. Talvez atendendo a um destes apelos de jovens militantes ou ainda do próprio Ugarte, o fato destaca o tipo de ação política na qual se engajava. Mesmo não sendo identificado como comunista, fez sentir sua contestação à perseguição política que eles sofriam. Podemos considerar também que, de alguma forma, os pedidos que os jovens militantes enviavam ao *maestro*, resultavam em algum "efeito prático". Ainda que fosse o de constranger um governante, um político poderoso, a respondê-lo, como fez Vargas.[134].

Uma vez aclamado *maestro*, orientador da geração responsável por empreender a "cruzada moderna", cabia ao titulado corresponder aos padrões de ação política dele esperado, sob pena de ser publicamente cobrado pela juventude. Como poderíamos supor, o posicionamento político aceito para o *maestro* condiz com aquele da juventude, de combate à desigualdade social, latino-americanista e anti-imperialista. Insuspeito quanto aos tais requisitos, o *maestro* Ugarte não escapou de ser repreendido por não se posicionar. Pelo menos foi assim que o jovem uruguaio Carlos Deambrosis Martins entendeu sua postura diante a candidatura presidencial de José Vasconcelos, em 1929.

---

[132] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Carta a Torre a Manuel Ugarte (01/12/1935). In: UGARTE, 1999, p.138. A década de 1930 foi um período particularmente violento para os apristas, sujeitos a persecução política com desterros, prisões e assassinatos. As cartas escritas por Haya de la Torre para os apristas presos foram reunidas na coletânea *Cartas de Haya de la Torre a los prisioneros apristas* (1946). Juan Seoane, irmão de Manuel Seoane, também foi preso no período acusado de conspirar para atentar contra à vida do presidente Sánchez Cerro e narrou seu período de cárcere em *Hombres y rejas* (1937). Cf. HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *Cartas de Haya de la Torre a los prisioneros apristas*. COX, Carlos Manuel (org.). Lima: Nuevo dia, 1946. SEOANE, Juan. *Hombres y rejas*. Santiago de Chile: Ercilla, 1937. Sobre o tema Cf. AGUIRRE, Carlos. Hombres y rejas. El APRA en prisión, 1932-1945. *Bulletin de l'Institut français d'études andines*, Lima, Tomo 43, nº1, 2014.

[133] VARGAS, Getúlio. Telegrama a Manuel Ugarte (Palácio Rio Negro, Petrópolis, 07/04/1936). In: UGARTE, 1999, p.277.

[134] Nos diários de Vargas, encontramos outro indício que pode esclarecer o interesse de Manuel Ugarte nos brasileiros. O presidente anota, no dia 05 de março (um mês antes do telegrama a Ugarte), a prisão do líder comunista Luís Carlos Prestes e a larga repercussão que se seguiu. Cf. VARGAS, Getúlio. *Diário*. Vol. I. 1930-1936. São Paulo/Rio de Janeiro: Sciliano/FGV, 1995.

Em carta aberta direcionada a Vasconcelos, Manuel Ugarte expressa solidariedade à figura intelectual do mexicano, mas se recusa a opinar sobre as eleições daquele ano no México.[135] Foi a Deambrosis, um dos editores da madrilenha *Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Arte*, a quem Ugarte encaminhou a carta a ser publicada. No número seguinte, Deambrosis Martins repreende a postura do *maestro* argentino, considerando um contrassenso que depois de tantos anos de luta por uma fraternidade e cidadania hispano-americana, Ugarte não considerasse que a "jurisprudencia moral" de um intelectual na América Latina se estendesse a toda ela. Para Deambrosis, a gravidade da situação política, em que, por todo o continente se instavam ditaduras nas quais "expresar libremente el dictamen de su conciencia equivale a firmar su pena de muerte o su entrada en la cárcel... o a emprender el camino del destierro..."[136] a isenção dos homens de opinião (em situação de fazê-la) constituía um crime e uma falta grave para com seu imperativo ético de orientar os jovens e as massas:

> En la hora presente, hora grave y difícil para los destinos de Hispano-américa, casi es un delito - y un delito que debiera constar en el Código - el NO OPINAR, el silencio cómplice, la actitud especiosa. Habría que excitar a las masas para que emitiesen sin temor alguno sus observaciones sobre los problemas políticos de nuestro pueblo. Es un deber de ética elemental, que arrancaría de la indolencia y de la apatía a muchos millones de hombres que se creen libres. En nuestra época endémica, la abstención constituye ya un agravio para los altos ideales de la Gran Patria.[137]

Na sequência, o escritor uruguaio defende que deixar de apoiar Vasconcelos, conhecido inimigo dos tiranos, era colaborar com o imperialismo, que se salvaguardava nestes governos autoritários. Sobretudo no caso México, país fronteiriço à grande potência do Norte, a eleição de Vasconcelos representaria a defesa dos interesses de todos os latino-americanos e a promessa de uma política anti-imperialista. Como argumenta Deambrosis:

> Nosotros sabemos (¿no es verdad, César Arroyo?), y lo sabe también nuestro eminente amigo Ugarte, que Vasconcelos, presidente de una República limítrofe con los Estados Unidos, no tracionaría los intereses encomendados a su salvaguardia. Defendiendo a los

---

[135] UGARTE, Manuel. Carta abierta de Manuel Ugarte a José Vasconcelos (Nice, França, jun./1929). La politica en Mejico. *Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Arte*, Madri, jun./1929.

[136] DEAMBROSIS MARTINS, Carlos. Manuel Ugarte y José Vasconcelos. A propósito de una Carta abierta. *Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Arte*, Madri, jul./1929, p.314-315.

[137] DEAMBROSIS MARTINS, Carlos. Manuel Ugarte y José Vasconcelos. A propósito de una Carta abierta. *Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Arte*, Madri, jul./1929, p.315, caixa alta no original. A menção ao César Arroyo não é explicada no texto. Arroyo era diretor da revista *América* (Quito) e entusiasta da obra de Ugarte, sobre quem publicou um livro em 1931. No número seguinte da *Revista Hispanoamericana*, Ugarte considera injusta as palavras de Deambrosis Martins e justifica sua opinião ao dizer que mesmo em seu país se mantinha afastado da política eleitoral, a qual tinha renunciado por querer proteger seus ideais. UGARTE, Manuel. Manuel Ugarte nos escribe... (Nice, França, ago./1929). *Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Arte*, Madri, set./1929, p.391-392.

> enemigos de las tiranías, salvamos nuestro propio suelo, nuestra propia política, nuestro propio bienestar. La tiranía es el mejor aliado del imperialismo.[138]

Por razões semelhantes, o mexicano Baltasar Dromundo, decretava, pelas páginas de *Repertorio Americano*, "la última caída de don Antonio Caso". Esta última falta a que se refere Dromundo era o apoio de Caso ao "poeta do tirano Leguía"[139], uma referência ao poeta peruano José Santos Chocano, que analisaremos na sequência. Dromundo enumera uma série de outros posicionamentos de Caso que, para ele e seus pares - os jovens, colocavam em xeque o apreço do filósofo pela juventude e, consequentemente, seu lugar de *maestro*.

A série de tropeços de Caso datava de dois anos antes, quando este aceitou (como embaixador) o convite do governo Leguía para os festejos do centenário da Batalha de Ayacucho, que os jovens acreditavam poder ser lido como uma espécie de apoio ao regime. Já em terras peruanas, segundo conta Dromundo, Caso teria se negado a participar de uma celebração organizada pela juventude e não teria demonstrado reação quando a polícia limenha dispersava com violência a multidão de estudantes que o acompanhava para saudá-lo. E, agora, caía pela última vez, ao aderir à campanha para a libertação de Santos Chocano[140], condenado por matar o jovem engenheiro Edwin Elmore. Ambos peruanos, o embate entre eles tem um contexto político e ideológico mais amplo que ajuda a entender a reação de Dromundo em querer *cassar* a maestria de Caso. O texto de Dromundo deixa essa contraposição clara, ao opor Caso ao anti-imperialista indiano Rabindranath Tagore:

> Y ahora "nuestro filósofo" don Antonio Caso, a quien se ignora cómo alguien le llama todavía el maestro de la Juventud Mexicana, se ha puesto a interceder por el poeta del Sr. Leguía... Don Antonio Antonio Caso, desde su ida y vuelta del Perú, cuando el Centenario de Ayacucho que por mero sarcasmo le tocó celebrar al señor Leguía, quedó bien desacreditado en nuestra Patria. La juventud quiso que desistiera de tal viaje, pero él se salió con la suya diciendo "que no era Leguía por quien iba sino por el pueblo peruano que le invitaba por medio de Leguía". ¡Cómo si aquel tirano fuese digno de representar al pueblo de Manco Capac! Antonio Caso debía, en aquel tiempo, haber imitado a Tagore que no admitió ir al Perú...¡y que no se dice maestro de la Juventud de América! Caso ha demostrado no amar a esta juventud ni siquiera por condescendencia...[141]

---

[138] DEAMBROSIS MARTINS, op.cit., p.315.

[139] DROMUNDO, Baltasar. La última caida de don Antonio Caso (México-DF, 28/08/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 16/10/1926, p.229.

[140] O telegrama enviado por Caso ao governo Leguía como apoio a Chocano, data de 18 de agosto e deve ter sido o estopim da reação de Dromundo, escrita dias depois. A reprodução da moção de apoio de Caso a Chocano pode ser encontrada em *Listin Diario*. Santo Domingo, 23/01/1927, p.1.

[141] DROMUNDO, Baltasar. La última caida de don Antonio Caso (México-DF, 28/08/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 16/10/1926, p.229. Foi a partir de uma carta de Haya de la Torre a Romain Rolland, alertando sobre como a visita do prêmio Nobel de literatura e anti-imperialista indiano Rabindranath Tagore seria utilizada politicamente pelo regime reacionário de Augusto Leguía. Rolland passou meses tentando se comunicar com o indiano para que reconsiderasse a ida ao Peru. Tagore estava em um périplo mundial que

Tomando a versão de Dromundo, de que Caso seria indiferente aos apelos da juventude, em algo que lhes era tão caro como a oposição a governos repressores, pode ter relação com a natureza de seu reconhecimento como *maestro*, que provinha de seu prestígio como filósofo e não da atividade política.[142] Todavia, para Dromundo, imbuído do ideal de maestria de cunho político, era evidente que o comportamento do filósofo era incompatível com as exigências para um *Maestro de la Juventud*.

No mesmo número de *Repertorio*, Dromundo dá prosseguimento a um debate que vinha tendo com Leopoldo Lugones nas páginas da revista.[143] A discussão tinha por objeto a oposição de Lugones à ideia de solidariedade latino-americana, que para o argentino era apenas uma "fantasia literaria", e também por seu posicionamento antidemocrático. Dromundo, considerando ambas as proposições como partícipes da mesma orientação política, aquela sedimentada na "conciencia de la juventud del Continente"[144], decide não dar mais prosseguimento a polêmica "por razones de reaccionismo" do seu opositor. Característica que, em suas palavras, eram equivalentes políticos do egoísmo e da *senilidade* de Lugones, em contraste com seu entusiasmo juvenil e socialista:

---

dificultava sua comunicação e teve acesso as cartas do intelectual francês quando já estava em Buenos Aires, mas, por fim, não fez a visita a Lima. A carta que Haya de la Torre enviou para que Romain Rolland fizesse chegar às mãos de Tagore está publicada em *Por la emancipación*. HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Carta a Rabindranath Tagore. Con motivo del Centenario de Ayacucho (Rússia, 27/08/1924). In: *Por la emancipación*, p.73-76. Cf. BERGEL, Martín. Rabindranath Tagore. Avatares de un cosmopolita periférico en el Río de la Plata. BRUNO, Paula (org.). *Visitas culturales en la Argentina, 1898-1936*. Buenos Aires: Biblos, 2014. Conforme descrição do catálogo da exposição Rabindranath Tagore (1961), realizada pela *Bibliothèque nationale de France*, além da carta de Haya, Rolland anexou uma carta de Vasconcelos e outra de estudantes de la Plata: "Le journal de Rolland (de juillet et octobre 1924) a noté dans quelles circonstances il fit parvenir à un Hindou à Paris cette longue missive (accompagnant trois autres lettres de José Vasconcelos, de Haya de la Torre et des étudiantes de la Plata, adressées au poète), pour qu'elles soient remises à Tagore avant son départ pour l'Amérique latine, afin de l'éclairer sur certains éléments réactionnaires sud-américains qui risquaient d'exploiter abusivement sa renommée à des fins politiques." GUIGNARD, Marie-Roberte; PAULY, Bernard; BRUNO, Jean (org.). Lettre 384 - Romain Rolland à Tagore, 15 octobre 1924 (Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris). In: Rabindranath Tagore - Catalogue. Paris: Bibliothèque nationale de France, 1961, p.125.

[142] Desde os tempos de *Ateneo*, Caso era discordante politicamente da maioria dos companheiros. Em 1910, apoiou a candidatura à sétima reeleição de Porfirio Díaz, diante a onda antirrelecionista, representada por Vasconcelos. HERNÁNDEZ PRADO, José. Três décadas após o Ateneu da Juventude José Vasconcelos, Antonio Caso e a democracia liberal. Trad. María Nomemí Mejía. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 28, n.3, dez./2016.

[143] Motivado pela polêmica que envolvia Lugones e Vasconcelos, e que abordaremos a seguir, Dromundo e o poeta argentino debatem através de *Repertório*. Cf. DROMUNDO, Baltasar. Unos apuntes a la carta de Lugones (México, 27/01/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 01/03/1926. LUGONES, Leopoldo. Lugones rectifica algunos juicios del Sr. Dromundo (Buenos Aires, 22/04/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 12/06/1926. DROMUNDO, Baltasar. Habla el señor Dromondo (México, 05/07/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 16/10/1926.

[144] Como argumento de autoridade, Dromundo respalda sua posição em José Vasconcelos, Romain Rolland, Alfredo L. Palacios, Gabriela Mistral e Víctor Raúl Haya de la Torre, e apresenta como "pruebas más recientes de tal movimiento noble existe" o grande protesto, que de "todas partes llovían" quando Julio Antonio Mella foi preso. DROMUNDO, Baltasar. Habla el señor Dromondo (México, 05/07/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 16/10/1926, p.228.

> Para terminar quiero darle a usted [Lugones] las gracias porque me llama "socialista y liberal" y porque alaba mi constante entusiasmo. Así como el egoísmo es indicio de senectud, así el signo más claro de la juventud es el entusiasmo; ese entusiasmo que tanto necesitan nuestros hombres para poder llamarse así.[145]

Consideramos que a posição de *maestro* se configurava como um posto politicamente sensível, sujeito à autorização coletiva a partir de variáveis semelhantes às de sua contraparte, a juventude. Trata-se também de um lugar responsivo a um conjunto ideológico que compreende, em alguma medida, alguns posicionamentos: a noção de dever político da ação intelectual orientada à equalização da "questão social"; a abertura para uma definição ampla de identidade continental (latino/hispano-americana, dentre outras) e, crescentemente, anti-imperialista.

A figura do *maestro* não deixa de ser entendida como de formador ou patrono, tanto que intelectuais já falecidos são aclamados pela juventude, mas deixaria de ser o sinônimo de "referência intelectual" para agregar uma conotação política de engajamento. A idade/geração, a grande notoriedade do pensamento professado, o talento para as letras, os cargos ocupados e ascendência política, carreira docente e domínio da oratória, eram elementos importantes para a atribuição da honraria de ser considerado *maestro.* Entretanto, para a militância anti-imperialista, estavam em graus de importância bem menor que a adesão aos preceitos de justiça social. Leopoldo Lugones, poeta de carreira continental, considerado um *maestro* das letras argentinas (seu aniversário é o Dia do Escritor em seu país), na acepção política do termo seria o que poderíamos chamar de um "anti-*maestro*". Ao mesmo tempo, pôde ser visto como indigno do debate político, mas um sujeito a ser combatido, como coloca Carlos Cossio, do movimento estudantil argentino, em 1925:

> En estas doctrinas [defendidas por Lugones] nada hay que no haya sido ya definitivamente destruido y superado por un afán idealista más humano y más hermoso, en el orden de la pura especulación. Nada nuevo ni original nos trajo Lugones. Todo era viejo; tan pequeño, tan remoto, tan cadáver, tan de historia, que, a la verdad, no creo yo que sea el caso de combatir a Lugones en sus ideas, sino simplemente de explicarlo. Mas es el caso, naturalmente, que hay que combatirlo en su acción.[146]

Para Ugarte, em 1931, a força dos novos tempos inevitavelmente arrastaria consigo aqueles intelectuais que eram contrários ou alheios à ideologia de renovação encarnada pela

---

[145] Ibidem, p.229.

[146] COSSIO, Carlos. La Nueva Generación y Leopoldo Lugones. *Nosotros*, Buenos Aires, mai./1925, p.103. O contexto da publicação é a reação dos periodistas da revista *Valoriaciones* ao discurso que Lugones fez em dezembro de 1924 nas celebrações do centenário de Ayacucho.

nova geração. Ser *insincero* com a juventude significaria, assim, a própria obsolescência intelectual dos indivíduos de outras gerações:

> El movimiento de la juventud latino americana en estos últimos años es síntoma segura de que se acercan tiempos nuevos: nunca se vio en nuestras repúblicas el entusiasmo, la rebeldía, la fe en destinos mejores que hoy vibra en todas las capitales (...). Cuando inicié hace un cuarto de siglo mi prédica en favor de la coordinación de los pueblos del Sur para detener el avance del imperialismo norte americano, y contra de las oligarquías que nada intentaron para oponerse a él, nuestras repúblicas dormían; y fueron pocas las voces que se hicieron eco de mis inquietudes. Hoy arde el Continente en un solo fervor. Los raros intelectuales que se recluyen en el arte por arte, los escasos escritores que se solidarizan con las dictaduras, se van quedando al margen de la opinión, solos en la playa de donde se retira el mar. Atados a un estado de cosas que la razón condena, hacen esfuerzos inútiles para conservar contacto con las nuevas generaciones. Por no haber sido sinceros, serán sacrificados. Y de la justa sanción saldrán lecciones para el porvenir.[147]

Convém notar que na esteira destas observações Ugarte afirma seu lugar ativo e de liderança destes novos tempos. Para comprovar seu vanguardismo, sinaliza esta percepção: "antigamente", enquanto todos dormiam, ele já dava o alarde. A crítica à própria geração e a adesão à prédica política aceite como pertencente à nova geração torna-se a chave para a atividade intelectual entre os *maestros* anti-imperialistas, como refletimos a seguir.

Para o jovem Ravines, o encontro com o *maestro* Ingenieros parece ter sido mesmo memorável, mas aparentemente não como o esperado. O tratamento muito informal, cheio de colocações e piadas impertinentes do *maestro* "que chorava de tanto rir", chocou e decepcionou de tal maneira o peruano que, mesmo quase trinta anos depois, manifestava dificuldades em precisar o que sentira. Ao fim, registrou o episódio como mais uma de tantas desilusões juvenis:

> Entre las risas y las lágrimas del Maestro abandonamos la casa a donde había llegado como si fuese a escuchar la voz de Zaratustra. Me sentía abatido y colérico a la vez, con deseos de lanzar alguna maldición al rostro de alguien. Salía desmaravillado y en consecuencia entristecido y disturbado hasta el punto de masticar decepción y amargura. El prestigio del maestro ante mí entraba con rapidez en su menguante; su estatura espiritual tomaba medidas disminuyentes, escorzándose; aunque a los días reía aceptando que sólo se trataba de una ilusión más, que la vida se había encargado de volver polvo, y pensando que no todas las telas de nuestros sueños sirven para vestir los personajes y las cosas de la vida.[148]

---

[147] UGARTE, Manuel. La obra continental. *América*. Quito, Equador, nº44, julho/1931, p.93 [primeira página da edição nº44].

[148] RAVINES, Eudocio. *La gran estafa*. La Penetración del Kremlin en Iberoamérica. México-DF: Libros y revistas, 1952, p.89.

5.4 *Los viejos a la tumba* ou a crítica de si e um lugar na modernidade

O discurso de Manuel González Prada, em 1888, no Teatro Politeama de Lima, do qual se toma a famosa e contundente citação sobre *jovens* e *viejos*, foi pronunciado perante uma audiência que não apenas vira seu país sair derrotado de uma longa guerra e perder parte de seu território, como também vivido a invasão e ocupação de sua cidade por mais de dois anos.[149] O evento no teatro, realizado para arrecadação de fundos na tentativa de reaver as províncias de Tacna e Arica, está carregada deste trauma, salientado no uso insistente da palavra *venganza*. Escrito pelo *maestro* González, mas lido, a pedido deste, por um *joven*, sobressai no discurso as noções de urgência e de missão com que os *niños* são chamados à luta: "Niños, sed hombres, madrugad a la vida, porque ninguna generación recibió herencia más triste, porque ninguna tuvo deberes más sagrados que cumplir, errores más graves que remediar ni venganzas más justas que satisfacer."[150]

Esta observação não visa argumentar que as palavras de González foram tiradas de contexto, pois isso é evidente, mas que foram tomadas como símbolo de valores similares de urgência, superação e missão. A famosa sentença proferida no Politeama foi apropriada de forma recorrente pelos jovens na década de 1920, sobretudo os conterrâneos do *maestro*, que o tomaram como símbolo (como demonstra a denominação da universidade popular no Peru). Mas não apenas. Julio Antonio Mella, após a conferência de Haya de la Torre na Universidade de Havana, não pode deixar de citar González Prada. É razoável supor este encadeamento quando verificamos que o artigo escrito pelo cubano sobre Haya e o outro com a citação a González ocupam o mesmo número do periódico *Juventud*[151].

---

[149] A ocupação de Lima por forças chilenas ocorreu de 17 de janeiro de 1881, quando vencida as resistências em Chorrillos e Miraflores (nos arredores da capital), a 23 de outubro de 1883, com a assinatura do *Tratado de Ancón*. O acordo previa a cessão incondicional do departamento de Tarapacá e o aceite da ocupação das províncias de Tacna e Arica pelo Chile, pondo fim à Guerra do Pacífico. Voltaremos à questão da Guerra do Pacífico na Parte III.

[150] GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Politeama (1888). In: *Paginas Libres. Horas de Lucha*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976, p.43. As informações sobre as circunstâncias do discurso constam na nota de rodapé da referida edição, também na página 43.

[151] Respectivamente as páginas 9 e 10, com o editorial *Todo tiempo futuro tiene que ser mejor*, e 11, que traz o artigo Víctor Raúl Haya de la Torre, de *Juventud* (nov./dez. 1923). De acordo com indicações da coletânea *Escritos Revolucionarios*: MELLA, 1978, p.39-41. A citação aparece no último parágrafo do editorial de *Juventud*: Una "cosa ha sustituido a la otra, de manera que el siglo XIX sustituyó al XV, como la juventud sustituye constantemente a la vejez cumpliendo la sabia sentencia de González Prada: 'Los viejos a la tumba, los jóvenes a la obra'". Ibidem.. p.41. Na conferência que pronunciou na Universidade de Havana, Víctor Raúl havia citado a máxima de González. Cf. HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Aspectos del problema social en el Perú. Discurso a los estudiantes de la Universidad Popular "José Martí" (Havana, 09/11/1923). In: Por la emancipación de América Latina. In: *Por la emancipación de América Latina* - artículos, mensajes, discursos (1923-1927). Buenos Aires: M. Gleizer, 1927, p.47.

Apesar da provocação de Ricardo Palma sobre o autor do discurso já ter 44 anos de idade quando manda "los viejos a la tumba", González não indica no texto que ele próprio pertenceria a esta juventude ou, tampouco, àqueles que deveriam ir à tumba. Em *Los viejos*, de 1915, o filósofo peruano retoma o tema e condena o reacionarismo que, com a velhice, atingia até os "reformadores mais avançados". Postula como receita de "perpétua juventude de pensamento"[152] o que chama de higiene psíquica permanente. Para González, significava nunca se submeter a um sistema absoluto de verdades, entendê-las como sempre provisórias. Essa ideia de renovação permanente, fundamento da filosofia gonzaliana, está pressuposta quando, em 1888, convoca "los niños" a escrever o "embaraçoso epitáfio" da geração que decaía. Compreensão que se coaduna com as relações entre *maestros* e juventude no período que estudamos. São relações tanto oscilantes e complementares entre acolhimento e rejeição, mas ambas orientadas para sua afirmação de exercício político-intelectual moderno.

O ímpeto de autodestruição que, para González Prada, repõe a perpétua juventude de pensamento, se inscreve naquilo que Octavio Paz chama de "tradição da ruptura", característico da afirmação da modernidade. De acordo com Paz:

> Dije que lo nuevo no es exactamente lo moderno, salvo si es portador de la doble carga explosiva: ser negación del pasado y ser afirmación de algo distinto. (...) aquello que es ajeno y extraño a la tradición reinante, la heterogeneidad que irrumpe en el presente y tuerce su curso en dirección inesperada. No sólo es lo diferente sino lo que se opone a los gustos tradiciones: extrañeza polémica, oposición activa. Lo nuevo nos seduce no por nuevo sino por distinto, y lo distinto es la negación, es cuchillo que parte en dos al tiempo: antes y ahora. Lo viejo de milenios también puede acceder a la modernidad: basta con que se presente como una negación de la tradición y que nos proponga otra. Ungido por mismos poderes polémicos que lo nuevo, lo antiquísimo no es un pasado: es un comienzo. La pasión contradictoria lo resucita, lo anima y lo convierte en nuestro contemporáneo.[153]

Estar "sempre alheio à tradição reinante" aparece, na intelectualidade latino-americana do período, autorreferida como vanguarda política, como o necessário compromisso de jovens e antigos intelectuais. Engajados na construção dessa modernidade que privilegia sistematicamente o sujeito juvenil, os não-jovens constituem seu lugar de *maestros*. Não com áurea etérea de patrono, mas sujeitos às intempéries do jogo político e constantemente questionados, mas modernos como queriam. Ugarte como o precursor - o farol que intuiu a missão anti-imperialista da nova geração, Vasconcelos como o vigilante defensor da

---

[152] GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Los viejos (*Cultura*, Lima, 01/06/1915). In: *Nuevas Páginas Libres*. GONZÁLEZ PRADA, Alfredo (org.). Santiago de Chile: Ercilla, 1937, p.113.

[153] PAZ, Octavio. *Los hijos del limo*. Del romanticismo a la vanguardia. Barcelona: Seix Barral, 1990 (1ªed. 1987), p.20-21.

juventude contra os tiranos e Ingenieros como o grande filósofo artífice de uma "ética funcional" vanguardista e pragmática.

Na nota introdutória em que apresenta *Las fuerzas morales* (1925), última obra que José Ingenieros terminou, o *maestro* argentino revela o que pretende com seu trabalho de orientador: que os jovens consigam compreender sua própria época e estar, como ele, sempre na vanguarda da sua. Diz o autor, que morreria ainda naquele ano:

> Este libro completa la visión panorámica de una Ética Funcional. (...) Prevalece en todo el concepto de un *idealismo ético en función de la experiencia social*, inconfundible con los capciosos idealismos de la vieja metafísica. Cada generación renueva sus ideales. Si este libro pudiera estimular a los jóvenes a descubrir los propios, quedarían satisfechos los anhelos del autor, que siempre estuvo en la vanguardia de la suya y espera tener la dicha de morir antes de envejecer.[154]

Os preceitos da "ética funcional" em Ingenieros são apresentados como um tratado filosófico de âmbito geral e organizado em tríades (tais como *Juventud, Entusiasmo, Energia*; *Firmeza, Dignidad, Deber* e *Historia, Progreso, Porvenir*), mas que tem uma função política muito definida. Qual seja, esclarecer a *Nueva Generación* da "magna Obra" de sua época: "desenvolver la justicia social en la nacionalidad continental."[155]

Em parte tributária do mesmo *juvenilismo*, a maestria afirma sua própria modernidade, com e contra a juventude. Estar ultrapassado, em certo sentido, para a militância que os tempos exigiam, permitia estar apto a exercer a função de *maestro:* servir de farol, iluminar os caminhos e ler o mundo, para traduzi-lo, além da inflamação juvenil. Como disse Vasconcelos aos colombianos que o elegeram *maestro*, seria como estar junto com os jovens na "cruzada moderna".[156]

Este estudo, que se iniciou baseado na noção de *juvenilismo* terminou por compreender que ela não seria suficiente para a reflexão sobre os modos de sociabilidade das redes intelectuais deste período no que tange à questão geracional. A citação de Octávio Paz a respeito das formas do moderno indica o que percebemos no trabalho com as fontes: sejam *jovens* ou *velhos*, a dedicação à luta anti-imperialista significava, *grosso modo*, a inscrição dos autores em uma posição politicamente tida como moderna - ou vanguardista.[157] A

---

[154] INGENIEROS, José. *Las fuerzas morales*. Anotado por Aníbal Ponce. Buenos Aires: Tor, 1955 (1ªed. 1926, póstuma), s/p, grifos no original.
[155] Ibidem, p.11.
[156] VASCONCELOS, José. Carta a la juventud de Colombia (México, 28/05/1923). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 09/07/1923, p.204.
[157] Na próxima Parte voltaremos mais detidamente ao conceito de vanguarda, p.159-160.

"agonia" que dá título à esta secção remete à acepção dada por Miguel de Unamuno, com o significado de "luta constante", para o filósofo, sinônimo mesmo de vida.[158]

Essa luta assumiu contornos dramáticos, como a que analisamos a seguir. Foi escolhida não pela dramaticidade, mas por perfazer uma trama que evidencia as relações e os papeis de *maestros* e jovens como contornos de identidades apreensíveis por meio da prática política. Essas práticas que, como argumentamos, têm um sentido de autoafirmação da modernidade desses sujeitos, quando investigadas em redes de relações, tornam possível entender mais profundamente os repertórios políticos que as fundamentam. A questão que perseguimos a partir dessa análise diz respeito ao lugar do anti-imperialismo como definidor de tais repertórios e como elemento que interpela os sujeitos intelectuais na década de 1920. Para tanto, nossa escolha foi a de perscrutar a conformação das redes em um pequeno recorte que, como evidenciamos na argumentação, tanto vai se estendendo e se ramificando a partir do debate em torno do imperialismo e de tópicos considerados correlatos.

---

[158] Sobre este tema, a principal referência em Unamuno é sua obra *La agonía del cristianismo*, de 1925. Cf. UNAMUNO, Miguel de. *La agonía del cristianismo*. Buenos Aires: Losada, 1938. Como explicam Viteri e Posada, a *agonía* em Unamuno perpassa todas as dimensões da vida: "Se comprende la agonía como búsqueda incesante de vida con todas sus implicaciones ontológicas del hombre como ser que lucha, que no está estático, sino que al ser vida se mueve en todas sus dimensiones humanas." VITERI BAZANTE, Frank; POSADA GÓMEZ, Edward. Miguel de Unamuno: una comprensión de su pensamiento en torno a la agonía y la muerte. *Pensamiento*, Vol.73, nº278, 2017, p.1095.

Capítulo 6: Redes anti-imperialistas: da *simbólica tragedia* às tragédias mais que simbólicas

> El mismo día que se fundó la editorial "Minerva", que editaría *Amauta* más tarde, cayó asesinado de un balazo en el estómago Edwin Elmore. Lima entera se conmovió: el poeta Chocano había sido el ejecutor del trágico designo. Era en octubre de 1925. Haya de la Torre, desde Londres, escribió: "No se vea en la muerte de Elmore un caso personal... Para mí, la mayor culpa de Chocano está en que es un de los pocos capaces de de comprender en toda su gravedad la situación del Perú [subyugado por la clase de feudales y burgueses, que encabeza Leguía, agente de Wall Street en el Perú]"... Pero, rastreemos los orígenes de la *simbólica tragedia*...[159]

Em 31 de outubro de 1925, a intelectualidade latino-americana perdia um *maestro* e um jovem. O primeiro, José Ingenieros, com 48 anos - médico e filósofo -, de obra reconhecida por toda a América Latina e com uma legião de jovens admiradores e alunos, foi vítima de uma meningite fulminante em Buenos Aires, após uma recente viagem pela Europa e México. O segundo, o engenheiro e escritor peruano Edwin Elmore, de 35 anos, foi assassinado pelo poeta José Santos Chocano em um encontro casual na porta do diário *El Comercio*, de Lima, após uma sequência de atritos pela imprensa. A triste coincidência não passaria em branco para seus contemporâneos[160] e, enquanto Ingenieros tinha sua obra celebrada, a polêmica que havia resultado no trágico fim de Elmore, estava longe do fim.

Mais do que um triste desfecho de uma disputa intelectual, a *simbologia* do assassinato Elmore a que se referem os apristas Luis Alberto Sánchez e seu biografado, Haya de la Torre aponta para uma série de significações políticas que nos permitem, seguindo as interlocuções dos autores, compreender o funcionamento em rede das relações e dinâmicas dessa intelectualidade. Para tanto, optamos por este recorte bastante específico - desta *simbólica tragedia* -, a fim de aprofundá-lo e, detalhando sua trama, demonstrar de forma inteligível e mesmo, tangível, o que se compreende por redes intelectuais transnacionais politicamente orientadas, objeto de todo o nosso trabalho.

---

[159] SANCHEZ, Luis Alberto. *Haya de la Torre o el Político*. Crónica de una vida sin tregua. Santiago de Chile: Ercilla, 1936 (1ªed. 1934), p.126, grifo nosso. A citação de Haya, transcrita por Sánchez, é de uma carta enviada para o periódico *El Universal Gráfico*, do México, publicada em dezembro de 1925 e que completamos entre colchetes. Cf. HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Por qué Chocano llamó farsante a Vasconcelos (Londres, 1925). El prominente líder peruano, tercia en el incidente, por conducto del "Gráfico", en defensa del escritor mexicano. In: RODRÍGUEZ, José María. *Poetas y bufones* - Polémica Vasconcelos-Chocano: El asesinato de Edwin Elmore. Madrid: Agencia Mundial de Librería, 1926. Acesso 27/11/2019. Disponível em: http://www.filosofia.org/aut/001/1926pb.htm.

[160] Além de observar a "trágica trágica coincidencia, caído ambos, el mismo día, Ingenieros y Elmore", *Nosotros* pediu ao *Mercurio Peruano*, de Lima, para que lhe remetessem uma fotografia de Edwin Elmore para ser incorporado à galeria de retratos da casa, "al lado del ilustre maestro Ingenieros". Pedido que, Alberto Ureta, em nome de *Mercurio*, diz que será prontamente atendido. Cf. NOSOTROS. El asesinato de Edwin Elmore; e URETA, Alberto. Resposta a *Nosotros*. *Nosotros*, Buenos Aires, dez.1925, 701 e 702.

Não temos, como Sánchez, a pretensão de estabelecer as *orígens* ou mesmo a conclusão desta polêmica, que tem na morte de Elmore um dos marcos de sua trajetória, mas buscamos perscrutar seu desenvolvimento. Mais precisamente, aspiramos compreender uma série de polêmicas com encadeamentos comuns, por meio de seus rastros mais detalhados, como discursos, cartas, relatos particulares, artigos, viagens, encontros, indicações de contatos por terceiros, a fim de perceber como esses modos de relação comunicam e ligam os sujeitos, desenhando e redesenhando relacionamentos e modos de fazer política. Quando falamos em "desenho" propomos enfrentar o desafio de construir uma narrativa de um fluxo complexo e multidimensional de interações.

Esta escolha, que indicamos a partir da citação de Luis Alberto Sánchez, tem por fio condutor a personagem de Edwin Elmore e um recorte temporal muito preciso, entre o final de 1924 e o início de 1926, que nos permitirá ajustar o foco para uma observação mais pormenorizada das formas, finalidades e processos das conexões que formam as redes. A trajetória de Elmore neste período, que ultrapassa as circunstâncias de sua morte, compreende um percurso muito interessante para este tipo de estudo. O jovem engenheiro articulou de forma bastante ativa o que ele pretendia como um Congresso Livre de Intelectuais Ibero/latino-americano a ocorrer em Havana em 1926, mas que nunca chegou a se realizar. Tais articulações foram preservadas e reunidas em forma de dossiês, livros e coletâneas - e neste ponto há um inequívoco peso da *simbólica tragédia* que o envolveu -, e que consultamos para a pesquisa.[161]

[161] A coletânea mais completa foi publicada pelo espanhol José María Rodríguez em 1926. Rodríguez reagiu ao folheto pró-Chocano "El poeta D. José Santos Chocano contesta a D. José Vasconcelos", de dezembro de 1925, que causou alvoroço especialmente por que se acreditava ter sido impresso pela prestigiada editora madrilenha Calpe. A editora esclareceu que o folheto havia sido impresso como serviço para um particular, o diplomata peruano residente em Madri, Pablo Abril de Vivero. E que, quando se deu conta do conteúdo, tentou recolher o que já havia sido impresso. A justificativa é publicada em *La Liberdad* com a assinatura de M. Mathieu. Cf. MATHIEU, M. Una aclaración. Acerca de la edición de un folleto. *La Libertad*, Madrid, 08/01/1926. Rodríguez era amigo de juventude de Vasconcelos, tendo trabalhado no México em 1905. Em julho de 1925, promoveu a primeira visita do mexicano Gijón, na Espanha, onde Rodríguez era proprietário do café *Lion D'Or*. Vasconcelos fala da amizade com o espanhol, chamado por ele de *compadre*, no capítulo "La Realidad", na obra auto-biográfica *Ulises Criollo*. VASCONCELOS, José. *Ulises Criollo*. Prólogo de Emmanuel Carballo. México-DF: Trillas, 2009 (1ªed. 1935). É necessário destacar como o material transcrito no sítio *Filosofía en español*, cuidadosamente separado em eixos temáticos - dentre os quais constam Edwin Elmore e seu congresso -, foi de grande auxílio nesta parte da pesquisa. Apenas a partir deste portal foi possível a consulta a obra *Poetas y Bufones*, de José María Rodríguez. Acesso 27/11/2019. Disponível em: http://www.filosofia.org/bol/bib/nb059.htm

6.1 A batalha por Ayacucho: as redes temáticas

A contenda teve início com a publicação do artigo de José Vasconcelos, *Poetas y Bufones*, que tinha por alvo principal contestar Leopoldo Lugones. O discurso do argentino, convidado pelo presidente peruano Augusto Leguía para as espetaculares celebrações do centenário da Batalha de Ayachucho[162], reverberou entre os intelectuais. Neste discurso, o ex-socialista defende a *força* como única garantia legítima de poder político e sua única lei. O pressuposto político de Lugones não implicava, todavia, apenas em um posicionamento antipacifista, o que já o situava contra a corrente dominante no trauma do pós-Guerra -, como era uma ideologia abertamente oposta ao que o autor chamava de "sistemas imaginários". Para Lugones, compreendidos pelo pacifismo, pela "ideologia democrática" e pela "metafísica socialista". Todos, segundo ele, desvirtuadores da índole natural do gênero humano, conquistadora e agressiva.[163]

Convidado de honra em um dos eventos da celebração do centenário (09/12/1924), a *Fiesta de los poetas*, que teve o bardo peruano Santos Chocano como anfitrião, Lugones proferiu seu famoso discurso, conhecido por sua frase mais marcante, *La hora de la espada*. Para o argentino, a desordem, a falta de hierarquia, a falência da demagogia democrática e socialista clamavam novamente (em referência a Ayacucho) pela restauração, simbolizada pelo exército - pela *hora da espada* -, a lei imposta pela força: "Pacifismo, colectivismo, democracia, son sinónimos de la misma vacante que el destino ofrece al jefe predestinado, es decir al hombre manda por su derecho de mejor, con o sin la ley, porque ésta, como expresión de potencia, confúndese con su voluntad."[164]

Na Argentina, Lugones já representava o antagonista preferencial entre os intelectuais liberais e socialistas.[165] Entretanto, alguns elementos fizeram o discurso autoritário do

---

[162] O simbolismo da Batalha de Ayacucho, o último dos embates bélicos na independência na América do Sul, é especialmente importante para os peruanos. A batalha, em 9 de dezembro de 1824, se deu no Pampa de la Quinua, no território de Ayacucho, localizado no centro-sul do Peru. Nas efemérides de seu centenário, o governo de Augusto Leguía, que tinha como política a reafirmação constante do antagonismo com o Chile e dos sentimentos patrióticos peruanos, financiou as festas e várias presenças ilustres, como Leopoldo Lugones e o *maestro* mexicano Antonio Caso. Cf. CHAUPIS TORRES, José. Patria y nación: Leguía durante el centenario de la Batalla de Ayacucho. *investigaciones sociales*, Lima, Vol.19, n°34, 2015.

[163] LUGONES, Leopoldo. El tesoro y el dragón (set.1927). In: *La patria fuerte*. Buenos Aires: Círculo Militar, 1930, p.23.

[164] Ao publicar seu texto em uma coletânea, editada pelo Círculo Militar argentino em 1930, Leopoldo Lugones retifica o título que, segundo ele, era *Batalla de Ayacucho*. LUGONES, Leopoldo. Batalha de Ayacucho. In: *La patria fuerte*. Buenos Aires: Círculo Militar, 1930, p.17. Em 1930, Lugones saldou a chegada da *hora da espada* na Argentina, com o golpe de estado do general José Félix Uriburu, para quem escreveu discursos.

[165] Podemos perceber novamente a ação complementar entre *maestro* e juventude na reação contra Leopoldo Lugones em 1923 em razão de uma conferência ministrada pelo poeta no Coliseo de Buenos Aires. A revista *Nosotros* publicou a versão taquigráfica da conferência "El ideal de las democracias ibero-americanas" de

argentino alcançar notoriedade continental e dar relevo ao seu ideário político: a magnitude do evento, promovido por um governo repressor, o destaque da prestigiosa presença de um poeta tão conhecido entre outras personalidades, e o fato da fala ter sido prontamente telegrafada de Lima para o bonarense *La Nación*. A forte reação contra seu discurso foi acusada pelo próprio Lugones logo nos primeiros dias de 1925 que, alegando querer combater a "campaña de injuria y difamación desenfrenada contra mí con motivo del discurso que prenuncié en Lima"[166], o que atribui a divulgação fragmentada do texto, remete a versão completa para publicação em *La Nación*.[167] Em *Repertorio Americano*, é possível observar o crescimento significativo das menções a Leopoldo Lugones. Enquanto em 1923 o poeta aparece em 7 edições do semanário e em 1924 em 12 números diferentes, em 1925 são 21 edições com citações a Lugones, incluindo a de 27 de abril, da qual é capa.

Na esteira das repercussões sobre sua atuação em *La fiesta de los poetas,* Lugones manteve polêmicas por vários meses com diferentes autores no decorrer de 1925. O chileno Enrique Molina criticou *La hora de la espada* na edição da segunda quinzena de fevereiro e, comparando-o a Vasconcelos e a Palacios, conclui que o autoritarismo de Lugones e seu apreço pela força não permitiam que permanecesse digno da posição que ocupava, a de *maestro*, ou nas palavras de Molina: "El señor Lugones ha traicionado su investidura de poeta y de obrero de la espiritualidad hispano-americana."[168] Ainda que Molina não use a expressão *maestro*, fica clara, sobretudo tendo Vasconcelos e Palacios como parâmetro, a referência a este lugar político.[169]

Alfredo Palacios, chamada por iniciativa do *Ateneo del Centro de Estudiantes de Derecho*, também no Coliseo, como resposta a Lugones. Iniciativa saudada por Palacios como reação da juventude contra o reaccionarismo antidemocrático representado pelo seu coetâneo. Diz Palacios: "No en vano dije en un reportaje, al día siguiente de la conferencia de Lugones, que la juventud universitaria tenía el deber de levantar su voz de protesta contra el absurdo nacionalismo agresivo del orador del Coliseo. He aquí el manifiesto de la Federación Universitaria Argentina, donde se afirma que son peligrosas para nuestra joven democracia, las tentativas reaccionarias, máxima cuando asumen caracteres sediciosos y contrarios al espíritu liberal de nuestros pueblos (...)." PALACIOS, Alfredo. El ideal de las democracias ibero-americanas. *Nosotros*: Buenos Aires, set.1923, p.32.

[166] LUGONES, Leopoldo. Advertencia [*La Nación*, Buenos Aires, 13/01/1925] - El discurso de Ayacucho. In: *La patria fuerte*. Buenos Aires: Círculo Militar, 1930, p.11.

[167] Todavia, na versão do espanhol Luis Jiménez de Asúa, também presente na cerimônia, o próprio Lugones revisou cuidadosamente a versão do texto que foi envia a Buenos Aires: "Acaso el alegato violento y militarista hubiera podido ser olvidado, porque *verba volant*; pero el poeta argentino lo hizo publicar en *La Nación*, de Buenos Aires, en un texto cuidadosamente revisado y aprobado por él; y tan áspera resultaba la arenga para la sensibilidad argentina, que el propio gran diario porteño se vio precisado a advertir que en escritos de tal índole los autores hablaban por propia cuenta." JIMÉNEZ DE ASÚA, Luis. El crimen de Lima. Elmore y Chocano. *La Libertad*, Madri, 08/09/1926 *apud* http://www.filosofia.org/hem/192/9260908.htm Acesso: 16/01/2019.

[168] MOLINA, Enrique. ¿Ha sonado la hora de la espada? Ao señor Leopoldo Lugones [Chile, 13/01/1925]. *Repertorio Americano*, São José da Costa Rica, 09/02/1925, p.338.

[169] Além de Molina, em 1925, também em razão de *La hora de la espada*, Leopoldo Lugones mantém debate com o jornalista costarriquenho Roberto Brenes Mesén. E com Edwin Elmore a repeito de um congresso que o peruano estava planjando. Cf. Repertorio Americano, San José de Costa Rica, 1925.

Com menos destaque, Santos Chocano passa por arguição semelhante por ter ciceroneado as festas de Aycucho e por seu apoio ao governo peruano. A *maestra* Gabriela Mistral faz um apelo público ao poeta, em nome do "respeito amoroso da juventude" do qual estaria abrindo mão ao não defender os estudantes da perseguição de Augusto Leguía. Escreve a poetisa:

> Cuando el poeta mire a su conciencia, en hora de la soledad, sin contaminaciones de las fiestas palaciegas - que lo han de cansar - ni de la tribuna encendida, - que le repugnará a la larga - se responderá a si mismo que los jóvenes han tenido razón *y que él les ha sido infiel*.[170]

Santos Chocano responde com bastante cordialidade a Mistral que não era um homem poderoso no governo peruano, como a poetisa alegava, e que os universitários hispano-americanos estavam "contaminados" de "sectarismos sociales y apasionamentos políticos"[171] e por isso se insurgiam contra Leguía. Neste debate, todo documentado nas páginas de *Repertorio*, podemos perceber a interessante difusão por meio das quais as redes se operacionalizavam. A crítica de Gabriela Mistral a Chocano foi publicada no periódico chileno *El Mercurio*, sendo "recortada" e republicada por Joaquín García Monge na Costa Rica no mês seguinte.[172] A réplica, escrita por Chocano ao limenho *La Crónica*, também apareceu no semanário costarriquenho algumas edições depois. Não foi via *Repertorio* que Chocano tomou conhecimento do texto da chilena, mas foi através desta difusão que um leitor e outros intelectuais acompanharam o debate. Movimento que, podemos imaginar, seria mais difícil se fosse necessário ter acesso aos dois jornais diários, em dois países diferentes e sem qualquer relação.

Todavia, é relevante pontuar que a marcante presença de Lugones nas páginas de *Repertorio* em 1925 não se deve diretamente a *La hora de la espada* ou ao famoso artigo de

---

[170] MISTRAL, Gabriela. José Santos Chocano y España [*El Mercurio*, Santiago de Chile, 02/06/1925]. *Repertorio Americano*, São José da Costa Rica, 20/07/1925, p.302, grifo no original.

[171] SANTOS CHOCANO, José. Carta abierta a Gabriela Mistral [*La Crónica*. Lima, 10/07/1925]. *Repertorio Americano*, São José da Costa Rica, 14/09/1925, p.27. A diversidade ideológica e divulgação do contraditório, do qual a publicação se orgulha é notória se comparada a publicações que não tinham esse perfil, como a socialista *Amauta* ou a cominternista *El Libertador* (México) e nas quais, autores conservadores como Lugones não teriam espaço. Há nas páginas de *Repertorio Americano* textos de variada filiação, de socialistas a fascistas e, muito menos representados, comunistas.

[172] Segundo Oliva Medina, o sistema de "recortes" usado por García Monge, sobretudo nos primeiros anos de *Repertorio*, baixavam os custos do periódico que não precisava remunerar colunistas. O prestígio alcançado pelo semanário durante a década de 1920 aumentou a contribuição autoral para a revista, muito bem quista pela intelectualidade, mas os *recortes*, que localizavam polêmicas e davam certa continuidade narrativa para os debates, continuaram sendo marca da revista. Mario Oliva Medina traz também dados sobre a circulação continental da revista de García Monge e seu perfil de recepção. Cf. OLIVA MEDINA, Mario. Revista Repertorio Americano: algunos alcances sobre su trayectoria, 1919-1958. *Revista Izquierdas*: Universidad de Santiago de Chile, vol.1, nº1, jul./2008. A revista *Repertorio Americano* foi dirigida apenas por Joaquín García Monge em seus 39 anos de duração e deixou de ser impressa no mesmo ano da morte de seu editor, 1958.

Vasconcelos, *Poetas y Bufones*. Mas, a despeito deles, pois, por decisão editorial de García Monje, *Repertorio* divulgou esta polêmica apenas de forma tangencial, com as repercussões do discurso em Ayacucho e os contraditórios de Lugones. A publicação só faz referência direta ao texto de Vasconcelos após o assassinato de Elmore, a partir de suas edições de dezembro. A nota editorial, algo bem raro na revista, justifica a ausência da polêmica que correu aquele ano pela amizade do editor tanto com Lugones quanto com Vasconcelos, por querer preservar sua linha editorial pluralista e pelo rechaço ao "mal exemplo" dado pelos *maestros* - e que havia custado a vida do jovem peruano. O editorial, que transcrevemos na íntegra, clama pela harmonia entre os grandes escritores de *nuestra América*:

> El editor del *Repertorio Americano*, tan amigo de Lugones como de Vasconcelos, deplora cordialmente que tan claros y buenos varones lleguen a hablarse en términos airados - ¡Concordia! seria su santo y seña - ¡Concordia entre los grandes escritores de nuestra América! Con tornarse agresivos, se da mal ejemplo y se va al desastre. ¡Pongamonos de acuerdo! ¡Hay tanto que hacer en estas patrias desunidas! tanto que reclama el concurso de luces y voluntades en los mejores de sus hijos! De conformidad con estos anhelos, no hemos querido saber del artículo de Vasconcelos contra Lugones y Chocano, ni del de este último contra Vasconcelos; artículo, el de Chocano, que promovió en Lima una querella lamentable y la cruel inmolación de un justo: Elmore. No a otra cosa conduce la violencia. Escritores de América hispana: que en lo sucesivo, la diversidad de opiniones, por extrañas y discutibles que parezcan, no os mueva más a la diatriba ni a los rencores hondos.[173]

O artigo de José Vasconcelos, que García Monje recusou republicar em *Repertorio Americano*, por considerá-lo ofensivo demais, havia saído em março de 1925 no mexicano *El Universal Gráfico*, sob o título de "Poetas y bufones". Ao lermos o texto de Vasconcelos percebemos que a citação a Santos Chocano, a quem chama de *bufão*, tem sobretudo a função de tentar rebaixar Lugones. Chocano, aparte a deferência por sua obra como poeta, é apresentado por Vasconcelos como um contumaz servo de tiranos. Como lembra Vasconcelos sobre o período em que Santos Chocano passou na Guatemala e trabalhou para Estrada Cabrera e sua recente relação com o presidente venezuelano Juan Vicente Gómez.[174]

---

[173] REPERTORIO AMERICANO. Nota editorial. *Repertorio Americano*. San José de Costa Rica, 28/12/1925, p.247. Como se sabe, em língua espanhola, o penúltimo sobrenome corresponde ao nome paterno e é em geral predominante ao ser referenciado. No caso de José Santos Chocano, talvez por ser um nome incomum, "Chocano" aparece com frequência sozinho, como nesta nota de García Monge. Fizemos o mesmo uso na tese.

[174] Vasconcelos e Chocano eram antigos conhecidos, ambos participaram do mexicano *Ateneo de la Juventud* e, como conta Vasconcelos no artigo que deu início a esta polêmica, Chocano esteve ao lado dos revolucionários mexicanos: "Chocano dejó en Méjico las páginas más brillantes de su vida; aquí se hizo verbo de la nobilísima revolución contra Victoriano Huerta; sus arengas se leían por la noche en los campamentos, en las esperas prolongadas del vivac; las sabía de memoria la oficialidad y se recitaban antes y después de los combates." VASCONCELOS, José. Poetas y bufones [*El Universal*, 09/03/1925]. In: RODRÍGUEZ, 1926. Chocano chegou à Guatemala em 1915, cinco anos depois, com a deposição de Estrada Cabrera, foi condenado à morte, mas salvou-se do fuzilamento após ampla mobilização internacional de intelectuais e políticos e retornou ao Peru em 1921. Colaborador do governo peruano, no ano seguinte foi agraciado com com uma coroa de "louros" feita de ouro. Com a queda de Leguía, que o livrou da sentença pelo homicídio de Elmore, mas não da negativa

Na crítica a Lugones, Vasconcelos afirma ser o caso do argentino ainda mais lamentável, pois este vivia de seu trabalho de intelectual e não dependia de "favores de dictadorzuelos", como o poeta peruano, o que fazia de Lugones apenas um "bufón asustado". Um sujeito que temia perder suas comodidades e pequenos luxos com o advento da revolução social: "Un bufón de las letras grita asustado; eso es todo. La libertad sigue bregando."[175]

Todavia, as imensas discordâncias políticas de Vasconcelos sobre as pautas defendidas por Lugones e Chocano e o hábito entre os homens de confrontar publicamente discursos aos quais se opunham (começando as famosas *polêmicas*), explica apenas em parte a iniciativa do mexicano de responder ao discurso de Leopoldo Lugones. Em seu próprio texto, Vasconcelos aponta outra motivação importante, a de acalmar seus "jovens amigos" argentinos que lhe pediram que censurasse publicamente o discurso de Lugones em Ayacucho. Vasconcelos, mais uma vez, atende a uma expectativa de ação política, requerida por seus pares mais jovens, concernente a sua condição de *maestro*:

> Hemos perdido un poeta [Lugones] y hemos ganado un bufón; eso es todo, y no hay de qué alarmarse, jóvenes amigos de la Argentina que me pedís unas palabras de censura para "el mal hombre". (...) Son nada más que bufones; no llegan a ser, según escribe desde Buenos Aires un amigo indignado: "TRAIDORES A LA HUMANIDAD". No son mas que los bufones de la sangrienta mascarada de América.[176]

Tomado o contexto mais amplo da publicação de Vasconcelos, do lugar intelectual de destaque ocupado pelos posicionamentos políticos de Lugones, sobretudo após as festas de Ayacucho, diferimos da interpretação de Patricia Funes de que Vasconcelos entrou em polêmica com Chocano "y por extensión, con Leopoldo Lugones".[177] O que nos parece é exatamente o contrário. Isso pela já conhecida e extensa trajetória de José Santos Chocano como o *poeta dos tiranos*, o que não o credenciava como interlocutor válido, diferente de Leopoldo Lugones. A indicação, no texto de Vasconcelos, de estar atendendo a um pedido de jovens argentinos para responder ao discurso autoritário de Lugones também corrobora essa percepção. Em suas *Memorias*, além de voltar a lembrar que respondia à demanda de um "jovem argentino", o mexicano avalia que foi demasiado duro com Lugones, que sempre fora

---

repercussão social, Chocano deixa o Peru. A nada ordinária vida de Chocano termina também de forma inusitada. Em 1934, de acordo com seu biógrafo e organizador de suas obras - também biógrafo de Haya de la Torre -, Luis Alberto Sánchez, é morto no Chile, acusado pelo homem que o apunhalou de ter roubado planos secretos de uma caça ao tesouro. Considerado esquizofrênico-paranoico, o assassino de Chocano ficou preso em uma instituição psiquiátrica. SANCHEZ, Luis Alberto. *Aladino* - o vida y obra de José Santos Chocano (1960).

[175] VASCONCELOS, José. Poetas y bufones [*El Universal*, México, 09/03/1925]. In: RODRÍGUEZ, 1926, p.18.

[176] VASCONCELOS, José. Poetas y bufones [*El Universal*, México, 1925]. In: RODRÍGUEZ, 1926, p.17, destaques no original.

[177] FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. p.399

cortês com ele, mas que com o peruano não se preocupava, pois seu histórico naquela época já era condenável:

> Hice, pues, el malhadado artículo "Poetas y bufones". Demasiado violento y un poco injusto en lo que respecta a Lugones, que me había tratado en Buenos Aires con exquisita cortesía. Lo de Chocano no me preocupaba. (...) Chocano se había distinguido por su ferocidad al lado de Estrada Cabrera, el abominable tirano guatemalteco . Era natural que ahora cantase a Leguía.[178]

Chocano tomou o protagonismo neste debate após sua resposta ao artigo de Vasconcelos, em especial, por ter suscitado o posicionamento dos estudantes peruanos em defesa de seu *maestro*. Ainda mais após o assassinato de Elmore, que acabou marcando a retrospectivamente a polêmica iniciada por Vasconcelos para contestar Lugones. Isso é importante para percebermos a não linearidade das polêmicas e do estabelecimento das redes de debate.

Como resposta a Vasconcelos, Chocano publicou no periódico mexicano *El Excélsior*, o longo artigo *Apóstoles y farsantes - Vasconcelos sin máscara,* no qual o chama de "adulador de multidões" e faz graves acusações contra o ex-ministro da Educação mexicano, como a de "tolerar e autorizar fuzilamentos em seu país" e devolve a ofensa chamando-lhe de *farsante*.[179] Apesar do caráter também pessoal das críticas, sobressai a discordância político-ideológica, em Chocano seu antissocialismo e oposição à ideia de uma revolução social. Nos dias seguintes, enquanto Chocano continuava ocupando as páginas do diário limenho *La Crónica* com "largos y mordaces artículos"[180] contra Vasconcelos. A juventude intelectual peruana reage contra Chocano e, em 29 de outubro, torna pública e coletiva a defesa de seu *maestro* com uma nota conjunta.[181]

---

[178] VASCONCELOS, 1984, p.295. Vasconcelos fala também sobre a culpa que carrega pela morte de Elmore, por ter iniciado a polêmica, mas que em sua percepção, foi aquele o fato que fez sua fama continental: "Me pesó esa vida tontamente sacrificada; me ha pesado siempre... (...) En general, tanto se desbocó Chocano y tan mal andaba su prestigio, que aún en España Chocano fue vivamente censurado, en tanto que sin quererlo me ponía a mí sobre el solio de la fama continental. Pero el recuerdo de todo el caso desafortunado me amargaba la boca, por causa de Elmore. En Lima, durante algún tiempo, mi nombre fue bandera de los radicales jóvenes. Nos distanció, a la larga, la inclinación de Mariátegui hacia el marxismo, pero duró algún tiempo por el Sur mi capitanía tan dolorosamente pagada." Ibidem, p.296.

[179] Chocano inicia o texto alegando que demorou para responder por que não tinha conhecimento do artigo de Vasconcelos, datado de março de 1925. SANTOS CHOCANO, José. Apóstoles y farsantes - Vasconcelos sin máscara (*La Crónica*, Lima, 11/10/1925). In: RODRÍGUEZ, 1926, p.44.

[180] HERRERO, Armando. Trágico fin de una polémica periodística (1925) In: RODRÍGUEZ, 1926, p.101. Vasconcelos, em viagem a Europa, endossa seu primeiro artigo com outro, intitulado *Democracia y tiranía*. VASCONCELOS, José. Democracia y tiranía (s/referência, out./1925). In: RODRÍGUEZ, 1926.

[181] São signatários do manifesto: José Carlos Mariátegui, John Mackay, Manuel Beltroy, Luis Alberto Sánchez, Carlos Manuel Cox, Edwin Elmore e outros. De acordo com Armando Herrero, cuja narrativa é selecionada por José María Rodríguez para o livro *Poetas e Bufones*, Chocano passou a atacar os firmantes, qualificando-os como meros "anônimos". Cf. HERRERO, Armando. Trágico fin de una polémica periodística (1925) In: RODRÍGUEZ, 1926, p.100-101.

Na sequência, Elmore deu uma entrevista a uma rádio sobre o assunto e também levou um artigo para *La Crónica*, que se recusou a publicá-lo, mas entregou a Chocano, culminando no telefonema deste para Elmore, a quem se referiu como "filho do traidor de Arica"[182]. De imediato, Edwin Elmore vai ao prédio de *El Comercio*, segundo seu irmão, Teodoro Elmore, com várias cópias de uma carta pública[183] contra Chocano, onde os dois se encontram pela última vez.

6.2 Mártires do anti-imperialismo: a *simbologia da tragédia*

A partir de então, a memória de Elmore, bem como as possíveis significações políticas de sua morte, são envolvidas em disputas. O jornal *El Comercio*, arena do último embate entre Santos Chocano e Edwin Elmore, considerou o episódio lamentável apenas como o "triste epílogo de uma polêmica" causada pela agressão do artigo publicado por Vasconcelos no México. A alegada "causa banal" do crime foi prontamente rechaçada pelos companheiros intelectuais de Elmore. Para Manuel Beltroy, aqueles que haviam se solidarizado com Vasconcelos não entendiam assim o ocorrido, pois não era uma polêmica pessoal, mas sim um choque de princípios e de ideologia, como justifica Beltroy, contra o autoritarismo e o imperialismo:

> En tal incidente hemos visto más: yendo al fondo de las cosas, hemos visto una lid ideológica, y nos hemos abanderizado, con todo interés y altura, bajo los principios que nos creímos obligados a defender por un indeclinable imperativo moral, cívico y humano. En Vasconcelos vemos al portaestandarte de doctrinas tan sagradas y fundamentales como las de la libertad política y civil, la igualdad social, la fraternidad entre pueblos hermanos, un idealismo trascendente que se cierne muy por encima de mezquinos intereses económicos y materiales y que renueva el contenido de la vida, purgándolo de móviles egoístas y colmándolo con las aguas vivas del amor. Al lado de nuestro compañero [Elmore] salimos así al encuentro de autocratismos, imperialismos y sensualismos, formas todas del egoísmo

---

[182] Teodoro Elmore (1851-1920), engenheiro civil, professor na Universidad de San Marcos e ministro de Obras Públicas serviu no exército peruano em Arica (então província do Peru) durante a Guerra do Pacífico. Santos Chocano se refere a um rumor surgido ainda durante a guerra, de que Teodoro Elmore, preso pelos chilenos, foi liberado com vida por que havia entregado ao exército inimigo a localização das minas instaladas pelos peruanos. Ao que ele sempre alegou inocência, pois não era o engenheiro encarregado dos explosivos, publicando, em 1902, um livro a respeito. ELMORE, Teodoro (pai). *Defensa de Arica*. Documentos que manifiestan que los enemigos asaltaron la plaza sin haber obtenido dto alguno sobre dicha fortificación. Lima: El Lucero, 1902.

[183] "Esta carta era la que Edwin llevaba a *El Comercio* para que se la publicaran cuando entró Chocano. Varias copias firmadas se encontraron en sus bolsillos, seguramente con la intención de entregarla a los demás diarios." ELMORE, Teodoro (filho). Carta abierta a José Santos Chocano (31/10/1925) - por Edwin Elmore. In: RODRÍGUEZ, 1926.

> y encarnaciones del mal. Somos, pues, defensores de una nueva fe y no atizadores de un pleito vulgar.[184]

A morte de Elmore, apontada como um acontecimento político, foi projetada como um embate ideológico, do qual o peruano havia sido feito de *mártir*, conforme a expressão dos contemporâneos. A partir deste episódio, Elmore e Vasconcelos convertem-se em símbolos da causa da "nova geração", este conjunto de valores mais ou menos consensuados que estudamos até aqui, de transformação social e libertação da América do jugo do imperialismo e de suas ditaduras: Elmore como jovem herói vitimado em combate e Vasconcelos como *maestro* orientador e bandeira de luta, como interpreta Haya de la Torre:

> Pero la tragedia de Lima no es sino un episodio de nuestra lucha contra el reaccionarismo, y Elmore un mártir glorioso de esa lucha. A nuestra generación le ha tocado el destino admirable de librar su última batalla por la liberación de América, luchando contra la fuerza de los virreinatos, del imperialismo yanqui en nuestro Continente, y contra la patriotería hipócrita que divide en fracciones aisladas e indefensas – fáciles a la conquista – a nuestros pueblos latinoamericanos. No se vea en la muerte de Elmore un caso personal. Vasconcelos no es el motivo de la tragedia, sino un accidente en ella, un accidente cuya importancia es innegable, por la fuerza personal del ilustre afiliado a la causa de la libertad y la justicia de nuestra América, que es la causa de nuestra generación. Pero son muy hondos los motivos de esta tragedia, son tan hondos como el dolor de veinte pueblos esclavos, tan hondos como el peligro que aguarda a nuestra América.[185]

Quando a "polémica intelectual transformóse en guerrilla doctrinaria y política"[186], tomando a expressão de Luis Alberto Sánchez, a rede se expande ainda mais. Além de Haya de la Torre, saem em defesa de Elmore e Vasconcelos vários intelectuais, como o peruano José Carlos Mariátegui, a chilena Gabriela Mistral, os cubanos Jorge Mañach e Emilio Roig e o espanhol, autor de *El peligro yanqui* (1921), Luis Araquistain.

O problema do imperialismo, que para os intelectuais estava relacionado à questão das tiranias latino-americanas, como abordaremos no Capítulo 8, sobressai nas análises das causas que teriam levado ao trágico desfecho de Elmore. Enquanto para Haya a culpa de Chocano era ainda maior por conhecer tão de perto como "las garras económicas y políticas

---

[184] BELTROY, Manuel *apud* HERRERO, Armando. Trágico fin de una polémica periodística (1925) In: RODRÍGUEZ, 1926. Detido logo após o tiroteio, Chocano começou a publicar ainda preso o semanário *La Hoguera*, a partir do qual continuou a publicizar suas opiniões contra Elmore e seu pai. O jornalista espanhol Federico García Sanchiz entrevistou Chocano no Hospital Militar em que o poeta estava detido e notou os exemplares de *La Hoguera* pendurados nas paredes do quarto do poeta peruano. GARCÍA SANCHIZ, Federico. Una hora con Santos Chocano. *Listin Diario*, Santo Domingo, 19/04/1927, p.2 e 8.

[185] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Por qué Chocano llamó farsante a Vasconcelos [*Universal Gráfico*, México, dez.1925]. In: RODRÍGUEZ, 1926, p.173-174.

[186] SÁNCHEZ, 1936,p.129.

del imperialismo yanqui" atuavam sobre "nuestra América"[187], para o periodista espanhol Ángel Samblancat não havia dúvida de que as motivações do assassinato estariam na defesa de Elmore contra o imperialismo estadunidense e, consequentemente, sua oposição aos tiranos, causa capitaneada por José Vasconcelos:

> Elmore ha muerto simplemente por oponerse a la política de los que tratan de vender América, nuestra América hispana, a los Estados Unidos. Elmore ha muerto gloriosamente por formar parte en la cruzada de Vasconcelos, por defender en Ultramar la libertad contra las arbitrariedades y caprichos de tiranuelos de taberna.[188]

A defesa formal de Chocano, a cargo do próprio governo peruano, trabalhou com afinco na exoneração do poeta que, após dois anos de internação no Hospital Militar - em lugar do encarceramento no sistema prisional ordinário - seria objeto de projeto de lei. O projeto, assinado pelo presidente Leguía, anularia sua condenação, que havia sido de três anos de prisão. Pedro José Rada y Gamio, ministro das Relações Exteriores e presidente do Conselho de Ministros do governo do Peru, enviou o documento à Câmara dos Deputados, insistindo no caráter pessoal do crime, resultado do acirramento dos ânimos entre Chocano e Elmore e da luta corporal que teria havia no saguão da sede de *El Comercio*. A estratégia de esvaziar o conteúdo político da discussão entre os envolvidos não apenas responde a uma linha de defesa que argumenta pelo "crime passional" e de "defesa da honra" como evita que o próprio governo - suas perseguições e procedimentos antidemocráticos -, fossem debatidos.

O ministro apela ainda para a defesa da soberania nacional que, segundo ele, Chocano representaria, por enfrentar Vasconcelos, que pouco antes havia se imiscuído na política peruana, exortando a juventude contra o governo. Sem citar o nome de Vasconcelos, Rada y Gamio remete ao artigo deste à juventude peruana sobre a questão Tacna-Arica:

> Durante el mes de octubre del año anterior [1925], se suscitó una polémica en los diarios de la capital, entre el poeta don José Santos Chocano y un grupo de periodistas y estudiantes. Versaba la discusión acerca de la sinceridad de ideas de un escritor extranjero que hacía poco había dirigido un mensaje a la juventud universitaria del país, exhortándola a apartar su atención del agudo problema internacional que aún hoy preocupa vehementemente a la Nación entera, para dirigirla hacia cuestiones de política interna. Don José Santos Chocano no sólo se impuso, en esa ocasión, repudir enérgicamente tan antipatriótica tesis sino que redobló sus esfuerzos para mantener más vivo que nunca el culto a los héroes nacionales, de los cuales el poeta ha sido el más alto cantor.[189]

---

[187] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Por qué Chocano llamó farsante a Vasconcelos [*Universal Gráfico*, México, dez.1925]. In: RODRÍGUEZ, 1926, p.177.

[188] SAMBLANCAT, Ángel. Chocanadas. In: RODRÍGUEZ, 1926, p.138.

[189] Consultamos o texto de Rada y Gamio enviado ao parlamento peruano a partir de sua publicação no periódico dominicano *Listin Diario*, que traz a nota na íntegra e com a indicação de que havia sido assinada pelo ministro e rubricada pelo presidente Leguía. RADA Y GAMIO, Pedro José. El juicio contra el poeta Chocano.

Por fim, Rada y Gamia, sem atentar para a contradição que poderia parecer, após o apelo tão entusiasta à soberania nacional, destaca que a lei que beneficiaria Chocano respondia a numerosos pedidos da intelectualidade peruana e hispano-americana pela libertação do poeta.[190] Alguns dias antes, pelas páginas de *Listin Diario*, junto ao debate entre Fabio Fiallo, consagrado poeta dominicano de 60 anos, e o jovem escritor Zacarías Espinal, pois o primeiro havia saído em defesa de Chocano[191], foram publicadas transcrições de telegramas de apoio à extinção da pena de Chocano encaminhada por grupos de intelectuais latino-americanos ao governo peruano. São delegações de 8 países, totalizando 63 nomes e dois periódicos[192], sendo a mais numerosa a do Brasil com 16 signatários (entre eles, Rocha Pombo, Afranio Peixoto e Nestor Vitor, todos ligados a ABL[193]). Leopoldo Lugones, que assina um dos pedidos pela liberdade de Chocano, também se manifestou, considerando o "deplorável incidente" entre o poeta e Elmore como resultado inevitável entre homens de honra. No qual, Elmore era responsável por ter se envolvido e, portanto, não deveria se fazer do triste desfecho "sensiblería ni política". Este trecho é de uma carta enviada pelo argentino a García Monge em janeiro de 1926, mas que permaneceu inédito até 1938, quando o editor de *Repertorio* publicou em homenagem a Lugones, recém-falecido.[194]

Há uma série de *tragedias*, mais que *simbólicas*, que ligam as redes intelectuais latino-americanas na década de 1920 e que poderíamos ter tentado redesenhar, como as

---

Listin Diario, Santo Domingo, República Dominicana, 29/01/1927. Carta de Vasconcelos sobre Tacna e Arica: Cf. VASCONCELOS, José. Carta que el Lic. José Vasconcelos dirige a los estudiantes del Perú, con motivo de su designación como Maestro de la Juventud en esa República (*A los estudiantes de Trujillo*, México-DF, 13/02/1924). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 24/03/1924.

190 "Atendiendo numerosas solicitude de la Intelectualidad hispanoaericana, el Gobierno acude al Parlamento. Hace uso del Derecho para presentar un Proyecto de Ley que manda a cortar el Juicio que se sigue contra el Excelso Vate." LISTIN DIARIO. La mas altas voces de América abogan por libertad de J. Santos Chocano. *Listin Diario*, Santo Domingo, República Dominicana, 23/01/1927, primeira página.

191 *Listin Diario*, Santo Domingo, República Dominicana, edições dos dias 18, 23, 29 e 30 de janeiro de 1927.

192 LISTIN DIARIO. La mas altas voces de América abogan por libertad de J. Santos Chocano. *Listin Diario*, Santo Domingo, República Dominicana, 23/01/1927, primeira página. No mesmo número, o periódico anexa um texto de Fiallo enviado pelo autor para o *La Hoguera*, jornal que Chocano publicava enquanto estava detido no Hospital Militar. FIALLO, Fabio. Profecias cumplidas. [Subtítulo dado por Chocano:] Carta sugestiva y vibrante - La voz el gran poeta de las Antillas. *La Hoguera*, Lima, dez.192. *Listin Diario*, Santo Domingo, República Dominicana, 23/01/1927, p.1 e 8.

193 Sucessor de Euclides da Cunha, o baiano Afrânio Peixoto foi eleito para a cadeira na Academia Brasileira de Letras em 1911. Rocha Pombo foi agraciado com o título em 1933 e Nestor Vitor pleiteou, sem sucesso, a cadeira de imortal em 1926. O interesse dos intelectuais ligados à ABL por Santos Chocano se justifica pois o próprio peruano era também um *imortal*, tendo ocupado a cadeira de número 15 como Sócio Correspondente, honraria destinada a estrangeiros. Posição que ocupou até seu falecimento, em 1934. Conforme a ata da sessão de 03 de julho de 1919 da instituição, Afrânio Peixoto era tão interessado na obra de Santos Chocano que sugeriu o poeta como tema para uma conferência na ABL por ser "um dos melhores poetas do Peru e membro correspondente desta instituição". JORNAL DO COMMERCIO. Academia Brasileira - A sessão de ontem - O intercâmbio literário com a América Latina. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04/07/1919, p.6.

194 LUGONES, Leopoldo. Seis cartas de Lugones al Sr. García Monge (Buenos Aires, 24/01/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 19/03/1938, p.171. Leopoldo Lugones havia cometido suicídio no mês anterior.

mobilizações à invasão da Nicarágua e a luta de Sandino; sobre a greve de fome e o posterior assassinato de Julio Antonio Mella; ou os protestos em torno da execução dos anarquistas Sacco e Vanzetti nos Estados Unidos[195]; numerosos episódios da política externa norte-americana na América Latina ou o combate aos *tiranuelos* do período.

Abordar várias delas de forma geral nos possibilitaria demonstrar como, mesmo envolvendo diferentes autores, as redes se ligavam aos mesmos círculos. Mas, dada as impossibilidade de tratá-las com a profundidade que demandam - muito além do espaço de um capítulo -, e sendo este um aspecto amplamente relacionado na bibliografia sobre o tema, optamos por circunscrever uma das polêmicas.[196] Escolhemos assim, uma que respondesse à agenda anti-imperialista e nos permitisse fazer de forma mais cuidadosa e aproximada esse redesenho das redes e apreendê-las na formação e propagação de seus impulsos. O que não significa que defendemos estas formações simplesmente como relações objetivas de causa-efeito, mas a percepção do emaranhado entre respostas mais diretas (como *Poetas y bufones* de Vasconcelos contra *La hora de la espada*, de Lugones) e outras que podemos intuir ou sugerir - como sendo uma das motivações de Vasconcelos ao publicar o texto a de corresponder a suas obrigações de maestro perante à juventude que o elegera como prócer intelectual.

---

[195] Os anarquistas italianos Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti foram presos sob acusação de assalto a uma sapataria em Sorbei (Massachusetts) seguido por um duplo homicídio, ocorrido em 1920. Em um processo considerado controverso e eivado de xenofobia, os dois foram condenados. Os recursos se estenderam por sete anos, com uma intensa campanha pela libertação dos anarquistas, que foram executados em agosto de 1927. Entre protestos, *meetings*, boicotes e discursos, os militantes anti-imperialistas lutaram pela libertação de Sacco e Vanzetti, como também posteriormente os elegeram como "mártires" da causa anti-imperialista e da luta latino-americana. Como aparece no periódico *El Libertador*, da LADLA mexicana (dirigida por Julio Antonio Mella): "Los asesinos de Sacco y Vanzetti son los asesinos de los pueblos latinoamericanos." EL LIBERTADOR. 23 de agosto de 1927. Venguemos y Honremos a Sacco y Vanzetti Intensificando la Lucha Contra el Imperialismo Yanqui. *El Libertador*, México-DF, jan./1928, p.11. Após nova perícia, Sacco e Vanzetti foram declarados inocentes e exonerados das sentenças no dia do cinquentenário das execuções, 23 de agosto de 1977.

[196] DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX*. Entre la modernización y la identidad. Tomo I. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, 2000; FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006. Sem deixar de citar trabalhos com temas mais específicos, mas sobre o mesmo recorte temporal, como o de Alexandra Pita González a respeito do *Boletin Renovación* e a ULA, e Martín Bergel sobre o tema do oriente na imprensa argentina e outros trabalhos deste mesmo autor sobre o exílio como formador da identidade do movimento aprista. PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *La Unión Latino Americana y el boletín Renovación*. Redes intelectuales y revistas culturales en la década de 1920. México-DF: El Colegio de México, Universidad de Colima, 2009; BERGEL, Martín. Populismo y cultura impresa: La clandestinidad literaria en los años de formación del Partido Aprista Peruano. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.17, n.2, p.135-146, jul./dez. 2013; BERGEL, Martín. *Un caso de orientalismo invertido*. Representaciones intelectuales del oriente en la cultura argentina de la primera posguerra (1918-1930). UBA/Buenos Aires: Doutorado em História, 2010. BERGEL, Martín. Un partido hecho de cartas. Exilio, redes diaspóricas, y el rol de la correspondencia en la formación del aprismo peruano (1921-1930). *Políticas de la Memoria.* Dossier "Correspondencia": Argentina, n°15, 2014/2015.

Na terceira parte, ainda considerando a dimensão de redes, a perspectiva é novamente ajustada, ampliada. A responsabilidade da luta política transformadora tomada para si por essa intelectualidade militante é colocada na escala e na proporção do problema que perseguem: o imperialismo. Desenvolve-se a investigação da ação anti-imperialista em coordenação mais específica com os grandes tópicos que balizam e desafiam o debate. São temas escolhidos em razão da sua centralidade nas redes, em geral pelas discordâncias que provocam, mas sobretudo por serem tão sensíveis aos agentes que nos possibilitaram entrever as dinâmicas e reposicionamentos demandados pela própria luta política. A unicidade da necessidade de enfrentamento do imperialismo não apenas não encerra a questão como a complexifica, pois implica em *processos, arranjos institucionais, programas*, razão mesma da ação política.

En nuestra América, cuando estamos dentro de lo inverosímil, estamos dentro de lo normal.
Manuel Ugarte a José Vasconcelos, 1934

Parte III: Anti-imperialismo *em termos*: esquerda, nacionalismo e revolução

A vanguarda e a megalomania com frequência andam juntas.
Matei Calinescu

Urgente, avassalador e mundial, o imperialismo uniria em um sentido de causa comum "the number would amout to more than a billion souls"[1], nas contas de Bakar Mirza em 1927. O discurso de Mirza, então um estudante de 26 anos, foi proferido no Congresso Mundial Anti-Imperialista de Bruxelas[2] e conclamava seus "irmãos de sofrimento" a romper os grilhões da escravidão que aquele sistema lhes impunha. Assim como na fala do indiano, sobressai nas ações políticas dos latino-americanos do nosso estudo tanto a universalidade da ordem imperialista como a percepção de que urgia transforma-la.

O vanguardismo político na década de 1920 em sua relação com o anti-imperialismo (conformado pela missão conjunta de gerações) é partícipe da mesma compreensão do fenômeno do imperialismo e também de sua ânsia em derrotá-lo. Quando definimos, a partir do processo de pesquisa, o que chamamos neste capítulo de "os termos" do debate anti-imperialista que seriam os eixos de análise, nos fizemos uma primeira pergunta: o que (para os autores estudados) era preciso fazer para transformar o mundo? Ou, em uma expressão comum entre eles, para empreender a "cruzada moderna"? A *megalomania* da questão, para citar Calinescu, e a dificuldade para compreender algumas das dinâmicas entre os autores, nos levou para outra questão. Isso perfaz o primeiro dos termos da nossa análise: *quem* quer transformar o mundo?

Lendo as filiações partidárias e associativas dos sujeitos, é possível supor que eles se localizam à esquerda do espectro político, o que responde apenas em parte a indagação. Perseguir a resposta para tal questão nos permitiu perceber as dinâmicas e deu densidade à compreensão delas, pois as ações para "mudar o mundo" não se conformam a simples prescrições ou cartilhas ideológicas. São permeadas por (des)crenças, relações, conjunturas, urgências, sentidos de pertencimento, disputas por poder e tantas outras gestões das paixões políticas. Se não se compreende tais elementos corre-se o risco de se comparar uma expectativa de prática com as movimentações dos sujeitos e concluir por suas falhas, incompletudes e dissonâncias. *Esquerda*, o primeiro dos termos a partir dos quais lemos o anti-imperialismo e que dá título ao capítulo que se segue, é a nossa tentativa de responder a essa questão tendo por objeto a intelectualidade latino-americana da década de 1920.

---

[1] MIRZA, Bakar Ali. The Congress Against Imperialism. *The Modern Review* - A Monthly Review and Miscellany. Calcuta, May, 1927, p. 555.,

[2] O Congresso de Bruxelas é parte importante na argumentação e o abordaremos na sequência.

Capítulo 7: Política à esquerda: os *profetas do contra*

El nuevo profeta será por esencia: profeta *contra*.
José Ortega y Gasset, 1944

7.1 Ideologia: o mundo que se quer

Ideologia, seguindo o parâmetro de Hancock[3], parece uma palavra ainda menos adequada a *scholars* que imperialismo. Em geral, mal-afamada e difamada por todo o espectro político como algo fantasioso, utópico, artificial ou mesmo irracional e, usualmente, atribuída a adversários.[4] Essa acepção, que compreende ideologia como um sistema de ideias falso, moralmente equivocado, corruptor e ilusório decorre historicamente em sua repulsa:

> O ódio à ideologia deriva-se, assim, da tendência à percepção seletiva e interpretação auto-protetora: ver e retratar *nós próprios* como guiados por conhecimento e razão, e motivados pelo mais alto idealismo; e ver e retratar *outros* - especialmente aqueles que qualificamos como "inimigos" - como desencaminhados por erro e emoção, impulsionados por mesquinho interesse próprio e sede de poder.[5]

Quando, no início do século XIX, era defendida em sua validade científica pelo filósofo e político francês Antoine Destutt-Tracy, a quem o termo foi posteriormente atribuído, *idéologie* pretendia corresponder a significação de ciência de ideais, com uma abordagem naturalista.[6] Enquanto categoria científica, foi logo atacada, como no ensaio do filósofo escocês Dugald Stewart, que a classificou como "ridícula" e lançada como verdade antes de sequer ter cinquenta anos de exploração como hipótese.[7] Semelhante a sua sorte política, que iniciou ao ser empregada de maneira pejorativa por Napoleão que, em 1818, acusou os membros do *Institut de France* de serem "idéologue", por utilizarem a "negra metafísica" no

---

[3] Ver nota 1, Capítulo 1.

[4] Lembrando a analogia usada por Terry Eagleton para explicar este uso do termo, "A ideologia, como o mau hálito é, nesse sentido, algo que outra pessoa tem". EAGLETON, Terry. *Ideologia*. Uma introdução. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: UNESP/Boitempo, 1997 (1ªed. 1991), p.16.

[5] CHRISTENSON, Reo M. *et al*. *Ideologias & Política Moderna*. Trad. Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1974 (1ªed. 1971), p.15, grifo no original.

[6] "Ciência de ideias" em Destutt de Tracy pretende uma concepção instrumental e aproximada da ideia de "ciências naturais". Para defender o conceito, em *Éléments d'Idéologie* (1804, 2ªed.), o autor recorre ao naturalista francês conde Buffon e classifica ideologia como um ramo da zoologia. Nas palavras de Destutt de Tracy: "L'idélogogie est une partie de la zoologie, et c'est surtout dans l'homme que cete partie est important et mérite d'être aprofondie." DESTUTT-TRACY, Antoine. *Éléments d'Idéologie*. Paris: Courcier, 1804, p.XIII.

[7] Stewart critica diretamente Destutt-Tracy, a quem chama de "one of the most acute and original partizans of this new nomenclature". STEWART, Dugald. Essay Third - On the influence of Locke's authority upon the philosophical systems which prevailed in France during the latter part of the eighteenth century. In: *Philosophical Essays*. Edinburgh: George Ramsay and Company, 1810, p.113.

lugar do conhecimento. Entretanto, ideologia ganharia sua interpretação mais marcante e persistente nos escritos de Karl Marx, elaborada como "falsificação". Ainda que, para Marx, essa definição seja mais específica, na qual a ideologia (da classe dominante) seria meramente a racionalização dos interesses da classe política dominante a fim de justificar e manter a ordem vigente. Segundo destaca Karl Mannheim, entretanto, o entendimento marxista sobre o termo foi bem-sucedido ao descobrir a chave interpretativa corrente no século XIX, aplicando-o ao materialismo histórico dialético e se notabilizando. A noção de ideologia como "falsa consciência" é fundamental na teoria materialista da História de Marx e Engels, entendida como sendo a contraparte da "estrutura" de relações econômicas e atuando a serviço da manutenção da mesma.

A ascendência da noção marxista de ideologia é tão expressiva que, a primeira observação de Karl Mannheim, em seu *Ideologia e Utopia* (de 1929) é destacar que "para a maioria das pessoas o termo 'ideologia' se acha intimamente ligado ao marxismo, associação esta que determina em ampla medida as suas reações ao termo" e propor que, sem diminuir a importância do marxismo, o problema da ideologia fosse analisado além dele.[8] Ademais, é interessante notar, ainda conforme Mannheim, a positividade que esta conceituação de ideologia empresta aos "homens de ação", definindo o político em termos de experiência:

> A partir de então, todo pensamento rotulado de "ideologia" é considerado fútil quando vem à prática, devendo-se buscar na atividade prática o único acesso possível à realidade digno de confiança. Quando aferido por padrões de conduta prática, o mero pensamento ou a reflexão sobre uma dada situação tornam-se triviais. Claro está, portanto, que o novo significado do termo ideologia [pós Napoleão] traz a marca da posição e do ponto-de-vista daqueles que o cunharam, a saber, os homens de ação política. A nova palavra sanciona a experiência específica do político com a realidade (...). Durante o século XIX, o termo ideologia, utilizado neste sentido, passou a ter aceitação corrente. Isto significa que o senso de realidade do político passou a preceder e a deslocar os modos escolásticos de pensamento e de vida. Daí o problema implícito no termo ideologia - o que é verdadeiramente real? Jamais desapareceu do horizonte.[9]

Entretanto, o conceito de ideologia tem outros significados que contribuem para esta pesquisa. Isso não implica em, notadamente no trabalho com vocabulários e conceitos políticos, pretender qualquer uso neutro do termo, mas assumindo suas tensões e questionamentos, evidenciar outras significações possíveis. Seguida de uma longa reflexão, Reo Christenson propõe que como uma "definição prática", e não um "epíteto", ideologia pode ser sintetizada como "(...) um sistema de crença que explica e justifica uma ordem

---

[8] MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Trad. Sérgio Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1968 (1ªed. 1929), p.6.
[9] Ibidem, p.98.

política preferida para a sociedade, seja existente ou proposta, e oferece uma estratégia (processos, arranjos institucionais, programas) para sua consecução."[10]

Esse constructo, apreendido pelo termo ideologia, poderia ou não ser qualificado como falso a depender do observador, entretanto, não é essa a questão primordial, e sim perceber esse conjunto de processos, arranjos e programas naquilo que o faz tão poderoso: sua capacidade de despertar e incitar coletivamente as energias humanas em prol da causa pela qual se guia. Entre as questões mais complexas de se trabalhar com a noção de ideologia em política destaca-se aquilo que Reo M. Christenson *et al.* chamam de dimensões horizontal e vertical. A primeira se relaciona às múltiplas amplitudes sociais que uma ideologia pode alcançar e a segunda às várias camadas de pensamento e crença, seus "graus variados de compreensão e aceitação", que vão desde agentes que influem em suas elaborações a outros com crenças mais vagas e irrefletidas e, em nenhum dos casos, como supostos tipos puros.

Em nosso trabalho, com intelectuais e políticos, que têm no pensar e intervir social a sua função principal, estamos muito mais próximos daqueles que manipulam (sem conotação negativa ou de onisciência) o repertório de ideias que sustentam suas ideologias, em outras palavras, dos ideólogos ou transmissores ideológicos.[11] Tal reflexão visa situar historicamente como o anti-imperialismo se constitui como pauta ideológica de esquerda, e não apenas aceitar esta premissa. E, num momento seguinte, tentar compreender como o próprio anti-imperialismo se tornou, desde a década de 1920, constituinte do que representa, ideologicamente, *ser de esquerda* na América Latina.

Con el ojo izquierdo

Nosotros somos de izquierda porque somos anti-imperialistas.
Haya de la Torre, 1927

> Le 29 [de agosto de 1789], nous commencions à nous reconnaitre: ceux qui étaient attachés à leur religion et au roi s'étaient cantonnés à la droite du président, afin d'éviter les cris, les propos, et les indécences qui se passaient dans la partie opposée. Il y avait environ cent cinquante membres du clergé, autant du la noblesse et quatre-vingt[s] du tiers état. J'avais essayé plusieurs fois de me placer dans les différentes parties de la salle et de ne point adopter d'endroit marqué, afin d'être plus le maître de mon opinion, mais je fus obligé

[10] CHRISTENSON, Reo M. *et al*. *Ideologias & Política Moderna*. Trad. Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1974 (1ªed. 1971), p.16.
[11] Ver "Ideologia: Características e Funções". In: CHRISTENSON, op.cit., p.20-26.

> d'abandonner absolument la partie gauche, ou bien j'étais condamné d'y voter toujours tout seul et par conséquent condamné aux huées des tribunes.[12]

O trecho, do diário do deputado da nobreza, Louis Gouville, remete às origens do par político antitético direita/esquerda que remontava à distribuição espacial na assembleia geral francesa de 1789. No Antigo Regime, estar à direita do rei (posição do clero) era mais prestigioso que estar à esquerda (nobreza), e mesmo entre os membros da família real (que ficavam em uma plataforma superior), os lugares à direita eram reservados aos príncipes e potenciais sucessores, enquanto a esquerda pertencia àqueles que não tinham direito à sucessão, a rainha e as princesas. Quando os representantes do Terceiro Estado transformaram os Estados Gerais em Assembleia Nacional e ocuparam os lugares de representação, abolindo as regras de ocupação da sala, espontaneamente se juntaram aos membros da baixa aristocracia e do baixo clero à esquerda. Como demonstra o relato de Gauville, há uma razão de ordem prática para a concentração dos pares políticos, como fazer coro às hostilidades ou defendê-las na arena política; entretanto, esse uso fortaleceu a demarcação dos campos, *grosso modo*, entre aqueles que defendiam a ordem vigente e, do outro lado, aqueles que a confrontavam.[13]

Este dado, quase anedótico, das origens dos termos antitéticos, não serve para explicar as significações e persistências da direita e esquerda na cultura política ocidental. O debate é denso e, em síntese, chega a duas conclusões em certa medida curiosas: primeiro, o entendimento geral do que se trata a menção à direita/esquerda e, por outro lado, a dificuldade dos pesquisadores em precisá-las. Conforme destaca o cientista político canadense Christopher Cochrane:

> Despite the matter-of-factness with which people understand and speak of politics in left/right terms, nobody, not even thoughtful experts, can say precisely what these words mean. For every idea that someone associates with the left or the right, there turn out to be, upon further investigation, some actors on that side who do not possess it, and some on the other side who do.[14]

---

[12] GAUVILLE, Louis Henri Charles. *Journal de baron de Gauville*. Député de l'ordre de la noblesse au États généraux depuis le 4 mars, 1789 jusqu'au 1 juillet, 1790. Paris: Gay, 1864, p.20.

[13] LAPONCE, Jean A. The Prepolitical Symbolism of Left and Right In: *Left and Right*: The Topography of Political Perceptions. Toronto: University of Toronto Press, 1981.

[14] COCHRANE, Christopher. *Left and Right*: The Small World of Political Ideas. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2015, p.3-4. Cochrane referencia as pesquisas de Ryan Bakker *et al.*, que aplicaram um questionário a observadores políticos de diferentes países europeus para indicar se a posição de hipotéticos partidos políticos pertenciam à direita ou à esquerda a partir da atribuição de notas em escala numérica. Apesar de haver discrepâncias consistentes nas notas atribuídas ao que seria mais ou menos de esquerda/direita, no aspecto geral, a convergência foi predominante, assim "people appear to use the language of letf and righ in remarkably similar ways." Ibidem, p.11.

As tentativas de estabelecer distinções precisas sobre esses conceitos remetem a diversas referências: primeiro com Laponce (em 1981), que propôs uma diferenciação baseada na religião (ateísmo, religiosidade); outros autores, que aludem à divisão entre individualismo (esquerda) e holismo (direita); Steven Lukes[15] e o que chama de "princípio da retificação", no qual a esquerda seria mais construtivista que a direita, pois a segunda aceitaria mais facilmente a desigualdade, enquanto a esquerda aponta para corrigi-la. E ainda, há a contribuição de Norberto Bobbio[16] sobre a noção de igualdade, segundo a qual a esquerda tende a querer ampliar os critérios e numericamente a inclusão da igualdade, mesmo que tenha que agir sobre a equidade das normas, enquanto a direita tende a restringir a inclusão e amplitude da igualdade, por preconizar a equidade frente às normas, sem aceitar "distorcê-las" visando equilibrar a igualdade, procedimento considerado ilusório.[17]

Essa reflexão visa, longe de uma abordagem essencialista, reunir subsídios para a compreensão da inscrição dos autores estudados em um alinhamento ideológico autoproclamado de esquerda, de suas possíveis significações e, sobretudo, de identificação desse perfil com o anti-imperialismo latino-americano na década de 1920. A identidade expressa por Haya de la Torre ao afirmar que ele e seus pares, apristas, eram de esquerda justamente por serem eram anti-imperialistas.

Como tratamos anteriormente, a abordagem do imperialismo (enquanto fenômeno político-econômico), elaborada a partir de finais do século XIX, atribui de forma inequívoca seu advento à forma de "desenvolvimento" do capitalismo, em Hobson, ou sua "fase superior", como em Lenin. A crítica ao capitalismo (seja pela via revolucionária ou reformista), crescente desde o final do século XVIII e sobretudo após 1848, é apropriada pelo campo ideológico identificado à esquerda, operando quase uma sobreposição desta crítica com o imperialismo. E é esta bibliografia - socialista, comunista, anarquista, reformista, entre outras; que dará suporte a maioria das reflexões e propostas anti-imperialistas na América Latina.

---

[15] LUKES, Steven. Epilogue: The grand dichotomy of the twentieth century. In: BALL, Terence; BELLAMY, Richard (org.). *The Cambridge History of Twentieth-Century Political Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

[16] "'Direita' e 'esquerda' são termos que há mais de dois séculos têm sido habitualmente empregados para designar o contraste entre as ideologias e entre os movimentos em que se divide o universo, eminentemente conflitual, do pensamento e das ações políticas." BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda* - Razões e significados de uma distinção política. Trad. Marco Nogueira. São Paulo: UNESP, 1995, p.31.

[17] Um bom apanhado do debate é feito por João Cardoso Rosas e Ana Rita Ferreira na Introdução de *Left and Right: The Great Dichotomy Revisited*. Cf. ROSAS, João Cardoso; FERREIRA, Ana Rita. Left and Right: Critical Junctures. In: ROSAS, João Cardoso; FERREIRA, Ana Rita (org.). *Left and Right*: The Great Dichotomy Revisited. Newcastle upon Tyne, UK. Cambridge Scholars, 2013.

A distinção ideológica entre direita e esquerda não deixa de ser objeto de reflexão dos nossos intelectuais. Em *Con el ojo izquierdo*, de 1926, Manuel Seoane faz um relato de sua viagem à Bolívia, pormenorizando a situação política local, a composição dos movimentos estudantil e operário e como o imperialismo, por meio das grandes corporações monopolistas que haviam se instalado no país, prejudicava os bolivianos. O *ojo izquierdo,* com o qual lê a Bolívia, transparece na escrita do peruano a partir dos temas tratados e não há, como próprio autor pondera, a intenção fazer um trabalho sociológico. Este ponto de vista, deliberadamente enviesado, é ostentado por Seoane, primeiro como uma paixão juvenil que o causa muito orgulho, como um "un sano estrabismo que nace del corazón", e, por outro lado, como derivado da doutrina social ao qual se filia e estabelece distância em relação aos adversários do outro campo:

> (...) hay una divergencia en ángulo obtuso entre los hombres que bebieron las fuentes de su cultura en los cánones de la orientación individualista y los que hemos aprendido en la vibración del dolor humano toda la belleza del doctrinarismo social. Son dos distintas maneras de refracción de los hechos, que se deben a la distinta naturaleza del cristal con que se mira. Son dos sensibilidades antagónicas y antipódicas. La diferencia es vieja y persistente. Jamás el lobo y la oveja se pusieron de acuerdo sobre las normas de relación, como tampoco coincidieron en el concepto de justicia Jesus Cristo y Belcebú, ni en la inversión de la vida Don Quijote y Sancho Panza ni en la función de la riqueza Rochefeller [sic] y Lenín.[18]

A filiação esquerdista, bem como o anti-imperialismo, entretanto, não é unívoca. José Vasconcelos, escolhido como latino-americano com direito a discursar no *Congresso Anti-imperialista de Bruxelas*, que trataremos a seguir, diz ter como mandato expresso de seu partido à época (Partido Nacionalista de Porto Rico) esclarecer o posicionamento político ideológico que representavam. O trecho é importante, pois, sabendo do peso do Comintern no campo ideológico ao qual aderia e sobretudo naquele congresso, Vasconcelos exime a si e ao partido de uma vinculação compulsória ao comunismo e tenta ainda descolar a sobreposição de comunista a de revolucionário. Assim, ainda que autorreferenciados como não comunistas, não eram menos revolucionários:

> I am a socialist, others are liberal. The Party I represent for instance has given me instructions to make it clear, they are no communists, not because they are revolutionary. It is because we in Latin America feel we are entitled to settle our problems in our own manner. We are not blind followers of any creed. Than it comes to establish it in justice we

[18] SEOANE, Manuel. *Con el ojo izquierdo* - Mirando a Bolivia. Buenos Aires: Juan Perrotti, 1926, p.147-148. Manuel Corrales Seoane, apelidado de *El Cachorro*, nasceu em 1900 em Chorrillos, província de Lima. Na década de 1920 foi periodista, membro fundador da APRA e, em Buenos Aires, presidiu a ULA em parceria com Alfredo Palacios. Sempre filiado ao APRA, foi deputado, senador e candidato a vice-presidente do Peru na chapa de Haya de la Torre nas eleições de 1962, que foram anuladas. Seoane faleceu em Washington, em 1963.

> know what justice is, and we want to establish it in our own way. We claim the right to be absolutely independent.[19]

Ao afirmar a condição, sua e de seu partido, de revolucionários não-comunistas, Vasconcelos quer romper com expectativas nesse sentido, perante uma audiência que, provavelmente, em sua maioria, tinha uma vaga noção sobre a Revolução Mexicana de 1910 e seus desdobramentos[20] (ainda que naquele momento, Vasconcelos estivesse ordenado como representante de Porto Rico) e para os quais, não parece equivocado supor, a chave de leitura da natureza de uma revolução estivesse muito atrelada à experiência soviética de 1917. Nesse sentido, logo no início de seu discurso, Vasconcelos se afasta do bolchevismo ao colocar de forma peremptória: nós somos revolucionários, mas não somos comunistas. Para fundamentar seu ponto de vista, o mexicano apela à noção de pensamento livre e independente e, mais precisamente, à necessidade de se compreender os problemas de maneira "própria", latino-americana. Segundo narra o próprio mexicano, essa postura foi acordada com os membros não comunistas da delegação latino-americana que fecharam questão para escolhê-lo como orador: "Y, en resumen, el grupo acordó por unanimidad que llevaría yo la voz de la América Latina, que no hablarián en sesión plena los callistas [apoiadores de Calles] y que quedaba autorizado a decir que no eran comunistas las delegaciones latino-amercianas."[21].

Mariátegui, por outro lado, afirmava o pertencimento ao vanguardismo intelectual ao pensamento de esquerda. A intransigência ideológica, que ele fazia questão de exibir em sua *Amauta*[22], era matizada pela aceitação de divergências dentro do campo, como publica no

---

[19] Documento transcrito como o original. Vasconcelos escolheu ministrar sua conferência em inglês, pois, como ele próprio afirma em sua fala, o espanhol não constava como uma das duas línguas (ele não especifica quais) admitidas pela organização do evento. VASCONCELOS, José. Speach of Vasconcelias [sic], Congress-Meeting of February 10th 1927. In: *League against Imperialism Archives*. International Institute of Social History. Na autobiografia de Vasconcelos, *Memorias*, o *maestro* se refere a outro discurso que fez no Congresso, que teve por objeto a situação de Porto Rico: "Y en turno del Congreso dije un discurso inocuo, cuyo objeto principal fue recordar que Puerto Rico hacía vida de país conquistado, dentro de una democracia que se decía liberal." VASCONCELOS, José. El Congreso Antimperialista de Bruselas. In: *Memorias*. Vol.II. El desastre. El proconsulado. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 1984(1ªed.1938-1939), p.544.

[20] Pelo menos parece ser o que supôs o próprio conferencista, que inicia o discurso, logo após justificar o uso do inglês como idioma de sua fala, com a seguinte observação: "The situation in Latin America is not very well-known in Europe. It is perhaps more in Asia. They have their own troubles in Asia and Europe has very limited interests in America." VASCONCELOS, José. Speach of Vasconcelias [sic], Congress-Meeting of February 10th 1927. In: *League against Imperialism Archives*. International Institute of Social History.

[21] VASCONCELOS, 1984, p.544.

[22] A revista *Amauta* teve 32 números, circulando de setembro de 1926 a setembro de 1930 (5 meses após o falecimento de seu criador), tendo sido proscrita pelo governo Leguía entre junho e dezembro de 1927. O característico projeto artístico da revista era assinado pelo artista peruano indigenista José Sabogal. O *Archivo José Carlos Mariátegui* possui um Cronologia interativa sobre a vida e a obra de Mariátegui: http://www.mariategui.org/revista-amauta/cronologia/ Alberto Tauro traz em seu livro de 1960 um análise

editorial de estreia da revista em setembro de 1926:

> A los fautores de esta renovación se les llama vanguardistas, socialistas, revolucionarios etc. No hace falta declarar expresamente que "Amauta" no es una tribuna libre abierta a todos los vientos del espíritu. Los que fundamos esta revista no concebimos una cultura y un arte agnósticos. Nos sentimos una fuerza beligerante, polémica.[23]

Tal orientação não o poupou de pesadas críticas, como a do aprista Luis Alberto Sánchez em março de 1927. Considerando *Amauta* aberta demais à pluralidade de ideias e temas, Sánchez qualificou a revista de Mariátegui como "acadêmica", o que foi tomado por este como uma grande ofensa. Para desmenti-lo, Mariátegui argumentou que o fato da publicação ter seus números sempre esgotados e milhares de leitores era mais que suficiente para provar que Sánchez estava errado. Contudo, fez questão de reafirmar o editorial do primeiro número e o compromisso ideológico da revista, ou seja, vanguardista e revolucionário. E tão consonante com esses valores que era classificada por outros como encarnação do próprio espírito de seu diretor, José Carlos Mariátegui:

> Desde el primer número ha reconocido en "Amauta" una ideología, un espíritu. Y no solo el público. Comentaristas de otro campo, pero que prácticamente resultan más objetivos que Sánchez a este respecto, como Jiménez Borja, extreman el diagnóstico, acentúan la definición, hasta el punto de no ver "Amauta" sino una tribuna de mi ideología y mi espíritu. (...) "Amauta" tiene demasiada personalidad para inquietarse por la fortuita presencia de una idea o un sentimiento heterodoxos en sus páginas. Es una revista de definición ideológica, de concentración izquierdista, que asimila o elimina, seguramente, sin daño para su salud, cualquier elemento errante. Tiene el carácter de un campo de gravitación y polarización. (...) Los que arriban, transitoriamente, a este campo, pueden escaparnos, pero sin restarnos sustancia ni energía. Los que damos a "Amauta" tonalidad, fisonomía y orientación, somos los que tenemos una filiación y una fe, no quienes no las tienen y que admitamos, sin peligro para nuestra integridad y nuestra homogeneidad, como accidentales compañeros de viaje. Somos los vanguardistas, los revolucionarios.[24]

A palavra vanguarda é usada diversas vezes por Mariátegui, não apenas como uma sinalização claramente positiva, mas como sinônimo de esquerda. Originária do vocabulário militar, vanguarda (ou *avant-garde*) é um dos termos associados à modernidade e utilizado, sobretudo, a partir do século XIX, em diversos domínios, como na arte, literatura e política.[25]

---

pormenorizada, separada por temas e indicando todos os autores publicados em *Amauta*, além de aspectos técnicos, como informações sobre a diagramação da revista de Mariátegui. Cf. TAURO, Alberto. Amauta y su influencia: síntesis de los 32 números. Lima: Editora Amauta, 1979 (1ªed.1960). Sobre o trabalho editorial de Mariátegui Cf. BEIGEL, Fernanda. Las redes editoriales de José Carlos Mariátegui en América Latina. Buenos Aires: Biblos, 2006.

[23] MARIÁTEGUI, José Carlos. Presentación de "Amauta". *Amauta*, set./1926, p.1.

[24] Os "acidentais companheiros de viagem", sem fé verdadeira, provavelmente era uma provocação de Mariátegui aos apristas, ex-companheiros com os quais estava rompendo. MARIÁTEGUI, José Carlos. Polémica finita. *Amauta*, mar./1927, p.6.

[25] Como destaca o crítico Jorge Schwartz, um dos temas fundamentais do vanguardismo latino-americano neste período é a tensão entre diferentes concepções de vanguarda: a política e a artística. Sendo que, nesta última a

Como analisa Matei Calinescu, em *Five Faces of Modernity*, ainda que também remeta à ideia de moderno, vanguarda tem uma relação especial com a ideia de futuro, pois é tomada como a característica, autoconsciente, daqueles que heroicamente lutam por ele. Em outras palavras, podemos compreender vanguarda como a militância da modernidade. Traço este que ganha relevo quando associado a doutrinas sociopolíticas, constituindo parte de seu "*ethos* revolucionário", conforme Calinescu:

> The obvious military implications of the concept point quite aptly toward some attitudes and trends for which the avant-garde is directly indebted to the broader consciousness of modernity - a sharp sense of militancy, praise of nonconformism, courageous precursory exploration, and, on a more general plane, confidence in the final victory of *time* (...). It was modernity's own alliance with time and long-lasting reliance on the concept of progress that made possible the myth of a self-conscious and heroic avant-garde in the struggle for futurity. Historically, the avant-garde started by dramatizing certain constitutive elements of the idea of modernity and making them into cornerstones of a revolutionary ethos.[26]

Na obra de Lenin, referência fundamental para Mariátegui, a noção de vanguarda tem lugar de destaque, associada a uma ideia que seria muito cara ao peruano: a necessidade de formação política da vanguarda. Lenin, em luta contra o "espontaneísmo" revolucionário, defendido por parte dos movimentos proletários, dedica parte relevante de suas reflexões em *Que fazer?* (1902) à importância da formação teórica e doutrinária, tanto dos quadros do partido e suas lideranças quanto da classe trabalhadora.

Para o autor, a ausência do "elemento consciente" e metódico era garantia de fracasso do movimento e expunha ainda mais os operários ao domínio da ideologia burguesa. Esta tarefa, essencial para todo o movimento era, nas palavras de Lenin, *dever* dos elementos com formação em "conhecimentos políticos", os intelectuais. Trabalho que os intelectuais "[deveriam] proporcionar-nos cem e mil vezes mais do que têm feito até agora"[27], visando o esclarecimento geral e formação da classe como vanguarda revolucionária, pois "Apenas o

---

correspondência é bem mais fluida entre "direita" e "esquerda", diferente do vanguardismo político, que se posiciona à esquerda. e Cf. SCHWARTZ, Jorge. *Fervor das vanguardas*: arte e literatura na América Latina. São Paulo: Companhia das Letras, 2013; SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas*: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos. São Paulo: EDUSP, 2008 (1ªed. 1995). Tendo vanguardismo como palavra-chave, Nelson Osorio reuniu em uma coletânea diversos documentos que incluem textos de Rubén Darío sobre futurismo, passando pelo ultraismo de Jorge Luis Borges aos textos de José Carlos Mariátegui sobre o vanguardismo político de esquerda. Cf. OSORIO, Nelson (org.). *Manifiestos, proclamas y polémicas de la vanguardia literaria hispanoamericana*. Caracas: Ayacucho, 1988.

[26] CALINESCU, Matei. *Five faces of Modernity*. Modernism, Avant-Gard, Decadence, Kitsch, Postmodernism. Durham, USA: Duke University Press, 1987 (1ªed. 1977), p.95, grifo no original.

[27] LENIN, Vladimir Ilitch. *Que fazer?* Problemas candentes de nosso movimento. Trad. Marcelo Braz. São Paulo: Expressão Popular, 2010 (1ªed. 1902), p.140.

partido que organize verdadeiramente as revelações visando o povo inteiro poderá tornar-se, em nosso dias, a vanguarda das forças revolucionárias."[28]

Esta missão, de formação da vanguarda e planejamento revolucionário, era a qual se propunha Mariátegui. Tanto que, com base nesse argumento, ele renuncia, menos de dois anos depois do artigo citado, à atuação vanguardista. Uma vez que a etapa formativa e de demarcação de campo estava concluída, "vanguarda" e outros termos equivalentes, na sua avaliação, deveriam ser abandonados pela confusão doutrinária que estariam causando. Confrome Mariátegui em *Amauta*, setembro de 1928:

> Para ser fiel a la Revolución, le basta ser una revista socialista. "Nueva generación", "nuevo espíritu", "nueva sensibilidad", todos estos términos han envejecido. Lo mismo hay que decir de estos otros rótulos: "vanguardia", "izquierda", "renovación". Fueron nuevos y buenos en su hora. Nos hemos servido de ellos para establecer demarcaciones provisionales, por razones contingentes de topografía y orientación. Hoy resultan ya demasiado genéricos y anfibológicos. Bajo estos rótulos, empiezan a pasar gruesos contrabandos.[29]

Entretanto, o texto citado, um editorial comemorativo do segundo aniversário de *Amauta*, *Aniversario y Balance*, se relaciona com contingências políticas muito específicas pelas quais passava Mariátegui e seus correligionários, a fundação de um Partido Socialista (em decorrência do rompimento com os apristas), e uma relação muito tensa com a III Internacional. Sobretudo a crítica aos rótulos "genéricos y anfibológicos" tinha endereço conhecido, Víctor Raúl Haya de la Torre e seus companheiros.

Miradas de la derecha: outros olhares sobre o imperialismo

O anti-imperialismo latino-americano tem lugar também para dissonâncias mais graves. A preponderância do anti-imperialismo de esquerda não exclui por completo a existência de grupos de direita com essa pauta. Notadamente na Argentina, no final da década de 1920, intelectuais de direita de matriz fascista e/ou religiosa eram críticos ao que entendiam como a sujeição do país às finanças internacionais, judaica em particular e aos interesses político-econômicos britânicos. Para estes sujeitos, como os irmãos Rodolfo e Julio Irazusta (*La Argentina y el Imperialismo Britânico,* 1934), a "oligarquia liberal" é o grande artífice do imperialismo dentro da nação e devia ser substituída por um forte governo militar.

---

[28] Ibidem, p.156.
[29] MARIÁTEGUI, José Carlos. Aniversario y Balance. *Amauta*, set./1928, p.2.

Antissemita, antidemocrático/parlamentar, antissocialista e inimigo do imperialismo britânico, os anti-imperialistas de direita na Argentina preconizavam também a vocação imperial de seu próprio país. Segundo José Luis Beired, estudioso do tema, Leopoldo Lugones foi um dos principais artífices da "sensibilidade fascista" e militarista no pós-Guerra argentino.[30] Também da Argentina, o grupo que editou a revista *Inicial*[31] (1923-1926) tensiona o entendimento da luta anti-imperialista e da própria representação da nova geração, distante do que chamavam de "metafísica marxista". Para a *Inicial*, a postura adequada aos jovens era um olhar técnico sobre os fenômenos políticos, como o que supunham fazer perante o fascismo. Segundo o periódico, o fascismo era uma doutrina política que deveria ser testada em sua validade científica em vez de ser apenas rechaçada. Os valores de *Inicial*, semelhantes aos de Leopoldo Lugones, foram diversas vezes atribuídos a uma filiação ao poeta. Alegação completamente rechaçada pelo grupo desde sua segunda edição. Consideravam o poeta "un gran peligro de orden espiritual" e um caso de estudo interessantísimo "para el prof. [Sigmund] Freud"[32].

Pelo que pudemos perceber, intelectuais à direita com plataformas anti-imperialista sãos incomuns no contexto geral, em especial formando redes de debate. A pauta comum, de rejeição ao imperialismo e de atribuição de responsabilidade ao capitalismo financeiro se faz por uma perspectiva ideológica distinta. Afastada (e contrária) às doutrinas de igualdade social e de identidades latino-americanistas, a plataforma política destes indivíduos é tão dissemelhante que afirma, por oposição, a complexidade do anti-imperialismo latino-americano nos termos que argumentamos no decorrer do trabalho. Esta, partícipe de um conjunto ideológico de luta contra o imperialismo que não prescinde de uma orientação à esquerda, ainda que multifacetada, que a define em termos de identidade anti-imperialista.

7.2 O Congresso de Bruxelas e a cisão dos anti-imperialistas

> The character of the Congress was unique; for it was the first time in history that the representatives of the working class and of subject peoples assembled under the same roof to express the

[30] BEIRED, José Luis Bendicho. "A grande Argentina": um sonho nacionalista para a construção de uma potência na América Latina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Vol.21, nº42, 2001.

[31] No início, o grupo principal de editoria do periódico era formado por Roberto A. Ortelli, Brandán Caraffa, Roberto Smith, Homero Guglielmini. GIORDANO, Carlos. La revista *Inicial* (Buenos Aires, 1923-1926). *AMERICA*. Cahiers du CRICCAL, nº4-5, 1990.

[32] INICIAL. ¿Reaccionarios? ¿Poco definidos?. *Inicial*, Buenos Aires, nov.1923, p.3.Entretanto, rendiam muitas homenagens ao nacionalista e indigenista argentino, Ricardo Rojas.

> message of the enslaved: "Brothers! Your suffering is my suffering. Let us unite, for we have nothing more to lose but our chains and a world to gain."
>
> Bakar Ali Mirza, maio de 1927

O primeiro grande evento internacional anticolonialista se deu em um lugar aparentemente improvável, sob o frio inverno de Bruxelas, capital de um dos empreendimentos imperialistas mais devastadores da Era dos Impérios.[33] Tratava-se do Congresso Mundial Anti-Imperialista de 1927, organizado pela *League against Imperialism*. Nome este que não foi escolhido por acaso, mas sim como uma clara mensagem aos seus adversários imperialistas da *League of Nations*, como afirma Willi Münzenberg. Para Münzenberg, a presença das maiores organizações tanto do movimento colonial quanto das classes trabalhadoras dos países imperialistas demonstrava que aquele era o primeiro passo para a formação da "verdadeira Liga das Nações".[34]

O congresso de grandes proporções foi realizado no *Palais d'Egmont*, de 10 a 15 de fevereiro de 1927, tendo sido recebidos cerca de 170 delegados, provenientes de 134 organizações de 37 países[35] que, nas contas de Bakar Mirza, representariam "the number would amout to more than a billion souls".[36] Os membros de honra eram Albert Einsten, Romain Rolland e os chineses Madame Sun Yat Sen e General Lu; como Comitê Executivo, o de maior destaque, constam George Lansbury (trabalhista britânico), Edo Fimmen, Willi Münzenberg, Jawaharlal Nehru, Hans Liau (Kuomintang), Mohamed Hatta (Partido Nacional da Indonésia), Manuel Ugarte, pelo Partido Nacional de Porto Rico (nomeado mesmo, como

---

[33] Estima-se que a política do imperador belga Leopoldo II no Congo, entre 1885 e 1908, tenha dizimado cerca de 10 milhões de pessoas, o equivalente no período à metade da população congolesa, além do uso sistemático de mutilações, como ficou registrado em conhecidas fotografias do início do século XX. Cf. HOCHSCHILD, Adam. A Reckoning [Capítulo 15]. In: *King Leopold's Ghost* - a story of greed, terror, an heroism in colonial Africa. New York: Mariner, 1999.

[34] MÜNZENBERG, Willi. League of Nations, [Berlim, 1929] *apud* LOURO, Michele L. *Comrades against Imperialism*: Nehru, India and Interwar Internationalism. New York: Cambridge University Press, 2018, p.33-34. Wilhelm "Willi" Münzenberg nasceu em 1889 na Alemanha, ingressou no Partido Comunista alemão no final da década de 1910, sendo o primeiro líder da secção juvenil comunista formada pela Internacional em 1919. A partir de então, se firmou como um dos mais proeminentes quadros do Comintern, investindo fortunas no sistema de propaganda da organização. Manteve-se alinhado a Stalin até 1936, tornando-se depois seu opositor. Münzenberg liderou movimentos antifascistas e antistalinistas até 1940, quando foi encontrado morto em circunstâncias não esclarecidas.

[35] As fontes variam quanto a esses números, essa estimativa é feita por Michele Louro: Cf. LOURO, Michele L. *Comrades against Imperialism*: Nehru, India and Interwar Internationalism. New York: Cambridge University Press, 2018. A Liga tem uma lista com organizações e delegados que pode ser encontrada em: LEAGUE AGAINST IMPERIALISM. List of organisations and delegates attending the Congress against Colonial Oppression and Imperialism [Brussels, 1927]. In: *League against Imperialism Archives* (1927-1931). Amsterdam: International Institute of Social History (IISH). Em Bakar Mirza [1927] são contabilizados 200 delegados e o Congresso é datado como tendo ocorrido entre 9 e 16 de fevereiro e não entre 10 e 15, como é mais comum. MIRZA, op.cit., p. 555.

[36] Ibidem, p. 555.

era sabido, ausente do Congresso)[37], e Lamine Senghor (senegalês, do Comitê de defesa da Raça Negra) e o deputado francês Dr. Louis Marteaux.[38] Seguido por um Comitê bem mais amplo, com dezenas de nomes e com delegações dividas por região.

A dificuldade para se organizar um congresso dessa natureza em uma grande capital europeia, como queriam seus organizadores, se fez sentir com a negação do governo Weimar em sediá-lo em Berlim, bem como do governo francês, preocupados com possíveis repercussões em suas próprias colônias. A oportunidade se abriu em Bruxelas, onde o cientista social e político socialista belga, Émile Vandervelde[39], secretário da *Internacional Operária e Socialista* (sucessora da II Internacional) desde 1923, havia sido recentemente nomeado para ministro de Relações Exteriores da Bélgica. Vandervelde assegurou a realização do congresso com o compromisso dos organizadores do evento em não abordar a questão do Congo.[40]

O elemento inaudito deste congresso, em um mundo mais do que acostumado a encontros, feiras, exposições e representações internacionais (mesmo as político-ideológicas, como os congressos da Primeira Internacional, por exemplo, que datam da década de 1860), era sua motivação transversal e global: o imperialismo. Questão que se apresentava então como não passível de ser recortada apenas por representações nacionais ou regionais (pan-americana ou indiana), bem como não justaposta às noções de classe (proletária, camponesa, burguesa) e muito menos, partidárias. A compreensão de um fenômeno como algo de impacto mundial, percepção talvez inaugurada apenas na Grande Guerra, é a pedra fundamental da ideia da realização desse congresso e da Liga que lhe deu origem. Nas discussões mais regionalizadas dos anti-imperialistas, essa percepção universal do

---

[37] Ugarte recebeu o convite do partido por correspondência como consta em seu epistolário: "(...) PARTIDO NACIONALISTA DE PUERTO RICO, RESUELVE: 1.- Delegar en los señores don José VASCONCELOS, don Manuel UGARTE, don Louis CASABONA y don César FALCON su representación ante el Congreso Internacional de la Liga contra la Crueldad y la Opresión en las Colonias que se celebrará en Bruselas, Bélgica (...).". PARTIDO NACIONAL SOCIALISTA DE PUERTO RICO [Federico Acosta Velarde, presidente]. Resolución del Partido Nacionalista de Puerto Rico [27 de setiembre de 1926] In: UGARTE, 1999, p.56. Segundo Norberto Galasso, a indicação de Ugarte foi feita por José Vasconcelos, entretanto, mesmo tendo aceite o convite, Ugarte ficou doente na época do Congresso e permaneceu em Nice (França), onde morava. A ausência de Ugarte ocasionou alguns problemas para delegação latino-americana, como retomaremos adiante. GALASSO, Norberto. *Manuel Ugarte*. Tomo II - De la liberación nacional al socialismo. Buenos Aires: Eudeba, 2015.

[38] LEAGUE AGAINST IMPERIALISM. An alle unterdrückten Völker und Klassen - Manifest des Brüsseler Kongresses gegen den Imperialismus [14/02/1927]. In: *League against Imperialism Archives* (1927-1931). Amsterdam: International Institute of Social History (IISH).

[39] A obra *Parasitisme organique et parasitisme social* (1893), parceria de Émile Vandervelde com o botânico belga Jean Massart é a principal referência de Manoel Bomfim para desenvolver sua teoria do parasitismo social em *A América Latina* (1905). Cf. OLIVEIRA, 2015, p.43-44.

[40] Mais detalhes sobre a realização do Congresso de Mundial Anti-imperialista de 1927. Cf. PRASHAD, op.cit..

imperialismo era ponto pacífico, mas no Congresso de Bruxelas ela se materializa para os agentes envolvidos com o problema.

Concretude que os organizadores do congresso se preocuparam em expor para seus convidados, exibindo, através de uma série de mapas, os mecanismos de funcionamento das forças imperialistas em sua dimensão intercontinental. Como esse mapa, que o delegado indiano Bakar Ali Mirza publicou em 1927 na revista *The Modern Review*, de Calcutá, que desenha o fluxo de mercenários que estariam saindo da Índia para atuar na África. Uma impactante representação gráfica das redes de atuação do imperialismo que chamou a atenção de Mirza, e provavelmente de seus companheiros, e devem ter auxiliado na construção da perspectiva de impacto global a partir da qual o imperialismo seria, cada vez mais fortemente, compreendido:



One of the many maps that hung on the walls demonstrating the effects of Imperialism. This shows India, and Indian mercenaries, as the centre for the subjection of Asia and Africa.

Legenda: One of the many maps that hung on the walls [do Congresso de Bruxelas] demonstrating the effects of Imperialism. This shows India, and Indian mercenaries, as the centre for the subjection of Asia and Africa.[41]

Cumpre destacar que a *demanda* que reúne sujeitos tão díspares é a percepção de estarem submetidos a um mesmo sistema que sujeitava seus povos e nações a uma lógica capitalista massivamente opressora e que os reduzia à condição de explorados, colonizados ou semicolonizados e alijados de autonomia. A similitude dos "sintomas de uma mesma doença" é capturada nas cores fortes do relato de Bakar Mirza, ainda em 1927:

---

[41] MIRZA, op.cit., 1927, p. 555. Neste artigo, Mirza relata uma série de detalhes do Congresso, desde as organizações nele representadas, ao comportamento da imprensa e a agenda de discussão, focando os de "particular interesse para Índia e a partir do ponto de vista de um indiano". Tradução nossa.

> In short - symptoms and results of the same disease - slavery enforced by Imperialism - everywhere. Had the delegates not come from the ends of the earth and met for the first time, a stranger from the outside would have really concluded that they had some way or other all met before and agreed to say the same thing; in the stories told in a dozen different languages, in the reports or facts and conditions, we saw that Imperialism is the most deadly enemy of human life.[42]

O Congresso foi prestigiado e apoiado por referências intelectuais importantes no período, além dos já citados, outros como Máximo Gorki (Rússia), Upton Sinclair (EUA), Bertrand Russell (UK), Henri Barbusse e figuras políticas conhecidas, tais como o indiano Mahatma Gandhi. Destaca-se também pela pluralidade ideológica dentro do campo da esquerda. Integrando - como não aconteceria no segundo Congresso, em Frankfurt dois anos depois - comunistas, nacionalistas, defensores de frentes únicas e reformistas. Impressão compartilhada pelo comunista japonês, quase septuagenário, Sen Katayama:

> El Congreso de Bruselas fue, por su carácter y composición, único en su tipo. En él estuvieron representados todos los colores y tonos de raza, los más distintos niveles de civilización, las más diferentes corrientes políticas y religiosas, las profesiones más dispares. Había allí nacionalistas puros, socialistas, comunistas, anarquistas, pacifistas, soldados, generales, estadistas, escritores, dramaturgos, católicos protestantes, ateos. Se unieron en intereses del objetivo común de luchar contra el imperialismo.[43]

O evento envolveu diferentes fontes de financiamento. Segundo Vijay Prashad, os principais patrocinadores foram a Internacional Comunista em parceria com o Kuomintang chinês e o governo mexicano.[44] Não há uma manifestação oficial por parte do governo do México sobre o Congresso mas, de acordo com Julio Antonio Mella, o presidente Plutarco Elias Calles respondeu publicamente ao convite que teria recebido, algo muito relevante em se tratando de um chefe de Estado, sobretudo a respeito de um evento tão distante e não governamental. Mella comenta a resposta de Calles, na condição de organizador do Congresso no continente americano, na costarriquence *Repertorio Americano*: "(...) [o presidente] Plutarco E. Calles (...) al contestar el cable invitación de los organizadores de la Conferencia, manifestó que haría Representar a México en esa Conferencia, 'porque la lucha emprendida por su Gobierno era para beneficio de todos los pueblos'."[45]

---

[42] MIRZA, op.cit., p. 558.
[43] KATAYAMA, Sen. [1927] *apud* HATZKY, 2008, p.227.
[44] PRASHAD, op.cit., p.19.
[45] MELLA, Julio Antonio. La Conferencia Antiimperialista de Bruselas. *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 18/12/1926, p.368. Segundo Christine Hatzky, o financiamento do governo mexicano foi organizado pelo embaixador mexicano em Berlim, Ramón de Negri, que também pertencia à Liga. HATZKY,op.cit., p.224.

Entre os cominternistas, a realização do Congresso de Bruxelas também se pautava por disputas internas que envolviam o comunista alemão Willi Münzenberg, que participou ativamente da idealização e realização do Congresso. Münzenberg foi um personagem de capital importância para o comunismo europeu entre 1920 e 1940, artífice de uma excepcional rede de propaganda comunista e principal articulador de um império de mídia com jornais, revistas, editoras, estúdios de cinema e instituições destinadas a promover a causa soviética. Münzenberg, propagandista e pragmático, chamado de "organisation man", desenvolveu técnicas e conceitos de propaganda política então pioneiros, como explica Fredrik Petersson:

> One way of doing so is to focus attention on Münzenberg as a propagandist and organiser, and to consider how the interaction between the IAH's [Internationale Arbeiterhilfe] Berlin headquarters and the Comintern headquarters in Moscow functioned and determined the outcome of Münzenberg's propaganda operations. This approach allows a further understanding of Münzenberg as the 'organisation man', and demonstrates his part in developing the techniques and modes of propaganda that enhanced the public representation of European left-wing radicalism in an era characterised by hopes, uncertainty, and political unrest. These political methods are taken for granted nowadays, but at that time, they were new.[46]

Entre os motes de campanha trabalhado por Münzenberg para a causa comunista, um dos mais paradigmáticos e fundamental na realização do Congresso de Bruxelas foi a ideia de solidariedade internacional. Várias foram as associações conectadas ou estabelecidas pelo Comintern, chamadas de "Sympathising Organisations for Special Purporses"[47], mais ou menos transitórias e organizadas tematicamente pelos mais diferentes recortes - com exceção do nacional -, como de gênero (os comitês femininos), categoria profissional (como a dos trabalhadores portuários), questões raciais (como os comitês de trabalhadores negros), ou

---

[46] PETERSSON, Fredrik. Willi Münzenberg: A Propagandist Reaching Beyond the Party and Class. In: HOFFROGGE, Ralf; LAPORTE, Norman (org.). *Weimar Communism as mass movement*, 1918-1933. Lawrence and Wishart: London, 2017, p.242. Ainda segundo Fredrik Petersson, Willi Münzenberg foi um dos principais agentes da força ideológica e do uso prático da ideia de "solidariedade comunista". Cf. PETERSSON, Fredrik. In Control of Solidarity? Willi Münzenberg, the Workers' International Relief and League against Imperialism, 1921-1935. In: Conference *Solidarities Through History?* Columbia University. New York, March 30 2007.

[47] O uso de comitês e associações de diferentes nomes, muitas vezes com os mesmos agentes, uma das táticas mais conhecidas de Münzenberg, é intenso na América Latina a partir de meados da década de 1920, como a LADLA com suas várias filiais e comitês temáticos. Muito abundantes no México devido a relativa abertura política do país neste período, que foi sede da Frente Único Pro Sacco y Vanzetti (1927) e do Comité Manos Fuera de Nicaragua (MAFUENIC). O MAFUENIC tinha como membros, também associados ao comunismo, o cubano Julio Antonio, o peruano Jacobo Hurwitz (ex-aprista), o mexicano Diego Rivera e a italiana Tina Modotti. KERSFFELD, Daniel. El Comité Manos Fuera de Nicaragua: primera experiencia del sandinismo. *Pacarina del Sur*, año 11, nº41, out.dez/2019.

anticoloniais, antifascistas e anti-imperialistas, como a audaciosa ideia do Congresso Anti-imperialista Mundial.[48]

Não era a primeira experiência de Münzenberg na formação de redes de solidariedade política. Egresso da juventude comunista, o alemão fundou, em 1921, a Internationale Arbeiterhilfe (IAH), ou Workers International Relief (WIR), em resposta a um recrutamento de Lenin que, preocupado com as ações de ajuda humanitária norte-americana na região, conclamava que os próprios comunistas atuassem no combate à crise de fome que assolava a Rússia. A associação se converteria no centro de propaganda comunista comandado por Willi Münzenberg. Para o Comintern, organizações como Arbeiterhilfe tinham como missão servir de instância não-partidária para atrair outros grupos para os PCs, bem como para recrutar artistas, intelectuais e cientistas como apoiadores para o Comintern e para União Soviética. Atuando assim como uma organização "guarda-chuva", alcançado entusiastas com mais resistência a associações partidárias ou declaradas comunistas e ainda capitaneando movimentos de massa.

O caráter oficioso de sua organização frente ao Comintern era recomendado pelo próprio Münzenberg. Em 27 de fevereiro de 1926, em Moscou, em uma reunião secreta para tratar do status da *Arbeiterhilfe* frente ao Comintern, prevaleceram os pontos de vista de Münzenberg, para quem a associação e outras do tipo tinham que serem reconhecidas como "sympathising organisations" para manter e ampliar seu potencial de mobilização; e o do revolucionário bolchevique Grigori Zinoviev, que entendia que o esforço de criar os pequenos PCs nos países estava dispersando o partido e que essa tática havia chegado ao fim, sendo necessário engajar o comunismo nos movimentos internacionais de massa, não necessariamente do partido.[49]

Não por acaso, a despeito de serem empreendimentos cominternistas, o Congresso de Bruxelas e a Liga Anti-imperialista não são assumidos como iniciativas comunistas, ou mesmo lideradas pelos comunistas. No Manifesto do Congresso de Bruxelas, traduzido para o espanhol pelo periódico da LADLA, *El Libertador*, há a menção da "revolução libertadora

---

[48] A coletânea organizada por Holger Weiss, *International Communism Transnational*, traz artigos dedicados a várias dessas organizações. WEISS, Holger (org.). *International Communism Transnational Solidarity*. Radical Networks, Mass Movements and Global Politics, 1919-1939. Leiden - The Netherlands: Brill, 2017.

[49] Kasper Brasken detalha os debates entre os comunistas sobre os movimentos de massa e o destino do Arbeitherfilfe: "As a result of this meeting, the Arbeiterhilfe was henceforth categorised as being a "sympathising mass organisations for special purposes". The mission of such mass organisations was to raise funds amongst the broad masses of "indifferent workers" but also establish links to groups of social democratic and syndicalist workers, intellectuals, and small bourgeois circles." BRASKEN, Kasper. *The International Workers' Relief, Communism, and Transnational Solidarity*. Willi Münzenberg in Weimar Germany. London: Palgrave Macmillan, 2015, p.115.

de 1917", mas nenhuma ao comunismo.[50] Na concepção de Münzenberg, então vencedora dentro na direção da Internacional, essa era melhor forma de divulgar a causa e, de certa forma, alinhar os "companheiros de viagem".

A expressão "fellow traveller" para se referir aos companheiros de luta não comunistas, atribuída a Münzenberg, não era, segundo sua viúva, Babette Gross, de autoria dele, mas Münzenberg fez da mobilização dessa força um de seus mais importantes modos de ação:

> Münzenberg foi chamado de inventor do *fellow traveller*, as tropas auxiliares que ainda são indispensáveis ao comunismo, principalmente das fileiras dos intelectuais, que, sem serem membros dos partidos comunistas, mostram simpatia ativa e os apóiam moralmente através de confissões públicas. Münzenberg não o inventou. Eles existiram desde o início. Em vez disso, foi sua conquista mobilizá-los em uma extensão sem precedentes e torná-los úteis para os comunistas.[51]

A percepção da ascendência comunista sobre a Liga, regida pela batuta do Comintern, é compartilhada por Jawaharlal Nehru, figura de destaque no Congresso de Bruxelas e um dos líderes do movimento de independência da Índia. Segundo Nehru anota em sua autobiografia: "The League against Imperialism veered more toward communism in later years, though at no time, so far I know, did it lose its individual character".[52] Todavia, apontar os objetivos estratégicos da Internacional não significa postular uma "manipulação" perante a qual os outros agentes fossem passivos, ou companheiros de viagem no caminho escolhido pelos comunistas, como queria Münzenberg, mas perceber confluências de interesses possíveis entre esses movimentos, em especial comunistas e nacionalistas em uma agenda mínima anti-imperialista.

Em 1929, a correlação de forças estará alterada e, os outrora parceiros do Kuomintang, se convertem em perigosos inimigos da luta anti-imperialista, acusados pelos comunistas de serem agentes colaboradores do imperialismo infiltrados nas lutas nacionais. Como consta no Manifesto do 2º Congresso Mundial, em Frankfurt, 1929:

> To carry through this fight to victors, the antiimperialist forces throughout the world must wage un uncomprising [sic] struggle against the allies [and?] agents of imperialism within the national movements. The Chinese bourgeois elements, the Kuomintang and the Nanking

---

[50] EL LIBERTADOR. *El Libertador,* México, jun./1927.

[51] GROSS, Babette. *Willi Münzenberg.* Eine politische Biographie. Stuttgart: Deutsche Verlags Anstalt, 1967, p.230, tradução nossa. Citação original: "Man hat Münzenberg den Erfinder der *fellow traveller* genannt, jener für den Kommunismus bis heute unentbehrlichen, großenteils aus den Reihen der Intellektuellen stammenden Hilfstruppen, die, ohne Mitglieder der kommunistischen Parteien zu sein, diesen jedoch tätige Sympathie entgegenbringen und sie durch öffentliche Bekenntnisse moralisch unterstützen. Münzenberg hat sie nicht erfunden. Es gab sie von Anfang an. Seine Leistung war es vielmehr, sie in einem bis dahin unbekannten Umfang mobilisiert und für die Kommunisten dienstbar gemacht zu haben."

[52] NEHRU, Jawaharlal. *Toward Freedom*. The Autobiography of Jawaharlal Nehru. New York: The John Day Company, 1941, p.127. Alguns anos depois da publicação desta biografia, Nehru seria o primeiro primeiro-ministro da Índia pós-independência.

> Government - have become the open agents of imperialism in their efforts to suppress the revolutionary liberation movement. (...) To fight effectively against imperialism means also to wage a relentless fight against its agents in the labour movement, against international Social Democracy (...).[53]

Como abordaremos a seguir, do lado latino-americano, a viagem não foi menos tumultuada. Essa cizânia repercute, entre outros fatores, nas novas orientações cominternistas acerca dos movimentos nacionais/nacionalistas e de colaborações interclassistas, e marca a política anti-imperialista latino-americana. Nesse sentido, o Congresso de Bruxelas, no qual estavam presentes Vasconcelos, Codovilla, Ravines, Haya e Mella, entre outros, é um importante marco para os sujeitos. A partir dele se evidenciariam discordâncias, se acirrariam posições e, também, se arruinariam, de vez, algumas relações. Rompimentos e reorganizações que, ainda que tenham o evento em Bruxelas um símbolo, são mais bem compreendidos no histórico das redes de relações às quais se vinculam. Conforme Prashad:

> Nevertheless, regional formations did gather after Brussels, and many of these provided the bedrock for the Third World. The movements represented at the 1927 meeting had worked to prepare the ground for this experiment in intraplanetary solidarity. The gathtering in Brussels makes sense in light of that long history of engagement.[54]

7.3 Transformações do jogo político do anti-imperialismo latino-americano

Na América Latina, outros *estrábicos* do olho esquerdo, utilizando a metáfora de Seoane, que, em sua maioria, também haviam trilhado os caminhos do movimento estudantil da Reforma Universitária, se reuniram sob o estandarte da luta anti-imperialista.

O imperialismo, compreendido como a grande força que avançava destrutivamente sobre a América Latina, se tornou a baliza dentro da qual as outras questões eram debatidas, temas como, a constituição e o futuro das nacionalidades, tirania e liberdade, bem como desigualdade e pobreza, e raça e identidade. Representando o objetivo primordial que guiava as intervenções político-intelectuais destes agentes: denunciar o imperialismo como origem dos grandes males da América Latina.

---

[53] Além de "expor os colabores reformistas do imperialismo", o manifesto prega a defesa resoluta da União Soviética contra a guerra imperialista da qual é alvo. LEAGUE AGAINST IMPERIALISM. *Manifesto of the Second World Congress* [Frankfurt, july, 1929]. In: *League against Imperialism Archives* (1927-1931). Amsterdam: International Institute of Social History (IISH), p.3. O rompimento entre o Kuomintang e a III Internacional, ainda em 1927, será mais bem abordado posteriormente, pois é relevante para a conjuntura do anti-imperialismo latino-americano.

[54] PRASHAD, op.cit., p.22.

A própria militância anti-imperialista é o fator que matiza as diferenças entre os atores e é utilizada por eles para o fabrico de uma identidade ou uma filiação à causa que, a semelhança da Reforma Universitária, embaraça fronteiras ideológicas e nacionais. Nesse sentido, o próprio imperialismo, que submetia toda a América Latina ao seu julgo, era tido como a força que impunha esta identificação, tanto entre seus combatentes quanto aos latino-americanos de forma geral, como trataremos neste capítulo.

Até o final da década, o campo da crítica anti-imperialista na América Latina forma-se simultaneamente sobre as bases de um nacionalismo popular e latino-americanista e também de um alcance crescente do comunismo preconizado pela III Internacional. Até então, a relativa harmonia entre os anti-imperialistas pode ser entendida tanto por ser um período de constituição desse campo de luta e da rede que o viabilizou quanto de suas convergências programáticas: o leninismo como base teórico-metodológica, a frente única como estratégia política e a defesa comum de uma tática revolucionária/insurrecionista. As (re)definições programáticas acerca do imperialismo - como combatê-lo e derrotá-lo e por quais meios -, e outras emergências da vida política, vão alargando o fosso entre os anti-imperialistas latino-americanos. A balança pende para as discordâncias ideológicas, pessoais e de tática política. O Congresso de Bruxelas marca essa inversão, seguidos de outros afastamentos difíceis de contornar e próprios de uma luta intensa pela *hegemonia*[55]*,* ou resistências às tentativas de estabelecê-la e que seria definidora dos rumos da militância anti-imperialista no continente. Destacaremos primeiro a contestação da liderança comunista que, via Comintern, representava a força mais poderosa internacionalmente no âmbito político da esquerda.

Na documentação da organização do Congresso, constam diferentes listas e atribuições de representação das delegações. Sobre a América Latina, tomaremos como base as notas de Julio Antonio Mella, publicadas em abril de 1927, no periódico do PCM, *El Machete*. Mella

---

[55] O termo hegemonia é aqui usado mais próximo a concepção marxista gramsciana de "direção" e "domínio intelectual e moral" do que a significação cominternista de "domínio" e submissão. Como sintetiza Silvano Belligni no verbete *Hegemonia*: "Um dos significados tende a equiparar, ou, em torno do caso, a aproximar. Hegemonia e *domínio,* acentuando mais o aspecto coativo que o persuasivo, a força mais que a direção, a submissão de quem suporta a Hegemonia mais que a legitimação e o consenso, a dimensão política mais que a cultural, intelectual e moral. É este o uso preponderante nos escritos dos teóricos da Terceira Internacional, Lenin em primeiro lugar, mas também Bukharin, Stalin, etc. A par deste significado, parece hoje [1983] prevalecer, sobretudo na cultura política italiana, um outro que vê na Hegemonia, acima de tudo, capacidade de *direção* intelectual e moral, em virtude da qual a classe dominante, ou aspirante ao domínio, consegue ser aceita como guia legítimo, constitui-se em classe dirigente e obtém o consenso ou a passividade da maioria (...). É este o significado que se depreende da "teoria da Hegemonia" que Antônio Gramsci transformou em centro da sua reflexão sobre a política e o Estado modernos (...).". BELLIGNI, Silvano. Hegemonia [verbete]. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Vol. 1. Trad. João Ferreira (coord.). Brasília-DF: Editora UNB, 1998 (1ªed. 1983), p.580, grifos no original.

divulgou a lista de signatários da Resolução sobre a América Latina, na qual constam, o holandês Eddo Fimmen, pela Confederación Regional Obrera Mexicana (CROM); Ismael Martínez, representante de las Agrupaciones Obreras y Campesinas del estado de Tamaulipas (México); Julio A. Mella, pela Liga Nacional Campesina de México e também das secções panamenha e mexicana da LADLA e do Comité Continental Organizador do Congresso de Bruxelas na América Latina; Leonardo Fernández Sánchez, representante da secção cubana da LADLA, da Universidad Popular "José Martí" e da AGELA; Carlos Deambrosis Martíns, que vivia em Paris, pela Unión Patriótica de Haití; Andreu Almazán, representante da Liga de los Derechos del Hombre de Haití; José Vasconcelos, representante do Partido Nacionalista de Porto Rico; V. R. Haya de la Torre, que aparece também como representante da Sección Panameña da LADLA e da Frente Única de Trabajadores Manuales e Intelectuales del Perú (a APRA); Gustavo Morales, representante da sección nicaraguense da LADLA e do Partido Socialista Revolucionario da Venezuela juntamente com o professor Alfonso Goldschmidt e Carlos Quijano, este último também signatário como representante da Unión Obrera Venezoelana, da secção venezuelana da LADLA e, principalmente, da AGELA[56]; Eudocio Ravines pela APRA e pela LADLA argentina; e Vittorio Codovilla, ítalo-argentino, representante do secção sul-americana da organização cominternista Socorro Obrero Internacional.[57]

Analisando a lista, temos uma clara preponderância comunista, mesmo que, como citado anteriormente, por questões de tática política, ela não fosse alardeada ou admitida. Além de Julio Antonio Mella, havia seu correligionário do PCM, Gustavo Morales; Fernández Sánchez, do PC cubano; bem como outros nomes relevantes do comunismo internacional, como Vittorio Codovilla, Alfonso Goldschmidt, que em 1929 assumiria a presidência da organização de Münzenberg; e Eddo Fimmen, membro da Internacional em Amsterdã e que, segundo Fredrik Petersson, sequer tinha anuência da CROM para representá-la no congresso.[58] Há também menção, nas memórias de Vasconcelos, a um venezuelano "de

---

[56] Estavam presentes também pela AGELA, com status de delegados observadores, o nicaraguense Leon Debayle Sacasa e o dominicano Juan Isidro Jiménez Grullon, signatários da "Declaração das Associações de Juventudes e de Juventudes Obreiras no Congresso de Bruxelas contra a opressão colonial e o imperialismo". TARACENA ARRIOLA, Arturo. La Asociación General de Estudiantes Latinoamericanos de Paris (1925-1933). *Anuario de Estudios Centroamericanos*, Universidad de Costa Rica, 15(2), 1989, p.70.

[57] MELLA, Julio Antonio. Resolución sobre la América Latina del Congreso Antiimperialista de Bruselas [*El Machete*, México, abril/1927]. In: MELLA, 2008, p.50-51.

[58] PETERSSON, Fredrik. In Dire Need of a Colonial Agenda? The Mobilization and Responses of the Labour Socialist International on the Emergence of the League against Imperialism, 1927-29. In: *Crisis and Mobilization Since 1789* - Conference. Amsterdam: IISG, 2013, p.2.

nome Plaza", apoiador de Mella, e que "había hecho profesión de fe soviética"[59], e que provavelmente refere-se Salvador de la Plaza, membro do Partido Revolucionario Venezolano, fundado no México por exilados venezuelanos e com participação de Mella.

As táticas dos comunistas para tomar o protagonismo do Congresso geraram incômodo durante o evento. Em março de 1927, o argentino Iso Brante Schweide[60], em carta a Manuel Ugarte, expõe sua irritação com os comunistas na Liga Anti-imperialista do Congresso de Bruxelas. Segundo Brante, Ugarte, mesmo ausente, havia sido escolhido em vez de Vasconcelos como representante no Comitê Executivo (que continha apenas nove nomes) como uma manobra dos comunistas latino-americanos para causar intriga e diminuir o potencial de repercussão de Vasconcelos, legando-o à listagem geral.[61] No relato de Brante, Vasconcelos não soube deste ocorrido, quis poupá-lo de se aborrecer "ainda mais" com os comunistas.[62] Ainda assim, o mexicano, que foi embora antes do final do congresso, se preocupou com o andamento das ações dos comunistas e encarregou Brante de não deixar que o seu nome fosse enredado em "política bolchevique". Nas palavras de Brante Schweide:

> Además yo le hago observar que por intrigas de algunos comunistas latinoamericanos, Ud. [Ugarte] fue nombrado miembro del Ejecutivo en antítesis con la candidatura de Vasconcelos. Vasconcelos no lo sabe y no le quise decir esto, para no irritarle más contra la conducta de los comunistas; pero se lo digo a Ud. a solo título informativo, para que sepa con quién le toca a trabajar y quiénes son los que se arrogan el derecho de aparecer como defensores de nuestra causa. Vasconcelos fue nombrado, en cambio, miembro del Consejo General, donde casi todas las naciones son representadas y antes de irse para Chicago me

---

[59] VASCONCELOS, 1984, p.544.

[60] São poucas as informações sobre Iso Brante Schweide. No prefácio da coletânea *Austrícos no exílio: México* [tradução nossa], Brante Schweide aparece como um argentino que é o contato de Vasconcelos em Viena, como de fato Vasconcelos menciona em suas memórias, e como tendo se exilado no México na década de 1940. KLOYBER, Christian; PATKA, Marcus G. Vorwort [Prefácio]. In: *Österreicher im Exil*: Mexiko 1938-1947. Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes. Wien: Deuticke, 2002. José Vasconcelos escreve em suas *Memórias* um capítulo sobre Brante Schweide, a quem teria conhecido a partir de correspondência iniciada por Brante e pessoalmente em Viena em 1925. VASCONCELOS, 1984, p.446. Ele aparece também ligado a atividades na Universidade do México, na década de 1950 publicou entrevistas com Manuel Ugarte e Rafael Altamira (indicado ao Nobel da Paz), este último que em *Los elementos de la civilización y del carácter españoles* (1950), faz lhe uma dedicatória especial "El autor dedica este libro a su gran amigo, Iso Brante Schweide, cuyo hispanismo sincero, intenso y de honda trascendencia americana, merece la mayor estimación, y cuya amistad leal y generosa es un de los más gratos hallazgos de su vida." ALTAMIRA, Rafael. *Los elementos de la civilización y del carácter españoles*. Buenos Aires: Losada, 1950.

[61] A lista é datada de 14 de fevereiro, penúltimo dia do Congresso e com Ugarte ausente, conforme já mencionamos. Cf. LEAGUE AGAINST IMPERIALISM. Im Namen des Brüsseler Kongresses gegen Imperialismus, koloniale Herrschaft und für nationale Unabhängigkeit [tradução nossa: Em nome do Congresso de Bruxelas contra o imperialismo, o domínio colonial e pela independência nacional]. [14/02/1927]. In: *League against Imperialism Archives* (1927-1931). Amsterdam: International Institute of Social History (IISH).

[62] Na narrativa de Vasconcelos, sua maior indisposição com os comunistas foi acerca da política mexicana. Apontou Mella e Salvador de la Plaza como *callistas*. Vasconcelos era ferrenho opositor de Calles, tendo renunciado ao cargo de Secretário da Educação quando este venceu a eleição presidencial como sucessor de Álvaro Obregón. No Congresso, segundo Vasconcelos, ele próprio exigiu que os comunistas não mencionassem o nome de Calles nas assembleias. VASCONCELOS, 1984, p.544.

> autorizó de vigilar para que su nombre no fuese comprometido en asuntos de política bolchevique.[63]

Considerando a lista de delegados oficiais pela América Latina no Congresso e a crônica de Brante Schweide, é possível conjecturar sobre o conflito que pode ter feito com que o *maestro* ausente fosse o escolhido como o principal representante da região.[64] Por um lado, é preciso considerar, dado ao peso político dos outros nomes do Comitê Executivo, como Lansbury, Fimmen, Münzenberg, Jawaharlal Nehru e Mohamed Hatta, a delegação latino-americana era pouco conhecida (ou, no caso de Vittorio Codovilla, demasiado comminternista para a imagem plural do congresso) e os dois nomes à altura do lugar fossem os dos *maestros* Ugarte e Vasconcelos. Além disso, é possível apreender, pelo próprio pedido de Vasconcelos a Brante e pela clara negação do comunismo que o mexicano fez em seu discurso, que a relação dos comunistas com Vasconcelos já não era das melhores, justificando a manobra apontada por Brante.[65]

Ao seu compatriota Ugarte, Brante, em tom de denúncia, se preocupa em desmascarar a identidade comunista e cominternista da Liga e de seu Congresso. Entretanto, para Brante, do mesmo modo que a política bolchevique era interesseira e não se preocupava com a sorte dos povos explorados, as lideranças nacionalistas locais também procuravam vantagem dos interesses moscovitas. O que não invalidaria para o autor a importância da reunião e o quanto ficou impactado pelo clamor anti-imperialista de seus companheiros:

> Yo tengo las pruebas irrefutables, que la Liga contra la opresión colonial, es una institución comunista, que depende tanto de la política del Estado soviético como del de la (sic) Internacional Comunista. Esta Liga surgió del conflicto entre Moscú y Londres. Lo que menos importa a Moscú son nuestras preocupaciones de libertad, de independencia y de bienestar nacional. Todavía Moscú explota nuestra tragedia, como los nacionalistas chinos, coreanos, negros y otros explotan las necesidades políticas moscovitas. El Congreso de Bruxelles me hizo una fuerte impresión. Hombres puros, ardientes, llenos de fe apostólica vinieron de todas las partes del mundo, para unirse lealmente y combatir al enemigo común, sin saber que mañana, si será en el interés de Moscú, serán vendidos, así como hoy fueron "comprados" al mayor ofrecido.[66]

---

[63] BRANTE SCHWEIDE, Iso. Carta a Manuel Ugarte [Berlim, 19/03/1927]. In: UGARTE, 1999, p.58.

[64] Sobre o mesmo episódio, na versão de Julio Antonio Mella, o argentino tinha sido escolhido devido a sua importância na luta anti-imperialista, como esclarece também a partir de correspondência direta a Ugarte: "Como usted es, sin duda alguna, uno de los más antiguos luchadores contra el imperialismo en nuestra América es que lo nombramos como el representante de la América Latina en el Presidium." MELLA, Julio Antonio. Carta a Ugarte [23/04/1927, Berlim]. In: UGARTE, 1999, p.67.

[65] Além disso, Vasconcelos poderia ser entendido como um aliado de Haya, que havia sido seu secretário particular durante 1923 e no Congresso também fez oposição aos comunistas.

[66] BRANTE SCHWEIDE, Iso. Carta a Manuel Ugarte [Berlim, 19/03/1927]. In: UGARTE, 1999, p.58.

Indício ainda mais eloquente de que a condição de "companheiros de viagem" dos comunistas só havia sido *combinada com os russos* é o enfrentamento com os apristas. As discrepâncias entre o grupo capitaneado por Haya de la Torre e os quadros comunistas são numerosas e passam por questões programáticas e doutrinárias, de práxis revolucionária e de percepção da conjuntura política que não foram originadas no Congresso de Bruxelas, mas são, a partir dele, evidenciadas.

Antes mesmo de se reunirem na capital belga em fins de fevereiro de 1927, a mobilização dos intelectuais em torno do Congresso causou desavenças.[67] Haya de la Torre e sua APRA não receberam o convite formal para o encontro e mesmo com a mediação dos amigos, o líder aprista não aceitou comparecer sem a formalidade, que lhe daria status de delegado. No ano seguinte, quando todas as pontes entre comunistas e apristas haviam sido queimadas, Julio Antonio Mella faz um relato irônico e mordaz sobre o episódio e o atribuindo a vaidade de Haya, que teria insistido em representar uma associação que sequer existiria. E que ao final, por insistência da delegação, Haya havia sido convidado e até financiado com os recursos do Congresso. De acordo com Mella:

> Todavía el "ARPA" no tañía muy alto, no había nacido - hoy es sietemesino - cuando daba sus primeros pasos divisionistas, antirrevolucionarios y arbitrarios. Su representante máximo no quiso asistir al Congreso de Bruselas "porque se habían olvidado de hacerle una invitación especial personal". Verdaderamente fue un crimen imperdonable de los organizadores del Congreso (luchadores proletarios y socialistas de la Europa, unidos a revolucionarios nacionalistas de la China y de la India) no haber oído hablar antes de "ARPA" y de su líder máximo: el "descubridor" de que el imperialismo era un fenómeno económico (?). (...) Cuando llegaron los delegados latinoamericanos a Bruselas, pidieron por "cortesía" revolucionaria que se invitase al disgustado "líder" del "ARPA". Para que no hubiese motivo de no asistencia, se rogó a la Mesa Directiva que se enviase a Oxford suficientes libras esterlinas para que se pudiese tomar un buen vapor, etc.[68]

---

[67] Segundo Ravines, Mella teria inclusive trabalhado para impedir o convite a Haya e a animosidade entre os dois, que vinha se acentuando, foi abertamente deflagrada na capital belga. Conta Ravines, em 1952: "Cuando los dos hombres llegaron a Bruselas, su separación, ideológica y personal, era ancha y definitiva: no había puente entre sus posiciones." RAVINES, op.cit., p.104.

[68] MELLA, Julio Antonio. *¿Que es el ARPA?* La lucha revolucionaria contra el imperialismo (El primer documento político sobre el aprismo). Lima: Minerva, 1975 (1ªed. 1928), p.49. Em 1928, Mella publica uma aguda crítica a Haya e ao movimento aprista, satírico já no título, *¿Que es el ARPA?* A referência não explicada por Mella no texto, que além disso, chama de "arpistas" os adeptos da APRA. Entretanto, é possível aventar sua relação com ave harpia/arpia ou gavião-real, natural das Américas Central e do Sul, que é uma das maiores espécies de ave de rapina existentes. Em espanhol, segundo a definição da *Real Academia Española*, pode significar coloquialmente, "4.Persona codiciosa que con arte o maña consigue cuanto puede." REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*, 23.ª ed., [versión 23.2 en línea]. < https://dle.rae.es> [Consulta em: 16/05/2019]. Esse não seria o último apelido debochado que a sigla da organização peruana ganharia. Em 1933, o cubano Raúl Roa, amigo de Mella, daria sua própria legenda para a sigla: "APRA (Asociación Para Revolucionarios Arrepentidos)". ROA, Raúl. Julio Antonio Mella. *Bohemia*. Havana, 17/09/1933, p.60.

Mella não menciona quem havia intervindo pelo pedido de Haya de la Torre em ser formalmente convidado. Vaidade ou não, Haya de la Torre estava ciente que participar do evento sem a convocação oficial, como representante de um grupo, vedaria parte de sua ação política. Não tendo direito a voto, proposições e à fala, como vários outros, como Iso Brante Schweide, que só podemos localizar devido a carta que escreveu para Ugarte e as anotações de Vasconcelos. A ampla exposição que ele e sua causa poderia alcançar como se constassem nos registros públicos do Congresso, ou seja, exercer seu papel político.

Ainda segundo Mella, os apristas teriam participado de uma única sessão e ido embora logo depois, mas não sem antes firmar o documento do Congresso com "reservas". Para o cubano, a missão dos apristas em Bruxelas teria sido criar divisionismo como retaliação por não ter tido a APRA reconhecida como "única organización antimperialista de la América Latina", em vez de "aceptar la organización internacional para presentar un frente único y unido de lucha contra el imperialismo internacional", a Liga Anti-imperialista. O que para Mella serve para a acusação de divisionismo, para Haya parece ter sido o cálculo político de um momento que poderia ser oportuno para se fazer do rompimento com os comunistas, que já se apresentava em múltiplas dimensões programáticas, fosse amplamente publicizado e marcasse sua recente organização política como alternativa anti-imperialista ao comunismo. Em sua autobiografia, de 1952, Eudocio Ravines, então antiaprista e anticomunista, depois de ter passado por ambos, narra o episódio das "reservas" do líder aprista como tendo sido um artifício, bem-sucedido, de aproveitar uma oportunidade muito especial de dar notoriedade ao seu grupo. Teria dito Haya a Ravines, quando lhe explicou a decisão:

> -Si votamos todo lo que ellos proponen, pues nadie se fijará en nosotros; si votamos "con reservas" nos señalaremos como excepciones. Preguntarán de qué se trata, en qué residen las discrepancias, y como una consecuencia, sabrán que se trata de la Alianza Popular... (...) ¡Es una propaganda - añadió - demasiado al alcance de la mano, para dejarla perder...!

Ravines complementa com suas impressões:

> Y al socaire del certamen internacional, gracias a la maniobra socaliñera de Haya, llamamos la atención sobre la Alianza Popular Revolucionaria Americana, con un vigor que repercutió en Colonia, semanas más tarde y ulteriormente en Moscú, en México y en toda la América Latina.[69]

Na narrativa de Luis Alberto Sánchez sobre o episódio do Congresso de Bruxelas, em *Crónica de una vida sin trégua*, seu biografado aparece como um cavalheiro solitário combatendo uma horda de comunistas. Primeiro ao conseguir ser convidado para o Congresso, no qual os delegados "lucían, predominantemente, filiación comunista", depois

[69] RAVINES, op.cit., p.105.

por, de acordo com Sánchez, conseguir ter aceite sua proposta dos "4 setores do imperialismo na América Latina" mesmo com a oposição de todos os comunistas. E, "triunfando una vez más la ponencia aprista contra la comunista" em questão de "táctica política" no tema Tacna e Arica, no qual Haya de la Torre defendeu a tese da Frente Única das classes oprimidas contra o Imperialismo e as oligarquias *criollas*, ao que o comunista Codovilla teria respondido "-Que perezcan, por último, esos veinte pueblecitos, con tal de salvar la revolución rusa."[70]

Correspondente ou não aos debates que Haya e Codovilla tiveram em Bruxelas, lembrando que a biografia escrita por Sánchez tem como narrador o próprio Haya, a caricatura do comunista que entrega "vinte povinhos" para salvar a Revolução Russa é o contraponto aprista, que aparece na suposta resposta de Haya a interjeição do comunista ítalo-argentino: "-Está bien: que se salve la revolución rusa. Pero, América necesita cumplir sus destinos." Ou seja, enquanto os apristas, capitaneados por Haya, trabalhavam por uma solução autóctone americana e que integrasse a sociedade contra a exploração imperialista estrangeira e das oligarquias nacionais, os comunistas sacrificariam o que fosse necessário pelo seu projeto de poder.

Essa seria a razão, segundo Sánchez, que apesar de todas essas vitórias conquistadas no Congresso, a delegação aprista se absteve em dar seu assentimento no documento final, firmando-o com reservas. Na sequência, Sánchez transcreve um trecho de uma correspondência de Eudocio Ravines ao argentino Gabriel Del Mazo, antes do rompimento de Ravines com a APRA:

> La táctica del Partido Comunista ha cambiado totalmente: se orienta hacia un Frente Unico por mandato de Moscú, pero hacia un frente único que tenga como deber primordial, contemplar, no los asuntos y los intereses latino-americanos, sino los intereses políticos de la U.R.S.S., cosa inaceptable. Necesitan carneros para el holocausto, y toman a nuestros pueblos como chanchitos de experimentación. Codovilla nos declaró en Bruselas, 'que a un comunista no le interesa sino la campaña de la III Internacional, aunque para sostenerla se sacrifiquen quince países'; esta es a todas luces, la voz de orden, la que no creo que nosotros tenemos por qué acatar (...).[71]

A disputa e oposição ao comunismo serve ao aprismo para precisar a definição de sua luta anti-imperialista, arrogada como nacional, latino-americanista e pluriclassista. Haya e seu grupo não apenas não aceitariam ser dirigidos como companheiros de viagem, mas estavam dispostos para lutar pelo lugar ao volante. Ofensiva que a liderança aprista havia

---

[70] SÁNCHEZ, 1936, p.140.
[71] SÁNCHEZ, op.cit., p.140-141.

começado em dezembro de 1926, com a publicação de *What is the A.P.R.A?*[72] O artigo, escrito por Haya de la Torre veio a público na prestigiada revista *The Labour Monthly* (1921-1981), editada por mais de 50 anos pelo comunista britânico R. Palme Dutt. O texto tinha apenas quatro páginas e posteriormente também circulou em espanhol pelos periódicos latino-americanos.

Considerado o documento fundacional da APRA, o artigo tem uma história controversa que tem relação direta com a disputa pela liderança política do movimento anti-imperialista na América Latina. Este panfleto é a primeira apresentação pública e sistematizada da APRA. Apesar de curto, condensa bem os fundamentos e identidade do movimento, com a apresentação daquele que seria seu famoso programa de cinco pontos, e uma nada modesta avaliação de sua relevância na militância anti-imperialista latino-americana. Sublinhando seu caráter socialmente amplo (trabalhadores e intelectuais), inovador (próprio da "nova geração") e bem quisto (com muitos filiados e células intercontinentais). Assim, Haya de la Torre definia a APRA:

> The A.P.R.A. is a young organisation formed by the young men of the new generation of manual and intellectual workers of Latin America. It was founded in 1924 and has organised sections in various countries in Latin America and also in Europe, where the number of anti-Imperialist Latin American students is pretty large.[73]

Para Haya, era mais que uma oportunidade de difundir a APRA, mas projetá-la a um lugar de proeminência dentro da luta política da esquerda na América Latina. Haya de la Torre se esforça em dar relevo aquele que seria o caráter inovador e revolucionário da APRA. Primeiramente destacando a abordagem científica econômica, que na versão dele teria sido cunhada pelos apristas antes mesmos de formarem a APRA. Para tanto, recorre ao repertório de ações até então realizadas por ele e seus companheiros, em especial, a Universidade González Prada, como neste trecho:

> Until 1923 this danger [North American] was regard as a possible struggle of races - the Saxon and the Latin races - as a "conflict of cultures" or as a question of nationalism. From the "Gonzalez Prada" Popular Universities of Peru a new conception of the problem has arisen: the economic conception.[74]

---

[72] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. What is the A.P.R.A? *The Labour Monthly* - A Magazine of International Labour. London: Vol.8, nº12, December, 1926.

[73] HAYA DE LA TORRE, 1926, p.756. O programa de cinco pontos da APRA de 1926 previa: 1º Ação contra o imperialismo ianque; 2ª Pela unidade política da América Latina; 3º Pela nacionalização de terras e indústiras; 4º Pela internacionalização do canal do Panamá; 5º Pela solidariedade com todos os povos e classes oprimidas do mundo..

[74] Ibidem, p.756-757.

Na sequência, o peruano faz comparações com outras organizações anti-imperialistas, afirmando a superioridade que via na APRA enquanto organização política. Tanto à frente da portenha ULA, que seria uma frente única de "atividade simplesmente intelectual", quanto da mexicana LADLA (comandada então por Julio Antonio Mella) que, de acordo com Haya, era uma associação sem um programa, mas apenas de resistência anti-imperialista. A APRA, por outro lado, fundada "com um programa de ação revolucionária e política" estava apta a convidar todas essas "forças dispersas" a formar uma única e grande frente.[75]

Outro argumento de autoridade utilizado por Haya em favor do aprismo seria seu suposto pioneirismo. Como já foi bastante apontado pela bibliografia, não há indícios documentais que a fundação da APRA tenha sido em 1924, no México, como reivindicava Haya.[76] O primeiro artigo sobre o movimento é precisamente este publicado *The Labour Monthly,* em dezembro de 1926, enquanto a primeira célula aprista só seria fundada por Eudocio Ravines um mês depois em Paris. Por outro lado, o registro escrito mais antigo sobre a APRA é uma carta, datada de junho de 1925, de Haya a Gabriel del Mazo:

> ¿Cómo organizar nuestra acción? Estoy de acuerdo en formar un partido. Más aún: nuestra Alianza debe llegar a ser ese partido. (...) Esta unidad o homogeneidad de problemas impone la unidad en la acción, y como crear un partido nacional sería errar, hay que intentar el frente único internacional americano de trabajadores, que tome en sus lemas de lucha común las grandes síntesis que defina para cada país o región los programas con de nuestras cuestiones característicamente americanas y credos y realistas particulares. Ese es el ideal de la Alianza Popular Revolucionaria. Naturalmente que ella necesita el poder en alguna parte: "La cuestión esencial de la revolución es la cuestión del poder", decía Ilich [Lenin], que fue grande como técnico revolucionario y como conocedor genial de la realidad.[77]

Pouco a pouco, os escritos apristas vão precisando a narrativa de sua fundação. Em *The Labour Monthly,* Haya menciona genericamente o ano de 1924. Já na pequena biografia de Haya, publicada por Felipe Cossio del Pomar em 1931, o autor alega que quando Haya chegou ao México, em 1924, "en donde está tibia aún la sangre derramada por la libertad", teria lançado os pontos do programa aprista e entregado a "nueva bandera unionista a las juventudes mejicanas reunidas en una asamblea"[78]. Somente na edição de *El antimperialismo*

---

[75] Trecho no original: "As a matter of fact, the Anti-Imperialist Leagues have no fixed political programme, but only that of resistance to Imperialism, and the Latin American Union has simply intellectual activity. The A.P.R.A. was founded in 1924, with a programme of revolutionary and political action, and it invites all the scattered forces to form themselves in a single great front. Ibidem, p.757.

[76] PLANAS SILVA, Pedro; VALLENAS MÁLAGA, Hugo. *Haya de la Torre en su espacio y en su tiempo*. Aportes para una contextualización del pensamiento de Haya de la Torre. Lima: HV ediciones, 2010.

[77] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Carta a un universitario argentino [Carta a Gabriel del Mazo, Londres, junho de 1925]. In: *Por la emancipación de América Latina*. Buenos Aires: M. Gleizer, 1927, p.125 e 126.

[78] A biografia escrita por Cossio del Pomar tem cerca de 30 página e aproximadamente 20 são de fotografias de Haya de la Torre, recordações da infância com a família em Trujillo, na prática de esportes na adolescência e das viagens à Guatemala e Suíça. Aparentemente um acervo bastante pessoal do próprio biografado. O texto é

y el APRA (de 1936) que o fundador da APRA especifica como dezembro de 1924, corrigida ainda por Sánchez, também em 1936, como iniciada em maio e concluída em dezembro.[79] Como analisam Pedro Planas Silva e Hugo Vallenas Málaga, não há outros indícios documentais, que não tenham como fonte o próprio Haya.[80]

Todavia, esta reflexão não visa apontar incongruências na história de fundação do movimento APRA, mesmo porque, a partir de 1925, há um grande esforço dos apristas em estabelecer contato com personalidades, grupos de opinião e expandir, a partir do exílio, sua rede de amigos e simpatizantes. Bem como, receber o aval dos grandes *maestros* como Vasconcelos, Ugarte, Ingenieros e Palacios. O provável "ajuste" dado por Haya à data de fundação da associação a qual liderava se justifica na tentativa de dar proeminência política a APRA, lastreando aquele que seria caráter pioneiro na luta anti-imperialista, a habilitando para exercer o papel de liderança. Os autoproclamados inedistimo, independência e ampla base social do movimento aprista vão se constituindo como motes fundamentais para ação política.

Em *What is the A.P.R.A?* destaca-se o contraste, feito por seu autor, com outras organizações anti-imperialistas que seu autor. Sabendo do predomínio comunista na LADLA mexicana, Haya faz uma menção que cabe como crítica a esta liga, e sobretudo aos PCs: "The A.P.R.A. is an autonomous movement, completely Latin American, without foreign interventions or influences."[81] O alinhamento dos comunistas à Internacional moscovita, e por extensão, estrangeiro, seria um dos principais argumentos dos nacionalistas, de esquerda e de direita, contra a ação comunista na América Latina. Por contraste, Haya apresentava a organização que liderava: autóctone e independente. Em poucas linhas, utilizando de uma das mais tradicionais e efetivas práticas da ação política, a polêmica[82], Haya de la Torre pode ter

---

datado de outubro de 1931, mesmo mês da primeira eleição presidencial a que Haya concorreu. COSSIO DEL POMAR, Felipe. *Biografia y Gráficos de Haya de la Torre*. Lima: Editorial APRA, 1931, p.15. Na coletânea de Gabriel del Mazo sobre a Reforma Universitária, consta o discurso de Haya de la Torre na Federación de Estudiantes de Méjico, em 7 de maio de 1924, quando o peruano entregou uma bandeira simbolizando a "nova geração hispano-americana". Entretanto, este discurso, utilizado posteriormente como marco fundador da APRA, não há nenhuma menção a ela. Cf. HAYA DE LA TORRE, Victor Raul. Nuestra Bandera [1924]. In: MAZO, Gabriel del (org.). *La Reforma Universitaria* - Tomo III: Ensayos Criticos (1918-1940). La Plata: Centro de Estudiantes de Ingeniaria, 1941, p.166-167.

[79] "Dias después de contestada esta carta, el 7 de mayo de 1924, Haya de la Torre, que había discutido largamente con un ya maduro ingeniero peruano avecindado en México y con lideres mexicanos el problema de América, enunció la idea del A.P.R.A. (Alianza Popular Revolucionaria Americana), cuyos 5 puntos quedaron concretados solo a fines del ano, en el mes de diciembre." SÁNCHEZ, op.cit., p.109

[80] A questão da data de fundação da APRA e os revisionismos apristas sobre ela são abordados em mais detalhes por Pedro Planas Silva e Hugo Vallenas Málaga: PLANAS SILVA; VALLENAS MÁLAGA, op.cit., 2010.

[81] HAYA DE LA TORRE, 1926, p.759.

[82] Segundo Roberto Ventura, na polêmica possui um "duplo interlocutor", pois o intelectual não se dirige somente ao seu oponente, uma vez que objetiva sensibilizar e convencer também o leitor. "O 'inimigo' se torna

conseguido atiçar a rivalidade dos citados, aos quais encontraria pessoalmente apenas dois meses depois, ou ao menos marcar a posição que sustentaria em Bruxelas.

Escrito em Paris em outubro de 1926, é possível aventar a possibilidade de que *What is the A.P.R.A?* visasse também um lugar (de destaque) à mesa do Congresso Anti-imperialista de Bruxelas, uma grande vitrine política. Tanto porque Haya participava dos círculos intelectuais que concorreram para realização do Congresso (Romain Rolland, Bertrand Russel) quanto por suas ações às vésperas, em sua insistência para representar a APRA como a verdadeira frente única anti-imperialsita na América Latina.

Em maio de 1927, em carta a Manuel Ugarte, Haya de la Torre noticia a adesão da ULA, então sob direção de Alfredo Palacios (Ingenieros, seu fundador, havia falecido dois anos antes), ao aprismo e conclama Ugarte a fazer o mesmo, pois, fora da APRA não haveria outro caminho: "Lo que necesitamos ahora es organizar las fuerzas. No hay otro organismo que la APRA. Por eso Palacios y la ULA se han unido a nosotros. ¡Cuánto valdría un saludo de Ud. como aliento!"[83] É importante lembrar que Manuel Seoane, um dos mais importantes quadros da APRA, havia se exilado na Argentina e trabalhava com Palacios na ULA e em seu periódico, *Renovación* e era chamado pelo argentino de "hermano menor".[84] Todavia, nem Palacios ou a ULA foram efetivamente incorporados à APRA, mas Víctor Raúl sabia que era importante ter o crivo dos *maestros* e exibir e valorizar todos os apoios que conseguisse. A autoridade dos *maestros*, alimentada pelas homenagens da juventude, exigia, por outro lado, esse direcionamento intelectual e moral, requerido com frequência pelos discípulos, como abordamos anteriormente.

Na sequência, as relações políticas entre os sujeitos se deterioram rapidamente. A cominternista *El Libertador*, revista da LADLA mexicana, foi impressa entre 1925 e 1929 com no máximo seis números anuais e tinha em cada exemplar cerca de dez artigos. O curto espaço era em sua maioria reservado a grandes nomes da esquerda internacional e a temática

---

o intermediário de um processo comunicativo entre o polemista e seu público, cuja adesão é disputada pelos contendores." e, ao final, o público é alçado à posição de árbitro da disputa. VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical* – História Cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.148.

[83] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Carta a Ugarte [Oxford, 04/05/1927]. UGARTE, 1999, p.70. Interessante lembrar que eram Ugarte e Palacios, cerca de quinze anos antes, que estavam envolvidos no episódio do duelo que culminaria com a expulsão do primeiro do Partido Socialista argentino.

[84] Como registrou Palacios em "Mensaje a los jóvenes del Perú": "Manuel Seoane, que lleva este mensaje, a quien yo quiero como a un hermano menor, alma de la Unión Latino Americana, que presido, espíritu noble que se ha impuesto por su talento, por su bondad, por su carácter, por su conducta ejemplar." PALACIOS, Alfredo. Mensaje a los jóvenes del Perú. In: HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *Ideario y Acción Aprista*. Buenos Aires: Talleres Gráficos N.A. Ferrari, 1930, p.12.

voltada para a luta anti-imperialista mundial, sobretudo Marrocos, China e Índia; ainda assim, Haya de la Torre era colaborador da revista. Por sua vez, é possível perceber que o peruano escrevia especialmente para *El Libertador*, dois de seus artigos para o periódico são de temas pouco comuns em sua escrita, o hispano-americanismo literário como face de um imperialismo cultural e o massacre espanhol no Marrocos.[85]

Após os desentendimentos de 1927, Haya de la Torre não apenas não aparece na lista de colaboradores da revista de junho daquele ano[86], como ele e o aprismo se tornaram alvo de Julio Antonio Mella. O jovem peruano, que Mella havia conhecido em Havana, em 1923, que o impressionara a tal ponto de se referir a ele como a própria encarnação de Ariel, "o arquétipo da juventude latino-americana"[87] havia se convertido em um adversário dentro de seu próprio campo político, considerado divisionista e oportunista.

Para compreender melhor os afastamentos entre os anti-imperialistas latino-americanos, é necessário perceber como 1927 é um momento crítico entre comunistas e nacionalistas no mais relevante empreendimento político do Comintern nos chamados "países coloniais", a frente unida chinesa. O impacto gerado pelo traumático rompimento entre os dois grupos não se reduz a uma mera repercussão entre os latino-americanos, ainda que importante, pois afetaria a crença no potencial do estabelecimento de tais frentes de esquerda. Mas também inverteria a tendência cominternista de aliança interclassista, provocando uma resposta ainda mais sectária, a tática conhecida como "classe contra classe".[88] Resulta também na "descoberta da América" pelo Comintern, expressão, segundo o historiador Manuel Caballero, foi bastante usada pelos cominternistas. No Sexto Congresso da Internacional, em 1928, e o primeiro desde a morte de Lenin (em 1924), a América Latina entraria em pauta,

---

[85] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raul. Hispano-Americanismos Literarios. *El Libertador*. México, nº4, julho de 1925; HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. El asesinato de un Pueblo - A los antiimperialistas de América Latina. *El Libertador*. México, nº7, fevereiro de 1926.

[86] EL LIBERTADOR. *El Libertador*. México, jun./1927.

[87] MELLA, Julio Antonio. Víctor Raúl Haya de la Torre [*Juventud*, Havana, nov.dez/1923]. In: MELLA, 1978, p.39. Um dos discursos de Haya em Havana, que impressionou Mella, consta na coletânea *Por la emancipación de América Latina*. C.f: HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Aspectos del problema social en el Perú [09/11/1923]. In: *Por la emancipación de América Latina* - artículos, mensajes, discursos (1923-1927). Buenos Aires: M. Gleizer, 1927.

[88] Como explica o historiador venezuelano Manuel Caballero: "The first was the tendency to reverse the tactics which were dominant in the former congress related to the alliance with the national bourgeoisie. This was the consequence of the attitude of the Kuomintang towards the Communists. This problem was linked to another one: the Trotskyists blamed the Comintern (and the policies that the Bolshevik Party, under the leadership of Stalin, had imposed) for the bloody defeat in China. The answer of the Stalinists would be the launching of a sectarian and far-Leftist response, the so-called "class against class" (...)". CABALLERO, Manuel. *Latin America and the Comintern* 1919-1943. Cambridge - UK: University of Cambridge, 2002 (1ªed. 1986), p.24-25.

pois fora percebida pelos internacionalistas como o "elo mais fraco" do imperialismo e onde ele poderia ser mais facilmente derrotado.[89]

Em 1924, o Partido Nacionalista Chinês, o Kuomintang, liderado por seu fundador Sun Yat-sen, inicia uma estreita cooperação com os comunistas, formando uma Frente Unida visando unificar a China sob apenas um governo. Enquanto os soviéticos forneciam ajuda militar e organizacional, o Kuomintang tinha parte de suas fileiras ocupadas pelos comunistas, que faziam uso do alcance muito maior do partido nacionalista para "espalhar o comunismo". Com a morte de Sun Yat-sen, em março de 1925, a disputa pelo Kuomintang pendeu para o anti-comunista Chiang Kai-shek que, entretanto, contou com a colaboração dos comunistas nas campanhas militares para unificação chinesa nos anos seguintes. Em abril de 1927, três meses após o Congresso Anti-imperialista de Bruxelas que uniu, pela última vez, comunistas da Internacional e o Kuomintang, Chiang Kai-shek decide por um violento rompimento da aliança e ordena a execução de milhares de comunistas do próprio Kuomitang, chamado "expurgo comunista" ou Massacre de Xangai.[90]

Ainda que não se possa dizer que o comunismo, como filosofia política, e seus adeptos, seja todo compreendido no âmbito da III Internacional, é inegável o massivo alinhamento que a organização busca entre os comunistas e da esquerda durante o período de sua existência, sobretudo na década de 1920. Alinhamento submetido à estreita disciplina do partido, uma organização centralizada e vertical que não admitia "faccionismo" intrapartidário[91]. De maneira que deve se levar em consideração que as prescrições políticas do Comintern,

---

[89] Entre 1920 e 1924, ano da morte de Lenin, os Congressos do Comintern foram anuais, sendo então suspensos até 1928, quando ocorreu sua sexta edição. O sétimo e último Congresso, aconteceria apenas em 1935, e pauta do imperialismo daria lugar a luta contra o avanço fascista e o temor de outra guerra. CABALLERO, op.cit., p.24. Sobre a presença de delegações latino-americanas nos congressos, Caballero pontua que no primeiro não houve representação; no segundo, apenas o PC mexicano; no terceiro os PCs de México e Argentina; no quarto e quinto estiveram presentes quatro e três delegações respectivamente e no sexto, de 1928, a participação foi bem mais expressiva, com representações de nove países. p.38 e seguintes.

[90] Soong Ching-ling, viúva do fundador do Kuomintang e conhecida como Madame Sun Yat-sen, membro de honra do Congresso de Bruxelas, juntamente com Albert Einsten, Romain Rolland e o também chinês General Lu, acusou o partido de trair o legado de seu marido e rompeu com o Kuomintang. Soong Ching-ling viria a ser um importante quadro do Partido Comunista Chinês, chegando a vice-presidente da República Popular da China.

[91] A resolução *On Party Unity* foi aprovada no décimo congresso o Partido Bolchevique, em 1921, tratava sobre o combate ao facciocismo e extinguiu o grupo de oposição formado dentro do partido, além de deliberar pela rejeição do desvio "sindicalista e anarquista". LENIN, Vladimir. Tenth Congress of the R.C.P - On Party Unity (16/03/1921). In: *Collected Works.* Vol.32 - December 1920 - August 1921. Trad. Yuri Sdobnikov. Moscow: Progress, 1973 (1ªed. 1965), p.241-244.

sediado em Moscou, eram relevantes até para seus mais distantes filiados, posto que se estruturava como um único partido.[92]

Vista pelos comunistas como uma grande traição, o sangrento fim da aliança entre comunistas e nacionalistas na China, a chamada "questão chinesa", impulsiona a guerra aberta entre nacionalistas e comunistas na América Latina, mas não a inicia. Por um lado, antes mesmo do Sexto Congresso, a tática da "frente única" entre os comunistas pressupunha a liderança da classe operária, através das mediações do partido (Internacional), ou seja, o comando comunista; por outro, há uma constante busca das outras tendências de esquerda em se diferenciar do comunismo.

No final da década de 1920, as frágeis condições de saúde não permitiram a José Carlos Mariátegui atravessar o Atlântico para participar do Congresso, mas ele também esteve envolto nas polêmicas dos anti-imperialistas. E suas discordâncias táticas e ideológicas com apristas e comunistas causariam mais fissuras e reconstruções na rede. Compatriota de Haya de la Torre, a política peruana e o já acalentado sonho de Haya de alcançar a presidência do Peru estariam no centro de suas tensões. Era inconcebível para Mariátegui a insistência de Haya em fazer do movimento aprista, ao qual Mariátegui havia aderido desde sua fundação, um partido político. Primeiramente porque, a partir de seu exílio, Haya não havia consultado a célula do movimento no Peru e tomado uma decisão unilateral.

Entretanto, o que tinha mais peso para Mariátegui, baseado em seus pressupostos doutrinários, era a ideia de constituir um partido a partir de um movimento que não tinha base popular e protagonismo dos trabalhadores. Enquanto Haya encaminhava o movimento para o anti-imperialismo a ser combatido via um nacionalismo revolucionário, Mariátegui respondia com o oposto. Em maio de 1929, já descompatibilizado de forma definitiva do aprismo e de Víctor Raúl, nega ao anti-imperialismo o status de programa político, pois deveria estar - e estava, como acreditava o jornalista -, compreendido e subjugado pela questão da luta de classes. De acordo com Mariátegui:

> El antiimperialismo, para nosotros, no constituye ni puede constituir, por sí solo, un programa político, un movimiento de masas apto para la conquista del poder. El

---

[92] Segundo Caballero, a forma organizativa centralizada do Comintern, atribuída pelos opositores de Stalin a stalinização após a morte de Lenin, estava presente desde de seus inícios. A forma de organização da III Internacional mimetizava a do Partido Bolchevique russo e que deveria ser replicadas em suas secções locais: "So far, this is the structure of a very centralized organization, but not necessarily a non-democratic one, less still anti-democratic, for since their sections had the same structure, the Congresses were their leading organs, too. Yet from the very beginning (not, as Trotskyites generally claim, when Lenin died) some elements were added to this structure to make it a body whose 'regular channels' (to use a commonplace of its jargon) flowed only in one direction: from top to bottom, making the Comintern not merely a centralized organization, but a vertical one. Those decisions had the aim of crushing what was, for Leninists, the most despicable sin of the organization of the Second International - federalism." CABALLERO, op.cit., p.17.

> antiimperialismo, admitido que pudiese movilizar al lado de las masas obreras y campesinas a la burguesía y pequeña burguesía nacionalistas (ya hemos negado terminantemente esta posibilidad), no anula el antagonismo entre las clases, no suprime su diferencia de intereses.[93]

Todavia, não é uma negação da importância da questão imperialista e da militância, mas outra plataforma de luta, pela via da revolução socialista:

> Sin prescindir del empleo de ningún elemento de agitación antiimperialista, ni de ningún medio de movilización de los sectores sociales que eventualmente pueden concurrir a esta lucha, nuestra misión es explicar y demostrar a las masas que sólo la revolución socialista opondrá al avance del imperialismo una valla definitiva y verdadera.[94]

Os apristas foram proscritos também da revista de José Carlos Mariátegui, *Amauta*. Alguns dias depois, Ravines, também rompido com a APRA e aderido ao comunismo, alerta Mariátegui sobre Haya que, em sua visão, deveria ser considerado como um perigoso inimigo:

> Por lo que se refiere a nuestros amigos apristas, todo vínculo está roto. Sus apreciaciones sobre H. [Haya] que leo por primera vez en la copia que me adjunta Ud. son justas y quizás hasta benévolas. Conmigo, la táctica seguida, ha sido inversa: es él quien no ha contestado a mis cartas, la última de las cuáles tiene fecha 22 de marzo ppdo. [passado próximo] - En breve escribiremos una carta colectiva a todos los desterrados, historiando el desacuerdo, exhibiendo documentos y demostrando su verdadera raíz, de una manera objetiva. Pensamos hacer esto, porque la campaña epistolar que viene haciendo el jefe del Apra. - según las pruebas que tengo - es de mentira, de falsificación de los hechos y de un ataque primitivo, infantil y absurdo. (...) La popularidad Sandino no deja de entusiasmarlo [a Haya], aunque él la busca menos efímera (...). Por lo que a mi concepto sobre él, yo pienso que es un "soñador megalómano", inteligente, audaz, "vivo", conocedor de todas las triquiñuelas grandes y pequeñas del reclame, profundamente ignorante de todo lo que sea marxismo, ciencia social, etc.(...) Sin embargo no hay que subestimarlo por dos razones: la primera por la influencia - cuya magnitud desconozco - que ajerza [ejerza?] entre los medios obreros y pequeño-burgueses revolucionarios del Perú y segundo, por sus calidades latino-americanas de demagogo, más peligroso que Alessandri y que Irigoyen. - Tarde o temprano tendremos que librarle combate. - De lo que debe Ud. estar plenamente seguro - para su labor entre los sectores aún hayistas del Perú - es que no está, ni estará jamás con nosotros; estará en contra tanto como sus ambiciones y nuestra debilidad lo permitan.- Hay que considerarlo como enemigo.[95]

---

[93] MARIÁTEGUI, José Carlos. Punto de vista antiimperialista. Tomo XII - Ideología y Política.. p.90 Lida por Julio Portocarrero, a pedido de Mariátegui, na 1ª Conferencia Comunista Latino Americana em junho de 1929 em Buenos Aires.

[94] Ibidem, p.91.

[95] RAVINES, Eudocio. Carta a José Carlos Mariátegui [24/06/1929]. In: *Archivo José Carlos Mariátegui*: Correspondencia Recebida. Em *Crónica de una vida sin trégua*, Sánchez fala sobre o rompimento de Haya e Ravines e como Haya passou a ignorar o ex-aprista. Eudocio Ravines teve uma trajetória política bastante acidentada, ao lado de Haya nos inícios da APRA e fundador da primeira célula do movimento, em Paris, Ravines passou ao comunismo internacionalista antes do final da década de 1920. Em 1930 foi nomeado secretário geral do Partido Socialista Peruano por seu fundador, José Carlos Mariátegui. Morto Mariátegui, apenas dois meses depois, Ravines alinhou o partido a III Internacional, convertendo-o a Partido Comunista,

Na disputa do campo entre os peruanos, José Carlos Mariátegui e seu grupo sediado em Lima, se veêm impelidos a formar um partido. Uma agremiação que teria a função que ele havia projetado para a APRA, enquanto movimento, de aglutinar as forças progressistas peruanas. Do lado comunista, a chamada "heterodoxia" do comunismo Mariátegui criava ruído na comunicação com os comunistas alinhados à Internacional[96] A negativa de Mariátegui em nomear a agremiação fundada pelo Grupo de Lima de "Partido Comunista", uma das 21 condições para ser aceito como secção da III Internacional, não é apenas uma questão de nomenclatura. Mas marca a posição mais cara ao pensamento político de Mariátegui, a busca por um socialismo gestado na e para a "realidade peruana". Para o Comintern, os países latino-americanos eram definidos por uma relação específica dentro da lógica imperialista, a partir da categoria de países "semicoloniais", sujeitos portanto a mesma "realidade", sendo inaceitável um pensamento como o sistematizado pelo intelectual peruano.

Segundo as memórias de Julio Portocarrero e Hugo Pesce, da delegação peruana na I Conferência Comunista Latino-americana em Buenos Aires (1929), Vittorio Codovilla foi bastante crítico quando recebeu de presente um exemplar de *7 Ensayos de interpretación de la realidad peruana*, de Mariátegui. A começar pelo formato de "ensaios", uma escrita burguesa e intelectualizada e não uma análise, como Codovilla acreditava, pois havia "escaso espacio a la economía, [e] un tratamiento abusivo de los problemas culturales, un descuido de la actualidad inmediata, indudablemente, habría concluido, la obra de 'un intelectual pequeñoburgués'"[97]. Até pelo próprio raciocínio que admitir a centralidade de algo como "realidade peruana" no âmbito da luta proletária seria tirar a própria razão de existir de uma Internacional.

O anti-imperialismo em Mariátegui fazia uma dupla oposição. Contra o nacionalismo policlassista do aprismo, que tirava o protagonismo revolucionário da classe proletária e em antagonismo com o internacionalismo cominternista que negava premência das condições locais peruana (agrária e indígena). Para os primeiros, Mariátegui se esforça em tirar a

---

transformação contra a qual José Carlos Mariátegui tinha se oposto. Em 1945, Depois de vários anos de militância, Ravines se disse desenganado com o comunismo após uma viagem a União Soviética, se tornando fervoroso anti-comunista, como narra em *La gran estafa* (1952).

[96] O embasamento político e doutrinário e os pontos de discordâncias entre os nacionalistas apristas, os socialistas marateguianos e os comunistas é trabalhado de forma detalhada nos textos de André Kaysel. Em especial, Cf. KAYSEL, André. Nação e (ou) Socialismo: Mariátegui, Haya de la Torre e a Internacional Comunista. In: *Cadernos PROLAM*/USP. São Paulo: ano 11, vol.1, 2012; KAYSEL, André. Três Vozes, Duas Polêmicas e Um Problema: Mariátegui, Haya de La Torre, Julio Antonio Mella e as fundações do marxismo latino-americano. In: *IV Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP*, São Paulo, 2014 e KAYSEL, André. A primeira polêmica sobre o populismo na América Latina. In: *Critica Marxista*. São Paulo, v. 42, p.26, 2017.

[97] FLORES GALINDO, Alberto. *La agonia de Mariátegui*. La polémica con la Komintern. Lima: Desco, 1980, p.28.

centralidade do anti-imperialismo como uma questão programática, colocando-a subordinada ao programa socialista. Com os comunistas, sua movimentação vai no sentido de negar o alinhamento sob a rigidez dos preceitos do Comintern.

Neste primeiro capítulo, analisamos o primeiro dos termos escolhidos para a compreensão do anti-imperialismo latino-americano, a esquerda. Orientados por visão de mundo propensa a não aceitação e inclinado a lutar por uma transformação, em especial em termos de igualdade social, esses anti-imperialistas podem ser lidos a partir de uma inscrição ideológica de esquerda. O anti-imperialismo percebido pelos sujeitos como uma identificação comum da sua luta, como demonstramos, não encerra a questão destes movimentos e mesmo de suas discordâncias ideológicas. A *mirada* a partir da esquerda abre um campo de disputa entre esses militantes que derivam na riqueza de suas proposições.

Os outros termos que analisamos na sequência são pontos nevrálgicos dessas disputas. Sobre os quais nos propomos a fazer um exercício semelhante a fim de complexificar ainda mais o entendimento sobre o anti-imperialismo que não se encerra em sua orientação ideológica, bem como não tem uma resposta simples sobre seus meios e fins. Entre os primeiros, o nacionalismo tem lugar de destaque.

Capítulo 8: O lugar do nacionalismo nas políticas anti-imperialistas: nação e revolução

8.1 Qual nacionalismo?

A questão do nacionalismo como elemento do anti-imperialismo gerou muita polêmica no período. Em especial porque a exacerbação nacionalista era entendida como uma das principais causas da barbárie de 1914 (e, portanto, constituinte do próprio imperialismo) e se manifestava sobremaneira em grupos políticos reacionários, como a então ascensão do fascismo. Além disso, analisada pela teoria política sob uma perspectiva socialista, era percebida por grupos de esquerda como uma "ideologia burguesa" (no sentido marxista), que turvava a compreensão do pertencimento de classe e jogava trabalhadores contra trabalhadores.

Ao ser equacionada com o anti-imperialismo, essa não era uma questão simples. Na defesa do nacionalismo apela-se, por um lado, ao status comum de sujeição político-econômica produzido pelo imperialismo e, por outro, paradoxalmente, uma abrangência maior deste espaço-nacional, o latino-americanismo. Este era pautado por um pertencimento histórico-cultural compartilhado, mas não definido pelos limites do Estado-nação. Nesse sentido, a nação - espiritual e historicamente hispano-americana[98] - se amálgama às condições percebidas como objetivas e derivadas da exploração imperialista experenciadas no século XX, fundamentando a "Pátria Grande latino-americana" e dela, seu nacionalismo. Como aponta Manuel Seoane, "El observador atento y minucioso bien pronto descubre que, bajo el denominador común de "nacionalistas", se afilian los más divergentes y varios contenidos espirituales."[99]

---

[98] Neste trecho, devido a necessidade de sintetizar o argumento, destacamos a identidade hispano-americana como a fundamental, devido a sua centralidade, que passa pela própria língua que essa experiência é compartilhada, o espanhol, e a colonização espanhola como base histórica comum mais ampla. O indigenismo, de fundamental importância no período, é menos constante e se relaciona mais às contingências dos países. São várias abordagens indigenistas neste período, como o telurismo do argentino Ricardo Rojas ou a defesa da mestiçagem cósmica em Vasconcelos. Além do forte indigenismo agrário mexicano, um dos elementos da revolução de 1910. Entre os peruanos, destaca-se a Asociación Pro-indígena (1909-1916) de Dora Mayer e do professor Pedro Zulén, a convergência entre socialismo e indigenismo (a partir das formas remanescentes de comunitarismo agrário indígena) em Mariátegui; e a sobreposição, para o aprismo, entre a questão indígena e a exploração imperialista. Cf. DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX*. Entre la modernización y la identidad. Tomo I. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, 2000, p.109-129.

[99] SEOANE, Manuel. Nacionalismo verdadero y Nacionalismo mentiroso. *Amauta*: Lima, dez./1926, p.19.

Sentida como uma incoerência, a defesa nacional de esquerda, pouco tempo antes rechaçada peremptoriamente, como podemos nos lembrar na justificativa da expulsão de Manuel Ugarte do PS, foi sendo relida e matizada. Os agentes alinhados a este campo ideológico entram numa batalha por outros significados possíveis do nacionalismo, um "bom" nacionalismo, que não precisaria e não deveria ser evitado pelos socialistas. A "profunda ambiguidade político-ideológica" dos debates em torno do nacionalismo são assim sintetizadas por Andre Kaysel:

> Afinal, o nacionalismo pode ser encontrado em movimentos políticos tão distantes entre si quanto o nazismo e o castrismo. Uma solução simples para essa perturbadora questão, recorrente em meios de esquerda, seria a de distinguir entre um nacionalismo "bom" e um nacionalismo "mau", entre um nacionalismo "progressista" e outro "reacionário".[100]

A intelectualidade latino-americana da década de 1920 trabalha em várias frentes para acomodar o nacionalismo a partir de uma concepção mais ampla que se propõe a rejeitar o chauvinismo e a noção de romantismo que percebem no nacionalismo patriótico europeu. Este é o argumento defendido por Vasconcelos como representante da América Latina no Congresso de Bruxelas, em 1927. Mesmo não se considerando um nacionalista, em sua visão, no esforço comum de criar uma civilização capaz de se contrapor de forma efetiva ao imperialismo, era preciso defender o nacionalismo na região. Provavelmente ciente de que sua fala em defesa do nacionalismo poderia ser mal recebida pelos europeus, Vasconcelos esclarece que a questão nacional para a América Latina é uma proposta tática e "verdadeiramente universal" e distante do nacionalismo "romântico" e excludente que conheciam os europeus:

> We are united in this effort to create a civilization or our own to repel the invasion of imperialism. It may seem that I am giving voice to a rude nationalism of Latin America. We are far from that, not only because of a romantic sentiment, but because our nature and local conditions force us to be that way. (...) The problem of Latin America is not a romantic problem, and is not indifferent to Europe.[101]

No mesmo período, outros dois *maestros*, da mesma geração de Vasconcelos, defenderão com mais vigor o amor ao princípio da nacionalidade. A expulsão do PS, qual a defesa do nacionalismo havia pesado sobremaneira, não demoveu Manuel Ugarte de seu pendor nacionalista. Quase quinze anos depois, em 1927, no artigo "México, Nicaragua y Panama", publicado na portenha *Crítica*, Ugarte novamente advoga a defesa da nacionalidade como

---

[100] KAYSEL, André. *Entre a nação e a revolução*: marxismo e nacionalismo no Peru e no Brasil (1928-1964). São Paulo: Alameda, 2018, p.111.

[101] VASCONCELOS, José. Speach of Vasconcelias [sic], Congress-Meeting of February 10th 1927. In: *League against Imperialism Archives*. International Institute of Social History.

força para reagir ao imperialismo. Um nacionalismo simultaneamente resgatado em sua essência e rejuvenescido pela "nova geração":

> Los conflictos de México, Nicaragua y Panamá sólo son un conflicto. Es muy fácil de comprender esto si se considera que los tres tienen un mismo origen: el imperialismo yanqui. (...) Necesitamos hombres y fórmulas nuevas y esto sólo lo encontraremos entre los hombres jóvenes, en los partidos avanzados que son los verdaderos y únicos defensores de la nacionalidad, en su esencia, en sus partes durables. (...) La América Latina sólo podrá defenderse con la ayuda de gobiernos que estén a la altura del pueblo por su inteligencia y por su voluntad para el sacrificio.[102]

No trecho acima, percebe-se também como o imperialismo é considerado um forte fator de identificação supranacional que impele à união, bem como à necessidade de "novas" fórmulas de combate, relacionadas por Ugarte aos jovens. Esperança na nova geração compartilhada também pelo *maestro* José Ingenieros. Em um artigo, de 1924, no qual saudava com entusiasmo a extensão da "revolução universitária por toda a América Latina", Ingenieros percebe no movimento da juventude um amor a nacionalidade que se manifestava de forma prática e projetiva, que contrapõe ao "nacionalismo verbal". Em Ingenieros, o nacionalismo ganha um claro contorno socialista, que resultaria, segundo o autor da nova ideologia, pragmática e reformadora das novas gerações:

> La vieja declamación lírica no interesa ya a la juventud continental. Ha comprendido que necesita ideas nuevas contra los prejuicios viejos e trata de formarse una ideología que la prepare a vivir las grandes horas que el desastre de la guerra mundial ha deparado al mundo civilizado. Instrumentos muchas veces de los viejos declamadores que ponía todas sus mañas a la sombra del nacionalismo verbal, los jóvenes quieren hoy que el *amor a la nacionalidad* se defina en *programas de reformas benéficas para los pueblos*.[103]

Definição que Ingenieros afirma se distanciar do farsesco patriotismo dos reacionários que serviam ao imperialismo, como destaca o autor, no mesmo artigo:

> Y ya comienzan a mirar como simples histriones del patriotismo a todos los viles tiranuelos que como Castro e Leguía han amordazado o corrompido la conciencia cívica de sus conciudadanos, o han puesto sus pueblos a los pies del imperialismo capitalista norteamericano.[104]

Há não apenas a defesa de um tipo adequado de nacionalismo, como detalharemos, mas sua contraposição a incitação patriótica e xenofóbica, exaltada por ditaduras[105] que, no

---

[102] UGARTE, Manuel. México, Nicaragua y Panama. *Crítica*. Buenos Aires, 21/1/1927.

[103] INGENIEROS, José. La revolución universitaria se extiende ya por toda la América Latina [*Renovación*, mar./1924, pseud. Raúl H. Cisneros]. In: INGENIEROS, José. *Antiimperialismo y nación*. TERÁN, Oscar (org.). México: Siglo Veintiuno, 1979, p.472, grifo nosso.

[104] Ibidem, p.472.

[105] Sobre o termo "ditadura", seguimos as reflexões de Sergio Guerra Vilaboy: "Con dicho término [ditadura] se designa [a partir do século XIX] a un sistema despótico implantado en un país determinado, donde la arbitrariedad se convierte en norma jurídica, al margen de la voluntad ciudadana, y quien ejerce el poder, basado

entendimento dos autores, funcionava tanto quanto como uma tentativa de justificar a tirania e servir ao imperialismo.

Os cúmplices *criollos*: tirania, imperialismo e nacionalismo

La dictadura y el imperialismo huirán a nuestro paso, como dos sombras.
Carlos Sánchez Viamonte

Os "cúmplices criollos" do imperialismo, na expressão de Manuel Seoane[106], ou seja, aqueles que seriam os operadores ou facilitadores internos da ação imperialista na América Latina são alvos de severas críticas. Estes cúmplices, todavia, não se restringem aos políticos ou mesmo aos ditadores e passa pelo "periodismo venal", apontado também por Seoane; pela "classe burguesa", referida por Julio Antonio Mella como o "ladrão nacional" parceiro do "ladrão estrangeiro" imperialista[107]; pela diplomacia de "vassalagem e sujeição"[108] dos países latino-americanos, como menciona Manuel Ugarte e, evidentemente, pela "vergonzosa tolerancia de los gobiernos de la América latina", como critica o guatematelco Máximo Soto Hall.[109]

A imprensa, a diplomacia, a burguesia/oligarquia apareciam com constância nas denúncias dos autores sobre as forças que seriam cúmplices internos do imperialismo. Entretanto, para a maioria, os maiores cúmplices eram governos, em especial, as tiranias que, com o monopólio violento do aparelho de Estado, facilitavam a exploração imperialista na América Latina. Na década de 1920 latino-americana, não faltavam exemplos de governos autoritários que se perpetuavam pela imposição do mandatário ou por arranjos

---

en una fuerte represión, y sin contrapeso de ningún tipo, se convierte en sinónimo de tirano (...)." Cf. GUERRA VILABOY, Sergio. *Dictaduras del Caribe*: estudio comparado de las tiranías de Juan Vicente Gómez, Gerardo Machado, Fulgencio Batista, Leónidas Trujillo, los Somoza y los Duvalier. Barranquilla - Colombia: Universidad del Norte, 2017, p.12. Para um estudo dos termos ditadura/ditadores e tirania na América Latina, ver também MARTÍN DEL CAMPO, Julio Labastida (org.). *Dictaduras y dictadores*. México-DF: Siglo XXI, 1986.

106 SEOANE, 1926, p.77.

107 MELLA, 1975, p.24.

108 UGARTE, Manuel. Mensaje del escritor argentino MANUEL UGARTE a la sección de la Apra en París con motivo de la gran demonstración anti-imperialista realizada em 12 de enero [1927]. *Repertório Americano,* San José de Costa Rica, 23/04/1927, p.235.

109 SOTO HALL, Máximo. *Nicaragua y el Imperialismo Norteamericano*. Contraste entre la insolencia norteamericana y la vergonzosa tolerancia de los gobiernos de la América latina. Buenos Aires: Artes y Letras, 1928. Máximo Soto Hall começou sua militância anti-imperialista na década de 1920, já com mais de 50 anos de idade e depois ser conhecido como ideólogo do regime de Estrada Cabrera (que governou de 1898 a 1920), administração que concedeu generosas concessões a companhias estadounidenses na Guatemala. Em 1928, no livro *Nicaragua y el Imperialismo Norteamericano*, Soto Hall critica a intervenção estadunidense na América Central, bem como a inércia e colaboração de governantes locais. Sobre a trajetória intelectual de Soto Hall: MOLINA JIMÉNEZ, Iván. La Polémica de El problema (1899), de Máximo Soto Hall. *Revista Mexicana del Caribe,* Chetumal, México, vol.VI, nº12, 2001.

constitucionais que garantissem essa manutenção. Como os 11 anos consecutivos de governo Augusto Leguía no Peru, os 22 anos de Estrada Cabrera na Guatemala e os 27 anos Juan Vicente Gómez a frente no poder na Venezuela. Além da violência e persecução de opositores, que caracterizam tais governos, era notório para os intelectuais como tais regimes agiam em prol do capital estrangeiro, em especial norte-americano e, consequentemente, contra seus povos e interesses nacionais. Como podemos perceber na dura ironia de Mella que, em 1925, questionava a natureza do patriotismo que esses governos diziam defender:

> Nosotros no sabemos ya lo que se quiere decir con patriotismo; pues vemos que es la primera virtud de todos los gobiernos que hacen los empréstitos, entregan la tierra a los extranjeros y asesinan o expulsan a los obreros que se levantan a pedir simple derechos constitucionales contra las compañías americanas (Estrada Palma, Menocal, Zayas [ambos de Cuba], Leguía, J. V. Gómez, Estrada Cabrera, Orellana [Guatemala], Porfirio Díaz [México], etc.). Se nos dirá que no es éste el patriotismo que se pide.[110]

Argumentação semelhante segue o argentino Carlos Sánchez Viamonte em artigo publicado em *Amauta*, em 1928, que chamava de "extravagante patriotismo de los reaccionarios" este que "entrega las riquezas de la Nación a los banqueros ingleses o yanques, pero se escandaliza y se indigna contra el internacionalismo de la justicia social!"[111]. Para a intelectualidade anti-imperialista o patriotismo de tais governos, aliados das forças imperialistas, não passa de retórica vazia, utilizada para encobrir seu colaboracionismo antinacional e antipovo.

As elites e governos nacionais são apontados como corruptos colaboradores e aproveitadores da exploração estrangeira em seus países que, sobretudo por vias autoritárias, vivem em uma relação simbiótica com os imperialistas, conservando seu poderio político-financeiro em troca dos favores governamentais para as companhias e potências estrangeiras. A percepção do autoritarismo na América Latina como um projeto do imperialismo constitui um dos consensos mais bem-acabados dos anti-imperialistas neste período. De tal forma que, o combate às oligarquias autoritárias regionais, os tentáculos do imperialismo, é prescrito por alguns como a forma mais eficaz de luta, como em Manuel Ugarte. Para o argentino, o centro do império é inalcançável para os latino-americanos, mas as tiranias locais, se atingidas, sufocaria um de seus mecanismos mais importantes, a sujeição econômica, realizada sobretudo mediante os acordos de empréstimos assinados por esses governantes. De acordo com Ugarte:

---

[110] MELLA, Julio Antonio. Cuba: un Pueblo que jamás ha sido libre [Folleto publicado pela Federación de Torcedores, abril de 1925(?)]. In: MELLA1978, p.71.
[111] SÁNCHEZ VIAMONTE, Carlos. America, Universalidad. *Amauta*. Lima, jul./1928, p.26.

> Levantemos una voz de protesta contra el imperialismo de los yanquis, pero ellos son muy fuertes y tienen mucha confianza en sí para que se asusten de declaraciones. Contra quienes debemos levantamos es contra las tiranías que son, para la América Latina, vergüenza tan grande como la cicatriz que en ellas puede dejar el imperialismo yanqui. Debemos gritar y obrar contra los oligarcas, contra los presidentes inconstitucionales y contra los partidos políticos para quienes los más grandes problemas sociales son esas pequeñeces que salen del egoísmo y del comercio ilegal. Debemos liquidar los errores endémicos que tan malamente nos han hecho llegar a este período de la historia. Es necesario que dejemos de entregar a los yanquis las fuentes de riqueza y de seguir solicitando empréstitos que no reportan ninguna ventaja para la colectividad.[112]

Para Ugarte, o enfrentamento do imperialismo por meio do combate aos governos colaboracionistas, sobretudo os inconstitucionais, apresentava também aspectos muito pragmáticos. Pois significaria deixar de entregar as riquezas nacionais para os "ianques" e de contrair empréstimos de duvidoso benefício social. Se repete nos autores os alertas contra o domínio do "capital estrangeiro", seja como crítica aos bancos, aos empréstimos e a atuação das grandes companhias, dentre outras. Percepções que convergem para a compreensão do imperialismo como um "estágio do capitalismo" e como fenômeno político de fundamento econômico e que deve ser enfrentado como tal. De acordo com a leitura inaugurada por Hobson em 1902, bastante pujante nos anos 1920, e que discutimos no início do trabalho.

Outro aspecto relevante diz respeito aos conflitos e ódios entre os povos latino-americanos, apontado também como uma das facetas estimuladas (ou mesmo criadas) pelo imperialismo. Conclusão esta bem menos consensuada entre a intelectualidade.

Em especial para peruanos e chilenos, essa era uma questão premente. Em 1922, o governo Leguía[113] retomou o problema de fronteira com o Chile, ingressando com um pedido de arbitragem internacional. A região, que compreende os departamentos de Tacna e Arica, objeto do litígio, é uma região de tríplice fronteira entre Bolívia, Chile e Peru, disputada entre os três países durante XIX, nas pós-independências. Ao final da Guerra do Pacífico, entre 1879 e 1883, o predomínio chileno resultou no Tratado de Ancón, no qual duas as províncias, antes território peruano, estariam sobre domínio do Chile por dez anos. Após esse período se realizaria um plebiscito para que a população decidisse a qual país pertenceria. O plebiscito, nunca realizado e a permanente hostilidade na região, serviu de bandeira para o presidente Leguía e seu pedido de arbitragem. A mediação, a cargo do

---

[112] UGARTE, Manuel. México, Nicaragua y Panama. *Crítica*. Buenos Aires, 21/01/1927.

[113] Essa era a segunda vez que Augusto Bernardino Leguía y Salcedo exercia a presidência do Peru, a primeira havia sido entre 1908 e 1912. Em 1919, Leguía venceu as eleições, mas alegando não poder confiar no governo de José Pardo para entregar o cargo, organizou um golpe de estado e assumiu a presidência imediatamente, antes da posse oficial. Utilizando como expediente alterações na constituição, estendeu seu mandato, permanecendo até 1930 quando, sob um golpe militar, aceitou renunciar. Após uma fracassada tentativa de fuga, foi preso no Panóptico de Lima, onde faleceu dois anos depois.

presidente norte-americano Calvin Coolidge, concluiu que o Chile, por não ter cumprido o artigo terceiro do Tratado (a realização do plebiscito) não teria direito ao território. O resultado, em 1929, foi a divisão do território em disputa; Arica, ao sul, permaneceria com o Chile e Tacna, ao norte, retornaria ao Peru.[114]

A "questão Tacna e Arica" perpassou todo o segundo governo Leguía, que também se estendeu por toda a década de 1920 e a xenofobia antichilena fomentada pelo governo nesse período foi criticada pelos apristas e por Haya de la Torre em particular.[115] Para Haya, essas manifestações eram artificiais e parte tanto do projeto oligárquico de Leguía para se perpetuar no poder, quanto dos interesses ianques na região.

Esse tema levou Haya de la Torre a polemizar com a chilena Gabriela Mistral. A poetisa, no artigo *Carta a una peruana*[116], republicado por *Repertorio Americano* na capa da edição de outubro de 1926, relata para sua interlocutora anônima algumas histórias de suas viagens pela América Latina, que a levaram a conclusão de que ódio entre os povos latino-americanos estava arraigada na "massa popular", pois sua "alma" era mais suscetível. Antes ao misticismo, e contemporaneamente "aos mercadores do ódio" patriótico. Para a chilena, as classes médias e dirigentes, que estavam imersas em uma cultura intelectual pacifista, não compartilhavam deste sentimento. Além disso, na avaliação da autora, mesmo os ódios entranhados nas classes populares latino-americanas não se comparavam ao grau de xenofobia intraeuropeia ou, em alguns casos, dentro dos próprios países, entre as regiões.

Pondo "os pingos is", Haya de la Torre publica sua resposta também em *Repertorio Americano*. Haya usa como exemplo a situação em Tacna e Arica, destacando tanto a campanha antichilena empreendida por Leguía, quanto o interesse político demagógico deste e também do ex-presidente chileno a época, Arturo Alessandri Palma. O peruano discorda de Gabriela Mistral, alegando que são interesses imperialistas e das classes dirigentes que exploram o chauvinismo e não a alma popular:

> Todas o casi todas las gentes de América Latina, interesadas en el doloroso proceso histórico del Perú contemporáneo, saben que la odiosa campaña de la dictadura "yanquicivilista" del señor Leguía en el Perú se ha hecho en nombre del odio a Chile. El señor Leguía, demagogo en distinta forma, pero demagogo patriotero como el señor

---

[114] UNITED NATIONS. Tacna-Arica question (Chile, Peru) - 1922-1929. In: *Reports of International arbitral awards*. Vol. II. 2006.

[115] A questão é tão relevante que aparece no primeiro, e breve, manifesto aprista, de 1926, publicado na *The Labour Monthly:* "As the problem is common to all the Latin American countries, in which the dominant classes are allies of Imperialism in joint exploitation of the working classes, it is not an isolated or national question, but is international among the twenty Latin American republics." HAYA, 1926, p.757.

[116] Enviado por Gabriela Mistral a partir de Paris, em agosto de 1926, publicado em 19 de setembro seguinte em *El Mercurio* (Santiago de Chile) e republicado em outubro do mesmo ano em *Repertorio*, versão está que utilizamos. MISTRAL, Gabriela. Carta a una peruana (*El Mercurio*, Santiago, 19/09/1926). *Repertório Americano,* San José de Costa Rica, 30/10/1926.

> Alessandri,- servidores ambos del imperialismo yanqui, no tan cínico el político italo-chileno como el cacique de Perú, - han agitado en diversas formas, pero com iguales resultados el odio chauvinista.[117]

Essa percepção era compartilhada também por Julio Antonio Mella, para quem, os conflitos e discórdias entre os latino-americanos, como a questão Tacna-Arica, atendiam a interesses do imperialismo, sendo "ingeniado para mantener la discordia latente entre los países latinoamericanos y obtener así nuevas posesiones".[118]

Mesmo autores que não se identificavam com o nacionalismo, como José Vasconcelos, que o considerava apenas uma manifestação estreita e provinciana de pensamento, além de inconciliável com seus preceitos de *raça cósmica*[119], identificavam nos interesses dos déspotas as causas dos confrontos a que se lançavam povos irmãos na América Latina. Em uma longa carta pública, escrita em 1924 aos estudantes do Peru, que enfrentavam o recrudescimento da política persecutória do governo Leguía, Vasconcelos agradece por ter sido aclamado *maestro* pelos universitários peruanos e orienta política e intelectualmente aqueles "jóvenes que aspiran a dirigir pueblos". Pelo menos um terço da carta, trata dos problemas do "falso patriotismo", e seu uso político por caudilhos e elites nacionais, em especial as fundiárias. Problema que ganha relevo devido a situação do Peru e seu confronto com o Chile, mas que perpassa outras tiranias no continente, como lembra Vasconcelos:

> Otro de los recursos de tiranos, es la exaltación del *falso patriotismo*. El patriotismo que debiera ser siempre amor, el déspota lo torna en odio, como para apartar de sí la ira del pueblo dirigiéndose contra sus vecinos, contra sus hermanos. (...) Yo sé todo esto, lo he visto y lo digo no sólo por el Perú, lo digo por el México de años recientes, por Venezuela, por tantos otros países que tiranía estrangula. (...) A ustedes los incitan contra los chilenos y a los chilenos contra los peruanos, casi siempre por razones egoístas de política venal; por eso es necesario tener presente que el enemigo de la patria rara vez está fuera, casi siempre se halla adentro. El enemigo del progreso latinoamericano es el hacendado de México, el gamonal del Perú, el estanciero de Argentina e Chile. Los explotadores no tienen patria;

---

[117] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Poniendo los puntos sobre las íes. *Repertorio Americano,* San José de Costa Rica, 22/01/1927, p.42. O termo "civilista" se refere ao movimento e partido do qual Leguía era membro. Arturo Alessandri Palma foi presidente do Chile em duas ocasiões, de 1920 a 1925, quando já final do mandato sofreu um golpe militar e, posteriormente, entre 1932 e 1938. Entre os dois períodos, de 1925 a 1932, o Chile sofreu uma forte instabilidade institucional com outros golpes e tentativas, tendo, ao todo, 6 presidentes diferentes, e entre eles, vice-presidentes que foram chefes de Estado por alguns meses.

[118] MELLA, Julio Antonio. Resolución sobre la América Latina del Congreso Antiimperialista de Bruselas [*El Machete*, México, abril/1927]. In: *Selección de textos* - Como un leño en un incendio. Panamá: Ruth Casa Editorial, 2008, p.47.

[119] Em 1925, Vasconcelos publicou o livro *La Raza Cósmica: misión de la raza iberoamericana.* Sua teoria se baseia na ideia que a história do mundo se dá com a sucessão de impérios com o apogeu e o declínio de cada uma das raças, "o negro, o índio, o mongol e o branco". Entretanto, o espalhamento da raça branca no mundo serviu como ponte para que todas essas raças pudessem se fundir, lançando as bases materiais e morais para o estabelecimento de uma quinta raça, universal, a *raça cósmica*. Missão esta creditada, pelo autor, à "raça iberoamericana". Todavia, a maior parte do livro é dedicada aos relatos de viagem da Vasconcelos em 1922, que teve como principais destinos Brasil e Argentina. VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica*. Misión de la raza iberoamericana: Argentina y Brasil. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1948 (1ªed.1925).

> pero la simulan para desorientar a los siervos. Lanzan unos contra otros los pueblos para aumentar sus riquezas o rangos; pero ya es tiempo de que los pueblos comprendan que son hermanos y que tienen intereses comunes. El nacionalismo de la América Latina tiene que pasar al plano secundario de un corto y gastado provincialismo.[120]

Segundo Haya de la Torre, em artigo publicado anos depois em homenagem a Vasconcelos em razão do falecimento do *maestro* mexicano, essa mensagem aos estudantes e as referências a Leguía motivaram pedidos de sanção ao ministro pela representação diplomática peruana no México.[121] Essa não era a primeira vez que Vasconcelos criava constrangimento diplomático para o governo mexicano. Em 12 de outubro de 1920, nas grandes celebrações mexicanas do *Día de la Raza*[122], Vasconcelos, responsável por um dos discursos na Escola Preparatória e reitor da Universidade do México, condenou publicamente o governo venezuelano de Juan Vicente Gómez: "Los estudiantes mexicanos (...) deberían enviar hoy mismo mensajes a todas las confederaciones de estudiantes de América Latina, excitando a todos para que lleven a una protesta airada y unánime contra el infame conculcador de las libertades de Venezuela."[123]

Enquanto a maioria dos jornais considerou as declarações de Vasconcelos como lamentáveis e o diplomata venezuelano exigiu desculpas públicas. Os estudantes, bem como várias figuras públicas - como o então ministro da Guerra, Plutarco Elías Calles -, artistas e intelectuais, organizaram manifestações de apoio ao reitor. Segundo Claude Fell, a pressão destes grupos favoreceu Vasconcelos e a maré da opinião pública virou. O presidente Adolfo

---

[120] VASCONCELOS, José. Carta que el Lic. José Vasconcelos dirige a los estudiantes del Perú, con motivo de su designación como Maestro de la Juventud en esa República (*A los estudiantes de Trujillo*, México-DF, 13/02/1924). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 24/03/1924, p.5, grifo nosso.

[121] Segundo relata o peruano, na condição de secretário particular de Vasconcelos, ele havia sido mandado por Vasconcelos ao gabinete do general Obregon para discutir a questão e que, na tranquila audiência, o presidente mexicano teria lhe dito: "'El representante diplomático peruano quiere que Vasconcelos salga de mi gobierno y usted del país. Pero quien puede salir de México es él. Le he llamado para decírselo y para que siga usted tranquilo entre nosotros.' Y luego de felicitarme por 'la suerte de trabajar al lado de un gran hombre como Vasconcelos' (...)." HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. In memoriam: José Vasconcelos I [*Excélsior*, México-DF, 06/08/1959]. In: ALVA CASTRO, Luis (org.). V*íctor Raúl en Excélsior*. Lima: CECOSAMI, 2001, p.50.

[122] Segundo conta Vasconcelos, o *Día de la Raza*, proposto por ele a Obregón, emulando iniciativa semelhante do presidente argentino Yrigoyen, foi acatado com muita descofiança pelo presidente, temeroso pela reação de anti-hispanistas mexicanos. A mesma resistência, Vasconcelos diz ter enfrentado quando propôs na UNAM a cátedra de História da América espanhola. Em defesa do projeto, Vasconcelos argumentou que "existía un curso de ese género en cada universidad yanqui" e que "en cambio, nosotros nunca habíamos otorgado de cátedra especial a la lucha común y la existencia paralela de veinte nacionaliades hermanas por la lengua, la religión, la raza y la cultura". VASCONCELOS, 1984, p.27-28.

[123] VASCONCELOS, José. Discurso de el Día de la Raza [*Boletín de la Universidad*, México, jan./1921] *apud* MORAGA VALE, Fabio. Reforma desde el sur, revolución desde el norte. El Primer Congreso Internacional de Estudiantes de 1921. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, nº47, 2014. Vale lembrar que as condenações públicas de Vasconcelos contra as tiranias, iniciadas neste evento do *Día de la Raza*, foram decisivas na aclamação do mexicano como *maestro* da juventude.

de la Huerta não aceitou o pedido de demissão apresentado pelo reitor e o reconduziu ao cargo.[124] Vasconcelos, que na década de 1940 se renderia a simpatias pelo nazi-fascismo[125], nos anos 1920 se levantou contra os tiranos "falsos nacionalistas", em especial Gomez. Para Vasconcelos parecia ter impactado sobretudo as notícias vindas da Venezuela sobre a grande quantidade de estudantes presos e torturados, como as que relatou seu ex-secretário particular, Carlos Pellicer, representante dos estudantes mexicanos em visita a Colômbia e Venezuela. Mesmo após a repercussão negativa, Vasconcelos não apenas não se retratou, como desafiou Gómez e incitou a solidariedade estudantil:

> No será ésta la última vez que Juan Vicente oiga hablar de mí, y sólo para concluir hago una pregunta a mis amigos [,] los estudiantes: ¿jóvenes amigos, vais a permitir que vuestros compañeros los estudiantes de Caracas sigan en las mazmorras, sin que una sola protesta salga de vuestros pechos? ¿En dónde está el impulso y el ardor de la juventud?[126]

Esta questão não se restringe à denúncia do uso de um nacionalismo falso e servil pelas tiranias e pelo imperialismo. O problema do imperialismo instiga outras percepções acerca do nacionalismo que, não necessariamente, representam sua simples negação. Motivados também pelo problema do imperialismo, os autores buscaram um tipo adequado de nacionalismo, condizente com a condição de explorados que concernia a todos os latino-americanos. Neste ponto reside a complexidade do tratamento dado ao elemento do nacionalismo dentro das teorias políticas anti-imperialistas. Entra em debate a possibilidade de um de nacionalismo que não fosse condenável quanto que protegesse os povos do imperialismo um nacionalismo de tipo "revolucionário".

---

[124] FELL, Claude. *José Vasconcelos*: Los años del águila (1920-1925). Educación, cultura e iberoamericanismo en el México posrevolucionario. México-DF: UNAM, 2009, p.558.

[125] Na década de 1940, Vasconcelos foi editor da revista *Timón*, de clara orientação nazista e mesmo financiada em parte pelo departamento de propaganda da embaixada alemã no México. Há uma longa discussão sobre o nível de adesão do *maestro* ao nazismo, após a publicação dos trabalhos de Itzhak Bar-Lewaw, em 1971, pois até então, este período de Vasconcelos era praticamente desconhecido. Perguntado, em 1948, se era nazista, Vasconcelos acusou seus detratores e alegou que por toda a sua vida havia combatidos ditadores e que a causa de sua simpatia a Alemanha naquele período se devia a possibilidade de libertação de um grande povo das injustiças cometidas em Versalles. *MAÑANA* (24/01/1948) *apud* PAREDES LÓPEZ, Christian. *El pensamiento político de Jose Vasconcelos en la revista Timon*. Licenciatura - Ciencias Políticas y Sociales. UNAM, 2012. C.f. BAR-LEWAW, Itzhak. La revista "Timón" y la colaboración nazi de José Vasconcelos [1971]. In: BUSTOS TOVAR, Eugenio (org.). *Actas del IV Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Vol. I. Salamanca: Asociacion Internacional de Hispanistas, 1982.

[126] VASCONCELOS, José. Para o periódico *El Democrata* [15/10/1920] *apud* FELL, op.cit., 2009, p.318, nota 620. Sobre a militância de Vasconcelos contra Gómez ver "El llamamiento de la juventud. La oposición a la dictadura de Juan Vicente Gómez". In: FELL, op.cit., p.556 *et seq*.

Nacionalismo revolucionário

Em 1926, o jovem arequipenho Jorge Núñez Valdívia, enviou uma carta a Alberto Ulloa Sotomayor (professor da Universidade de Lima), explicando o projeto de um grupo de universitários de Arequipa em organizar o *Centro Studium* com "tendências nacionalistas e culturais" e convidou Ulloa como colaborador da revista [*Pacha*] que lançariam. A resposta foi enviada por Ulloa para o periódico *Mercurio Peruano*, saudando a iniciativa e expressando seu entusiasmo com o movimento de união latino-americana, ao qual se somava como professor livre o seu "esforço orientador". À parte a importância do latino-americanismo, Ulloa censurou a escolha do nacionalismo como fundamento do centro estudantil. Para o professor, era uma ideia que se opunha ao que ele mais acreditava, a busca pela "supresión de la explotación del hombre por el hombre"[127], ou seja, anti-igualitária e conflitante com seus preceitos ideológicos.

Alguns meses depois da resposta de Ulloa e antes de publicar seu artigo de resposta, Nuñez, já em papel timbrado do Centro "Studium", se empenhava em convencer também a Mariátegui do tipo de nacionalismo que defendia, que "no se trata de un nacionalismo imperialista"[128]. Entretanto, chamado publicamente ao debate, Jorge Núnez publica sua réplica na edição de maio de 1927 de *Amauta*, buscando esclarecer o nacionalismo que defende, em oposição a "orientação humanista" e internacionalista[129] de Ulloa. Para o autor, seu *nacionalismo revolucionário*, diferente do "nacionalismo maléfico", não se fundamentava no estreitamento de fronteiras e na oposição a outras povos ou raças, ao qual o "cielo cultural contemporâneo" oferecia justas resistências e incompatível com os ideais da nova geração. Ao contrário, o nacionalismo revolucionário representava para os países coloniais a oportunidade de "regeneração".

---

[127] ULLOA, Alberto. Dos Cartas del doctor Alberto Ulloa [Carta resposta de Ulloa datada de 01/07/1926]. *Mercurio Peruano*, Lima, v.15, n. 99-100, 1926, p.426-427. A carta foi republicada em *Repertorio Americano*, em fevereiro de 1927, recomendada pelo diretor da *Mercurio Peruano*, Alberto Ureta. NÚÑEZ, Jorge. Carta a José Carlos Mariátegui [28/11/1926]. In: *Archivo José Carlos Mariátegui*: Correspondencia Recebida.

[128] NÚÑEZ, op.cit., s/p.

[129] Como esclarece Cláudia Felipe, em *Tópicas libertárias*, o internacionalismo tem diferentes apreensões, que vão da ideia da congregação e harmonia entre diferentes nações e povos com a aceitação de fronteiras que os difereciam a concepções mais próximas do anti-nacionalismo. Esta última é predominante entre os socialistas e do internacionalismo comunista do século XX. Dos quais nossos autores estavam mais familiarizados. Cf. FELIPE, Cláudia Tolentino Gonçalves. *Tópicas libertárias no pós-Segunda Guerra*: notícias de todo lugar em uma época de intranquilidade. Tese (Doutorado em História). Campinas-SP: Unicamp, 2019, Capítulo 2.

Ainda que não fosse partidário das "doutrinas de lutas de classe", como confessa em carta a Mariátegui[130], publicamente, no artigo para *Amauta*, ele buscou legitimar sua interpretação do nacionalismo também a luz do marxismo e não como contradição a ele. O que ele sabia que era importante para muitos de seus pares e notadamente para Mariátegui: "Más si mi contradictor [Ulloa] ha interpretado la doctrina marxista, - socialismo científico, - se convencerá de que siendo en último análisis una idea dialéctica , no es incompatible con el nacionalismo revolucionario."[131]

Para marcar distância do nacionalismo revolucionário com o nacionalismo imperialista, e mesmo respondendo às objeções de Ulloa e Mariátegui,[132] Núñez traz a questão indígena para o centro das preocupações de seu nacionalismo: "(...) los nacionalistas revolucionarios sostenemos como parte relevante de nuestro programa de acción, la ineluctable necesidad de resolver en primer término el problema indígena, conectado visiblemente con el agrario."[133]; e destaca o grande potencial transformador e defensivo deste tipo de nacionalismo para os "países coloniais". Nuñez cita como um bom exemplo o Kuomintang chinês, e possibilidade realista da doutrina que advoga como defesa eficaz contra o imperialismo:

> Todas las revoluciones de los últimos años, - repare Alberto Ulloa en la influencia decisiva del partido nacionalista, del Kuo-Ming-Tang, ayudado por la fuerza socialista, en la revolución china, - explican el espíritu de la época contemporánea. Surge un nuevo nacionalismo en los países coloniales. Pero no es el nacionalismo de los imperios, decadente, conservantista, monárquico. Es el nacionalismo de los que sufren, de los desheredados, de los explotados, de los dependientes. Este es el hondo sentimiento histórico del movimiento de vanguardia. Nuestro nacionalismo revolucionario grávido de nuevas sugerencias espirituales, tiene su fondo y posee su espíritu. Fiel al pensar marxista, toma en consideraciones el momento histórico y la realidad sociológica.[134]

A posição de Mariátegui frente ao nacionalismo e, mais precisamente, relacionado a questão do imperialismo, também é nuançada por uma percepção qualitativa do nacionalismo.

---

[130] Ibidem.

[131] NÚÑEZ, Jorge. Nuestro nacionalismo. *Amauta*. Lima, mai./1927, p.8.

[132] A resposta de Ulloa está na carta já citada e que foi publicada como artigo em *Mercurio Peruano* e *Repertorio Americano*, a de Mariátegui pode ser inferida a partir dos pontos que Nuñez parece rebater na sua carta de novembro de 1926 e nas posições conhecidas de Mariátegui.

[133] Ibidem, p.8

[134] Ibidem, p.8. Esse debate rendeu a Jorge Nuñez a perseguição do governo Leguía, como explica em outra carta a Mariátegui, ele foi envolvido na suposta "conspiração comunista" da qual o governo acusava seus opositores: "Inmediatamente que se supo en Arequipa el resultado del 'complot comunista' de Lima, la autoridad política tomó las medidas 'del caso'. Estuve escondido dos días, con motivo del artículo que publicó el número último de *Amauta*, sobre Nacionalismo Revolucionario [publicado com o título de *Nuestro Nacionalismo*, e já referenciado]. En la hora actual las cosas han se agravado." NÚÑEZ, Jorge. Carta a José Carlos Mariátegui [05/11/1927]. In: *Archivo José Carlos Mariátegui*: Correspondencia Recebida. O suposto complô serviu também de justificativa para Leguía proibir a revista *Amauta*, que ficou suspensa entre junho e dezembro de 1927. Cf. MARIÁTEGUI, José Carlos. *José Carlos Mariátegui.* Tomo XIII. Ideología y Política. Lima: Biblioteca Amauta, 1986, p.240.

Em uma definição próxima a que Vasconcelos havia usado no Congresso de Bruxelas, quando se refere ao "nacionalismo romântico" dos europeus, o intelectual peruano dista o nacionalismo europeu, conservador e imperialista, daquele dos ditos povos coloniais. Para os quais o nacionalismo, que ainda não havia completado sua missão histórica de libertação, poderia ser convertido em força revolucionária através do socialismo. De acordo com Mariátegui:

> El nacionalismo de las naciones europeas - donde nacionalismo y conservantismo se identifican y consustancian - se propone fines imperialistas. Es reaccionario y anti-socialista. Pero el nacionalismo de los pueblos coloniales - si, coloniales económicamente, aunque se vanaglorien de su autonomía política - tiene un origen y un impulso totalmente diversos. En estos pueblos, el nacionalismo es revolucionario y, por ende, concluye con el socialismo. En estos pueblos la idea de la nación no ha cumplido aún su trayectoria ni ha agotado su misión histórica.[135]

Para José Carlos Mariátegui, o socialismo não era antinacional por princípio, com exceção das nações imperiais, nas quais o dever de lutar pela justiça social constrangia o militante socialista a ser antinacionalista, ou seja, se opor às políticas imperialistas do seu próprio país. Portanto, da perspectiva latino-americana, parte dos povos explorados, o nacionalismo poderia integrar o socialismo na luta anti-imperialista, atuando como uma força de libertação. Em 1925, o intelectual peruano considerava a confluência entre *nacionalismo* e *vanguardismo*, título do texto no qual tomamos o trecho seguinte, em que aparece a mesma expressão que Nuñez utilizaria, o "nacionalismo revolucionário":

> El socialismo no es, en ningún país del mundo, un movimiento anti-nacional. Puede parecerlo, tal vez, en los imperios. En Inglaterra, en Francia, en Estados Unidos, etc., los revolucionarios denuncian y combaten el imperialismo de sus propios gobiernos. Pero la función de la idea socialista cambia en los pueblos política o económicamente coloniales. En esos pueblos, el socialismo adquiere, por la fuerza de las circunstancias, sin renegar absolutamente ninguno de sus principios, una actitud nacionalista. (...) Uno de los fenómenos más interesantes, uno de los movimientos más extensos de esta época es, precisamente, este *nacionalismo revolucionario*, este patriotismo revolucionario. La idea de la nación - lo ha dicho un internacionalista - es en ciertos períodos históricos la encarnación del espíritu de libertad.[136]

Nos anos seguintes, após a "traição" do Kuomintang na China e também de seu rompimento com a APRA, Mariátegui depura seu entendimento sobre o tema. Compreendendo que, entre os asiáticos, dado a razões de "psicología política", o

---

[135] MARIÁTEGUI, José Carlos. Replica a Luis Alberto SÁNCHEZ [*Mundial*, Lima, 11/03/1927]. In: MARIÁTEGUI, op.cit., Tomo XIII, 1986, p.221.

[136] MARIÁTEGUI, José Carlos. Nacionalismo y vanguardismo en la ideología política [*Mundial*, Lima, 27/11/1925; 04/12/1925]. In: *José Carlos Mariátegui*. Tomo XI. Peruanicemos al Perú. Lima: Biblioteca Amauta, 1986, p.100-101, grifo nosso.

nacionalismo perfazia um fator de união e de engajamento revolucionário devido a dois fatores: os aspectos raciais, que separavam os nacionais dos invasores imperialistas, e a natureza ostensiva dessa invasão; condições que seriam inexistentes na América Latina. A ausência dos fatores de coalização social entre as classes nas nações latino-americanas, que Mariátegui percebia na China, por exemplo, inviabilizava as burguesias nacionais da América Latina como classes revolucionárias, como supunha o aprismo:

> Pero las burguesías nacionales, que ven en la cooperación con el imperialismo la mejor fuente de provechos, se sienten lo bastante dueñas del poder político para no preocuparse seriamente de la soberanía nacional. Estas burguesías, en Sud América, que no conoce todavía, salvo Panamá, la ocupación militar yanqui, no tienen ninguna predisposición a admitir la necesidad de luchar por la segunda independencia, como suponía ingenuamente la propaganda aprista. (...) Pretender que en esta capa social prenda un sentimiento de nacionalismo revolucionario, parecido al que en condiciones distintas representa un factor de la lucha anti-imperialista en los países semi-coloniales avasallados por el imperialismo en los últimos decenios en Asia, sería un grave error.[137]

E mesmo onde essa "civilização nacional" existia, como na China, se "demostró cuan poco se podía confiar (...) en el sentimiento nacionalista revolucionario de la burguesía"[138], refere-se Mariátegui à virada do Kuomintang contra os comunistas. Convém relembrar que, no mesmo texto, Mariátegui nega que o anti-imperialismo configure uma "plataforma política", lugar que cabia ao socialismo e à luta de classes. Esse reposicionamento indica, mais uma vez, o entrelaçamento entre o anti-imperialismo e o nacionalismo. Nesse momento, Mariátegui renega ambos, o problema (na centralidade que lhe era atribuída) e sua terapêutica mais prescrita.

Para os apristas, o nacionalismo tinha um papel ainda mais central, se firmando como um de seus preceitos fundamentais, a partir do qual se estruturaria sua ação anti-imperialista. Entretanto, eles não ignoravam as enormes resistências da tradição do pensamento de esquerda à nação e a seus congêneres. Tanto por se basear, em grande medida, na unidade de classe dos "trabalhadores do mundo", quanto pela recente guerra nacionalista que havia assolado a Europa e a já visível ascensão do fascismo. Para a APRA não havia paradoxo entre a congregação universal dos povos, como pregava certo internacionalismo, e o

---

[137] Tese apresentada na Primera Conferencia Comunista Latinoamericana (Buenos Aires, junho de 1929), como o estado de saúde não permitiu a presença de Mariátegui, o texto foi lido por Julio Portocarrero no painel de debate "La lucha anti-imperialista y los problemas de táctica de los Partidos Comunistas de América Latina". Ao término da leitura o delegado peruano assinalou a autoria de Mariátegui: "Compañeros: Así escribe el compañero José Carlos Mariátegui cuando formula su tesis sobre anti-imperialismo, analizando antes el estado económico y social del Perú..." MARIÁTEGUI, Tomo XIII, 1986, p.87-88.

[138] Ibidem, p.89.

nacionalismo. Que como demonstrariam as lutas anticoloniais no oriente[139], tinha um grande potencial revolucionário e de combate ao imperialismo. Conforme Carlos Manuel Cox, também em 1927:

> No existe contradicción, antagonismo alguno, entre el ideal humano de armonía y el ideal nacional. Las luchas de la China, del Egipto, de Marruecos, de todos os pueblos oprimidos, es una lucha nacionalista compatible, aunque parezca paradójico, con la idea de una civilización ecuménica, universal. Se combate contra la voracidad imperialista de los capitalistas europeos y norteamericanos, que quieren aprovechar los jugos vitales de las naciones débiles. Así ocurre en América.[140]

Na militância aprista, o nacionalismo revolucionário era uma arma poderosa contra a exploração imposta aos povos oprimidos, sendo os movimentos nacionalistas africanos e asiáticos, a grande inspiração deste nacionalismo anti-imperialista. Um nacionalismo que, embora os autores destaquem que possa parecer paradoxo, não afastava os povos, e pelo contrário, une os povos em uma concórdia mundial por uma verdadeira civilização universal, sem a exploração imperialista. A insistência em dirimir a ideia de que existe um paradoxo entre nacionalismo e humanismo (no sentido referido por Cox), nos permite perceber as resistências a um nacionalismo de esquerda.

Para Cox, este nacionalismo não era apenas revolucionário e desejável, mas era o "verdadeiro nacionalismo", em oposição àquele que caracterizava os patriotismos dos governos "criminosos" da América Latina, os cúmplices do imperialismo; como o autor esclarece na sequência:

> Los enemigos no están en los pueblos de nuestra misma estirpe, malgrado las maniobras de gobiernos criminales encargados de fomentar odios infecundos. El enemigo contra quien debemos luchar, enrolándonos en un frente único de trabajadores manuales e intelectuales

---

[139] A circulação internacional das lutas anti-imperialsitas e o "despertar do Oriente" entre os intelectuais argentinos é analisado por Martín Bergel. Cf. BERGEL, Martín. *Un caso de orientalismo invertido*. Representaciones intelectuales del oriente en la cultura argentina de la primera posguerra (1918-1930). UBA/Buenos Aires: Doutorado em História, 2010. O Oriente foi também um tema de grande interesse para José Carlos Mariátegui, a coletânea *La Escena Contemporánea*, de 1925, traz alguns artigos seus sobre o tema: *Oriente Occidente*, *La revolución turca y el Islam*, e outros dois sobre os líderes indianos *Gandhi* e *Rabindranath Tagore* e também sobre o Marrocos. Para Mariátegui, aquela movimentação em escala mundial configurava uma grande e irresistível onda revolucionária: "La marea revolucionaria no conmueve sólo al Occidente. También el Oriente está agitado, inquieto, tempestuoso. Uno de los hechos más actuales y trascendentes de la historia contemporánea es la transformación política y social del Oriente. Este período de agitación y de gravidez orientales coincide con un período de insólito y recíproco afán del Oriente y del Occidente por conocerse, por estudiarse, por comprenderse." MARIÁTEGUI, José Carlos. Oriente Occidente. In: *José Carlos Mariátegui*. Tomo I. La Escena Contemporánea [1925]. Lima: Biblioteca Amauta, 1964, p.190. *La Escena Contemporánea* é uma coletânea com artigos publicados nos periódicos peruanos *Variedades* e *Mundial*.

[140] COX, Carlos Manuel. Revolución y Peruanidad - Discurso pronunciado en la Universidad de Arequipa. *Amauta*. Lima, abr./1927, p.25-26, grifo nosso.

> renovadores, es el yanqui absorbente y conquistador. Ante él opongamos nuestro *nacionalismo auténtico o revolucionario*, pues la amenaza se cierne tremenda.[141]

Da perspectiva daqueles que estão vulneráveis aos avanços do imperialismo, ele se configura como uma força externa, difusa, globalizada e, por que não dizer, *internacional*. Talvez nisto, residisse uma das potencialidades percebidas no nacionalismo ou num tipo específico de nacionalismo, considerado adequado a esta realidade política. Perceber estes meandros, instigados pela própria luta anti-imperialista, pode nos ajudar a compreender o esforço de reabilitação do nacionalismo nesta conjuntura, além do ruído com o socialismo -em sua dimensão teórico-ideológica -, que como vimos, não era indiferente aos intelectuais.

8.2 (Inter)nacionalismo: imperialismo, o monstro de duas cabeças

Em Julio Antonio Mella podemos perceber deslocamentos mais substanciais em sua compreensão sobre a questão nacional, dos quais não se pode subestimar seu comprometimento cada vez maior com o comunismo cominternista. Para seu amigo, Raúl Roa, Mella sofreu uma "gigantesca transformação" desde fevereiro de 1926, com sua saída para o exílio, até 1927, alçado à posição de líder continental a partir dos postos de "altísima responsabilidad en los organismos revolucionarios mexicanos" que, para Roa, haviam preparado e maturado a "palavra revolucionária" de Mella.[142]

Ainda em Cuba, em julho de 1925, Julio Antonio Mella publica no periódico *Venezuela Libre*[143] sua percepção sobre o nacionalismo. Sublinhando a diferença entre um bom e um

---

[141] Ibidem p.25-26, grifo nosso.

[142] ROA, Raúl. Julio Antonio Mella. *Bohemia*. Havana, 17/09/1933, p.60.

[143] O periódico *Venezuela Libre* era publicado em Havana, onde, com a ajuda de Julio Antonio Mella, os exilados venezuelanos Francisco Laguado Jaimes, Salvador de la Plaza, Humberto Tejera e os irmãos Gustavo e Eduardo Machado, que lutavam contra o governo de Juan Vicente Gómez. Com a prisão de Mella, seguida de sua greve de fome, os refugiados venezuelanos também deixaram Cuba, provavelmente calculando o risco que o governo Gerardo Machado também oferecia. Gustavo Machado seguiu muito próximo ao amigo Mella, indo também para o México, chegou a ser administrador de *El Libertador*, revista da LADLA mexicana. Além das associações e periódicos em que atuavam juntos, Mella e os venezuelanos também foram parceiros na tentativa armada de derrubar Gómez. O cubano se reuniu várias vezes com o general e ex-presidente mexicano Álvaro Obregón, para conseguir armas e munições para o ataque. Esta, como todas as outras tentativas de derrubar Gómez, que governava a Venezuela desde 1908, fracassaram e o ditador morreu de causas naturais, ainda no poder, em 1935, aos 78 anos. Segundo Rolando Rodríguez, após várias tratativas com Mella, Obregón concordou em apoiar o levante venezuelano. O Partido Revolucionario Venezoelano (PRV), destacou Emilio Arévalo Cedeño para ir a Santo Domingo buscar armamento. Flagrado na aduana mexicana, Arévalo atribuiu a responsabilidade diretamente a Obregón, que retirou seu apoio. Arévalo foi expulso do PRV e Mella passou a planejar a insurgência contra o governo cubano. RODRÍGUEZ GARCÍA, Rolando. El pensamiento y la acción sin fronteras de Julio Antonio Mella (Revista Bimestre Cubana, 1998). MELLA, Vol.II, p.73-74.

mal nacionalismo, este último apreendido pelo qualificativo de "burguês" e, o bom, como aparece nos demais autores, chamado de "revolucionário". Nas palavras do cubano:

> La América no puede vivir una generación más bajo las monstruosidades de las tiranías de Juan Vicente Gómez, Leguía, Saavedra [Bolívia] y la flora centroamericana y antillana de politiqueros hambrientos, que deshonran el continente con sus humillaciones al capital invasor. (...) Existe el nacionalismo burgués y el nacionalismo revolucionario; el primero desea una nación para vivir su casta parasitariamente del resto de la sociedad y de los mendrugos del capital sajón; el último desde una nación libre para acabar con los parásitos del interior y los invasores imperialistas, reconociendo que el principal ciudadano en toda sociedad es aquel que contribuye a elevar con su trabajo diario, sin explotar a sus semejantes.[144]

Mais uma vez sobressai, na compreensão do nacionalismo pelos autores, suas potencialidades libertadoras. Segundo a visão de Mella, isso fazia da Rússia "la primera nación de la época actual!", pois além de ter atingido este objetivo na Revolução de 1917, se empenhava generosamente em ajudar a libertar "a todos los esclavos del mundo."[145]

Em carta ao seu amigo e médico Gustavo Aldereguía, de setembro de 1926, enviada de seu exílio mexicano, Mella atrela a campanha *antirreeleccionista* contra o presidente Machado[146], uma questão cubana, à luta anti-imperialista e a necessidade de se reorganizar a secção da LADLA em Cuba. Como já discutimos, a vinculação entre a militância anti-imperialista e a rejeição a governos (sobretudo tiranias) considerados colaboracionistas das forças imperialistas é um de seus aspectos mais notáveis. Entretanto, o que se destaca de original no trecho a seguir é como para Mella o "problema nacionalista" ou "social" são compreensões apenas parciais do problema de fundo, o imperialismo:

> La lucha contra el imperialismo de todas las fuerzas y tendencias, desde las obreras y campesinas hasta las burguesas nacionales (aunque éstas en su mayoría sean capaces de traicionar) es la lucha más importante en el momento actual, si el imperialismo puso a Machado para tener seguras sus inversiones, todos los oprimidos por el imperialismo lo quitarán para reconquistar o conquistar la libertad, cualquiera que sea el futuro de Cuba - futuro de unos dos años, la revolución antirreeleccionista, o futuro de seis más; pero futuro real e ineluctable para todos los que no seremos viejos dentro de diez años - tenemos el

---

144 MELLA, Julio Antonio. Imperialismo, tiranía, soviet [*Venezuela Libre*. Havana, 01/07/1925]. In: MELLA, 1978, p.75 e 76. Formulação muito parecida com a de Lenin ao tratar sobre o tema da guerra. O revolucionário bolchevique, no prefácio [de 1920] de *Imperialismo*, formulou que "(...) nem todas as guerras são iguais, existem também as guerras revolucionárias (...)." Outra semelhança com o mesmo texto leninista é o uso da palavra "parasitismo", presente no trecho citado de Mella, mas incomum em seus escritos. LENIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*: ensaio popular. São Paulo: Expressão popular, 2012 (1ª ed. 1917), p.29.

145 MELLA, op.cit., p.76 e 77.

146 Gerardo Machado y Morales, apelidado por opositores de *el Carnicero*, em referência tanto a violência de seu governo quanto a profissão que ocupou quando jovem, de açougueiro, foi presidente de Cuba de 1925 a 1933. Ao final de seu primeiro mandato, em 1928, Machado quis mudar a Constituição do país para que pudesse disputar a reeleição. Apesar de setores da sociedade civil, como os estudantes se levantarem, a "revolución antirreeleccionista" a que se refere Mella, Machado permanece no poder até ser derrubado por um golpe de Estado liderado Fulgencio Batista em 1933.

> deber de plantear el "problema nacionalista" para unos, el "social" para otros, pero antiimperialista para todos. Luego se necesita la organización, la reorganización, debemos decir de la sección cubana de la Liga Antiimperialista de las Américas.[147]

Posteriormente, vai se fortalecendo em Mella a franca defesa do internacionalismo, não apenas acompanhando os deslocamentos teóricos e históricos cominternistas, mas também como fortalecimento do antagonismo com os nacionalistas em geral e os apristas em particular. O antinacionalismo vinculado ao comunismo era usado por seus opositores, à direita e à esquerda. No caso dos apristas, servia de mote para demonstrar aquela que seria a inadequação do comunismo à América Latina/Indoamérica. Acusações a que Mella respondia valorizando aspectos do nacionalismo, como abordamos, e contemporizando-o com o internacionalismo comunista, afirmando, em 1926, que "No es necesario para ser internacionalista odiar el suelo en que se nace, olvidarlo, despreciarlo y atacarlo.", pois a primeira significação de internacionalismo seria a de "liberación nacional del yugo extranjero imperialista" e, por conseguinte, "solidaridad, unión estrecha con los oprimidos de las demás naciones."[148]

Em meio à guerra aberta contra a APRA e à virada da Internacional para tática de classe contra classe, em 1928, Mella abraça o internacionalismo com mais entusiasmo e justifica sua completa adequação à América Latina tendo como base teórica o leninismo. O principal argumento mobilizado pelo autor é o "caráter universal do capitalismo moderno", em outras palavras, do mundo imperial. O imperialismo, como fenômeno do político e econômico com uma lógica de funcionamento abrangente em escala mundial, apreensível através do materialismo histórico, operava na América Latina com os mesmos princípios e o comunismo e suas táticas eram aplicáveis a despeito de outras características pontuais. De acordo com o autor:

> Luego, la aplicación de la táctica ha de diferir en los detalles y en la oportunidad histórica. Pero las generalidades (papel de clases, base de frente único, desarrollo del imperialismo y del proletariado, etc.) son invariables a la luz del marxismo y de su adaptación a la época moderna del imperialismo: el leninismo. Para decir que el marxismo, y por lo tanto, el Partido Comunista, o sea, la organización que lucha para su realización, es exótico en América, hay que probar que aquí no existe proletariado; que no hay imperialismo con las características enunciadas por todos los marxistas; que las fuerzas de producción en la América son distintas a las de Asia y Europa, etc. Pero América no es un continente de Júpiter, sino de la Tierra. Y es una cosa elemental para todos los que se dicen marxistas - como los del "partido revolucionario continental antiimperialista" [APRA] - que la

---

147 MELLA, Julio Antonio. Carta a Gustavo Aldereguía [México, 18/09/1926]. In: MELLA, 1978, p.112.
148 MELLA, Julio Antonio. Glosas al pensamiento de José Martí [Archivo del CC del Partido Comunista de Cuba, 1926]. In: MELLA, 1978, p.115.

> aplicación de sus principios es universal, puesto que la sociedad imperialista es también universal.[149]

Em *El Libertador* (1925-1929), revista das LADLA mexicana, órgão cominternista, a militância anti-imperialista era ainda mais fortemente baseada no internacionalismo. A linha editorial do periódico, na qual predominava as questões latino-americanas sobre o imperialismo, traz desde seu primeiro número artigos dedicados aos "aliados en los Estados Unidos". Repercutindo, nos anos seguintes, nomes importantes do socialismo e comunismo norte-americano no período, como Samuel Guy Inman, Scott Nearing, Jay Lovestone e John Kenneth Turner. Além de, pontualmente, cobrir os movimentos marroquino e chinês.[150]

Não se trata de uma ampla e genérica "congregação de povos", mas da ênfase na questão de classe, a fim de demonstrar que o elemento fundamental do imperialismo não era o enfrentamento entre nações ou povos, e sim entre proletários e capitalistas, que faziam parte de uma mesma engrenagem de exploração. A mesma força que coagia o trabalhador norte-americano à miséria, mostrava sua face monstruosa sobre países da América Latina no fenômeno conhecido como Imperialismo. Sem evidenciar o argumento classista, *El Libertador* traz, em seu primeiro editorial (1925), *El Peligro; Las Posiblidades; El Propósito - Alcaraciones Editoriales*, a importância dessa aliança:

> El imperialismo es un monstruo de dos cabezas. La cabeza con las llamas de sus fauces los países de la América Latina, se llama "Imperialismo", y la cabeza que devora vidas y chupa la sangre de las clases proletarias y de los pequeños labriegos de los Estados Unidos, se llama "Capitalismo"; pero el monstruo es uno solo. Las veinte naciones de la América Latina tienen un solo enemigo común y tenemos que hacer común causa contra él. El obrero y el labriego pobre de los Estados Unidos tienen el mismo enemigo y tenemos que buscar y cimentar una alianza con ellos.[151]

A aliança pretendida por *El Libertador* estava alinhada à concepção histórica do desenvolvimento da "revolução mundial" e também às prescrições do Comintern para a política revolucionária na América Latina. Na primeira, ressalta-se a perspectiva eurocêntrica, como expresso no Primeiro Congresso Mundial de 1919, de que a revolução socialista deveria começar nos países mais desenvolvidos, com o proletariado europeu e, posteriormente, com a perda das colônias levariam a queda do próprio capitalismo.

---

149 MELLA, 1975, p.21.

150 Outra característica relevante de *El Libertador* é a persistente demonstração do imperialismo a partir das movimentações financeiras, com quadros e análises sobre a penetração do dólar nas economias latino-americanas a partir dos dados sobre investimentos e empréstimos.

151 EL LIBERTADOR. El Peligro; Las Posibilidades; El Propósito - Aclaraciones Editoriales. *El Libertador*, nº1, março de 1925, p.2. Importante lembrar que, neste período, Julio Antonio Mella ainda não fazia parte dos quadros do PCM ou deste periódico.

Raciocínio desdobrado para a compreensão do processo revolucionário na América, que percebe os Estados Unidos como "sociedade capitalista industrializada" e consequentemente, líder natural desse processo que, ainda que verticalizado, era um caminho único de revolução continental americana.

Como demonstra Manuel Caballero, com a análise do manifesto "Sur la revolution en Amerique. Appel a la classe ouvriere des deux Ameriques" (1921), produzido pelo Comitê Executivo da Internacional, isso acentuou, para o Comintern, a importância dos Estados Unidos em relação movimento revolucionário latino-americano. O que, como já referimos, reverberava nos PCs nacionais, orientados de forma centralizada. De acordo com Caballero:

> But there is another issue that arises in the manifesto and it is perhaps the most important, for it points at what could be called the specificity of American conditions and the specificity of the American revolutionary process. It is the fact that revolution in North and South America is seen *as a single process*. When Latin America appears for the first time in a document of the Third International, when a particular analysis is done of its place in the context of world revolution and when a prognosis, so to speak, is outlined regarding the future of its revolution, it reflects, however, a view which could be called "vertical" of the American revolution. What is new is the conception of the American revolution as a specific process which had to involve North and South America. At the same time, it is expressed in an orthodox perspective: the process has to be led by the United States.[152]

A fórmula do internacionalismo não estava restrita aos cominternistas. O periódico cubano *Social*, revista de variedades ligada ao Grupo Minorista[153], agrupamento de intelectuais de esquerda com tendências variadas, abre sua edição de fevereiro de 1927 com uma grande ilustração assinada por Conrado Massaguer. O desenho, *Juntos Pero no Revueltos*, apresenta um duplo alerta.[154] Representado pela inscrição "nosotros sabemos distinguir", que se refere a diferença entre os operários e as forças capitalistas representadas pelos homens *Wall Street* e *Politician*. Tanto como pela expressão de total despreocupação do operário norte-americano, que parece não se dar conta de que está sendo intimidado. Situação percebida pelo homem *Pueblo Cubano*:

---

[152] CABALLERO, op.cit., p.78-79, grifos no original.

[153] O grupo Minorista reunia intelectuais para almoços de debate nas tarde de sábado e acabou ganhando esse nome em razão de um artigo publicado por um de seus mais destacados membros, Jorge Mañach. O texto, chamado de *Los minoristas sabáticos escuchan al gran Titta*, faz referências ao pequeno grupo de reunião e ao seu dia de reunião, sábado. Na ocasião, em fevereiro de 1924, Mañach escreve sobre a presença do barítono italiano Titta Ruffo, que foi recebido pelo grupo. MAÑACH, Jorge. *Los Minoristas Sabáticos escuchan al gran Titta*. *Social*, Havana, fev./1924, p.23, 47 e 77.

[154] Descrição da imagem: o que aparenta ser um trabalhador rural, com um facão preso à cintura, contempla três homens à distância. Um deles de cartola e casaca com a inscrição Wall Street e outro usando colete e traje social com a indicação de "politician" olham com expressão facial agressiva para um operário norte-americano, vestido de macacão e carregando uma pá, aparentando estar despreocupado. MASSAGUER, Conrado. Juntos Pero no Revueltos [Desenho]. *Carteles*, Havana, 06/02/1927.



Título: Juntos Pero no Revueltos
Legenda: El Pueblo Cubano *(al pueblo de los Estados Unidos de América):*
"- No te preocupes, nosotros sabemos distinguir."

Entretanto, o internacionalismo de pretensão universalista era alvo de muito descrédito e desconfiança. No mesmo artigo indicado anteriormente, onde Manuel Seone defende a diversidade de tendências dentro do pensamento nacionalista, o autor faz um movimento interessante para defender o "bom nacionalismo". O peruano pondera que o internacionalismo não se adequa à "consciência do homem contemporâneo", que seria avessa à avessa a "sensibilidade universalista" - limitada por fronteiras inconscientes traçadas por prevenções raciais e culturais muito enraizadas. O que seria demonstrado pela evidente ficcionalidade de demonstrações parciais deste universalismo, como o pan-americanismo e o latinismo (exemplos dados pelo autor), que não tinham apelo ao sentimento contemporâneo. Mas Seoane defende que é possível equacionar, em parte, o internacionalismo à realidade, ou seja, considerando a preponderância da sensibilidade racial/cultural, através de um "nacionalismo continental":

> Pero si el internacionalismo absoluto viene a ser inconsistente y ficticio, hay otro que, apoyándose en causas palpables e inmediatas, puede convertirse en realidad. A tal categoría pertenece el movimiento - tan pródigamente bautizado - que tiende a unir, ampliando la concepción bolivariana, las naciones de Centro y Sudamérica y que es en verdad, un movimiento de nacionalismo continental, como ya lo han bautizado sus inspiradores argentinos. Este nacionalismo continental, que ahora tiene un claro programa de acción, tropieza para su desenvolvimiento con los varios regionalismo políticos, que vienen a ser sus formas correspondientes en grado inferior.[155]

Percebemos que apesar do internacionalismo aparecer como culturalmente superior para a intelectualidade, ou por essa razão, é apresentado como inadequado à época. Mas que poderia servir como amálgama a uma compreensão estendida do próprio nacionalismo. O argentino Carlos Sánchez Viamonte vai além. Também pelas páginas de *Amauta*, em seu texto *America, Universalidad*, o autor procura demonstrar como tanto o internacionalismo quanto o cosmopolitismo seriam respostas a um nacionalismo de tipo equivocado, asiático-europeu, fundamentado sobre uma ideia estreita de pátria. Seriam apenas fórmulas de protesto compreensíveis, mas equivocadas, inúteis e anacrônicas para o continente americano:

> "Cosmopolitismo", "internacionalismo", fueron simple fórmulas que sirvieron de válvula de escape al sentido de universalidad - mal comprendido y peor expresado - pugnando por ampliar su ámbito, pero llevando en sí el prejuicio asiático-europeo del localismo escueto y egoísta que constituía todo el contenido de la idea de patria. Por eso, América no acoge las viejas fórmulas simplistas e irreales,- y de ningún modo idealistas - del cosmopolitismo o del internacionalismo. Ambas enuncian un estado mental anterior y diferente del nuestro, un concepto puramente étnico - mezcla de razas - la primera; y un concepto geográfico - supresión de fronteras - la segunda. Cosmopolitismo e internacionalismo son fórmulas de protesta - nada más - contra la estrechez sofocante del sentimiento anacrónico de la patria asiática o europea; formas negativas del inexhausto afán de universalidad que se revela en todas las creaciones perdurables de la cultura, arte, religión, ciencia (...).[156]

Além deste ponto, que coaduna com a ideia de Vasconcelos, da existência um nacionalismo "romântico", de tipo europeu, e errado. Sánchez alerta para que na América, as pretensões universalistas contidas no internacionalismo e cosmopolitismo representavam um perigo. Pois ofereciam aporte ideológico às pretensões conquistadoras norte-americanas sobre a América Latina. Abrindo as portas para o imperialismo dos Estados Unidos:

> América es siempre universalidad pero su sentido de lo universal se manifiesta de dos modos distintos, más que distintos, abiertamente contrapuestos, ya provengan de Yanquilandia o de los pueblos latino-americanos. En la advertencia arrogante de Monroe, "América para los americanos", América es una realidad naciente, pero el vocablo

---

[155] Seoane se refere ao panamericanismo e o latinismo como "manifestaciones esporádicas de un ecumenicismo relativo". SEOANE, Manuel. Nacionalismo verdadero y Nacionalismo mentiroso. *Amauta*: Lima, dez./1926, p.19.

[156] SÁNCHEZ VIAMONTE, Carlos. America, Universalidad. *Amauta*, Lima, jul.1928, p.25.

> "americano" es un equívoco falaz que disfrazaba de altruismo la sórdida intención inicial con que el ogro extendía su garra, bajo la apariencia de un ademán protector.[157]

Na sequência, o autor interpõe como argumento a noção de que existiam *duas universalidades* no continente americano, irredutíveis uma a outra, a latino-americana e a da "Yanquilandia". O que, dado ao desenvolvimento do texto, podemos entender como dois "princípios de nacionalidade". Isto serve a Sánchez para embasar sua conclusão de que as doutrinas universalistas, e mesmo o conhecimento científico, são também utilizadas pelos imperialismos como um "suborno" para as consciências como via para se internacionalizar. De acordo com o argentino:

> Junto a estos imperialismos económicos perfectamente definidos y que utilizan el instrumento de las ciencias como manifestación de poder sobre las cosas y como influencia de soborno sobre los espíritus, aparecen también los imperialismos políticos con que se disfraza y se complace en internacionalizarse, con caracteres mucho más generales aún, la defensa de las clases conservadoras.[158]

Esta reflexão nos instigou a dialogar com Patricia Funes e Alexandra Pita González. No início de seu trabalho sobre a *Unión Latino Americana*, Pita considera que, apesar da importância da questão nacional, como Funes trabalha em *Salvar la nación*, há uma necessária dissociação e antagonismo entre o pensamento nacionalista, e o desejo de *salvar la nación*, e a abertura identitária latino-americanista. Como coloca Pita González:

> Por ello, aunque compartimos con Patricia Funes la idea de que los intelectuales durante la década de 1920 intentaron resolver su preocupación por lo nacional ampliando las fronteras de lo que se entendía por ello, consideramos que quienes participaron del proyecto unionista partieron de un esquema distinto al de otros intelectuales de la época. (...) los unionistas bregaron por una solidaridad latinoamericana o indoamericana, que incluso intentó establecer lazos solidarios con geografías lejanas. En virtud de ello pensaban que era indispensable establecer puentes entre los intelectuales y pueblos de las diferentes naciones latinoamericanas y, precisamente por este motivo, consideraban urgente y necesario abogar de manera abierta por la unión latinoamericana, difundiendo este mensaje a través de artículos, conferencias y, en especial, el nuevo espacio que consiguieron abrir las revistas latinoamericanistas de la época. Este planteamiento internacionalista iba a contracorriente del nacionalismo de la época (...).[159]

A luz dos debates sobre um tipo apropriado de nacionalismo, que correspondesse às aspirações revolucionárias e continentalistas e, por conseguinte, anti-imperialista; podemos considerar como hipótese de que o unionismo continental (ao que a autora também se refere como *internacionalista*) não ia sempre na "contracorriente del nacionalismo de la época", em

---

157 Ibidem, p.25.
158 Ibidem, p.26.
159 PITA GONZÁLEZ, 2009, p.20-21.

função precisamente do (anti)-imperialismo. Este último, possibilitava que a pauta nacional ganhasse amplitude e contornos continentais, reatualizando - de certa forma -, o antigo repertório intelectual da "Pátria Grande" hispano-americana, lido a partir de outra plataforma de luta política. Portanto, consideramos que no período estudado não há uma contradição imanente entre as concepções identitárias continentalistas na América Latina com a defesa dos princípios nacionalistas. Pelo contrário, elas parecem se informar reciprocamente, marcando suas interpretações e usos.

Dos apristas, que buscavam se confundir com a defesa nacional, aos socialistas e comunistas, em que ela se apresenta de forma bastante problemática, a questão nacional não perde sua centralidade. Para todos, qualificado de diferentes formas e escalas de importância, o nacionalismo é uma variável importante nos entendimentos da política imperialista e dos meios de combatê-la. São vários os programas, as táticas e os objetivos defendidos pelos nossos autores, mas que têm uma aspiração recorrente, transformar radicalmente a ordem política e social. Fazer a revolução.

O último termo do nosso estudo sobre anti-imperialismo será abordado tendo em perspectiva o mesmo sentido de ambivalência que buscamos investigar até aqui. De sua apreensão compartilhada que circunscreve uma identidade entre os sujeitos e que ao mesmo tempo é disputado e objeto de uma profusão de significações. A noção de revolução foi pensada ao final e é o menor dos capítulos dessa parte não por hierarquia de importância, mas por que foi sendo trabalhada no decorrer da tese em várias de suas apreensões. Perpassa a própria identidade política da qual os agentes se percebem, revolucionária/vanguardista, como é tributária do conjunto de valores entendidos como de esquerda.

¡Muero por la Revolución!
Julio Antonio Mella nos braços de Tina Modotti, México, 1929

Num precipício de luzes
Entre saudades, soluços
Eu vou morrer de bruços
Nos braços, nos olhos
Nos braços de uma mulher
Caetano Veloso, *Soy loco por ti América*, 1968

8.3 *Que fazer? Quem fará a revolução política?* e outras questões revolucionárias

Estabelecido com algum consenso o diagnóstico sobre o imperialismo, os sujeitos se debatem em busca dos métodos mais adequados para derrotá-lo. O que, em si, traz outro denominador comum: a vontade, e até mesmo uma noção de dever, de agir sobre essa realidade. O compromisso com esta ação política, expresso e materializado pelos agentes aqui estudados, para além da militância com escritos políticos, se dá com outros tipos de ações, caracteristicamente coletivas. Tais como composição e fundação de partidos políticos de esquerda, a filiação ou a criação de associações e ligas anti-imperialistas, no trabalho nas universidades e periódicos ou em tentativas armadas de derrubar governos. Mais bem compreendido com aquilo que Manuel Caballero chama de "caráter maquiavélico"[160] do leninismo, ou seja, lida em relação à questão do poder e da intervenção sobre ele. Questão premente para esses sujeitos, não apenas em dia com as leituras do autor soviético, como engajados pelo exemplo tão palpável da possibilidade de tomada do poder e da transformação radical da realidade social, ou seja, de uma revolução.

Que fazer? Por onde começar? e *Quem fará a revolução política?*, questões sobre quais Lenin havia escrito obsessivamente, também sintetizam com precisão os anseios da militância anti-imperialista na década de 1920 na América Latina e para as quais vão buscar respostas. Remetemos a Lenin neste tema visando dar relevo ao pensamento sistemático que o revolucionário russo procurava imprimir em seus textos. Característica que é fundamental nos escritos dos nossos agentes, que trabalharam em prescrições, elaboraram táticas e insistiram na importância da formação ideológica e disciplinada para uma ação revolucionária eficaz. *Nos lábios de todos*, a resposta mais imediata sobre o que fazer parecia

[160] CABALLERO, Manuel. *Latin America and the Comintern* 1919-1943. Cambridge - UK: University of Cambridge, 2002 (1ªed. 1986), p.97.

bem evidente: a revolução. A recorrência com que a ideia de revolução aparece nos escritos dos anti-imperialistas latino-americanos oculta divergências importantes sobre que tipo de revolução que se quer. Tais como, quais seriam seus atores principais, seus objetivos, prazos e etapas -, e envolve uma complexa disputa de projetos políticos.

Uma reflexão aprofundada sobre o conceito da revolução escapa aos propósitos deste trabalho, entretanto, faz-se necessário situa-lo em alguns pontos.[161] A partir de *On Revolution*[162] (1963), denso estudo de Hannah Arendt sobre o fenômeno da revolução moderna, podemos apreender o traço mais distintivo da revolução a partir da perspectiva marxista e que, como demonstra a autora, marcou definitivamente seu significado, é sua relação com a chamada "questão social". Retomando os dilemas de Robespierre frente aos rumos da Revolução Francesa, Arendt argumenta que muito rapidamente a "questão social", a necessidade de libertação das privações vitais impostas pela pobreza, "a necessidade de transformar os Direitos do Homem nos direitos dos *sans-culottes*", assumiu a centralidade para os revolucionários jacobinos.

A conversão da questão social em pressuposto principal da ação revolucionária, lugar antes ocupado pela "liberdade", conheceria seu principal teórico apenas em Marx. Neste ponto, segundo a autora, quando o reino das necessidades subordinou a questão da liberdade, a história das revoluções modernas atingiu um ponto de inflexão. De acordo com Hannah Arendt:

> Seja como for, não resta dúvida de que o jovem Marx se convenceu de que a Revolução Francesa havia falhado em instaurar a liberdade porque havia falhado em resolver a questão social. Disso ele concluiu que liberdade e pobreza eram incompatíveis. Sua contribuição mais explosiva e, de fato, mais original à causa da revolução foi interpretar as necessidades imperiosas da pobreza das massas em termos políticos, como uma revolta não por pão ou por bens, mas também pela liberdade. O que ele aprendeu com a Revolução Francesa foi que a pobreza pode ser uma força política de primeira grandeza.[163]

---

[161] Em *Teorias da Revolução*, A.S. Cohan aborda a multiplicidade de definições que os principais estudiosos da revolução desenvolveram sobre os significados do termo e que, em geral, se baseiam em algumas combinações dos seguintes pontos: alteração de valores, transformação estrutural, mudança institucional, mudança da elite, legalidade e legitimidade da transferência de poder e o comportamento violento. COHAN, A. S. *Teorias da Revolução*. Trad. Maria José Mendes. Brasília: Editora da UNB, 1981 (1ªed. 1975).

[162] ARENDT, Hannah. *Sobre a revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 (1ªed. 1963).

[163] Ibidem, p.95-96. Destacamos a contribuição que o professor André Kaysel trouxe para a banca avaliadora do nosso trabalho. Segundo Kaysel, é necessário ponderar a característica filosófica do estudo de Arendt e aquilo que Eric Hobsbawm chamou de "caráter metafísico e normativo" do texto de Arendt. Aparte a pertinência da crítica, as reflexões de Hannah Arendt sobre o tema da revolução são relevantes para a compreensão do tema, mesmo que de forma sintética em alguns pontos, como destacamos no texto. Cf. HOBSBAWM, Eric. *Revolutionaries* - Contemporary Essays. London: Phoenix, 1994 (1ªed. 1973), p.202.

O conjunto de valores compartilhados pelos anti-imperialistas latino-americanos do período que estudamos, e que compreende o enfrentamento da inequidade social[164] como elemento até da própria definição de seu vanguardismo político, é tributário destas reflexões de Marx acerca da revolução. A partir de finais do século XX, um período sentido como de transformação na lógica do capitalismo com o recrudescimento do imperialismo, os debates entre militantes da luta social sofrem um impacto. A discussão entre *reforma* ou *revolução*[165], é desafiada pelo advento da revolução na Rússia, que pôs fim ao bicentenário Império Russo e a cada um dos membros da dinastia Romanov. A Revolução Russa tornou a sonhada revolução futura em presente e uma possibilidade muito palpável. Para tantos outros, um processo que estava apenas iniciado e que, necessariamente, varreria o mundo como uma onda de libertação. De qualquer modo, longe de ser um tema monopolizado pelos comunistas, como a III Internacional iria atuar para fazer parecer.

Em face à desesperança da Guerra, a Revolução apresenta novas possibilidades, ou pelo menos é assim apreendida entre os socialistas argentinos, *maestros* para a geração que se iniciava na vida política naqueles anos, José Ingeneiros e Alfredo Palacios. Ingenieros dedica vários artigos, recolhidos em *Los tiempos nuevos* (1921), a compreender as "fuerzas morales de la Revolución Rusa" e sua irresistível força universal. Enquanto Palacios, bastante crítico da qualidade teórica de Lenin, a quem considerava apenas um "fanático executor testamentário de Marx", expressa sua admiração pela trajetória dos revolucionários, que teriam superado o boicote da imprensa imperialista e mostrado ao mundo uma revolução de sucesso:

> Los revolucionarios han vencido al caos y a la miseria, a pesar del bloqueo, llenando de admiración al mundo. No es la obra de los teóricos lo que apasiona. Cuando Lenin quiere ser el ejecutor testamentario de Marx, es simplemente un fanático, sin el sentido de las realidades y la ductibilidad [sic] que demuestra después en la acción. Lo que apasiona es la obra gigantesca que realiza, a veces en contra de la doctrina que se inmoviliza, que se anquilosa constituyendo un obstáculo para la acción.[166]

---

[164] É preciso lembrar que, no período estudado, a própria noção de igualdade se pauta quase exclusivamente pela "questão social" e agir nela visando superar a pobreza. Ainda que movimentos pela igualdade de gênero e raça, sobretudo, se multiplicassem nas mesmas redes intelectuais.

[165] No artigo *Reforma ou Revolução/Reforma e Revolução*, Marco Aurélio Garcia discute os principais pontos das divergências entre os teóricos marxistas de inícios do século XX, abordando o viés catastrofista de Lenin e Luxemburgo em suas leituras sobre o capitalismo e o que percebiam como seu colapso imanente, o debate em torno do espontaneísmo da revolução (renegenado por Lenin) e sobre como, em especial após a Revolução Russa, a ideia da univocidade da forças revolucionárias em um só partido se tornou a compreensão dominante. GARCIA, Marco Aurelio. *Revista Brasileira de História* - Dossiê Reforma e Revolução. BRESCIANI, Maria Stella; BORGES, Vavy Pacheco (org.). Vol.10, nº20, 1990.

[166] PALACIOS, Alfredo. La Revolución Rusa (1921). In: HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Vida e muerte de la República verdadera* (1910-1930) - Documentos. Buenos Aires: Emecé, 2007, p.82. Esta compreensão é

Com a configuração do anti-imperialismo na década de 1920, a revolução é prescrita como a solução definitiva para o avanço imperialista sobre a América Latina e sua *nova Independência*[167]. Vale lembrar que entre as próprias teorias do imperialismo em voga no período, há quase uma justaposição entre capitalismo e imperialismo, haja vista que este último representaria uma fase (para Lenin, a última) do próprio capitalismo. Nesse sentido, a revolução, como superação do capitalismo é tomada pelos autores como uma possibilidade de derrotar sua expressão maior no continente, o imperialismo e, por extensão, os governos autoritários e seus "cúmplices criollos". Para grande parte dos anti-imperialistas, tomados pela *emoção revolucionária*, como Ingenieros, Haya, Mariátegui e Mella "una misma y única salida"[168] parecia se impor, "las filas disciplinadas y viriles de la Revolución"[169].

Este ponto da reflexão visa compreender as possíveis acepções do ideal revolucionário, tão importante a época, não para circunscrevê-lo a um etéreo *Zeitgeist*. Mas perceber quais podem ser os elementos mínimos que geram essa identificação entre as redes intelectuais que se aproximam desse ideal, configurando um dos elementos tidos como próprio da "nova geração".

É possível apreender que a revolução era percebida como o meio para a superação da "questão social", como apontado em Arendt; com vista a uma profunda transformação no poder político (alijar a "burguesia" ou "oligarquia" do controle do Estado). Classes e governos que representavam para estes intelectuais os interesses do próprio imperialismo. Ser revolucionário é, dentro dessas balizas, ser anti-imperialista e, para o comunista Julio Antonio Mella e tantos de seus contemporâneos, a própria manifestação da "consciência

---

compartilhada também pelos jovens, como o líder estudantil na Reforma Universitária de Córdoba, Julio V. González. Em 1923, em suas reflexões sobre o movimento reformista, González fala sobre a simbologia de esperança aberta pela Revolução Russa para aqueles que preconizavam ideologias de transformação social, notadamente, pelo ceticismo civilizacional decorrente da Guerra. Como trabalhamos anteriormente, Cf. p.85.

[167] Os movimentos de Independência do século XIX, todos passando pelas efemérides de centenário naqueles anos, também ganham outra leitura à luz do entusiasmo revolucionário dos latino-americanos. Enquanto Mariátegui compara a "emoção revolucionária", *viva* e *extensa* entre as juventudes da América espanhola de sua época àquela que "concertó a la generación de la Independencia", Julio Antonio Mella fala em uma nova guerra de independência. Guerra que exigia seus próprios mártires e batalhas, e se realizaria contra o imperialismo. MARIÁTEGUI, José Carlos. Un Congreso de escritores hispano-americanos [*Mundial*: Lima, 19/01/1925]. In: *José Carlos Mariátegui*. Tomo XII. Temas de Nuestra América. Lima: Biblioteca Amauta, 1975, p.21; MELLA, Julio Antonio. La solidariedad estudantil contra el tirano [*Venezuela Libre,* Havana, 01/05/1925]. In: *Escritos revolucionarios*. México-DF: Siglo XXI, 1978, p.74.

[168] MELLA, Julio Antonio. Cuba: un Pueblo que jamás ha sido libre (Federación de Torcedores, abril de 1925(?)). In: 1978, p.71.

[169] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. La realidad de América Latina no es la realidad de Europa (09/02/1927). In: *Por la emancipación de América Latina* - artículos, mensajes, discursos (1923-1927). Buenos Aires: M. Gleizer, 1927, p.204.

nacional": "Existe en América un despertar de la conciencia nacional revolucionaria que se manifiesta por una lucha más aguda contra el imperialismo."[170]

A partir daí, o consenso revolucionário se desmancha no ar, o que abre uma riqueza de proposições anti-imperialistas compreendidas como revolucionárias. As definições do que seria revolucionário, poderiam (ou não) compreender a insurgência e a tomada violenta do poder à política partidária-eleitoral; do Estado nacional forte ao fim do Estado; do protagonismo de uma classe social à vontade de congregação pluriclassista; para a derrubada do capitalismo ou para vencer mais uma de suas "etapas". Multiplicidades que derivam em confrontos e são mais bem compreendidas quando vistas da perspectiva da prática política, pois defendê-las implica em filiar-se a projetos.

O horizonte mais ou menos compartilhado de derrotar o imperialismo, emancipar povos do julgo da necessidade e transformar radicalmente a realidade social são agendas que situam nos sujeitos à esquerda do espectro político e autorreferidos como "revolucionários". Mas nem sempre se traduzem em projetos políticos comuns ou harmônicos. Não se trata de apontar para dissonâncias que caracterizariam um exercício deficitário da política pelos latino-americanos, deste ou de outros períodos; já que a ausência de dissenso ideológico é *apenas* uma utopia totalitária; mas de compreender as dinâmicas das redes anti-imperialistas em suas complexidades.

Disputas pelo legado revolucionário em termos anti-imperialistas: herdeiros e seus usos não pre(e)scritos

A revolução, seus significados e potencialidades, de solução consensual ao problema do imperialismo na América Latina, vão se constituindo como um dos principais campos de disputa da intelectualidade. Em 1928, ao confrontar os apristas com a obra *¿Que es el ARPA?*, Julio Antonio Mella demonstra todo seu alinhamento com as diretrizes políticas cominternistas. Entre os "erros ideológicos" da APRA que se propõe a contestar, Mella destaca, no primeiro parágrafo, vários tópicos relacionados ao tema da revolução. Desde acusar os apristas de atacar a Revolução Russa, aos comunistas e aos "obreros

[170] MELLA, Julio Antonio. Resolución sobre la América Latina del Congreso Antiimperialista de Bruselas [*El Machete*, México, abril/1927]. In: *Selección de textos* - Como un leño en un incendio. Panamá: Ruth Casa Editorial, 2008. A versão sobre as últimas palavras que Mella teria dito à Tina Modotti quando foi baleado na esquina da avenida Abraham González com a rua Morelos (na Cidade do México), que servem de epígrafe a este capítulo, foi conhecida à época. Cf. ROA, Raúl. Julio Antonio Mella. *Bohemia*. Havana, 17 de septiembre de 1933.

verdaderamente revolucionarios"; a questionar a legitimidade de um "grupito de estudiantes" de se arrogarem como sucessores e únicos intérpretes de Marx e Lenin na América Latina.

Para o cubano, o grupo capiteneado por Haya de la Torre tinha como "verdadeira base" social seu "ódio ao proletariado [verdadeiramente] revolucionário"[171]. Essa distinção é feita por Mella a partir dos pressupostos estabelecidos pela III Internacional, neste momento já rompida com os nacionalistas chineses e comprometida com a estratégia de "classe contra classe" em detrimento da "frente ampla" policlassista. Tática que prescrevia a hegemonia do movimento revolucionário como pertencente apenas ao proletariado.[172] Nesse sentido, a APRA, que não pactuava com esses princípios, não passava de uma organização antirrevolucionária e divisionista e que, sobretudo, não poderia reivindicar a filiação ao marxismo ou ao leninismo.

Mella também não é indiferente à crítica constante por parte dos apristas de que, na "realidade" latino-americana, o comunismo era uma doutrina importada e inadequada. Primeiramente, Mella argumenta pela invariabilidade dos aspectos gerais do capitalismo como fenômeno mundial e, em qualquer lugar, regidos pelos mesmos princípios: o papel das classes e o processo de desenvolvimento do imperialismo, por exemplo. Visto que, como afirma Mella, a América se submetia às regras universais do fenômeno, "puesto que la sociedad imperialista es también universal"[173] estava na mesma lógica das forças produtivas da Ásia e Europa. Ainda assim, no texto *El triunfo revolucionario de la diplomacia roja*, de dezembro de 1927, Mella, criticando a "gritaria infantil" dos movimentos que se diziam autônomos (sem dúvida endereçada à APRA) defende o comunismo cominternista também como uma "adaptação" inteligente e necessária:

> Una inteligente adaptación se verifica siempre, a pesar de los gritos infantiles de los que nos hablan de "movimientos autónomos", sin probarnos que son total y verdaderamente autónomos ante las influencias extranjeras imperialistas. La Tercera Internacional y la

---

171 MELLA, Julio Antonio. *¿Que es el ARPA?* La lucha revolucionaria contra el imperialismo (El primer documento político sobre el aprismo). Lima: Minerva, 1975 (1ªed. 1928), p.9.

172 Como nos explica José Aricó, a Internacional iria mudar novamente a estratégia em 1935, no contexto de perseguição aos comunistas alemães e a ascensão do nazi-fascismo: "Luego de la profunda crisis provocada en el interior del movimiento comunista por el triunfo del nazismo y el aplastamiento físico del partido comunista en Alemania, la Comintern abandona la línea política establecida en el VI Congreso Mundial (1928) y que se caracterizaba por una visión catastrofista del futuro inmediato de la sociedad capitalista. La consigna de 'clase contra clase' allí impuesta, que concluía en la individualización de las corrientes socialistas y socialdemócratas de la clase obrera y de los movimientos nacionalistas revolucionarios y reformistas de los países dependientes y coloniales como los enemigos fundamentales del proletariado, es sustituida por otra de signo contrario que alentaba la formación de amplios frentes de la lucha contra el fascismo y el imperialismo (esto último por lo menos en el período que va de 1935 a 1939)." ARICÓ, José. Introducción. In: ARICÓ, José (org.). *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*. México-DF: Siglo XXI, 1980 (1ªed. 1978), p.XXVIII.

173 MELLA, Julio Antonio. *¿Que es el ARPA?* La lucha revolucionaria contra el imperialismo (El primer documento político sobre el aprismo). Lima: Minerva, 1975 (1ªed. 1928), p.21.

> URSS tienen para la América Latina un doble significado. Primero: son la vanguardia y el baluarte del movimiento socialista. Segundo: son el pivote de todo movimiento de emancipación nacional que sea sincero. La teoría leninista sobre el imperialismo es de aplicación universal, no regional como algunos "revisionistas" pretenden probar simplistamente.[174]

O ponto que queremos destacar, além da disputa pela categoria de revolucionário, não é, de forma alguma, a autenticidade de uns ou a originalidade de outros, mas a força dessa matriz epistemológica que se orienta pelos pressupostos de originalidade/cópia. Para os nossos agentes, tais pressupostos constituem um repertório que parece pretender a (des)autorização da ação política e servem para atribuir valor a elas. Um dispositivo de funcionamento tão eficaz que demanda uma resposta de Mella e que o leva tanto a defender a adequação de sua ideologia pois universal, quanto a adaptabilidade inteligente à realidade. Ainda que não sejam do mesmo texto, referem-se ao mesmo período da carreira político-intelectual do cubano, após ter se tornado uma liderança importante nas fileiras do PCM, e ambos têm como objetivo opor-se ao aprismo.

Por fim, Mella recorre à noção do próprio comunismo como identidade revolucionária por excelência. O que, para ele, era provado pela tanto pelo fato de que a revolução havia sido feita pelos bolcheviques, quanto pelo ataque dos reacionários que, a todos os movimentos revolucionários chamavam por "comunistas". Conforme Mella: "Pero lo cierto es que TODO EL MOVIMIENTO REVOLUCIONARIO, SI LO ES DE VERAS, NO IMPORTA SU BASE, ES CALIFICADO DE "COMUNISTA". ¿Porqué es esto? Porque los comunistas son por excelencia los revolucionarios del momento."[175] Como destaca Marco Aurélio Garcia, a vitória bolchevique na revolução de 1917 e o sucesso de sua implantação, que com o passar dos anos se mostrou definitiva, sedimentou esta noção que transparece no texto de Mella, da prerrogativa comunista (mais precisamente cominternista) sobre a revolução:

> Mas, se a hegemonia bolchevista na revolução russa havia recebido a sanção da história, a "prática-critério-da-verdade" anteriormente referida, o papel da Comintern e de suas secções na luta revolucionária era uma construção teórico-política fundada na leitura que faziam da revolução russa seus vencedores. Com isso se eliminavam não só as versões dos

---

[174] MELLA, Julio Antonio. El triunfo revolucionario de la diplomacia roja (*El Machete*. México, dez./1927). In: *Escritos revolucionarios*. México-DF: Siglo XXI, 1978, p.168.

[175] MELLA, Julio Antonio. *¿Que es el ARPA?* La lucha revolucionaria contra el imperialismo (El primer documento político sobre el aprismo). Lima: Minerva, 1975 (1ªed. 1928), p.42.

> que acabaram vencidos no interior das forças revolucionárias, como se atribuía uma univocidade à interpretação dominante, que já em 1923 ficava evidente não existir.[176]

O hegemonismo comunista da revolução, expresso por exemplo na noção de "fellow travelers" que atribuíam aos revolucionaristas não comunistas, tem sua conformação mais bem-acabada na constituição da III Internacional que, mimetizando a estrutura do Partido Bolchevique russo buscou alinhar sob sua égide a "revolução mundial".[177]

Haya de la Torre, principal ideólogo e liderança do movimento aprista, que se converteria em partido político em 1930, compartilhava com os comunistas o fervor revolucionário e seus dois pressupostos importantes, a questão da tomada do poder e da transformação radical. A primeira, como argumenta Martín Bergel, nos anos iniciais do aprismo era, a semelhança dos comunistas, insurrecional, malgrado as tentativas malsucedidas do movimento peruano.[178] E a segunda, na conjuntura dos anos de 1920, era sintetizada pela superação da iniquidade social e o enfrentamento do imperialismo, considerados relacionados.

Enquanto entre os comunistas e socialistas, a defesa do nacionalismo se apresentava como um problema sensível, não totalmente negado e passível de qualificação. Entre os apristas foi sendo, de forma cada vez mais explícita, tomado como ponto nevrálgico de toda a sua plataforma política. Também aqui, qualificado como "revolucionário" e ainda como latino-americanista, mas apropriado como sua característica mais fundamental. Esse ponto, que por si só podemos aventar como em direto confronto com as formulações comunistas, é mais bem apreendido quando analisamos os projetos políticos de Haya de la Torre e seus companheiros de militância.

O nacionalismo anti-imperialista entra na disputa pelo legado marxista-leninista e pela revolução. Essa relação é o que pretende Haya nas várias comparações que estabelece entre a

---

[176] GARCIA, Marco Aurelio. BRESCIANI, Maria Stella; BORGES, Vavy Pacheco (org.). *Revista Brasileira de História*, Dossiê Reforma e Revolução, Vol.10, nº20, 1990, p.33-34.

[177] A complexa estrutura burocrática da Internacional é apresentada por Caballero em um organograma e e listadas pelos autores russos Lazar Jeifets e seu filho Víctor, com nomes, função e duração de seus órgãos dirigentes, auxiliares, secretariados, secções gerais e os *burós* e congressos especificamente na América Latina. Cf. CABALERO, p.16. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. La Internacional comunista y América Latina, 1919-1943: *Diccionario biográfico*. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p.813-816. As obras dos Jeifets sobre a atuação da Internacional na América Latina contou com a pesquisa nos arquivo RGASPI (Arquivo Estatal de História Social e Política), que contém os documentos sobre o aparato da organização, o que só foi possível a partir de 1992, com o fim da URSS.

[178] BERGEL, Martin. La desmesura revolucionaria. Prácticas intelectuales y cultura del heroísmo en los orígenes del aprismo peruano (1923-1931). *L'idée de Révolution en Amérique latine du 19e au 2e siècle* - Dossier, Paris: jan/2007.

APRA e o Kuomintang. Para o peruano, o movimento chinês era um exemplo realista do caminho que queriam trilhar com a APRA, longe das "imitações da Europa", de construir um organismo revolucionário de massas e continental. Desenvolvido a partir do descobrimento da própria realidade, verdadeiro sentido marxista de revolução, como Haya argumenta baseando-se em Friedrich Engels. Como escreve Haya, no início de 1927:

> Los tanteos que hasta hoy estamos presenciando - a pesar del magnífico impulso de la nueva generación revolucionaria desde 1923 - necesitan al fin una acción definida de encauzamiento y de realismo sincero. El revolucionarismo que quiere hacer en América exactamente lo que se hace en Europa, es traidor del más elemental principio socialista y marxista que impone "no inventar" sino "descubrir la realidad", como precisa claramente Engels en el "Anti-During". Nuestros revolucionarios no han hecho hasta hoy sino tratar de "inventar un ambiente europeo en la realidade americana" que jamás descubrieron.[179]

A partir deste fundamento, os apristas vão compondo suas concepções sobre ação revolucionária, destoante dos comunistas em vários pontos. Primeiro, da composição das revolucionárias. Enquanto o Comintern caminha para defesa intransigente da estratégia de classe-contra-classe e do revolucionarismo do proletariado, Haya insiste no caráter pluriclassista da revolução e, crescentemente, no protagonismo das classes médias. Para tanto, seu principal argumento é a característica multiclassista das forças imperialistas que, se tinham aliados entre os grandes capitalistas e latifundiários nacionais, o faziam a expensas da exploração tanto dos "trabalhadores manuais" urbanos e rurais quanto dos pequenos produtores nacionais e "trabalhadores intelectuais".

Haya faz uma leitura do imperialismo que tanto se filia ao leninismo quanto ao mesmo tempo o "reforma". Amparado por sua defesa de um programa político que fosse, no seu entender, autóctone e nacional, defende que o imperialismo era a fase mais avançada do capitalismo, como em Lenin, mas só representava a "última" onde "já" estava desenvolvido. O que não era o caso da América Latina, para Haya, ainda "feudal". O problema essencial na Indoamérica era manter os avanços possibilitados economicamente pelo capitalismo, mas libertá-la do opressão imperialista, como elabora Haya: "la necesidad de emanciparlos [povos indoamericanos] de ese yugo [imperialismo extranjero] sin comprometer su evolución ni retardar su progreso."[180] Esta era para Haya a tarefa daquilo que ele chama de Estado Anti-imperialista.

---

[179] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. La realidad de América Latina no es la realidad de Europa. Hacia el gran frente único revolucionario y popular de América (Oxford, 09/02/1927; *Mañana*, Havana). Por la emancipación, p.198. Texto escrito em fevereiro de 1927, a duas semanas do Congresso de Bruxelas, e dois meses antes do Massacre de Xangai e da ruptura do Kuomintang com os soviéticos.

[180] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Nota preliminar a la 1ª edición (Incahuasi, Peru, 25/12/1935). In: *El atiimperialismo y el APRA*. Santiago de Chile: Ercilla, 1936. Incahuasi

Importante ressaltar que essa composição se dá ao longo de alguns anos de reflexão e luta política, entre o início da APRA, em 1927 e 1936, quando da publicação de *El atiimperialismo y el APRA*, libelo de Haya de la Torre pelo Estado Anti-imperialista. O caráter evolutivo que a estratégia aprista prevê para a libertação do imperialismo, calcado em um paradigma de desenvolvimento que necessitava ser alcançado, é colocada em contraposição ao comunismo. Não se trataria, como Haya acusa os comunistas de fazer, de ter que esperar que o capitalismo se desenvolva para formar as classes e os estágios revolucionários. Mas de impor o avanço do capitalismo através do Estado Anti-imperialista que nacionalizasse os recursos produtivos e libertasse os povos da Indoamérica para que o "processo evolutivo [do capitalismo] se cumpra"[181].

A questão da forma como se daria essa revolução, de forma "revolucionaria o evolutiva"[182], revolucionário tomado aqui como insurgente, é menos importante para o líder aprista. Para Haya se tratava de compreender que não era possível destruir o capitalismo onde ele não existia. Em da meados da década de 1930, a principal linha de tomada do poder defendida pelo partido Haya era utilizar, em benefício da causa, as conquistas políticas dentro da "democracia funcional". O que em seu entendimento não comprometia sua doutrina como revolucionária, pelo contrário, pois ancorada em concretudes da etapa de desenvolvimento em que se encontrava a América Latina e, sobretudo, por ser anti-imperialista:

> Según los partidarios del marxismo quietista, habría que esperar que las etapas históricas se cumplan; que nuestros países feudales devengan capitalistas bajo el imperialismo; que se desprendan capitalitamente del coloniaje económico que aquél les impone, y luego - producida esta primera negación, dentro de nuestros propios países ya independizados y convertidos en potencias -, que se produjera la segunda negación: la revolución socialista, con su dictadura del proletariado y su marcha hacia el comunismo integral. Proceso de centurias que implicaría no luchar contra el imperialismo sino *resistirle*, sin dar contenido social y político a esa lucha como proclama el Apra. Nuestro camino es más realista, más preciso, más revolucionario y más constructivo.[183]

Relembrando Mariátegui, quando este vai subordinando o anti-imperialismo como um tópico dentro do socialismo; podemos considerar que o aprismo faz o movimento contrário. Vai condicionando o princípio socialismo e mesmo da revolução ao anti-imperialismo, que teria seu programa realizado pelo Estado capitalista. A ideia de um nacionalismo popular,

---

[181] HAYA DE LA TORRE, VÍCTOR RAUL. Ideario y acción aprista. Buenos Aires, 1930. [PDF]. A revista Atenea, da Universidad de Concepción, tinha entre seus editores o professor Enrique Molina.P.24

[182] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Teoría del Estado Anti-imperialista. América Latina y el imperialismo. Revista de Ciencias Económicas, Buenos Aires, nov./1930, p.1175.

[183] HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. El antiimperialismo y el APRA. Santiago de Chile: Ercilla, 1936, p.128, grifo no original.

centrado em um estado forte que fosse fiador do desenvolvimento capitalista fez parte do repertório da cultura política latino-americana de forma proeminente nas décadas que se seguiram.[184] Ainda que com um espectro ideológico bem mais amplo. Todavia, no período em que se sistematizada para o aprismo, a partir de 1928, é constituída como uma saída revolucionária, *em termos*, da opressão imperialista.

Não nos cabe equacionar essa questão e responder se as saídas propostas por uns e por outros são *de fato* revolucionárias ou sequer convergentes com as teorias sobre a revolução. Mas sim, perceber esses usos, "analisá-los distingui-los, sem esquecer que podem participar de diversas combinações possíveis"[185] que, para o anti-imperialismo latino-americano da década de 1920, entre nação e revolução converge para o reforço mútuo de suas duas proposições iniciais: anti-imperialista e latino-americano.

---

[184] Referenciamos mais uma vez o trabalho de André Kaysel, que aborda as tensões e complementaridades entre o marxismo e o nacionalismo popular latino-americano. Para tanto, Kaysel lê comparativamente o aprismo peruano na década de 1920 e o trabalhismo brasileiro a partir de Vargas. KAYSEL, 2009.

[185] ANSART, 2019, p.70.

Considerações Finais - *Polifonía antiimperialista*

Começamos essa jornada com um questionamento que, embora complexo de partida, se circunscrevia na apreensão dos entendimentos de imperialismo para a intelectualidade latino-americana em um determinado período.

Como esses sujeitos desenvolveram coletivamente esse interesse? Interesse praticamente inexistente tão pouco tempo antes (*Capítulo 3: Imperialismo com aspas*). Tratava-se de reações a questões geopolíticas, como colapso da Guerra, ao assombro causado pela Revolução Russa, ao avanço norte-americano na região? Muito provavelmente. Mas se, por princípio, respostas como essas são sempre parciais, ainda que muito importantes, para o nosso objeto de estudo elas pareciam criar um ruído que embotava outras sonoridades que complexificariam esse quadro. Nos dispomos, *pues, a oír esas voces*, como nas palavras de Benjamín Carrión que escolhemos para epigrafar esta tese. Ouvi-las – o que em nenhuma hipótese pode ser entendido como *deixá-las falar*, implicou em prestar atenção aos sons mais baixos, distinguir graves e agudos, silêncios e (tentativas de) silenciamentos, disputas por ser o primeiro instrumentista, frequências inauditas.

Saindo do campo da metáfora, percebemos que uma contribuição efetiva ao campo dos estudos sobre o anti-imperialismo demandaria uma abordagem multifacetada, que desenvolvemos nas Partes que compõem esta tese. Elas estão sequenciadas, exigência das narrativas escritas, mas foram pensadas como argumentos e análises que se transpassam e reciprocamente se fundamentam. A viragem na história do capitalismo, para sua configuração monopolista e financeira, e sua contraparte política, o imperialismo, precisavam ser estudadas. Não apenas porque compõem as "séries geológicas descentradas", palavras de Óscar Terán, sobre as quais se fundam seu contradiscurso anti-imperialista. Mas também por sua assombrosa atualidade, que nos permite refletir sobre as (in)adequações das compreensões anti-imperialistas no decorrer do século XX, guardadas suas proporções e historicidades.

Consideramos também o lugar da escrita social latino-americana, em relação a si própria e seu objeto de intervenção, a América Latina, e em suas manifestações dialógicas e tensas de longa data com os Estados Unidos. Dois elementos que não se sobrepõem ao anti-imperialismo no século XX, mas que são nele apreensíveis. Podemos agora formular a

questão de fundo que guiou tais reflexões: é possível inscrever os escritos anti-imperialistas da década de 1920 como partícipes desta tradição de escritos sociológicos latino-americana?

Num segundo momento, analisamos as fontes investigando ideologias e ideólogos. Parecia claro que era muito enriquecedor para a pesquisa a perspectiva oferecida pela metodologia das *redes intelectuais*. Observar e perseguir a formação das redes e seu aspecto relacional indicava dinâmicas importantes, como a agência de indivíduos e grupos, o engajamento, a militância, a construção conjunta de propostas e contrapropostas, de ação política, que criou uma diversidade de entendimentos e projetos no âmbito do anti-imperialismo. Isso sem deixar de atentar para as condições de possibilidade próprias do período histórico e das conjunturas políticas mais imediatas, que colocavam desafios, interdições e pontos cegos aos agentes, atuantes como sujeitos históricos e não como entidades abstratas que pairam no vácuo.

Tínhamos, entretanto, a percepção de que havia uma dimensão ainda pouco visível no nosso estudo e que apontava a possibilidade de compreender estas engrenagens em funcionamento. Não nos pareceu suficiente utilizar a noção de redes e indiretamente indicar suas movimentações. Assim foi pensada a parte *Maestros e concertistas: política, sociabilidade e redes intelectuais*, segunda do fio narrativo, mas a última a constituir um eixo de reflexão. Alcançamos alguns dos *comos* e *porquês* da história, antes tão herméticos, que lançaram luz não apenas sobre as agências, mas também sobre as sujeições nas práticas políticas que nos propomos a compreender. São redes (desejadas) e enredamentos (nem sempre) que envolviam formas de *ser* e *estar* no mundo flagrantemente políticas, mas que nos pareciam pouco evidenciadas. Ser ou não ser jovem, ser ou não ser moderno, dicotomias que na prática política anti-imperialista pareciam se traduzir em ambivalências e ambiguidades.

Outros *arranjos*

Sei que assim falando pensas
Que esse desespero é moda em ‘76
Mas ando mesmo descontente
Desesperadamente, eu grito em português

A palo seco, Belchior, 1974

No início do texto, refletimos sobre como o processo de pesquisa nos havia apontado para a necessidade de ajustar o foco das discussões propriamente identitárias para aquelas sobre o anti-imperialismo. Ao final deste percurso, entendemos esta questão de outra forma. É notável como uma palavra, que pouco era utilizada enquanto conceito, como *imperialismo* aparecia no início do século XX, se conforma com uma antítese com uma força política tão apaixonada em apenas duas décadas, como o *anti-imperialismo*. Essa força forja uma identidade que não se dá de forma central pela discussão de uma nomenclatura, mas de política, de inserção no capitalismo global, de lutas e resistências.

Entendemos o anti-imperialismo e latino-americanismo como *culturas políticas*[1], como expressões do sistema político socialmente partilhados e aceitos, que se constroem não apenas em relação, mas que se informam e se reforçam mutuamente. Isso ocorre de tal forma que nos leva a refletir sobre a presença do anti-imperialismo e do latino-americanismo no Brasil. Entendida como uma cultura política, poderia ser esta uma chave para compreensão sobre como, no Brasil, ambas parecem tão menos intensas. Fazemos essa afirmação com base em um elemento importante do próprio processo de pesquisa: não foi propriamente uma escolha não abordar com mais ênfase os brasileiros em relação às redes anti-imperialistas da América Latina. Com efeito, não podemos apreender a existência destas conexões com força o suficiente para aparecer nas comunicações entre os sujeitos das redes. As menções incidentais trabalhadas no texto tiveram exatamente a função de demonstrar como, nas poucas vezes em que aparecem, são inclusive tangenciais, alheias ao tema geral. Como quando os amigos brasileiros de Santos Chocano, todos vinculados à Academia Brasileira de Letras, apoiam sua soltura, mas não se inserem no contexto do debate de fundo sobre imperialismo e tirania. Mesmo esta correlação não foi fácil de encontrar durante a pesquisa por ser muito superficial e, no caso do anti-imperialismo, até onde pudemos perceber, inexistente. Investigar estas ausências poderia trazer resultados interessantes, mas seria objeto para outra pesquisa.

A constituição do latino-americanismo de matriz anti-imperialista deixa para trás o imperialismo francês que originou a locução América Latina e ainda aponta para a

[1] É preciso ponderar, e nesta reflexão agradecemos especialmente ao professor José Alves Neto, que não abarcamos ou pretendíamos abarcar todos os modos de pensar e agir social no continente neste período. Nossos objetos de estudo, *grosso modo*, a intelectualidade branca, com matriz de pensamento ocidentalizada e europeizada, são marcados socialmente por este pertencimento que, de forma alguma, deve ser tido como o padrão de pensamento. Consideramos que, o homem branco - o *universal* no Iluminismo-, perfaz apenas um tipo de identidade social possível. Assim, nossa escolha de objeto de análise, justificada e trabalhada no decorrer de toda a tese, não representa que este repertório seja considerado como único/mais importante das formas de ação e luta social latino-americana. Sobre o conceito de cultura política Cf. *Introdução*.

obsolescência de *Hispanoamérica*. Os elementos trazidos e trabalhados pelos anti-imperialistas latino-americanos na década de 1920 não respondem a toda a compreensão de América Latina, perpassada por outras diacronias. Mas, e essa é principal hipótese que orientou nosso trabalho, figuram como um repertório persistente na história política do continente. As recorrências do anti-imperialismo no decorrer do século XX podem ser percebidas em pelo menos em dois eixos. São vivenciadas, com diversas nuances, em práticas e suportes vários, em iconografias e literaturas, ideários políticos, visões sobre o Estado e repertórios revolucionários por exemplo. E, em paralelo, o anti-imperialismo é reposto por um pertencimento compulsório que responde à geopolítica do *mundo imperial.* No qual a América Latina é compreendida como partícipe da dinâmica internacionalizada, desigual, e para alguns, imperialista.

Trata-se de um pertencimento ansiado, negado ou simplesmente existente que quase não nos deixar notar o irônico paradoxo, imprevisto pelo seu autor Víctor Raúl Haya de la Torre, da sentença: "América Latina no tiene por desgracia un nombre."

Referências

FONTES

Acervos e Bibliotecas Virtuais

América - Grupo/Revista, Quito, Equador http://corporaciongrupoamerica.com/

AMÉRICALEE - Revistas latino-americanas CeDInCI - http://americalee.cedinci.org/

Anáforas - Universidad de la República Uruguay - Udelar http://anaforas.fic.edu.uy/jspui/

Archivo IIAC - Universidad Nacional de Tres de Febrero, Argentina: http://archivoiiac.untref.edu.ar/

Biblioteca Nacional de España http://www.bne.es

Biblioteca Nacional do Brasil - Digital http://bndigital.bn.gov.br/

Biblioteca Nacional Mariano Moreno, Argentina https://catalogo.bn.gov.ar/

Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes http://www.cervantesvirtual.com/

Cátedra Alfonso Reys: https://catedrareyes.org

Cátedra José Carlos Mariátegui: https://www.catedramariategui.com/

CeDInCI - Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas http://cedinci.org/

Chronicling America - National Digital Newspaper Program: https://chroniclingamerica.loc.gov/

CLACSO - Biblioteca Ayacucho https://www.clacso.org.ar/biblioteca_ayacucho/

Claridad (revista) - Archivo Universidad de Chile https://claridad.uchile.cl/

Constituición Web: http://constitucionweb.blogspot.com/

Culturas Interiores - Córdoba, Argentina http://culturasinteriores.ffyh.unc.edu.ar/inicio.jsp

Digital Library of the Caribbean http://www.dloc.com/

EcuRed: Enciclopedia cubana https://www.ecured.cu/

Editorial Electrónica Cubaliteraria http://www.cubaliteraria.cu/

El Libertador - 1925-1929. Edición facsimilar digital http://ru.ffyl.unam.mx/handle/10391/914

ELEM - Enciclopedia de la literatura en México http://www.elem.mx/

Filosofía en español: http://www.filosofia.org/

Founders Online - National Historical Publications and Records Commission https://founders.archives.gov/

Fundación Pablo Iglesias: http://archivo.fpabloiglesias.es/index.php

Gallica - Bibliothèque Nationale de France https://gallica.bnf.fr/

Gerações hispânicas http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/ghispanicas/

GREDOS, Salamanca - Espanha http://hdl.handle.net/10366/21425

IAI - Ibero-Amerikanisches Institut, Belim https://digital.iai.spk-berlin.de

Internet Archive https://archive.org/

Internet Encyclopeida of Philosophy https://www.iep.utm.edu/

José Carlos Mariátegui - Archivo: http://archivo.mariategui.org/

League against Imperialism Archives. International Institute of Social History, Amsterdam: https://search.iisg.amsterdam/Record/ARCH00804

Llave de Trejo - Reforma Universitaria: https://llavedetrejo.com/

Mercvrio Pervano [Mercurio Peruano]: https://revistas.udep.edu.pe/mercurioperuano/index

Museo Casa de La Reforma Universitaria - Universidad Nacional de Córdoba: http://www.reformadel18.unc.edu.ar/

ONU - Reports of International Arbitral: http://legal.un.org/riaa/

Peru Libertário https://perulibertario.wordpress.com/archivo-fotografico/

Portal de Revistas - Universidad Nacional de Córdoba: https://revistas.unc.edu.ar/

Portal de Revistas Académicas de la Universidad de Chile: https://revistas.uchile.cl/

Real Academia Española: https://dle.rae.es

Rebelde - Archivo: https://archivorebelde.org/

Revistas Culturales 2.0 - Universität Tübingen, Deutschland https://www.revistas-culturales.de/de

Scriptorium, Biblioteca Electrónica, Universidad Nacional de Costa Rica https://www.repositorio.una.ac.cr/

Stanford Encyclopedia of Philosophy https://plato.stanford.edu/

UNAM - Repositorio de la Facultad de Filosofía y Letras: http://ru.ffyl.unam.mx/

UNIA - Universidad Internacional de Andalucía, *Repositorio Abierto*: https://dspace.unia.es/

UP - Universidad Popular - Guatemala: http://upguatemala.org/

Periódicos: consultados no original

Amauta. Lima, Peru (1926-1930)

América. Quito, Equador (1927-atual)

Bohemia. Havana, Cuba (1908-atual)

Caras y Caretas. Buenos Aires, Argentina (1898-1941)

Carteles. Havana, Cuba (1919-1960)

Claridad. Santiago, Chile (1920-1926; 1931-1932)

Claridad. Lima, Peru (1923-1924)

Correio do Paraná. Curitiba, Brasil (1932-1966)

Cuba Contemporánea. Havana, Cuba (1913-1927)

El Estudiante. Salamanca, Espanha (1925-1926)

El Liberal. Madri, Espanha (1879-1939)

El Libertador, México-DF (1925-1929)

El País. Buenos Aires, Argentina (?)

El Tiempo. Bogotá, Colômbia (1911-atual)

Europe. Paris, França (1923-atual)

Evolución. Montevideo, Uruguai (1905-1917)

Flecha. Córdova, Argentina (1935-1936)

Germinal. San José, Costa Rica (1910-1912)

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, Brasil (1891-atual)

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, Brasil (1827-2016)

La Correspondencia de Puerto Rico. San Juan, Porto Rico (1890-1943)

La Época. Madri, Espanha (1849-1936)

La Gaceta Universitaria. Córdova, Argentina (1918-1919)

La Libertad. Madri, Espanha (1919-1939)

La Literatura Argentina. Buenos Aires (1928-1936)

La Rábida. Huelva, Espanha (1911-1933)

Listin Diario. Santo Domingo, República Dominicana (1889-atual)

Mercurio Peruano. Lima, Peru (1918-1978)

Mundial. Paris, França (1911-1914)

New York Daily Tribune. Nova York, EUA (1841-1966)

Nosotros. Buenos Aires, Argentina (1907-1943)

Nuestro Tiempo. Madrid, Espanha (1901-1926)

Renovación. Buenos Aires, Argentina (1923-1930)

Repertorio Americano. San José, Costa Rica (1918-1958)

Revista de Ciencias Económicas. Córdova, Argentina (1912-?)

Revista de la Universidad Nacional de Córdoba. Córdova, Argentina (1914-?)

Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Artes. Madri, Espanha (1924-1936)

The Modern Review. Calcutá, Índia (1907-1995)

Unión Ibero-americana. Madri, Espanha (1890-1926)

Obras e Coletâneas

ALTAMIRA, Rafael. *Los elementos de la civilización y del carácter españoles*. Buenos Aires: Losada, 1950.

ALVAREZ. Universidad de Córdoba [Caricatura]. *Caras y caretas,* Buenos Aires: nº1019, 13/04/1918.

ARAQUISTAIN, Luis. *La agonia antillana*. El imperialismo yanui en el mar Caribe. Impresiones de un viaje a Puerto Rico, Santo Domingo, Haití y Cuba. Madrid: Espasa-Calpe, 1928.

ARAQUISTAIN, Luis. Un Congreso de Escritores. Cultura Hispánica. *El Sol*, Madri, Espanha, 21/11/1924.

ARGUEDAS, Alcides. *Pueblo enfermo*: contribución a la psicología de los pueblos hispanoamericanos. Santiago de Chile: Ed. Ercilla, 1937 (1ªed. 1909).

ARROYO, César E. Las Bodas de Plata de Manuel Ugarte. *Repertório Americano.* San José de Costa Rica, 04/01/1930.

ARROYO, César E. *Série Cuadernos*. SALAZAR, Gustavo (org.). Madrid: A Pie de Pagina, 2009.

ASOCIACIÓN DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS E INTELECTUALES DE COSTA RICA. Mensaje y Proclama. *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 04/08/1924.

BENJAMIN, Franklin. To Sarah Bache [26/01/1784]. In: *Founders Online.* Washington-DC: National Archives, September 29, 2019.

BIANCO, José. Universidad nacional de Córdoba. Concepto y significado de la reforma; Antecedentes ilustrativos; Crisis universitaria argentina. *Revista de Ciencias Económicas*. Córdova, Argentina, mai./1918

BLANCO-FOMBONA, Rufino. *Ensayos historicos*. RAMON CASTELLANOS, Rafael (org.) Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1981.

BLANCO-FOMBONA, Rufino. La América de origen inglés contra la América de origen español (1924) In: H*ombres y libros*. Biblioteca Ayacucho: Caracas, 2004.

BLANCO-FOMBONA, Rufino. Prólogo. In: PEREYRA, Carlos. *El Crimen de Woodrow Wilson*. Juan Pueyo: Madrid, 1917.

BOLÍVAR, Simón. 30 de maio de 1825, Arequipa (Peru). In: *Obras completas*. Tomo II. Caracas: Piñango, 1978.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina* – males de origem. 4ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005 (1ªed. 1905).

BRANDAN CARAFFA, Carlos. Encuesta. *Flecha*. Córdoba, Argentina, 15/06/1936

BRANTE SCHWEIDE, Iso. Carta a Manuel Ugarte [Berlim, 19/03/1927]. In: UGARTE, Manuel. *Epistolario (1896-1951)*. SWIDERSKI, Graciela (org.). Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1999.

BRANTE SCHWEIDE, Iso. Nuevamente con Manuel Ugarte. *Revista de la Universidad de México*. México-DF, nº47, novembro de 1950.

BULNES, Francisco. *El porvenir de las naciones hispano-americanas* - Ante las conquistas recientes de europa y los Estados Unidos. México: Mariano Nava, 1899.

BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América* - Ensayo de Psicologia social. Buenos Aires: Casa Vaccaro, 1918 (1ªed.1903).

CARRION, Benjamin. *Los creadores de la Nueva América*. José Vasconcelos, Manuel Ugarte, F. Garcia Calderon, Alcides Arguedas. Madrid: Sociedad General Española de Libreria, 1928.

CLARIDAD. Página de la Universidad Popular González Prada. *Claridad*, Organo de la juventud libre del Perú. Lima, maio de 1923.

COMMUNIST INTERNATIONAL. Immediate Tasks of Communists - Latin America. In: *Revolutionary movement in the colonies*. Thesis adopted by the Sixth World Congress of the Communist International. Moscow, July-August, 1928.

CORNEJO KOSTER, Enrique. Crónica del movimiento estudiantil peruano [1926]. In: MAZO, Gabriel del (org.). *La Reforma Universitaria* - Tomo II: Propagación americana (1918-1940). La Plata: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1941.

CORREIO DA MANHA. Centro Oswald Spengler. *Correio da Manha*. Rio de Janeiro: RJ, 25 de junho de 1933

COSSIO DEL POMAR, Felipe. *Biografía y Gráficos de Haya de la Torre*. Lima: Editorial APRA, 1931.

COX, Carlos Manuel. Revolución y Peruanidad - Discurso pronunciado en la Universidad de Arequipa. *Amauta*. Lima, abr./1927.

CRONISTAS PARLAMENTARIOS [Pedro Colombo, Manuel López Weigel *et al.*]. *El Diputado Palacios; su separación del Partido Socialista*. Buenos Aires (?), 1915.

CUNEO, Dardo (org.). *La Reforma Universitária* (1918-1930). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.

D'ASCOLI, Carlos. Carta de Carlos A. D'Ascoli a Manuel Ugarte. Situación interna de la Asociación General de Estudiantes Latinoamericanos (A.G.E.L.A.). Problemas con el stalinismo. Comentarios políticos [3 de setiembre de 1931]. In: UGARTE, Manuel. *Epistolario (1896-1951)*. SWIDERSKI, Graciela (org.). Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1999.

DARÍO, Rubén. Edgar Allan Poe - Fragmento de un estudio. In: *Los Raros*. Barcelona: Maucci, 1905 (1ªed.1896).

DARÍO, Rubén. El triunfo de Calibán (*El Tiempo*, Buenos Aires, 1898). In: JAUREGUI, Carlos (ed.). In: *Revista Iberoamericana*. Vol.LXIV, nº184-185, 1998.

DARÍO, Rubén. Manuel Ugarte - Cabezas. *Mundial*, Paris, Vol. II, nº10, 1912.

DEAMBROSIS MARTINS, Carlos. Carta a Vasconcelos después de las elecciones mejicanas (Paris, 10/11/1929). *Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Arte*, Madri, nov./1929.

DEAMBROSIS MARTINS, Carlos. Manuel Ugarte y José Vasconcelos. A propósito de una Carta abierta. *Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Arte*, Madri, jul./1929.

DEHEZA, Julio. [Carta] Ao Senhor Ministro de Justicia e Instrucción Pública del a Nación, 03/04/1918. Crónica Universitaria - Documentos oficiales relativos a la intervención de la Universidad. *Revista de la Universidad Nacional de Córdoba,* Argentina, abr./1918.

DISRAELI, Benjamin. Conservative and liberal principles. In: KEBBEL, TE (org.). *Elected Speeches of the Late Right Honourable Earl of Beaconsfield*. Vol. 2. London: Longmans, Green, & Co., 1882.

DROMUNDO, Baltasar. Habla el señor Dromondo - Al Sr. Dn. Leopoldo Lugones (México-DF, 05/07/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 16/10/1926.

DROMUNDO, Baltasar. La última caida de don Antonio Caso (México-DF, 28/08/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 16/10/1926.

DROMUNDO, Baltasar. Unos apuntes a la carta de Lugones (México, 27/01/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 01/03/1926.

EL LIBERAL. *El Liberal*. Madrid, año LI, nº18.416, 28/11/1929.

EL LIBERTADOR. *El Libertador*. México, jun./1927.

EL LIBERTADOR. El Peligro; Las Posibilidades; El Propósito - Aclaraciones Editoriales. El Libertador, nº1, março de 1925.

EL SOL. Idea de una Conferencia Iberoamericana - Editoriales. *El Sol*, Madrid, 11/01/1923.

EL TIEMPO. Los dictadores y los estudiantes (*El Tiempo*, Bogotá, 1927). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 13/08/1927.

ELMORE, Teodoro (filho). Carta abierta a José Santos Chocano (31/10/1925) - por Edwin Elmore. In: RODRÍGUEZ, José María. *Poetas y bufones* - Polémica Vasconcelos-Chocano: El asesinato de Edwin Elmore. Madrid: Agencia Mundial de Librería, 1926.

ELMORE, Teodoro (pai). Defensa de Arica. Documentos que manifiestan que los enemigos asaltaron la plaza sin haber obtenido dto alguno sobre dicha fortificación. Lima: El Lucero, 1902.

FABELA, Isidro. *Los Estados Unidos contra la libertad*. Estudios de Historia Diplomática Americana. Cuba, Filipinas, Panamá, Nicaragua, República Dominicana. Barcelona: Lux, (1920?).

FEDERACIÓN UNIVERSITARIA DE CÓRDOBA. La juventud argentina de Córdoba a los hombres libres de Sud América: Manifiesto de la F.U. *La Gaceta Universitaria.* Órgano de la Federación Universitaria de Córdoba. Córdoba, 21/06/1918.

FEDERACIÓN UNIVERSITARIA DE SANTA FÉ. La Federación Universitaria de Santa Fe al pueblo de república [Argentina, 1919]. In: CUNEO, Dardo (org.). *La Reforma Universitária* (1918-1930). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.

FLECHA. Encuesta. *Flecha*. Córdoba, Argentina, 15/06/1936.

GARCÍA GODOY, Federico. *Americanismo Literario*. Madrid: Sociedad Española de Librería, 1918?

GARCÍA GODOY, Federico. *La literatura americana de nuestros días* - Páginas efímeras. Madrid: Sociedad Española de Librería, 1912?.

GARCÍA SANCHIZ, Federico. Una hora con Santos Chocano. *Listin Diario*, Santo Domingo, 19/04/1927.

GAUVILLE, Louis Henri Charles. *Journal de baron de Gauville*. Député de l'ordre de la noblesse au États généraux depuis le 4 mars, 1789 jusqu'au 1 juillet, 1790. Paris: Gay, 1864.

GHIRALDO, Alberto. *Yanquilandia bárbara*. La lucha contra el imperialismo. Madrid: Historia Nueva, 1929.

GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Politeama (1888). In: *Paginas Libres. Horas de Lucha*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976.

GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Horas de Lucha*. Buenos Aires: Américalee, 1946 [1ªed. 1908].

GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Los viejos (*Cultura*, Lima, 01/06/1915). In: *Nuevas Páginas Libres*. GONZÁLEZ PRADA, Alfredo (org.). Santiago de Chile: Ercilla, 1937.

GONZÁLEZ, Julio V. *La Revolución Universitaria 1918-1919*. Buenos Aires: Nosotros, 1922.

GONZALEZ, Julio V. *La Universidad*. Teoría y acción de la Reforma. Buenos Aires: Claridad, 1945.

GONZÁLEZ, Julio V. Significado de la Reforma Universitaria [1923]. In: CUNEO, Dardo (org.). *La Reforma Universitária* (1918-1930). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.

GROSS, Babette. *Willi Münzenberg.* Eine politische Biographie. Stuttgart: Deutsche Verlags Anstalt, 1967.

HALPERÍN DONGHI, Tulio (org.). *Proyecto y construccion de una nación* (Argentina, 1846-1880). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Aspectos del problema social en el Perú. Discurso a los estudiantes de la Universidad Popular José Martí, Havana, 09/11/1923. In: Por la emancipación de América Latina. In: *Por la emancipación de América Latina* - artículos, mensajes, discursos (1923-1927). Buenos Aires: M. Gleizer, 1927.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Carta a Ugarte [Oxford, 09/05/1927]. UGARTE, Manuel. *Epistolario* (1896-1951). SWIDERSKI, Graciela (org.). Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1999.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Carta a Ugarte [Oxford, 28/03/1927]. UGARTE, Manuel. Epistolario (1896-1951). SWIDERSKI, Graciela (org.). Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1999.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Carta a un universitario argentino [Carta a Gabriel del Mazo, Londres, junho de 1925]. In: *Por la emancipación de América Latina*. Buenos Aires: M. Gleizer, 1927.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *Cartas de Haya de la Torre a los prisioneros apristas*. COX, Carlos Manuel (org.). Lima: Nuevo dia, 1946.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. El antiimperialismo y el APRA. Santiago de Chile: Ercilla, 1936.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. El asesinato de un Pueblo - A los antiimperialistas de América Latina. *El Libertador*. México, nº7, fevereiro de 1926.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *El atiimperialismo y el APRA*. ALVA CASTRO, Luis; NÚÑEZ ROMÁN, Edgar (org.). Lima: Fondo Congreso del Perú, 2010 (1ªed.1935).

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *El atiimperialismo y el APRA*. Santiago de Chile: Ercilla, 1936.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. El problema historico de nuestra América [Conferencia dada en el Anfiteatro de la Escuela Nacional Preparatoria México. Versión de Carlos Manuel Cox]. *Amauta*, fev./1928.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Hispano-Americanismos Literarios. *El Libertador*. México, nº4, julho de 1925.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *Ideario y Acción Aprista*. Buenos Aires: Talleres Gráficos N.A. Ferrari, 1930.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. La realidad de América Latina no es la realidad de Europa [09/02/1927]. In: *Por la emancipación de América Latina* - artículos, mensajes, discursos (1923-1927). Buenos Aires: M. Gleizer, 1927.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Numéro Spécial a Romain Rolland à l'occasion de son soixantième anniversaire. *Europe*: Paris, 15/02/1926.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *Obras Escogidas*. Tomo I. Indoamérica. Lima: Instituto Víctor Raúl Haya de La Torre, 2008.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *Obras Escogidas*. Tomo II. El antiimperialismo y el APRA. Lima: Instituto Victor Raúl Haya de La Torre, 2008.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *Obras Escogidas*. Tomo III. Treinta años de aprismo. Lima: Instituto Victor Raúl Haya de La Torre, 2008.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Pensamientos de crítica, polémica y acción III. In: *Ideario y Acción Aprista*. Buenos Aires: Talleres Gráficos N.A. Ferrari, 1930.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Poniendo los puntos sobre las íes. *Repertorio Americano,* San José de Costa Rica, 22/01/1927.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *Víctor Raúl en* Excélsior. ALVA CASTRO, Luis (org.). Lima: CECOSAMI, 2001.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. What is the A.P.R.A? *The Labour Monthly* - A Magazine of International Labour. London: Vol.8, nº12, december, 1926.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *Ensayos*. ABELLÁN, José Luis; BARRENECHEA, Ana María (org.). Madrid: ALLCA XX, 1998.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *Obras completas*. Tomo V. Escritos políticos, sociológicos y filosóficos. Santo Domingo: Editora Nacional, 2004.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. Poeta y luchador [Discurso em memoria de Héctor Ripa Alberdi, Escuela Preparatoria de México, 30/11/1923]. *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 25/02/1924.

HERNÁNDEZ, Eusebio. Homicultura. [*Sanidad y Beneficencia*. Boletín Oficial de la secretaría, 1910]. *Revista Cubana de Salud Pública*, v.35 nº2, La Habana, 2009.

HERRERA, Oscar; RAVINES, Eudocio; CORNEJO KOSTER, Enrique, HEYSEN, Luis E.; SEOANE, Manuel A., ACERO, Francisco. Noticia biográfica sobre el autor. In: *Por la emancipación de América Latina* - artículos, mensajes, discursos (1923-1927). Buenos Aires: M. Gleizer, 1927.

HEYSEN, Luis E. La revolución peruana, su significado en la América Latina [*Claridad*, Buenos Aires, 11/10/1930]. *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 06/12/1930.

HUNT, Washington. *Speech* - On the Three Million Bill and the Wilmot Proviso. The House of Representatives, February 13. Printed at the Office of Blair & River, 1847.

INGENIEROS, José. *Al margen de la ciencia*. Buenos Aires: J. LAJOUANE, 1908.

INGENIEROS, José. *El hombre mediocre*: ensayo moral sobre la mediocridad humana. Buenos Aires: Rosso, 1926 (1ªed. 1913).

INGENIEROS, José. El suicidio de los bárbaros. *Caras y caretas*. Buenos Aires: nº829, 22/08/1914.

INGENIEROS, José. Imperialismo [1906]. In: *Al margen de la ciencia*. Buenos Aires: J. LAJOUANE, 1908.

INGENIEROS, José. La revolución universitaria se extiende ya por toda la América Latina [*Renovación*, marzo/1924, pseud. Raúl H. Cisneros]. In: INGENIEROS, José. *Antiimperialismo y nación*. TERÁN, Oscar (org.). México: Siglo Veintiuno, 1979.

INGENIEROS, José. *La universidad del porvenir*. Buenos Aires: Ateneo del Centro de Estudiantes de Medicina, 1920 (1ªed. 1916).

INGENIEROS, José. *Las fuerzas morales*. Anotado por Aníbal Ponce. Buenos Aires: Tor, 1955 (1ªed. 1926, póstuma).

INGENIEROS, José. *Los tiempos nuevos*. México-DF: Editora Latino Americana, 1955 (1ªed. 1921).

INGENIEROS, José. Por la Unión Latino Americana [Discurso pronunciado no banquete oferecido pels Escritores Argentinos em honra de José Vasconcelos, 11/10/1922]. *Nosotros*, Buenos Aires, Argentina, nº161, out.1922.

INGENIEROS, José. *Por la Unión Latino Americana*. Discurso pronunciado el 11 de Octubre de 1922 ofreciendo el banquete de los Escritores Argentinas en honor de José Vasconcelos. Buenos Aires: L.J. Rosso, 1922.

INGENIEROS, José. *Antimperialismo y nación*. TERÁN, Oscar (org.). México: Siglo Veintiuno, 1979.

JIMÉNEZ DE ASÚA, Luis. El crimen de Lima. Elmore y Chocano. *La Libertad*, Madri, 08/09/1926 *apud* http://www.filosofia.org/hem/192/9260908.htm

JORNAL DO COMMERCIO. Academia Brasileira - A sessão de ontem - O intercâmbio literário com a América Latina. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04/07/1919.

KATAYAMA, Sen. [1927] *apud* HATZKY, Christine. *Julio Antonio Mella* (1903-1929): una biografía. Santiago de Cuba: Oriente, 2008.

KEBBEL, T.E. Royal Titles Bill (09/03/1876). In: DISRAELI, Benjamin. *Elected Speeches of the Late Right Honourable Earl of Beaconsfield*. KEBBEL, T.E. (org.). Vol. 2. London: Longmans, Green, & Co., 1882.

LA GACETA UNIVERSITARIA. Córdova, Argentina, mai./1918.

LA MONTAÑA. *La Montaña*. Buenos Aires, nº8, 15/7/1897.

LA NOCHE. La fundación de la Universidad Popular José Martí. *La Noche*, Havana, 04/11/1923.

LEAGUE AGAINST IMPERIALISM. An alle unterdrückten Völker und Klassen - Manifest des Brüsseler Kongresses gegen den Imperialismus [14/02/1927]. In: *League against Imperialism Archives* (1927-1931). Amsterdam: International Institute of Social History (IISH).

LEAGUE AGAINST IMPERIALISM. Im Namen des Brüsseler Kongresses gegen Imperialismus, koloniale Herrschaft und für nationale Unabhängigkeit [tradução nossa: Em nome do Congresso de Bruxelas contra o imperialismo, o domínio colonial e pela independência nacional]. [14/02/1927]. In: *League against Imperialism Archives* (1927-1931). Amsterdam: International Institute of Social History (IISH).

LEAGUE AGAINST IMPERIALISM. List of organisations and delegates attending the Congress against Colonial Oppression and Imperialism [Brussels, 1927]. In: *League against Imperialism Archives* (1927-1931). Amsterdam: International Institute of Social History (IISH).

LEAGUE AGAINST IMPERIALISM. *Manifesto of the Second World Congress* [Frankfurt, july, 1929]. In: *League against Imperialism Archives* (1927-1931). Amsterdam: International Institute of Social History (IISH).

LOUDET, Osvaldo. Primer Congreso de la FUA, julio de 1918 *apud* BORCHES, Carlos. A 90 años de la Reforma Universitaria - Córdoba se redime. *La Ménsula*. Revista do Programa de Historia de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales, UBA. Buenos Aires: año 2, nº5, agosto de 2008.

LUGONES, Leopoldo. Advertencia [*La Nación*, Buenos Aires, 13/01/1925] - El discurso de Ayacucho. In: *La patria fuerte*. Buenos Aires: Círculo Militar, 1930.

LUGONES, Leopoldo. Batalha de Ayacucho. In: *La patria fuerte*. Buenos Aires: Círculo Militar, 1930.

LUGONES, Leopoldo. El tesoro y el dragón (set.1927). In: *La patria fuerte*. Buenos Aires: Círculo Militar, 1930.

LUGONES, Leopoldo. Lugones rectifica algunos juicios del Sr. Dromundo (Buenos Aires, 22/04/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 12/06/1926.

LUGONES, Leopoldo. Seis cartas de Lugones al Sr. García Monge (Buenos Aires, 24/01/1926). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 19/03/1938.

LUGONES, Leopoldo. Un voto en blanco (*La Nación*, Buenos Aires, 1922). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 15/01/1923.

MACKAY, Juan [John A.]. *El otro Cristo español*. Un Estudio de la Historia Espiritual de España e Hispanoamerica. Trad. Gonzalo Báez-Camargo. México-DF: Jakez, 1952 (1ªed. 1933).

MARIÁTEGUI, José Carlos. Aniversario y Balance. *Amauta*, set./1928.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *José Carlos Mariátegui*. Tomo VIII. Historia de la Crisis Mundial - Conferencias 1923-1924. Lima: Biblioteca Amauta, 1986.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *José Carlos Mariátegui*. Tomo XI. Peruanicemos al Perú. Lima: Biblioteca Amauta, 1986.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *José Carlos Mariátegui*. Tomo XII. Temas de Nuestra América. Lima: Biblioteca Amauta, 1975.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *José Carlos Mariátegui*. Tomo XIII. Ideología y Política. Lima: Biblioteca Amauta, 1986.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Nacionalismo y vanguardismo en la ideología política [*Mundial*, Lima, 27/11/1925; 04/12/1925]. In: *José Carlos Mariátegui*. Tomo XI. Peruanicemos al Perú. Lima: Biblioteca Amauta, 1986.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Obras*. BAEZA, Francisco (org.). La Habana: Casa de las Américas, 1982.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Oriente Occidente. In: *José Carlos Mariátegui*. Tomo I. La Escena Contemporánea [1925]. Lima: Biblioteca Amauta, 1964.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Polémica finita. *Amauta*, mar./1927.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Presentación de "Amauta". *Amauta*, set./1926.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Prólogo. In: VALCÁRCEL, Luis E. *Tempestad en los Andes*. Lima: Universo, 1972 (1ªed.1928).

MARIÁTEGUI, José Carlos. Punto de vista antiimperialista. In: *José Carlos Mariátegui*. Tomo XIII. Ideología y Política. Lima: Biblioteca Amauta, 1986.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Replica a Luis Alberto SÁNCHEZ [*Mundial*, Lima, 11/03/1927]. In: *José Carlos Mariátegui*. Tomo XIII. Ideología y Política. Lima: Biblioteca Amauta, 1986.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Un Congreso de escritores hispano-americanos [*Mundial*: Lima, 19/01/1925]. In: *José Carlos Mariátegui*. Tomo XII. Temas de Nuestra América. Lima: Biblioteca Amauta, 1975.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Zinoviev y la Tercera Internacional. In: *José Carlos Mariátegui*. Tomo I. La Escena Contemporánea [1925]. Lima: Biblioteca Amauta, 1964.

MASSAGUER, Conrado. Juntos Pero no Revueltos [Desenho]. *Carteles*, Havana, 06/02/1927.

MATHIEU, M. Una aclaración. Acerca de la edición de un folleto. *La Libertad*, Madrid, 08/01/1926.

MAZO, Gabriel del. *La Reforma Universitaria*. Tomo I - El Movimiento Argentino (1918-1940). La Plata: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1941.

MAZO, Gabriel del. *La Reforma Universitaria*. Tomo II - Propagación Americana (1918-1940). La Plata: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1941.

MAZO, Gabriel del. *La Reforma Universitaria*. Tomo III - Ensayos Críticos (1918-1940). La Plata: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1941.

MELLA, Julio Antonio. *¿Que es el ARPA?* La lucha revolucionaria contra el imperialismo (El primer documento político sobre el aprismo). Lima: Minerva, 1975 (1ªed. 1928).

MELLA, Julio Antonio. Carta a Gustavo Aldereguía (México, 18/09/1926). In: *Escritos revolucionarios*. México-DF: Siglo XXI, 1978.

MELLA, Julio Antonio. Carta a Ugarte (Berlim, 23/04/1927). In: UGARTE, Manuel. *Epistolario* (1896-1951). SWIDERSKI, Graciela (org.). Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1999.

MELLA, Julio Antonio. Carta de Mella a Willi Münzenberg [06/05/1927]. [RGASPI - Russian State Archive of Socio-Political History, Fundo 534-2-108/542-1-18, f.19] *apud* ANEXOS - Documentos. In: HATZKY, Christine. *Julio Antonio Mella* (1903-1926): una biografía. Santiago de Cuba: Oriente, 2008.

MELLA, Julio Antonio. Cuba: un Pueblo que jamás ha sido libre [Folleto publicado pela Federación de Torcedores, abril de 1925(?)]. In: MELLA, Julio Antonio. *Escritos revolucionarios*. México-DF: Siglo XXI, 1978.

MELLA, Julio Antonio. *Documentos para su vida* - Primer Congreso Nacional de Estudiantes [1923]. Prólogo de Raúl Roa. La Habana: Comisión Nacional Cubana de la UNESCO, 1964.

MELLA, Julio Antonio. *Escritos revolucionarios*. México-DF: Siglo XXI, 1978.

MELLA, Julio Antonio. Glosas al pensamiento de José Martí [Archivo del CC del Partido Comunista de Cuba, 1926]. In: MELLA, Julio Antonio. *Escritos revolucionarios*. México, Siglo XXI, 1978.

MELLA, Julio Antonio. Imperialismo, tiranía, soviet [*Venezuela Libre*. Havana, 01/07/1925]. In: MELLA, Julio Antonio. *Escritos revolucionarios*. México-DF: Siglo XXI, 1978.

MELLA, Julio Antonio. La Conferencia Antiimperialista de Bruselas. *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 18/12/1926.

MELLA, Julio Antonio. La solidaridad estudiantil contra el tirano [*Venezuela Libre,* Havana, 01/05/1925]. In: *Escritos revolucionários*. México, Siglo XXI, 1978

MELLA, Julio Antonio. Por la creación de revolucionarios profesionales [*Aurora*. México, dez./1926]. In: *Escritos revolucionarios*. México-DF: Siglo XXI, 1978.

MELLA, Julio Antonio. Resolución sobre la América Latina del Congreso Antiimperialista de Bruselas [*El Machete*, México, abril/1927]. In: *Selección de textos* - Como un leño en un incendio. Panamá: Ruth Casa Editorial, 2008.

MELLA, Julio Antonio. Saludo de la Nueva Generación Cubana a la Nueva Generación Española. *El Estudiante*. Salamanca, Espanha: nº11, 07/1925.

MELLA, Julio Antonio. *Selección de textos* - Como un leño en un incendio. Panamá: Ruth Casa Editorial, 2008.

MELLA, Julio Antonio. Sobre la revolución universitaria [Nuestras entrevistas, por Arturo A. Roselló. Carteles. Havana, Cuba, 23/11/1924]. In: Escritos revolucionarios. México, Siglo XXI, 1978.

MELLA, Julio Antonio. Víctor Raúl Haya de la Torre [*Juventud*, Havana, nov.dez/1923]. In: MELLA, Julio Antonio. *Escritos revolucionarios*. México-DF: Siglo XXI, 1978.

MELLA, Julio Antonio; BERNAL DEL RIESGO, Alfonso. Plan de estudios y profesores de la Universidad Popular José Martí. [*El Universal*, Havana, 14/11/1923]. In: HERNÁNDEZ VALDÉS, Emilio (org.). *Mella*: 100 años. Vol.1. Havana: Oriente, 2003.

MINORISTA. Declaración del Grupo Minorista. *Carteles*, Havana, 22/05/1927.

MIRANDA, Héctor. Invitación al Congreso - La Asociación de los Estudiantes de Montevideo á sus compañeros americanos. *Evolución*, Montevideo, n.21-24, mar./1908.

MIRZA, Bakar Ali. The Congress Against Imperialism. *The Modern Review* - A Monthly Review and Miscellany. Calcuta, May, 1927.

MISTRAL, Gabriela. Carta a una peruana (*El Mercurio*, Santiago, 19/09/1926). *Repertório Americano,* San José de Costa Rica, 30/10/1926.

MISTRAL, Gabriela. Prólogo. In: CARRION, Benjamin. *Los creadores de la Nueva América*. José Vasconcelos, Manuel Ugarte, F. Garcia Calderon, Alcides Arguedas. Madrid: Sociedad General Española de Libreria, 1928.

MONTAGNE, Edmundo. Una Entrevista con Manuel Ugarte. In: *Mundial*, Paris, Vol. V, nº29, 1913.

MÜNZENBERG, Willi. League of Nations [Berlim, 1929] *apud* LOURO, Michele L. *Comrades against Imperialism*: Nehru, India and Interwar Internationalism. New York: Cambridge University Press, 2018.

NEARING, Scott; FREEMAN, Joseph. *La diplomacia del dólar*. Un estudio acerca del imperialismo americano. México: C. Rivadeneyra, 1926.

NEHRU, Jawaharlal. *Toward Freedom*. The Autobiography of Jawaharlal Nehru. New York: The John Day Company, 1941.

NIETZSCHE, Friedrich. Livro III - Fragmento 176 - A crítica dos pais. In: *Aurora*. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007 (1ªed. 1881).

NOSOTROS. El asesinato de Edwin Elmore. *Nosotros*, Buenos Aires, dez.1925.

NÚÑEZ, Jorge. Carta a José Carlos Mariátegui [05/11/1927]. In: *Archivo José Carlos Mariátegui*: Correspondencia Recebida.

NÚÑEZ, Jorge. Carta a José Carlos Mariátegui [28/11/1926]. In: *Archivo José Carlos Mariátegui*: Correspondencia Recebida.

NÚÑEZ, Jorge. Nuestro nacionalismo. *Amauta*. Lima, mai./1927.

ORREGO, Antenor. Prada, hito de juvenilidad en el Perú. *Amauta*, Lima, jul.1928.

ORTEGA Y GASSET, José. El deber de la nueva generación argentina. *La Nación*, Buenos Aires, 06/04/1924.

ORTEGA Y GASSET, José. El tema de nuestro tiempo (1923) In: *Obras Completas*. Tomo III. Madrid: Revista de Occidente, 1994.

OSORIO, Nelson (org.). *Manifiestos, proclamas y polémicas de la vanguardia literaria hispanoamericana*. Caracas: Ayacucho, 1988.

PACHECO CALVO, Ciriaco. El Primer Congreso Internacional de Estudiantes celebrado en México en 1921. *Revista de la Universidad de México*, nº14, dez.1931.

PALACIOS, Alfredo L. *Discursos parlamentarios*. Prólogo de Manuel Ugarte. Valencia - Espanha: Sempere y Compañía: 1910.

PALACIOS, Alfredo L. *La Universidad Nueva*. Buenos Aires: M. Gleizer, 1925.

PALACIOS, Alfredo. La Revolución Rusa (1921). In: HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Vida e muerte de la República verdadera* (1910-1930) - Documentos. Buenos Aires: Emecé, 2007.

PALACIOS, Alfredo. Mensaje a los jóvenes del Perú. In: HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *Ideario y Acción Aprista*. Buenos Aires: Talleres Gráficos N.A. Ferrari, 1930.

PALACIOS, Alfredo. Prologo [Carta de Palacios a Seoane]. In: SEOANE, Manuel. *Con el ojo izquierdo* - Mirando a Bolivia. Buenos Aires: Juan Perrotti, 1926.

PALACIOS, Nicolás. *Raza chilena*. Libro escrito por un chileno i para los chilenos. Valparaíso: Imprenta Alemana, 1904.

PALMA, Ricardo. La propaganda de la difamación [*El Comercio*, Lima, 13/11/1888] *apud* TAUZIN CASTELLANOS, Isabelle. Le Pérou partagé entre idéalisme et réalisme. Aperçu sur vingt années de polémiques littéraires (1870-1890). *América*: Cahiers du CRICCAL. Polémiques et manifestes aux XIXe et XXe siècles en Amérique latine, n°21, 1998.

PARTIDO COMUNISTA CUBANO. Protocolo del juicio del PCC a Julio A. Mella; La Sentencia [RGASPI - Russian State Archive of Socio-Political History, Fundo 495-105-2, f.13-22, dez. 1925; jan.1926] *apud* ANEXOS - Documentos. In: HATZKY, Christine. *Julio Antonio Mella* (1903-1926): una biografía. Santiago de Cuba: Oriente, 2008.

PARTIDO NACIONAL SOCIALISTA DE PUERTO RICO [Federico Acosta Velarde, presidente]. Resolución del Partido Nacionalista de Puerto Rico [27 de setiembre de 1926] In: UGARTE, Manuel. *Epistolario* (1896-1951). SWIDERSKI, Graciela (org.). Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1999.

PEREYRA, Carlos. *El Crimen de Woodrow Wilson*. Juan Pueyo: Madrid, 1917.

PEREYRA, Carlos. *El mito de Monroe*. Madrid: Editorial América, 1916.

PÉREZ, Abel J. *América*. Montevideo: El Siglo Ilustrado, 1912.

PONCE, Aníbal. *Jose Ingenieros su vida y su obra* (*Revista de Filosofía*, jan.1926). Buenos Aires: Iglesias y Matera, 1948.

PORTAL, Magda. Carta a Ugarte (Lima, 06/08/1932). In: UGARTE, Manuel. *Epistolario* (1896-1951). SWIDERSKI, Graciela (org.). Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1999.

PORTOCARRERO, Julio. *Sindicalismo Peruano*: primera etapa 1911–1930. Lima: Labor, 1987.

PORTUGAL, Enrique. Encuesta - La Reforma Universitaria. *Flecha*, Cordoba, 01/07/1936.

PORTUGAL, Enrique. Yo, "agente provocacor". Consideraciones aclaratorias acerca de mi expulsión del Partido Aprista (Buenos Aires, 20/04/1936). *Flecha*, Cordoba, 01/05/1936.

PRIMER CONGRESO NACIONAL DE ESTUDIANTES PERUANOS. Tema VII - La Universidad Popular (Sesión del 17 de Marzo, Cuzco, 1920). In: MAZO, Gabriel del (org.). *La Reforma Universitaria* - Tomo II: Propagación americana (1918-1940). La Plata: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1941.

PROGRAMA DE TRABAJOS DE LA UNIVERSIDAD POPULAR MEXICANA. - En el anõ de 1920. México-DF: Victoria, 1920.

PUCCIO, Enrique A. Encuesta. *Flecha*. Córdoba, Argentina, 15/06/1936.

QUESADA, Ernesto. La vocación de Ingenieros. *Nosotros*, Buenos Aires, dez./1925.

RAVINES, Eudocio. Carta a José Carlos Mariátegui [24/06/1929]. In: *Archivo José Carlos Mariátegui*: Correspondencia Recebida.

RAVINES, Eudocio. *La gran estafa*. La Penetración del Kremlin en Iberoamérica. México-DF: Libros y revistas, 1952.

REAL TORRALBA, Félix. Manuel Ugarte, Animador da Juventude Latino-Americana. Trad. Antonio Herrera Filho. *Correio do Paraná*, Curitiba, Brasil, 10/08/1935.

REYES, Alfonso. Pasado Inmediato (1939). *Obras completas de Alfonso Reyes*. Vol.XII. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 1997 (1ªed.1960).

RIPA ALBERDI. Héctor. Nuestra encuesta sobre la nueva generación literaria [Resposta]. *Nosotros*, Buenos Aires, nº168, maio/1923, p.12.

ROA, Raúl. Julio Antonio Mella. *Bohemia*. Havana, 17/09/1933.

ROA, Raúl. Prólogo (Bosquejo biográfico). In: MARTÍNEZ VILLENA, Rubén. *La Pupila Insomne*. La Habàna : Editorial Lex, s.d (1ªed.1936).

ROCA, Deodoro. ¿Qué es la "Reforma Universitaria"? - Encuesta (1936). KOHAN, Néstor (org.). Deodoro Roca, el hereje. Buenos Aires: Biblos, 1999.

ROCA, Deodoro. Deodoro Roca. Obra reunida. Vol I. Cuestiones universitarias. VÁZQUEZ, Guillermo; TATIÁN, Diego (org.). Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2008.

ROCA, Deodoro. El imperialismo "invisible" (1925) - Discurso na Liga Antiimperialista quando da visita do marroquino Abd El Krim a Córdova. KOHAN, Néstor (org.). *Deodoro Roca, el hereje*. Buenos Aires: Biblos, 1999.

ROCA, Deodoro. Encuesta. *Flecha*. Córdoba, Argentina, 15/06/1936.

ROCA, Deodoro. La nueva generacion americana [1918]. In: MAZO, Gabriel del (org.). *La Reforma Universitaria* - Tomo III: Ensayos Criticos (1918-1940). La Plata: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1941.

ROCA, Deodoro. La nueva generación americana [Discurso de clausura del Primer Congreso Nacional de Estudiantes, Córdoba, julio de 1918]. *Casa de las Américas*, nº292, 2018.

ROCA, Deodoro. Punto final. *Flecha*, Córdoba, 21/07/1936.

RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Campinas,SP: Unicamp, 1991 (1ªed. 1900).

RODÓ, José Enrique. Carta a Enrique José Varona [07/05/1900]. In: *Obras completas*. RODRIGUEZ MONEGAL, Emir (org.). Madrid: Aguilar, 1967 (1ªed. 1954).

RODÓ, José Enrique. *Obras completas*. RODRIGUEZ MONEGAL, Emir (org.). Madrid: Aguilar, 1967 (1ªed. 1954).

ROMERO, Sílvio. *A América Latina* – Análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim. Porto: Livraria Chardon, 1906.

SAGARNA, Antonio. El amigo - Discurso pronunciado por el Ministro de Justicia e Instrucción Pública, en nombre de los amigos, en el sepelio de los restos de Ingenieros, el dia 1º de noviembre. *Nosotros*, Buenos Aires, nº199, dezembro de 1925.

SAMPER, José M. *Ensayo sobre las revoluciones políticas y la condición social de las repúblicas colombianas (hispano-americanas)*: con un apéndice sobre la orografía y la población de la confederación granadina. Paris: E. Thunot Y., 1864 (1ªed. 1861).

SÁNCHEZ VIAMONTE, Carlos. America, Universalidad. *Amauta*, Lima, jul.1928.

SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Haya de la Torre o el Político*. Crónica de una vida sin tregua. Santiago de Chile: Ercilla, 1936 (1ªed. 1934).

SÁNCHEZ, Luis Alberto. *La vida del siglo*. GARCÍA SALVATTECCI, Hugo (org.). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988.

SCHWEITZER, Daniel. La Universidad Popular de Lastarria en 1922. In: *Claridad* - Organo oficial de la Federación de Estudiantes de la Universidad de Chile. Santiago: vol.2, nº51, 1922.

SEOANE, Juan. *Hombres y rejas*. Santiago de Chile: Ercilla, 1937.

SEOANE, Manuel. *Comunistas criollos* - Disección polémica de la charlatanería roja. Lima: Editorial Cooperativa Aprista "Atahualpa", 1933.

SEOANE, Manuel. *Con el ojo izquierdo* - Mirando a Bolivia. Buenos Aires: Juan Perrotti, 1926.

SEOANE, Manuel. Nacionalismo verdadero y Nacionalismo mentiroso. *Amauta*: Lima, dez./1926.

SIERRA, Justo. *Evolución política del pueblo mexicano.* Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977 (1ªed.1902).

SOTILLO PICORNELL, J. C. A los amigos de México. *Repertorio Americano*, 23 de fevereiro de 1929.

SOTO HALL, Maximo. *Nicaragua y el Imperialismo Norteamericano*. Contraste entre la insolencia norteamericana y la vergonzosa tolerancia de los gobiernos de la América latina. Buenos Aires: Artes y Letras, 1928.

TABORDA, Saúl. *Reflexiones sobre el ideal político de América Latina*. Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2006 (1ªed. 1918).

UGARTE, Manuel. ¿Ibero o hispanoamericanos? - La opinión de Manuel Ugarte. *Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Artes*. Madrid, nº71, mar./1929.

UGARTE, Manuel. Carta a Cornelio Hispano [1925]. *apud* GALASSO, Norberto. *Manuel Ugarte*. Tomo II - De la liberación nacional al socialismo. Buenos Aires: Eudeba, 2015.

UGARTE, Manuel. Carta abierta de Manuel Ugarte a José Vasconcelos (Nice, França, jun./1929). La politica en Mejico. *Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Arte*, Madri, jun./1929.

UGARTE, Manuel. *Crónicas del bulevar*. Paris: Garnier, 1903.

UGARTE, Manuel. *El Arte y la Democracia* - Prosa de lucha. Valencia: Sempere, 1904.

UGARTE, Manuel. El peligro yanqui. *El País*, Buenos Aires, 19/10/1901.

UGARTE, Manuel. *El porvenir de la América Latina* - La raza, la integridad territorial y moral, la organización interior. Valencia: Sempere, 1910.

UGARTE, Manuel. *Enfermidades sociales*. Barcelona: Sopena, 1906.

UGARTE, Manuel. *Epistolario (1896-1951)*. SWIDERSKI, Graciela (org.). Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1999.

UGARTE, Manuel. La defensa latina. *El País*, Buenos Aires, 19/11/1901.

UGARTE, Manuel. *La Joven literatura Hispanoamericana*. Pequeña antología de prosistas y poetas. Paris: Librería Armand Colin, 1906.

UGARTE, Manuel. Manifiesto a la juventud latino-americana. *Amauta*. Lima, 04/1927.

UGARTE, Manuel. Manuel Ugarte nos escribe... (Nice, França, ago./1929). *Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Arte*, Madri, set./1929.

UGARTE, Manuel. Mensaje del escritor argentino MANUEL UGARTE a la sección de la Apra en París con motivo de la gran demonstración anti-imperialista realizada em 12 de enero [1927]. *Repertório Americano,* San José de Costa Rica, 23/04/1927.

UGARTE, Manuel. México, Nicaragua y Panama. *Crítica*. Buenos Aires, 21/1/1927.

UGARTE, Manuel. Prólogo. In: GUILAINE, Louis. *América Latina y el imperialismo americano*. Trad. Desire Pector. Paris: Libreria de la Vda de C. Bouret, 1928.

UGARTE, Manuel. Sem título, anexo a HEYSEN, Luis E. La revolución peruana, su significado en la América Latina. *Repertorio Americano,* San José de Costa Rica, 06/12/1930.

UGARTE, Manuel. *Tribuna*, Buenos Aires, 06/11/1913. *apud* GALASSO, Norberto. *Manuel Ugarte*. Tomo I - Del vasallaje a la liberación nacional. Buenos Aires: Eudeba, 2015.

ULLOA, Alberto. Dos Cartas del doctor Alberto Ulloa [01/07/1926]. *Mercurio Peruano*, Lima, v. 15, nº99-100, 1926.

UNIÓN EDITORIAL HISPANO-AMERICANA. Manuel Ugarte se retira del Partido Socialista. In: *Manuel Ugarte y el Partido Socialista* - Documentos recopilados por un argentino. Buenos Aires: Dupont, Ros & Cia, 1914.

UNIÓN EDITORIAL HISPANO-AMERICANA. *Manuel Ugarte y el Partido Socialista* - Documentos recopilados por un argentino. Buenos Aires: Dupont, Ros & Cia, 1914.

UNITED NATIONS. Tacna-Arica question (Chile, Peru) - 1922-1929. In: *Reports of International arbitral awards*. Vol. II. 2006.

UNIVERSIDAD POPULAR MEXICANA. La Universidad Popular Mexicana y sus primeras labores [México-DF, 1913] *apud* KRAUZE, Enrique. *Caudillos culturales en la Revolución Mexicana*. México-DF: Siglo Veintiuno, 2008 (1ªed. 1976).

URETA, Alberto. Resposta a *Nosotros*. *Nosotros*, Buenos Aires, dez.1925.

VALLE IBERLUCEA, Enrique del. *La Revolución Rusa* (1917-1921). Prólogo de Carlos Sánchez Viamonte. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1934 (?).

VALLERO, César. Estado de la literatura hispanamericana [1926]. In: OSORIO, Nelson (org.). *Manifiestos, proclamas y polémicas de la vanguardia literaria hispanoamericana*. Caracas: Ayacucho, 1988.

VARGAS, Getúlio. *Diário.*Vol. I. 1930-1936. São Paulo/Rio de Janeiro: Sciliano/FGV, 1995.

VARGAS, Getúlio. Telegrama a Manuel Ugarte (Palácio Rio Negro, Petrópolis, 07/04/1936). In: UGARTE, Manuel. *Epistolario* (1896-1951). SWIDERSKI, Graciela (org.). Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1999.

VARONA, Enrique José. El imperialismo a la luz de la Sociología [Universidade de Havana, 1905]. In: *Ensayos*. Catalunya: Linkgua, 2014.

VASCONCELOS, José. Carta a la juventud de Colombia (México-DF, 28/05/1923). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 09/07/1923.

VASCONCELOS, José. Carta que el Lic. José Vasconcelos dirige a los estudiantes del Perú, con motivo de su designación como Maestro de la Juventud en esa República (*A los estudiantes de Trujillo*, México-DF, 13/02/1924). *Repertorio Americano*, San José de Costa Rica, 24/03/1924, primeira página.

VASCONCELOS, José. Discurso de el Día de la Raza [*Boletín de la Universidad*, México, jan./1921] *apud* MORAGA VALE, Fabio. Reforma desde el sur, revolución desde el norte. El Primer Congreso Internacional de Estudiantes de 1921. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, nº47, 2014.

VASCONCELOS, José. El Congreso Antimperialista de Bruselas. In: *Memorias*. Vol.II. El desastre. El proconsulado. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 1984 (1ªed.1938-1939).

VASCONCELOS, José. El nacionalismo en la América Latina - Parte I [Discurso no Congresso Socialista de Viena, dezembro de 1925]. *Amauta*: Lima, dez./1926.

VASCONCELOS, José. El nacionalismo en la América Latina - Parte II [Discurso no Congresso Socialista de Viena, dezembro de 1925). *Amauta*: Lima, jan./1927.

VASCONCELOS, José. Iso Brante Schweide. In: *Memorias*. Vol.II. El desastre. El proconsulado. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 1984(1ªed.1938-1939).

VASCONCELOS, José. *La creación de la Secretaría de Educación Pública*. BETANCOURT CID, Carlos (org.). México-DF: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2011.

VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica*. Misión de la raza iberoamericana: Argentina y Brasil. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1948 (1ªed.1925).

VASCONCELOS, José. *Memorias*. Vol.II. El desastre. El proconsulado. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 1984 (1ªed.1938-1939).

VASCONCELOS, José. Para o periódico *El Democrata* [15/10/1920] *apud* FELL, Claude. José Vasconcelos: Los años del águila (1920-1925) . Educación, cultura e iberoamericanismo en el México posrevolucionario. México-DF: UNAM, 2009.

VASCONCELOS, José. Speach of Vasconcelias [sic], Congress-Meeting of February 10th 1927. In: *League against Imperialism Archives. International Institute of Social History*.

VASCONCELOS, José. *Ulises Criollo*. Prólogo de Emmanuel Carballo. México-DF: Trillas, 2009 (1ªed. 1935).

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó-SC: Argos, 2009.

AGRIKOLIANSKY, Éric. Las "carreras militantes": alcance y límites de un concepto narrativo [Trad. Matari Pierre]. *Sociologie plurielle des comportements politiques*, Presses de Sciences Po (PFNSP), 2017.

AGUIRRE, Carlos. Hombres y rejas. El APRA en prisión, 1932-1945. *Bulletin de l'Institut français d'études andines*, Lima, Tomo 43, nº1, 2014.

ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina.* Vol II. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX. Madrid: Katz, 2010.

ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de história intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo XXI , 2005.

ALTAMIRANO, Carlos; MEYERS, Jorge (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Madrid: Katz, 2008.

AMBROSIUS, Llloyd E. *Woodrow Wilson and American Internacionalism*. New York: Cambridge Press, 2017.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (1ªed. 1983).

ANDERSON, Benedict. Frameworks for Comparison. *The London Review of Books*. Vol.38, nº2, 2016.

ANDERSON, Benedict. Introdução. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

ANDRADE, Joana El-Jaick. Georges Sorel e as massas revolucionárias. In: *MÉTIS*: história & cultura – v. 4, n. 7, p. 33-57, jan./jun. 2005.

ANSALDI, Waldo. El imperialismo en América Latina. In: MORA, Enrique Ayala (org.). *Historia General de América Latina*. Madrid/Paris: Trotta, UNESCO, 2008.

ANSART, Pierre. *A gestão das paixões políticas*. Trad. Jacy Seixas. Curitiba: UFPR, 2019.

ANTUNES, Ricardo Coltro. Os comunistas no Brasil: as repercussões do VI Congresso da Internacional Comunista e a Primeira Inflexão Stalinista no Partido Comunista do Brasil (PCB). *Cadernos AEL* - Comunistas e Comunismo. Campinas, UNICAMP, 1995.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 (1ªed. 1951).

ARENDT, Hannah. *Sobre a revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 (1ªed. 1963).

ARICÓ, José (org.). Introducción. *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*. México-DF: Siglo XXI, 1980 (1ªed. 1978).

ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In: HOBSBAWM, Eric (org.) *História do Marxismo* - O marxismo na época da Terceira Internacional: o novo capitalismo, o imperialismo, o Terceiro Mundo. Vol.8. Trad. COUTINHO, C; HENRIQUES, L; COUTINHO, A. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 [1ªed. 1980].

ARNOLDSSON, Sverker. *La Conquista española de América según el juicio de la posteridad* - Vestigios de la Leyenda Negra. Madrid: Insula, 1960.

ASCENSO, João Gabriel da Silva; CASTRO, Fernando Luiz Vale (org.). *Raça*: trajetórias de um conceito - história do discurso racial na América Latina. Rio de Janeiro: Ponteio, 2014.

ASCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back* – Theory and practice in post-colonial literatures. London; New York: Routledge, 2002.

ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a "boa vizinhança":* a sociedade urbana no Brasil e a recepção do mundo norte-americano. Doutorado (Tese em Arquitetura). São Paulo: FAU-USP, 2007.

BAGGIO, Kátia Gerab. *A questão nacional em Porto Rico*: o Partido Nacionalista (1922-1954). São Paulo: Annablume, 1998.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, nº11, 2013.

BAR-LEWAW, Itzhak. La revista "Timón" y la colaboración nazi de José Vasconcelos [1971]. In: BUSTOS TOVAR, Eugenio (org.). *Actas del IV Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Vol. I. Salamanca: Asociación Internacional de Hispanistas, 1982.

BARTOLETTI, Susan Campbell. *Juventude hitlerista*: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. Entre nosotros, las generaciones. In: LARROSA, Jorge (org.). *Entre nosotros*. Sobre la convivencia entre generaciones. Barcelona: Fundació Viure i Conviure, 2007.

BEIRED, José Luis Bendicho. "A grande Argentina": um sonho nacionalista para a construção de uma potência na América Latina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Vol.21, nº42, 2001.

BELLIGNI, Silvano. Hegemonia [verbete]. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Vol. 1. Trad. João Ferreira (coord.). Brasília-DF: Editora UNB, 1998 (1ªed. 1983).

BENJAMIN, Walter. *La metafísica de la juventud*. Trad. Luis Velasco. Barcelona: Paidós, 1993.

BERGEL, Martín. *Flecha*, o las animosas obsesiones de Deodoro Roca. *AMÉRICALLE*, Buenos Aires, s/d.

BERGEL, Martin. La desmesura revolucionaria. Prácticas intelectuales y cultura del heroísmo en los orígenes del aprismo peruano (1923-1931). In: PALIERAKI, Eugénia; GONZÁLEZ ALEMÁN, Marianne. *L'idée de Révolution en Amériqe latine du 19e au 2e siècle* - Dossier. Paris: jan/2007.

BERGEL, Martín. Nomadismo proselitista y revolución. Notas para una caracterización del primer exilio aprista (1923-1931). In: *E.I.A.L.*: Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe. Vol. 20, nº 1, 2009, p.42.

BERGEL, Martín. Populismo y cultura impresa: La clandestinidad literaria en los años de formación del Partido Aprista Peruano. In: *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.17, n.2, p.135-146, jul./dez. 2013.

BERGEL, Martín. Rabindranath Tagore. Avatares de un cosmopolita periférico en el Río de la Plata. BRUNO, Paula (org.). *Visitas culturales en la Argentina, 1898-1936*. Buenos Aires: Biblos, 2014.

BERGEL, Martín. *Un caso de orientalismo invertido*. Representaciones intelectuales del oriente en la cultura argentina de la primera posguerra (1918-1930). UBA/Buenos Aires: Doutorado em História, 2010.

BERGEL, Martín. Un partido hecho de cartas. Exilio, redes diaspóricas, y el rol de la correspondencia en la formación del aprismo peruano (1921-1930). In: *Políticas de la Memoria.* Dossier "Correspondencia": Argentina, n°15, 2014/2015.

BIAGINI, Hugo E. El discurso juvenilista y la impronta roigiana. *Horizontes Filosóficos*, nº3, 2013.

BIAGINI, Hugo E. Redes estudiantiles en el Cono Sur (1900-1925). *UNIVERSUM*: Talca - Chile, nº17, 2002.

BIAGINI, Hugo. El juvenilismo reformista desde adentro. *Questiones de RUPTURA*. Cúcuta, Colombia, Vol.2, nº1, jan-jun./2018.

BIAGINI, Hugo. *Utopías juveniles*: de la bohemia al Che. Buenos Aires: Leviatán, 2000.

BIEBER, León Enrique. *En torno al origen histórico e ideológico del ideario Nacionalista Populista Latinoamericano*: gestación, elaboración y vigencia de la Concepción aprista de Haya de la Torre. Berlin: Colloquium-Verlag, 1982.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda* - Razões e significados de uma distinção política. Trad. Marco Nogueira. São Paulo: UNESP, 1995.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Vol. 1. Trad. João Ferreira (coord.). Brasília-DF: Editora UNB, 1998 (1ªed. 1983).

BODENHEIMER, Susanne. Dependency and imperialism: the roots of Latin American underdevelopment. In: FANN, K.T.; HODGES, Donald (org.). *Readings in U.S. imperialism*. Boston, MA: Porter Sargent, 1971.

BORCHES, Carlos. A 90 años de la Reforma Universitaria - Córdoba se redime. *La Ménsula* - Recurrir al pasado con la mirada en el futuro. Revista do Programa de Historia de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales, UBA. Buenos Aires: año 2, nº5, ago./2008.

BOURDIEU, Pierre. A "juventude" é só uma palavra (Entrevista com Anne-Marie Métailié, 1978). In: Questões de Sociologia. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BRASKEN, Kasper. *The International Workers' Relief, Communism, and Transnational Solidarity*. Willi Münzenberg in Weimar Germany. London: Palgrave Macmillan, 2015.

BREPOHL, Marion. *Imaginação Literária e Política*. Os Alemães e o Imperialismo 1880-1945.Uberlândia: EDUFU, 2010.

BRESCIANI, Maria Stella. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

BUSTELO, Natalia. Entre la renovación estética y la renovación política Políticas del modernismo en Rubén Darío, Leopoldo Lugones y Manuel Ugarte. *Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas*, INCIHUSA – CONICET, Vol. 15, nº 1, 2013.

BUSTELO, Natalia; DOMÍNGUEZ RUBIO, Lucas. Radicalizar la Reforma Universitaria. La fracción revolucionaria del movimiento estudiantil argentino, 1918-1922. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, Vol.44, nº2, 2017.

CABALLERO, Manuel. *Gómez, el tirano liberal*. Anatomía del poder. Caracas: Alfadil, 2003 (1ªed. 1993).

CABALLERO, Manuel. *Latin America and the Comintern* - 1919-1943. Cambridge - UK: University of Cambridge, 2002 (1ªed. 1986).

CALINESCU, Matei. *Five faces of Modernity*. Modernism, Avant-Gard, Decadence, Kitsch, Postmodernism. Durham, USA: Duke University Press, 1987 (1ªed. 1977).

CALSAPEU LOSFELD, Brice. México en la revista *El Libertador* (1925-1929): ¿Una visión a geometría variable? In: HERRERA LEÓN, Fabián (org). *Diplomacia oficiosa, representaciones y redes extraoficiales en la historia de América Latina*: un homenaje a la trayectoria académica de Salvador E. Morales Pérez (1939-2012). Morelia-México: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2015.

CAMILOTTI, Virgínia. *João do Rio* - ideias sem lugar. Uberlândia: EDUFU, 2008

CAMILOTTI, Virgínia. Variação lexical e performance semântica de um conceito político: latinidade, ideia latina e romanidade." In: CERASOLI, Josianne; NAXARA, Marcia; SEIXAS, Jacy (org.). *Tramas do político*: linguagens, formas, jogos. Uberlândia: EDUFU, 2013.

CAPELATO, Maria Helena. "A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica". *História*, São Paulo, nº22, 2003.

CARDINALE, Miguel A. ARCINIEGAS, Germán [verbete]. In: BALDERSTON, Daniel; GONZÁLEZ, Mike; LÓPEZ, Ana M. (org.). *Encyclopedia of contemporary Latin American and Caribbean cultures*. Vol.1 A-D. London: Routledge, 2005.

CARILLA, Emilio. Las revistas de Rubén Darío. *Atenea*, nº415-416, 1967.

CARONE, Edgard. As origens da III Internacional Comunista. *Revista Estudos de Sociologia*, UNESP, v.5, nº8, 2000.

CARONE, Edgard. O marxismo no Brasil - das origens a 1964 [1986]. In: *Leituras marxistas e outros estudos*. SECCO, Lincoln; DEAECTO, Marisa Midori (org.). São Paulo: Xamã, 2004.

CARPIO, Campio. Buscando el camino por la ruta de los maestros. *Universidad*: UNL - Santa Fe, Argentina, nº47, 1961.

CARR, Barry. La Ciudad de México: Emporio de exiliados y revolucionarios latinoamericanos en la década de 1920. *Pacarina del Sur*. México-DF: año 2, nº 9, 2011.

CARR, Barry. Pioneering Transnational Solidarity in the Americas: The Movement in Support of Augusto C. Sandino 1927-1934. *Journal of Iberian and Latin American Research*, Vol.20, n.2, 2014. http://dx.doi.org/10.1080/13260219.2014.939122

CARR, Barry. Radicals, Revolutionaries and Exiles: Mexico City in the 1920s. In: *Berkeley Review of Latin American Studies*. University of California: fall/2010.

CARRETTA-BELTRÁN, Claudia. Del trabajo al centro cultural. La Universidad Popular Mexicana (1912-1920) y su papel en la construcción del "nuevo ciudadano". *Latin American Studies Association*, Dallas, Texas, 2003.

CATTÁNEO, Liliana; RODRÍGUEZ, Fernando. Ariel exasperado. Avatares de la Reforma Universitaria en la década del veinte. *Prismas*, Quilmes, Argentina, nº4, 2000.

CHAUPIS TORRES, José. Patria y nación: Leguía durante el centenario de la Batalla de Ayacucho. *investigaciones sociales*, Lima, Vol.19, n°34, 2015.

CHRISTENSON, Reo M *et al*. *Ideologias & Política Moderna*. Trad. Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1974 (1ªed. 1971).

CIDE - Centro de Investigación y Docencia Económicas. *The Americas and the World: Public Opinion and Foreign Policy* [Report], México, 2014/2015 *apud* GUIMARÃES, Thiago. "Brasileiro despreza identidade latina, mas quer liderança regional, aponta pesquisa". *BBC Brasil*, 21 de dezembro de 2015.

CLAVIN, Patricia. Conceptualising Internationalism Between the Word Wars. In: LAQUA, Daniel Laqua (org.). *Internationalism Reconfigured*: Transnational Ideas and Movements between the World Wars. New York: I. B. Tauris, 2011.

COCHRANE, Christopher. *Left and Right*: The Small World of Political Ideas. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2015.

COHAN, A. S. *Teorias da Revolução*. Trad. Maria José Mendes. Brasília: Editora da UNB, 1981 (1ªed. 1975).

COHEN, Deborah; O'CONNOR, Maura. *Comparison and History*. Europe in cross-national perspective. New York: Routledge, 2004.

COLE, G.D.H. *Historia del pensamiento socialista*. Tomo III e IV - La segunda Internacional (1889-1914). Trad. Rubén Landa; Enrique González Pedrero. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 1974 (1ªed.1956).

COLE, G.D.H. *Historia del pensamiento socialista*. Tomo V e VI - Comunismo y Socialdemocracia (1914-1931). Trad. Enrique González Pedrero; Julieta Campos. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 1974 (1ªed.1958).

COLOMBI, Beatriz. Camino a la meca: escritores hispanoamericanos en París, 1900-1920. In: ALTAMIRANO, Carlos; MEYERS, Jorge (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina.* Vol I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Madrid: Katz, 2008.

COLOMBI, Beatriz. Representaciones del ensayista. In: *Cuadernos de recienvenido*. São Paulo: Humanitas, USP, nº19, 2004.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Trad. Cleonice Mourão, Consuelo Santiago, Eunice Galéry. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

CORMICK, Silvina. De líder del antiimperialismo latinoamericano a "figurón": una relectura de la condición marginal de Manuel Ugarte en los años treinta. In: *Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas*, vol. 15, nº 1, 2013.

COSTA, Adriane Vidal; MAÍZ, Claudio. *Nas tramas da "cidade letrada"*. Sociabilidad dos intelectuais latino-americanos e as redes intelectuais. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

D'ALLONES, Myriam Revault. *Le dépérissement de la politique*: généalogie d'un lieu commun. Paris: Aubier, 1999.

DALY, Robert Welter. *Manuel Ugarte and Hispanoamericanismo*. Tese (Doutorado em Filosofia). Loyola University, Chicago-EUA, 1949 .

DAVID-FOX, Michael. The Fellow Travelers Revisited: The "Cultured West" through Soviet Eyes.*The Journal of Modern History*, Vol.75, nº2, June 2003.

DAVIDSON, Jim. Hancock, Sir William Keith (1898–1988). *Australian Dictionary of Biography*. National Centre of Biography, Australian National University. http://adb.anu.edu.au/biography/hancock-sir-william-keith-460/text22673

DAY, Richard B.; GAIDO, Daniel (org.). *Discovering Imperialism*: Social Democracy to World War I. Leiden: Brill, 2012.

DELAO LIZARDO, Larry. Los orígenes del sindicalismo peruano. Un comentario al libro de Julio Portocarrero. *Cátedra José Carlos Mariátegui*, Lima, 2017.

DESTUTT-TRACY, Antoine. *Éléments d'Idéologie*. Paris: Courcier, 1804.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX*. Entre la modernización y la identidad. Tomo I. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, 2000.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina*. Hacia la constitución de una comunidad intelectual. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados, USC, 2007.

DI VINCENZO, Facundo; D'AMBRA, Daniela (org.). *Manuel Ugarte*. Legado, vigencia y porvenir. Lanús, Argentina: UNLa - Universidad Nacional de Lanús, 2019.

DILTHEY, Wilhelm. Acerca del estudio de la historia de las ciencias del hombre, de la sociedad y del estado (1875). In: *Psicología y teoría del conocimiento*. Obras. Vol VI. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 2014 (1ªed. 1924).

DORATIOTO, Francisco. O Brasil no Mundo – Idealismo, novos paradigmas e voluntarismo. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *A abertura para o mundo* 1889-1930 – História do Brasil nação 1808-2010. Vol.3. Rio de Janeiro; Madri: Objetiva; MAPFRE, 2012.

DOWNS, Anthony. An Economic Theory of Political Action in a Democracy. *Journal of Political Economy*, Chicago, Vol.65, nº2, 1957.

DUVERGER, Maurice. *Os partidos políticos*. Trad. Cristiano Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1970 [1ªed.1951].

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. Uma introdução. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: UNESP/Boitempo, 1997 (1ªed. 1991).

FAUST, Katherine. Las redes sociales en las Ciencias Sociales y del Comportamiento. In: GIL MENDIETA, Jorge; SCHMIDT, Samuel (org.). *Análisis de redes*. Aplicaciones en Ciencias Sociales. México-DF: UNAM, 2002.

FELIPE, Cláudia Tolentino Gonçalves. *Tópicas libertárias no pós-Segunda Guerra*: notícias de todo lugar em uma época de intranquilidade. Tese (Doutorado em História). Campinas-SP: Unicamp, 2019.

FELL, Claude. *José Vasconcelos*: Los años del águila (1920-1925). Educación, cultura e iberoamericanismo en el México posrevolucionario. México-DF: UNAM, 2009.

FERES Jr., João. *A história do conceito de 'Latin America' nos Estados Unidos*. Bauru-SP: EDUSC, 2005.

FERGUSON, Niall. *Empire*: The Rise and Demise of the British World Order and Lessons for Global Power. London: Allen Lane, 2002.

FILLIEULE, Olivier. Carrière militante [verbete]. In: FILLIEULE, Olivier; MATHIEU, Lilian; PÉCHU, Cécile (org.). *Dictionnaire des mouvements sociaux*. Paris: Presses de Sciences Po, 2009.

FILLIEULE, Olivier; MATHIEU, Lilian; PÉCHU, Cécile (org.). *Dictionnaire des mouvements sociaux*. Paris: Presses de Sciences Po, 2009.

FLORES GALINDO, Alberto (org.). El Pensamiento Comunista 1917-1945. Antología. Lima: Mosca Azul, 1982.

FLORES GALINDO, Alberto. *La agonia de Mariátegui*. La polémica con la Komintern. Lima: DESCO, Centro de Estudios y Promoción del Desarrollo, 1980.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 (1ªed. 1969).

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANCIS, Pamela J. *Everyday imperialism*: the landscape of empire, London, 1870-1939. Tese (Doutorado em Filosofia). Houston-TX (USA): Rice University, 2013.

FRIEDRICH, Carl J. *Man and his Government*. New York: McGraw-Hill, 1963.

FUNES, Patricia. América Latina. Los nombres del Nuevo Mundo. *Explora* – Las ciencias en el mundo contemporáneo. Buenos Aires, 2009.

FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos, Buenos Aires: Prometeo, 2006.

GALASSO, Norberto. *Manuel Ugarte*. Tomo I - Del vasallaje a la liberación nacional. Buenos Aires: Eudeba, 2015.

GALASSO, Norberto. *Manuel Ugarte*. Tomo II - De la liberación nacional al socialismo. Buenos Aires: Eudeba, 2015.

GALLAGHER, John; ROBINSON, Ronald. The Imperialism of Free Trade. In: *The Economic History Review*, New Series, Vol.6, nº1, 1953.

GALLISSOT, René. O imperialismo e a questão colonial dos povos oprimidos. In: HOBSBAWM, Eric (org.) *História do Marxismo* - O marxismo na época da Terceira Internacional: o novo capitalismo, o imperialismo, o Terceiro Mundo. Vol.8. Trad. COUTINHO, C; HENRIQUES, L; COUTINHO, A. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 [1ªed. 1980].

GARCÍA MORALES, Alfonso. E*l Ateneo de México* (1906-1914). Orígenes de la cultura mexicana contemporánea. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-americanos, 1992.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. Vol. 3 - O cultivo do ódio. Trad. Sérgio de Paula; Viviane Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 (1ªed. 1993).

GIANASTACIO, Vanderlei. *A presença do sufixo* -ismo *nas gramáticas da língua portuguesa e sua abrangência de valores semânticos, a partir do* Dicionário da Língua Portuguesa Antônio Houaiss. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: USP, 2009.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Trad. Rosa Freire d'Aguiar, Eduardo Brandão. São Paulo Companhia das Letras, 2007.

GIORDANO, Carlos. La revista *Inicial* (Buenos Aires, 1923-1926). *AMERICA*. Cahiers du CRICCAL, nº4-5, 1990.

GOBAT, Michel. The Invention of Latin America: A Transnational History of Anti-Imperialism, Democracy, and Race. *The American Historical Review*: Vol.118, Issue 5, December 2013.

GOMES, Ângela Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Raquel. BICALHO, Maria Fernanda B. GOUVÊA, Fátima S. (org.). *Culturas políticas*: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GOUVEIA, Regiane. Enfermidade de um continente: a influência do racismo científico no pensamento político latino-americano (Alcides Arguedas e Francisco García Calderón). In: ASCENSO, João Gabriel da Silva; CASTRO, Fernando Luiz Vale (org.). *Raça*: trajetórias de um conceito - história do discurso racial na América Latina. Rio de Janeiro: Ponteio, 2014.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 - Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais (1932). In: *Cadernos do Cárcere*. Vol. 2. COUTINHO, Carlos Nelson (org. e trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 13 - Breves notas sobre a política de Maquiavel (1932-1934). In: *Cadernos do Cárcere*. Vol. 3. COUTINHO, Carlos Nelson (org. e trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUERRA VILABOY, Sergio. *Dictaduras del Caribe*: estudio comparado de las tiranías de Juan Vicente Gómez, Gerardo Machado, Fulgencio Batista, Leónidas Trujillo, los Somoza y los Duvalier. Barranquilla - Colombia: Universidad del Norte, 2017.

GUERRERO, Manuel. De víctimas a activistas expertos: Marco conceptual para el estudio del devenir militante en la configuración del campo de derechos humanos en el Chile actual. *MERIDIONAL*, Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos, nº2, abril 2014.

GUIGNARD, Marie-Roberte; PAULY, Bernard; BRUNO, Jean (org.). Lettre 384 - Romain Rolland à Tagore, 15 octobre 1924 (Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris). In: *Rabindranath Tagore* - Catalogue. Paris: Bibliothèque nationale de France, 1961.

GUIMARÃES, Thiago. "Brasileiro despreza identidade latina, mas quer liderança regional, aponta pesquisa". *BBC Brasil*, 21 de dezembro de 2015.
https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151217_brasil_latinos_tg?fbclid=IwAR2BA9r-FEIpWWHoR7QJPLfvlHdVQnY76xqbjQfd2IWkrQKXbSrmm_HOyHs

GUTIÉRREZ, Horacio *et al* (org.). *A guerra civil espanhola e a América Latina*. São Paulo: Terceira Margem, 2018.

HABERMAS, J.; FRIEDEBURG, L.V.; OEHLER, Ch.; WEITZ, F. O comportamento político dos estudantes comparado ao da população em geral [1961]. Trad. Breno Schuman. In: BRITO, Sulamita de (org.). *Sociologia da Juventude*. Vol.2: para uma Sociologia diferencial. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

HANCOCK, W.K. *Survey of British Commonwealth Affairs*. Problems of Economic Policy, 1918-1939. Vol II. Part 1. Oxford: Oxford University Press, 1940.

HARRIS, Kirsten. *Walt Whitman and British Socialism*. "The Love of Comrades". New York: Routledge, 2016.

HATZKY, Christine. *Julio Antonio Mella* (1903-1929): una biografía. Santiago de Cuba: Oriente, 2008.

HATZKY, Christine; ORTIZ, Rina. Julio Antonio Mella: su huelga de hambre y la expulsión del Partido Comunista de Cuba. Una laguna en su biografía. Trad. Regina Altena. In: *Revista historias* - Cartones y cosas vistas. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, nº49, may-ago/2001.

HAYASHI, Marcelo; HAYASHI, Maria Cristina. A Reforma de Córdoba de 1918: Estado do Conhecimento Baseado em Artigos Científicos (1978-2018). *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, vol.5, 2019.

HERMAN, Arthur. *A ideia de decadência na história ocidental*. Trad. Cynthia Azevedo; Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 1999 (1ªed. 1997).

HERNÁNDEZ VALDÉS, Emilio (org.). *Mella*: 100 años. Vol.1. Havana: Oriente, 2003.

HERNÁNDEZ VALDÉS, Emilio (org.). *Mella*: 100 años. Vol.2. Havana: Oriente, 2003.

HERRERA, Carlos Miguel. El intelectual como partido: Dardo Cúneo y la experiencia de Acción Socialista. *Archivos* - Revista de historia del movimiento obrero y la izquierda, nº3, septiembre de 2013.

HOBSBAWM, Eric (org.) *História do Marxismo* - O marxismo na época da Terceira Internacional: o novo capitalismo, o imperialismo, o Terceiro Mundo. Vol.8. Trad. COUTINHO, C; HENRIQUES, L; COUTINHO, A. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (1ªed. 1980).

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios, 1875-1914*. Trad. Sieni Campos; Yolanda Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2009 (1ªed. 1988).

HOBSBAWM, Eric. *Como mudar o mundo*. Marx e o marxismo. Trad. Donaldson Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*: o breve século XX: 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. *Revolutionaries* - Contemporary Essays. London: Phoenix, 1994 (1ªed. 1973).

HOBSON, John A. *Confessions of a Economic Heretic* - Autobiography. London: Unwin Brothers, 1938.

HOBSON, John A. *Imperialism* - a study. New York: James Pott & Co., 1902.

HOBSON, John A. *The War in South Africa*. It's causes and effects. London: James Nisbet & Co., 1900.

HOCHSCHILD, Adam. A Reckoning. In: *King Leopold's Ghost* - a story of greed, terror, an heroism in colonial Africa. New York: Mariner, 1999.

IANNI, Otávio. O jovem radical (1962). In: BRITO, Sulamita de (org.). *Sociologia da Juventude*. Vol.1: da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

JAMES, Lawrence. *The rise and fall of the British Empire*. New York, NY: St. Martin's Press, 1994.

JAUREGUI, Carlos. Calibán, ícono del 98. A propósito de un artículo de Rubén Darío. *Revista Iberoamericana*. Vol.LXIV, nº184-185, 1998.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. *América Latina en la Internacional Comunista 1919-1943* - Diccionario Biográfico. Santiago: Ariadna Ediciones, 2015: https://books.openedition.org/ariadnaediciones/948

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. Hacia la revolución panamericana. La Comintern y la creación del comunismo centroamericano. *Pacarina del Sur*, año 3, nº10, 2012.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. *La Internacional comunista y América Latina, 1919-1943:* Diccionario biográfico. Buenos Aires: CLACSO, 2017.

JOHNSON, Chalmers A. *Revolution and the social system*. Stanford, CA: Stanford University, 1964.

JULLIARD, Jacques. Sur un fascisme imaginaire : à propos d'un livre de Zeev Sternhell. In: *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. 39e année, nº 4, 1984.

KAYSEL, André. A primeira polêmica sobre o populismo na América Latina. *Critica Marxista*, São Paulo, v. 42, p.26, 2017.

KAYSEL, André. *Entre a nação e a revolução*: marxismo e nacionalismo no Peru e no Brasil (1928-1964). São Paulo: Alameda, 2018.

KAYSEL, André. Nação e (ou) Socialismo: Mariátegui, Haya de la Torre e a Internacional Comunista. *Cadernos PROLAM*/USP. São Paulo: ano 11, vol.1, 2012.

KAYSEL, André. Três Vozes, Duas Polêmicas e Um Problema: Mariátegui, Haya de La Torre, Julio Antonio Mella e as fundações do marxismo latino-americano. *IV Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP*, São Paulo, 2014.

KERSFFELD, Daniel. *Contra el Imperio*. Historia de la Liga Antimperialista de las Américas. México: Siglo XXI, 2012.

KERSFFELD, Daniel. Entre frentes y partidos: ambivalencias y oscilaciones em la LADLA (1925-1935). In: PITA GONZÁLEZ, Alexandra (org.). *Intelectuales y antiimperialismo*: entre la teoría y la práctica. Colima-MX: Universidad de Colima, 2010.

KLAIBER, Jeffrey L. The Popular Universities and the Origins of Aprismo, 1921-1924. *The Hispanic American Historical Review*, Durham-EUA, vol.55, nº4. 1975.

KLOYBER, Christian; PATKA, Marcus G. Vorwort [Prefácio]. In: *Österreicher im Exil*: Mexiko 1938-1947. Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes. Wien: Deuticke, 2002.

KNIGHT, Kathleen. Transformations of the Concept of Ideology in the Twentieth Century. *The American Political Science Review*. Vol. 100, nº4, nov. 2006.

KOEBNER, Richard; SCHMIDT, Helmut Dan. *Imperialism*: The Story and Significance of a Political Word, 1840-1960. Cambridge: Cambridge University Press, 1964.

KOHAN, Néstor. *Deodoro Roca, el hereje*. Buenos Aires: Biblos, 1999.

KOHN, Margaret; REDDY, Kavita. "Colonialism". In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. ZALTA, Edward N. (org.), 2017: https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/colonialism/

KOSELLECK, Reinhart. Introducción al *Diccionario* histórico de conceptos político-sociales básicos en lengua alemana. Trad. Luis Fernández Torres. *Anthropos*. Dossier Reinhart Koselleck. Barcelona, nº223, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Palestra transcrita e traduzida por Manoel Luis Salgado Guimarães. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992.

KRAUZE, Enrique. *Caudillos culturales en la Revolución Mexicana*. México-DF: Siglo Veintiuno, 2008 (1ªed. 1976).

LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015 (1ªed.2005).

LAFLEUR, Héctor. *Las revistas literarias argentinas* (1893-1967). Buenos Aires: El 8vo.loco, 2006.

LANZARO, Jorge. Juan Carlos Portantiero (1934-2007): o intelectual e a política. Trad. Renata Rufino. *Dados*, Rio de Janeiro, vol.50, nº4, 2007.

LAPONCE, Jean A. The Prepolitical Symbolism of Left and Right In: *Left and Right*: The Topography of Political Perceptions. Toronto: University of Toronto Press, 1981.

LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno [Trad. Irene Ferreira]. In: *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

LENIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*: ensaio popular. São Paulo: Expressão popular, 2012 (1ª ed. 1917).

LENIN, Vladimir Ilitch. *Que fazer?* Problemas candentes de nosso movimento. Trad. Marcelo Braz. São Paulo: Expressão Popular, 2010 (1ªed. 1902).

LENIN, Vladimir. O socialismo e a guerra (julho/agosto 1915). In: *Obras Escolhidas*. Trad. 'Avante!'. Tomo 2. Lisboa: Avante!, 1986.

LENIN, Vladimir. Tenth Congress of the R.C.P - On Party Unity (16/03/1921). In: *Collected Works.* Vol.32 - December 1920 - August 1921. Trad. Yuri Sdobnikov. Moscow: Progress, 1973 (1ªed. 1965).

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (org.). História dos jovens. Vol.2: A época contemporânea. Trad. Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEVITT, Peggy; KHAGRAM, Sanjeev (org.). *The Transnational Studies Reader*. New York: Routledge Press, 2007.

LIFFOURRENA, Diego Gabriel. *La revista Claridad* (1926-1941). Un alegato social de entreguerras desde la óptica de izquierda. Buenos Aires: Autores de Argentina, 2017.

LINDEN, Marcel van der. *Trabalhadores do mundo*: ensaios para uma história global do trabalho. Trad. Patricia Zimbres. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013 (1ªed. 2008).

LITKE, Justin B. Varieties of American Exceptionalism: Why John Winthrop Is No Imperialist. In: *Journal of Church and State*, Vol.54, 2012.

LOURO, Michele L. LOURO, Michele L. *Comrades against Imperialism*: Nehru, India and Interwar Internationalism. New York: Cambridge University Press, 2018.

LUKES, Steven. Epilogue: The grand dichotomy of the twentieth century. In: BALL, Terence; BELLAMY, Richard (org.). *The Cambridge History of Twentieth-Century Political Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MAÍZ, Claudio. *Constelaciones unamunianas*: enlaces entre España y América (1898-1920). Salamanca: Ediciones Universidade de Salamanca, 2009.

MAÍZ, Claudio. Jorge Abelardo Ramos, el "inventor" de Ugarte. Marginalidad, canon y nación. *Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas*, INCIHUSA – CONICET, Vol. 15, nº 1, 2013.

MALERBA, Jurandir. *A História na América Latina*: ensaio de crítica historiográfica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MAÑANA (24/01/1948) *apud* PAREDES LÓPEZ, Christian. *El pensamiento político de Jose Vasconcelos en la revista Timon*. Licenciatura - Ciencias Políticas y Sociales. UNAM, 2012.

MANELA, Erez. *The Wilsonian moment*: self-determination and the international origins of anticolonial nationalism. New York: Oxford University Press, 2007.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Trad. Sérgio Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1968 (1ªed. 1929).

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna (1943-54). Trad. Octavio Alves Velho. In: BRITO, Sulamita de (org.). *Sociologia da Juventude*. Vol.1: da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARTÍN DEL CAMPO, Julio Labastida (org.). *Dictaduras y dictadores*. México-DF: Siglo XXI, 1986.

MARX, Karl. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011 (1ªed. 1852).

MARX, Karl. The East Company - Its History and Results (Londres, 21/06/1853). *New York Daily Tribune*, New York - EUA, 11/07/1853.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *On Colonialism*. Moscou: Progress, 1974 (1ªed. 1959).

MELGAR BAO, Ricardo. El epistolario como vehículo de comunicación y cultura: México en las cartas de José Carlos Mariátegui. *Pacarina del Sur*. México-DF: año 5, nº18, 2014.

MELGAR BAO, Ricardo. Las universidades populares en América Latina 1910-1925. *Pacarina del Sur,* México-DF, nº38, 2019.

MELGAR BAO, Ricardo. Utopía y revolución en el exilio Venezolano en México. In: *XXI Congreso Internacional de Latin American Studies Association (LASA)*, Guadalajara, 17-19 de Abril de 1997.

MELGAR BAO, Ricardo. *Vivir el exilio em la Ciudad, 1928*. V.R. Haya de la Torre y J.A. Mella. México-DF: Sociedad Cooperativa del "Taller Abierto", 2013.

MERBILHAÁ, Margarida. *Trayectoria intelectual y literaria de Manuel Ugarte* (1895-1924). Tese (Doutorado em Letras). La Plata, Argentina: UNLP, 2009.

MIGNOLO, Walter *D. La Idea de América Latina* - La herida colonial y la opción decolonial. Trad. Silvia Jawerbaum; Julieta Barba. Barcelona: Gedisa, 2007.

MILLER, Nicola. *In the Shadow of the State*. London/New York: Verso, 1999.

MOLINA JIMÉNEZ, Iván. La Polémica de El problema (1899), de Máximo Soto Hall. *Revista Mexicana del Caribe*, Chetumal, México, vol.VI, nº12, 2001.

MORAGA VALE, Fabio. "Por mi raza hablará el espíritu", el despertar de una larga noche de opresión: Vasconcelos. *Boletín UNAM*, México-DF, 26/02/2019.

MORAGA VALLE, Fabio. Reforma desde el sur, revolución desde el norte. El Primer Congreso Internacional de Estudiantes de 1921. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, nº47, 2014.

MORALEZ PÉREZ, Salvador E. *El Bonete*: vocero oficioso de la Liga Antiimperialista de las Américas. In: PITA GONZÁLEZ, Alexandra (org.). *Intelectuales y antiimperialismo*: entre la teoría y la práctica. Colima-MX: Universidad de Colima, 2010.

MORENO RODRÍGUEZ, Laura Beatriz. *México frente al exilio cubano*, 1925-1940. Doutorado (Tese em História). México-DF: Instituto Mora, 2016.

MOTTA, Romilda Costa. *José Vasconcelos*: as Memórias de um profeta rejeitado. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFLCH-USP, 2010.

MOYA, Jose C. Introduccion: Latin America - The limitations and meaning of a historical category. In: MOYA, Jose C. (org.). *Latin American History* - The Oxford Handbook. New York: Oxford University Press, 2011.

MUMFORD, Lewis. *A condição de homem* – Uma análise dos propósitos e fins do desenvolvimento humano. Trad. V. de Miranda Reis. Globo: Rio de Janeiro, 1955 (1ªed. 1944).

NAVARRO, Mina Alejandra. *Los jóvenes de la "Córdoba Libre!"*. Un proyecto de regeneración moral y cultural. México-DF: Nostromo, 2009.

NEIVA, Ruth Cavalcante. A trajetória intelectual de José Ingenieros: constâncias e rupturas. *Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC*, Campo Grande - MS, 2016.

NETTO, Leila. O "fenômeno" Mariátegui: polêmicas e intérpretes. Rio de Janeiro: Revista *Em Pauta*, nº22, 2009.

OCAMPO LÓPEZ, Javier. Maestro Germán Arciniegas. El educador, ensayista, culturólogo e ideólogo de movimientos estudiantiles en Colombia. Rhela. Vol.11, 2008.

OCAMPO, Aurora (org.). VASCONCELOS, José [verbete]. In: *Diccionario de escritores mexicanos siglo XX*. Desde las generaciones del Ateneo y Novelistas de la Revolución hasta nuestros días. Tomo IX (U-Z). México-DF: UNAM, 2007.

OCHOA BILBAO, Luis. Radiografía del Império: Los Estados Unidos contra la libertad, de Isidro FAbela. In: PITA GONZÁLEZ, Alexandra; MARICHAL SALINAS, Carlos. *Pensar el antiimperialismo*: ensayos de historia intelectual latino-americana, 1900-1930. México-DF: El Colegio de México: Universidad de Colima, 2012.

OLIVA MEDINA, Mario. Revista Repertorio Americano: algunos alcances sobre su trayectoria, 1919-1958. *Revista Izquierdas*: Universidad de Santiago de Chile, vol.1, nº1, julio, 2008.

OLIVEIRA, Fayga Marcielle Madeira de. *Além da Tempestade*: identidades latino-americanas e projetos políticos no Brasil no início do século XX. Dissertação (Mestrado em História). Campinas-SP: Unicamp, 2015.

ORGAZ, Raúl A. Ernesto Quesada. Homenaje a su memoria. *Revista de la Universidad Nacional de Córdoba*, año 21, nº1-2, marzo-abril/1934.

ORTEGA Y GASSET, José. El método de las generaciones en história - Lección IV (1933) In: *Obras Completas*. Tomo V. Madrid: Revista de Occidente, 1994.

ORTEGA Y GASSET, José. La idea de la generación - Lección III (1933) In: *Obras Completas*. Tomo V. Madrid: Revista de Occidente, 1994.

ORTEGA Y GASSET, José. Misión de la universidad. In: *Obras completas*. Tomo 4. Madrid: Alianza, 1983.

PALTI, Elías J. Apéndice – Lugares y no lugares de las ideas en América Latina. In: *El tiempo de la política*. El siglo XIX reconsiderado. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

PAREDES LÓPEZ, Christian. *El pensamiento político de Jose Vasconcelos en la revista Timon*. Licenciatura - Ciencias Políticas y Sociales. UNAM, 2012.

PAREDES, Alejandro. De los casi-grupos a los colegios invisibles: distintos modos de pensar la interación entre intelectuales latinoamericanos durante el siglo XX. In: COSTA, Adriane Vidal; MAÍZ, Claudio (org.). *Nas tramas da "cidade letrada"*: sociabilidad dos intelectuales latinoamericanos e as redes transnacionais. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

PAZ, Octavio. *Los hijos del limo*. Del romanticismo a la vanguardia. Barcelona: Seix Barral, 1990 (1ªed. 1987).

PERICÁS, Luiz Bernardo. José Carlos Mariátegui e o Comintern. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.25/26, 2010/2011.

PETERSSON, Fredrik. *"We Are Neither Visionaries Nor Utopian Dreamers"* - Willi Münzenberg, the League against Imperialism, and the Comintern, 1925-1933. Tese (Doutorado em História). Turku (Finlândia): Åbo Akademi University, 2013.

PETERSSON, Fredrik. In Control of Solidarity? Willi Münzenberg, the Workers' International Relief and League against Imperialism, 1921-1935. In: Conference ' *Solidarities Through History?* Columbia University. New York, March 30 2007.

PETERSSON, Fredrik. In Dire Need of a Colonial Agenda? The Mobilization and Responses of the Labour Socialist International on the Emergence of the League against Imperialism, 1927-29. In: *Crisis and Mobilization Since 1789* - Conference. Amsterdam: IISG, 2013.

PETERSSON, Fredrik. Prelude to Bandung: The Interwar Origins of Anti-Colonialism. In: *Imperial & Global Forum* - University of Exeter - UK, 2014.

PETERSSON, Fredrik. Willi Münzenberg: A Propagandist Reaching Beyond the Party and Class. In: HOFFROGGE, Ralf; LAPORTE, Norman (org.). *Weimar Communism as mass movement*,1918-1933. Lawrence and Wishart: London, 2017.

PIERRU, Emmanuel. Militants par conscience [verbete]. In: FILLIEULE, Olivier; MATHIEU, Lilian; PÉCHU, Cécile (org.). *Dictionnaire des mouvements sociaux*. Paris: Presses de Sciences Po, 2009.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra (org.). *Intelectuales y antiimperialismo*: entre la teoría y la práctica. Colima-MX: Universidad de Colima, 2010.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra. BRUNO, Paula. Definiendo su propia emoción. Una relectura de *El hombre mediocre* de José Ingenieros. In: WEINBERG, Liliana (org.) *Estrategias del pensar*. Vol I. Ensayo e prosa de ideas en América Latina - Siglo XX. México-DF: UNAM, 2010.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Historia y antiimperialismo: Yanquilandia bárbara de Alberto Ghiraldo (1929). In: PITA GONZÁLEZ, Alexandra; MARICHAL SALINAS, Carlos. *Pensar el antiimperialismo*: ensayos de historia intelectual latinoamericana, 1900-1930. México-DF: El Colegio de México: Universidad de Colima, 2012.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *La Unión Latino Americana y el boletín Renovación*. Redes intelectuales y revistas culturales en la década de 1920. México-DF: El Colegio de México, Universidad de Colima, 2009.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra; MARICHAL SALINAS, Carlos. *Pensar el antiimperialismo*: ensayos de historia intelectual latino-americana, 1900-1930. México-DF: El Colegio de México, Universidad de Colima, 2012.

PITTS, Jennifer. *A turn to empire*: the rise of imperial liberalism in Britain and France. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2006.

PLANAS SILVA, Pedro; VALLENAS MÁLAGA, Hugo. *Haya de la Torre en su espacio y en su tiempo*. Aportes para una contextualización del pensamiento de Haya de la Torre. Lima: HV ediciones, 2010.

PODESTÁ, Bruno. Ricardo Palma y Manuel González Prada: Historia de una enemistad. *Revista Iberoamericana*, nº78, Vol. 38, 1972.

PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudiantes y política en América Latina*. El proceso de la reforma universitaria (1918-1938). México: Siglo XXI, 1978.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *A formação das nações latino-americanas*. Anticolonialismo, anti-imperialismo. Constituição das oligarquias. A América Latina é livre? São Paulo/Campinas: Atual/Unicamp, 1987.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no Século XIX*: Tramas, Telas e Textos. São Paulo: EDUSP, 1999.

PRASHAD, Vijay. *The darker nations*: a people's history of the third world. New York: 2008.

PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes*: travel writing and transculturation. London: Routledge, 1992.

PRUNEDA, Elvira. La permanencia de la Universidad Popular Mexicana durante la Revolución. 1912-1920. *Pacarina del Sur,* México-DF, nº38, 2019.

PUIGGRÓS, Adriana. La educación popular en América Latina: orígenes, polémicas y perspectivas. Buenos Aires: Colihue, 2016.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Arpía [verbete]. *Diccionario de la lengua española*, 23.ª ed, 2019.

REAL DE AZÚA, Carlos. *Historia visible e historia esotérica*: personajes y claves del debate latinoamericano. Montivideo: Arca, 1975.

REMOND, René. Les intellectuels et la politique. *Revue française de science politique*, 9e année, n°4, 1959.

RÉNIQUE, José Luis. *Imaginar la nación*. viajes en busca del "verdadero Perú" (1881-1932). Lima: Editorial Congreso del Perú, 2015.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portugueza*. 2ªed. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1885

RODRIGUES, Helenice. O intelectual no "campo" cultural francês. Do "Caso Dreyfus" aos tempos atuais. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol.21, nº34, 2005.

RODRÍGUEZ, Rolando. Julio Antonio Mella. Pensamiento y acción sin fronteras. *Bohemia*. Havana, Cuba: año 110, nº7, 30/03/2018.

ROGGIANO, Alfredo A. Homenaje a Arturo Torres Ríoseco (1897-1971). *Revista Iberoamericana*, Vol. XXXVIII, Núm. 78, Enero-Marzo 1972.

ROGINER, Luis; YANKELEVICH, Pablo. Exilio y política en América Latina. *E.I.A.L*, Vol.20, n.1, 2009.

ROIG, Arturo A. Deodoro Roca y el Manifiesto de la Reforma de 1918 (1998). In: ROCA, Deodoro. *Obra reunida*. Vol.I. Cuestiones universitarias. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2017.

ROLLAND, Denis. *A crise do modelo francês*. A França e a América Latina. Cultura, política e identidade. Trad. René Loncan. Brasília: Editora UNB, 2005.

ROSAS, João Cardoso; FERREIRA, Ana Rita. Left and Right: Critical Junctures. In: ROSAS, João Cardoso; FERREIRA, Ana Rita (org.). *Left and Right*: The Great Dichotomy Revisited. Newcastle upon Tyne, UK. Cambridge Scholars, 2013.

RUDAKOVA, Iskra. *Sobre a Obra de Lénine "O Imperialismo Fase Superior do Capitalismo"*. Moscou: Progresso, 1986.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011 (1ªed. 1993).

SAMSON, Jane (org.). *The British Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

SANDRE, Ítalo de. Carisma [verbete]. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Vol. 1. Trad. João Ferreira (org.). Brasília-DF: Editora UNB, 1998 (1ªed. 1983).

SANTOS Jr., Valdir Donizete dos. *A trama das ideias*: Intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914). Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFLCH-USP, 2013.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe. *O Brasil entre a América e a Europa*: o Império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington). São Paulo: UNESP, 2004.

SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica*: Buenos Aires 1920-1930. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003 (1ªed. 1988).

SARTRE, Jean-Paul. Qu'est-ce qu'un intellectuel? (1965). In: *Plaidoyer pour les intellectuels*. URSS: Gallimard, 1972.

SCAVINO, Dardo. *Las fuentes de la juventud*. Genealogía de una devoción moderna. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2015.

SCHUMACHER, Lydia. *Early Franciscan Theology*. Between Authority and Innovation. Cambridge-UK: Cambridge University Press, 2019.

SCHWARTZ, Jorge. *Fervor das vanguardas*: arte e literatura na América Latina. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas*: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos. São Paulo: EDUSP, 2008 (1ªed. 1995).

SEELEY, John Robert. *The Expansion of England*. Two courses of lectures. London: Macmillan and Co., 1914 (1ªed.1883).

SELSER, Gregorio. *Cronología de las intervenciones extranjeras en América Latina*. Tomos I a IV (1776-1990). TORRES, Beatriz; SACRISTÁN, Ana María (org.). México-DF: Camena: 2010.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.) *História da vida privada no Brasil.* República: da Belle Epoque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIGAL, Silvia. *Intelectuales y poder en la década del sesenta*. Buenos Aires: Puntosur, 1991.

SIGAL, Silvia. *Le role politique des intellectuels en Amerique latine*: la derive des intellectuels en Argentine. Paris: L' Harmattan, 1996.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SISKIND, Mariano. La primera guerra mundial como evento latinoamericano: modernismo, visualidad y distancia cosmopolita. *Cuadernos de Literatura*, Vol.XX, nº39, 2016.

SPENGLER, Oswald. *A decadência do Ocidente*. Esboço de uma morfologia da História Universal. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Zahar, 1964 (1ªed. 1918-1922).

STEINER, George. *Lecciones de los maestros*. Trad. María Condor. Madrid: Ediciones Siruela, 2004.

STEMBRIDGE, Stanley R. Disraeli and the Millstones. *Journal of British Studies*. Vol. 5, nº1, nov. 1965.

STEPAN, Nancy Leys. *"A hora da eugenia"*: raça, gênero e nação na América Latina. Trad. Paulo M. Garchet. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005 (1ªed. 1991).

STEWART, Dugald. Essay Third - On the influence of Locke's authority upon the philosophical systems which prevailed in France during the latter part of the eighteenth century. In: *Philosophical Essays*. Edinburgh: George Ramsay and Company, 1810.

TARACENA ARRIOLA, Arturo. La Asociación General de Estudiantes Latinoamericanos de París (1925-1933). *Anuario de Estudios Centroamericanos*, Universidad de Costa Rica, 15(2): 61-80, 1989.

TENORIO TRILLO, Mauricio. América Latina: a ideia, mais uma vez. *Interseções*, Rio de Janeiro, Vol.14, nº2.

TENORIO TRILLO, Mauricio. Entrevista a Helena Bomeny e Lucia Lippi Oliveira. *Estudos Históricos*,Rio de Janeiro. Vol. 22, nº44, 2009.

TERÁN, Oscar. El primer antiimperialismo latinoamericano. *Punto de Vista,*Buenos Aires, out./1981.

TERÁN, Oscar. José Ingenieros o la voluntad de saber [Introducción]. In: INGENIEROS, José. *Antiimperialismo y nación*. TERÁN, Oscar (org.). México: Siglo Veintiuno, 1979.

TUCHMAN, Barbara. *A Torre do Orgulho*: um retrato do mundo antes da Grande Guerra (1890-1914). Trad. João Pereira Bastos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990 (1ªed. 1962).

TÜNNERMANN BERNHEIM, Carlos. *La universidad ante los retos del siglo XXI*. México-DF: UDUAL, 2003.

UNAMUNO, Miguel de. *La agonía del Cristianismo*. Buenos Aires: Losada, 1938 (1ªed.1925).

UNDERWOOD, Jonathan Allen. *From empire to Empire*: Benjamin Disraeli and the Formalization of the British Imperial Social Structure. Dissertação (Mestrado em História). Raleigh-NC (USA): NC State, 2006.

VALLENAS, Hugo. La protesta popular del 23 de mayo de 1923 y las Universidades Populares "González Prada". *Rede el Ojo Izquierdo* - Mirando a Indoamérica, 2011.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical* – História Cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VITERI BAZANTE, Frank; POSADA GÓMEZ, Edward. Miguel de Unamuno: una comprensión de su pensamiento en torno a la agonía y la muerte. *Pensamiento*, Vol.73, nº278, 2017.

WEAVER, Kathleen. *Peruvian Rebel*. The World of Magda Portal, with a Selection of Her Poems. State College - Penn. USA: The Pennsylvania State University Press, 2009.

WEBER, Wiebke. *Behind Left and Right*. The meaning of left-righ orientation in Europe. Tese (Doutorado em Ciência Política). Salamanca, Espanha: Universitat Pompeu Fabra (UPF), 2012.

WEISS, Holger (org.). *International Communism Transnational Solidarity*. Radical Networks, Mass Movements and Global Politics, 1919-1939. Leiden - The Netherlands: Brill, 2017.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave*: um vocabulário de cultura e sociedade. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007 (1ªed. 1983).

WILLIAMS, Raymond. *Política do modernismo*: contra os novos conformistas. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011 (1ªed. 1989).

ZEA, Leopoldo (org.). *America Latina en sus ideas*. México: Siglo XXI, 2006 (1ªed.1986).

ZERMEÑO, Guillermo. El concepto intelectual en Hispanoamérica: genesis y evolución. In: *Historia Contemporánea*, UPV/País Vasco, nº27, 2003.

Anexo 1: Apontamentos biográficos

Observações gerais: Elaborado com informações públicas disponíveis *online*, apenas para direcionamento preliminar e podem haver imprecisões. Entende-se que os sujeitos desse levantamento exerceram, em sua maioria, muitas atividades durante a vida, por isso as informações selecionadas, como a de ofício e participações em periódicos e associações como aquelas de mais destaque ou mais relevância para este trabalho. O item nacionalidade não se refere necessariamente ao local de nascimento, mas de maior atuação política. Os nomes em sublinhado também possuem entrada no glossário. Tomando-se o cuidado de fazer dupla checagem das informações, mas sem, necessariamente, referencia-las bibliograficamente. Todavia, em algumas entradas, há a indicação de fonte para informações adicionais.

Ou "wikis" e enciclopédias temáticas, como a cubana *Ecured* ou a cordovesa *Proeycto Culturas Interiores*, de páginas, obras ou (auto)biografias.

1) Intelectuais, políticos e figuras públicas

a) Intelectuais

Nome, nacionalidade e vida, breve biografia

ACERO, Francisco.
Peru, ?: aprista exilado na Argentina, assina o prólogo da coletânea de artigos de Haya de la Torre, *Por la emancipación de América Latina* (1927).

ALDEREGUÍA LIMA, Gustavo.
Cuba, 1895-1970: militante estudantil, médico, político, amigo de Julio Antonio Mella, ativista anti-fascista.

ALMAZÁN, Andreu.
Sem informações precisas. É possível que seja Juan Andreu Almazán (1891-1965), político mexicano e aliado de Plutarco Elias Calles.

ARAQUISTAIN, Luis.
Espanha, 1886-1959: periodista, membro do Partido Socialista Obrero Español (PSOE), deputado, embaixador.

ARCINIEGAS, Germán.
Colômbia, 1900-1989: líder estudantil, advogado, escritor, diplomata. Fundou a Federación de Estudiantes Colombianos quando estudava Direito, a primeira a aclamar José Vasconcelos como *maestro de la juventud*.

ARGUEDAS, Alcides.
Bolívia, 1879-1946: político, historiador, escritor de temas relacionados a identidade nacional, mestiçagem, problemática indígena, autor de *Pueblo enfermo* (1909).

ARROYO, César E.
Equador, 1887-1937: escritor, diplomata, comentador entusiasmado da obra de Manuel Ugarte, foi diretor da revista equatoriana *América*.

BARROS, Enrique F.
Ver lista *Flecha*.

BAZANTE, Jorge L.
Argentina, ?: signatário do Manifesto Liminar e participante da Reforma Universitária.

BELTROY VERA, Manuel.
Peru, 1893-1963: escritor, tradutor crítico literário. Na juventude foi confundador de *Mercurio Peruano*, junto com Víctor Andrés Belaunde. Cossignatário, junto com Edwin Elmore, do manifesto em defesa de José Vasconcelos contra Santos Chocano.

BERNAL DEL RIESGO, Alfonso
Cuba, 1902-1975: militante estudantil, psicólogo, também fundador da Universidad Popular "José Martí".

BIAGOSCH, Emilio Rodolfo.
Argentina, 1893-1957: reformista, diretor da *Gaceta Universitaria* (órgão oficial da Federación Universitaria de Córdoba), jornal que publicou o Manifesto Liminar, do qual foi signatário.

BLANCO-FOMBONA, Rufino.
Venezuela, 1874-1944: escritor, diplomata, político, viveu no exílio por ser opositor da ditadura de Juan Vicente Gómez, expoente do *modernismo literário*.

BOMFIM, Manoel.
Brasil, 1868-1932: médico, educador, autor de *América Latina - Males de origem* (1905).

BORDABEHERE, Ismael.
Ver lista *Flecha.*

BRANTE SCHWEIDE, Iso.
Argentina, ?: austro-argentino, contato de José Vasconcelos em Viena, participou do Congresso Anti-imperialista de Bruxelas (1927).

BUNGE, Carlos Octavio.
Argentina, 1875-1918: ensaísta e jurista, autor de *Nuestra América* (1903).

BULNES, Francisco.
México, 1847-1924: escritor, jornalista e político, autor de *El porvenir de las naciones latinoamericanas* (1899).

BUSTAMANTE, Luis F.
Peru, ?: professor da Universidade Popular González Prada quando estudava Medicina, participou do Congresso de Estudantes em Cuzco (1920), deportado por Augusto Leguía.

CARRIÓN, Manuel Benjamín.
Equador, 1897-1979: escritor, político, diplomata e promotor cultural.

CARVALHO, Ronald de.
Brasil, 1893-1935: poeta, escritor e político.

CASO, Antonio.
México, 1883-1946: filósofo cristão, fundou com José Vasconcelos o *Ateneo de la Juventud*, reitor da Universidade Nacional do México na década de 1920.

CASTELLANOS, Alfredo.
Argentina, 1893-1975: palentólogo, geógrafo e antropólogo; formado em medicina pela Universidade de Córdova, profissão que nunca exerceu, signatário do Manifesto Liminar e participante da Reforma Universitária.

CHOCANO, José Santos.
Ver SANTOS CHOCANO.

CODOVILLA, Vittorio.
Argentina, 1894-1970: político, comunista, membro do PC argentino, secretário de Internacional Comunista e seu Socorro Rojo, participou do Congresso de Bruxelas, fez firme oposição ao

comunismo defendido por Mariátegui, serviu ao Politburó (órgão máximo do poder soviético) até sua morte na Rússia, em 1970.

CORNEJO KOSTER, Enrique.
Peru, 1902-1973: médico, aprista, militante estudantil, professor da Universidade Popular González Prada, exilado pelo governo Leguía.

COSSIO, Carlos.
Argentina, 1903-1987: participou do movimento estudantil em Buenos Aires, jurista, advogado e professor. Em 1927, defendeu a tese de doutorado intitulado "La Reforma Universitaria o el Problema de la Nueva Generación".

COSSIO DEL POMAR, Felipe.
Peru, 1888-1981: pintor; participou das fundações apristas, como movimento e depois como partido; escreveu a primeira biografia de Haya de la Torre (1931).

COX, Carlos Manuel.
Peru, 1902-1986: advogado, economista, político aprista, advogado e senador, um dos membros mais importantes na história do APRA.

CÚNEO, Dardo
Ver lista *Flecha*.

DARÍO, Rubén.
Nicarágua, 1867-1916: poeta, jornalista, diplomata, principal nome do modernismo literário.

DEAMBROSIS MARTINS, Carlos.
Uruguai, 1901-1971: periodista, colaborador da madrilenha *Revista Hispanoamericana de Ciencias, Letras y Arte*, agente editorial de José Vasconcelos na Europa.

DEBAYLE SACASA, Leon.
Nicarágua 1902-?: diplomata; representante da AGELA no Congresso de Bruxelas.

DEHEZA, Julio.
Argentina, ?: reitor da Universidade de Córdova quando se iniciaram os movimentos da Reforma Universitária, em 1918. Havia sido reeleito pela terceira vez para o cargo em 1915. Sogro do líder reformista Deodoro Roca.

DELGADO, Alberto
Peru, ?: professor da Universidade González Prada, deportado por Leguía.

DROMUNDO, Baltazar.
México, 1906-1987, periodista, político, deputado, colaborador de diários e revistas no México e na América Latina, como *Repertorio Americano*.

ELMORE, Edwin.
Peru, 1890-1925: engenheiro civil, militante anti-imperialista, envolveu-se na polêmica do discurso *La hora de la espada* de Leopoldo Lugones, tomando o lado de José Vasconcelos. Como desdobramento, acabou assassinado pelo poeta José Santos Chocano.

FERNÁNDEZ SÁNCHEZ, Leonardo.
Cuba, 1907-1965: quadro do PCC; integrante da ANERC, juntamente com Julio Antonio Mella; membro da AGELA; membro da LADLA cubana e representante dela no Congresso de Bruxelas.

FIALLO, Fabio.
República Dominicana, 1866-1942: escritor, político, diplomata, colaborador de *Listín Diario*, onde polemizou com Zacarías Espinal por defender a soltura do poeta Santos Chocano.

GARCÍA MONGE, Joaquín.
Costa Rica, 1881-1958: editor, professor, pedagogo; criador e único editor da revista Repertorio Americano por quase cinquenta anos. Fundador do Partido Alianza de Obreros, Campesinos e Intelectuales em 1929.

GARZÓN, Ernesto.
Argentina, 1892-1967: engenheiro civil, reformista, signatário do Manifesto Liminar.

GARZÓN MACEDA, Ceferino.
Argentina, 1895-1969: advogado formado na Universidade de Córdova, historiador, professor, reformista, signatário do Manifesto Liminar.

GHIRALDO, Alberto.
Argentina, 1875-1946: jornalista, político, advogado, autor de *Yanquilandia bárbara* (1929).

GOLDSCHMIDT, Alfonso.
Alemanha 1879-1940: jornalista e intelectual alemão; foi professor em Córdova (Argentina) e na Cidade do México; participou do Congresso de Bruxelas com a delegação latino-americana.

GOMEZ CARRILLO, Enrique.
Guatemala, 1873-1927: diplomata, periodista escritor modernista.

GONZÁLEZ, Julio V.
Ver lista *Flecha*.

GONZÁLEZ PRADA, Manuel.
Peru, 1844-1918: ensaísta, pensador anaquista, poeta, político. Grande referência para a intelectualidade peruana da década de 1920.

GUMERSINDO SAYAGO, Manuel.
Argentina, 1893-1959: médico formado pela Universidade de Córdova, signatário do Manifesto Liminar, um dos fundadores do comitê pró-Reforma em 1918.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl.
Peru, 1895-1979: político, de esquerda, fundador da/do APRA, cofundador da Universidad Popular González Prada, foi secretário de José Vasconcelos, delegado aprista no Congresso de Bruxelas, candidato à presidência do Peru. Político de grande importância na história política peruana no século XX.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro.
Rep. Dominicana, 1884-1946: intelectual, filósofo, membro do Ateneo de la Juventud (México) colaborador do projeto de reforma educacional de José Vasconcelos.

HERRERA, Oscar.
Peru, ?: militante estudantil, aprista, professor e diretor da Universidade Popular González Prada, deportado pelo governo Leguía.

HERNANDEZ, Eusebio.
Cuba, 1853-1933: médico obstetra cubano, participou com os estudantes da fundação da Universidade Popular José Martí.

HEYSEN, Luis.
Peru, 1903-1980: engenheiro, político, dirigente aprista, trabalhou na formação da célula aprista de Buenos Aires.

HISPANO, Cornelio.
Colômbia, 1880-1962: poeta, jornalista.

HURWITZ, Jacobo.
Peru, 1901-1973: professor da Universidad Gonzalez Prada, aprista até 1928, informante para PC cubano, membro do Comité Pro Libertad de Julio Antonio Mella, membro Comitê MAFUENIC, organizado no México.

INGENIEROS, José.
Argentina, 1877-1925: médico, filósofo, criminalista, fundador da ULA e de seu periódico *Renovación*, membro do grupo *Claridad*, aclamado "maestro de la juventud" pelos refomistas de 1918.

IRAZUSTA, Julio.
Argentina, 1899-1982: político, periodista, de orientação nacionalista e fascista, contra o imperialismo britânico.

IRAZUSTA, Rodolfo.
Argentina, 1897-1967: político, periodista, de orientação nacionalista e fascista, contra o imperialismo britânico.

JIMÉNEZ DE ASÚA, Luis.
Espanha, 1889-1970: jurista, político filiado ao PSOE, diplomata.

JIMÉNEZ GRULLON, Juan Isidro.
República Dominicana, 1903-1983: político, ensaísta, representante da AGELA no Congresso de Bruxelas.

LECAROS, Julio.
Peru, ?: militante estudantil, aprista, professor e diretor da Universidade Popular González Prada, deportado pelo governo Leguía.

LOUDET, Osvaldo.
Argentina, 1899-1983: psiquiatra, cofundador e presidente da FUA.

LUGONES, Leopoldo.
Argentina, 1874-1938: escritor, poeta, intelectual que iniciou sua carreira como socialista, aderindo posteriormente ao fascismo, autor do discurso *La hora de la espada* (1924).

MACHADO MORALES, Eduardo.
Venezuela, 1902-1996: político (deputado); em Cuba, com Julio Antonio Mella e seu irmão Gustavo Machado, fundaram a LADLA e o PC cubano; no México, funda com seu irmão Gustavo e Salvador de La Plaza, o Partido Revolucionario Venezoelano (que se tornaria o PC venezuelano).

MACHADO MORALES, Gustavo.
Venezuela, 1898-1983: político (deputado, candidato à presidência da Venezuela); em Cuba, com Julio Antonio Mella e seu irmão Eduardo Machado, fundaram a LADLA e o PC cubano; no México, funda com seu irmão Eduardo e Salvador de La Plaza, o Partido Revolucionario Venezoelano (que se tornaria o PC venezuelano) e administra *El Libertador* (LADLA); colaborador de UCSAYA.

MAÑACH, Jorge.
Cuba, 1898-1961: escritor, advogado, um dos fundadores do Grupo Minorista, editor das revistas *Social* e *Carteles*.

MARIÁTEGUI, José Carlos.
Peru, 1894-1930: periodista, marxista, fundador do Partido Social Peruano; entre outros pequenos diários, fundou e dirigiu as revistas *Amauta* e *Labor*; coordenou a Universidad Popular González Prada.

MARTÍNEZ, Ismael.
México,?: representante da Federación Obrera de Tamaulipas (México) no Congresso de Bruxelas.

MARTÍNEZ VILLENA, Rubén.
Cuba 1899-1934: advogado, escritor, poeta, fundador do Partido Comunista de Cuba, opositor do governo Gerardo Machado.

MASSAGUER, Conrado.
Cuba, 1889-1965: desenhista e caricaturista político, teve trabalhos publicados em vários periódicos cubanos e norte-americanos, diretor da revista *Social* (Havana).

MATIENZO, José Nicolás.
Argentina, 1860-1936: jurista, político, procurador da República no governo de Hipólito Yrigoyen e nomeado por este como interventor na Universidad de Córdoba na época da Reforma Universitária.

MAYER, Dora.
Peru, 1868-1959: socióloga, ativista, fundou a Asociación Pro-Indígena com Pedro Zulen, colaborou nas revistas *Amauta* e *Labor*, de Mariátegui.

MAZO, Gabriel del.
Argentina 1898-1969: militante estudantil, presidente da Federação Universitária Argentinna, político, membro do conselho diretivo da ULA, deputado, ministro da Defesa.

MEDINA ALLENDE, Antonio.
Argentina, 1895-1963: engenheiro, político, reformista, signtário do Manifesto Liminar.

MELLA, Julio Antonio.
Cuba 1903-1929: revolucionário cubano, líder estudantil, importante quadro do Partido Comunista Cubano e também do Mexicano; fundador da Universidad Popular José Martí; fundador da ANERC, fundador da secção cubana da LADLA (1925); no Congresso de Bruxelas foi delegado da LADLA mexicana e membro do comitê organizador no continente americano do Congresso de Bruxelas; companheiro de Tina Modotti.

MÉNDEZ, Luis M.
Argentina, ?: estudante da Universidade de Córdova em 1918, reformista, signatário do Manifesto Liminar.

MIRANDA, Héctor Alejandro.
Uruguai, 1885-1915: advogado, político, historiador, presidiu o *Primer Congreso Internacional de Estudiantes Americanos* em Montevideu (1908).

MISTRAL, Gabriela.
Chile, 1889-1957: poeta, diplomata, nobel de literatura, nomeada Benemérita del Ejército Defensor de la Soberanía Nacional na Nicaragua por Augusto Sandino.

MODOTTI, Tina.
Itália, 1896-1942: atriz, fotógrafa, ativista política revolucionária. Companheira de Julio Antonio Mella, com quem estava quando este foi morto na Cidade do México.

MOLINA GARMENDIA, Enrique.
Chile, 1871-1964: professor, educador, fundou em 1919 a Universidad de Concepción, foi ministro da Educação na década de 1940.

MOLINA, Julio.
Argentina, ?: estudante da Universidade de Córdova em 1918, reformista, signatário do Manifesto Liminar.

NEGRI, Ramón P.
Mex. 1887-1955: político, diplomata, embaixador do México em Berlim entre 1926 e 1929, onde ajudou a organizar o financiamento do governo mexicano ao Congresso de Bruxelas.

NIGRO, Ángel Jorge.
Argentina, 1894-1974: engenheiro civil, reformista, signatário do Manifesto Liminar.

NÚÑEZ VALDÍVIA, Jorge.
Peru, ?: diretor do *Semanario de Cultura Peruana*, de Arequipa; correspondente recorrente de Mariátegui, colaborador de *Amauta*; autor de "José Carlos Mariátegui y el materialismo dialéctico"[In: ARICÓ,1978].

OYHANARTE, Horacio.
Argentina, 1874-1938: advogado, político, ministro das Relações Exteriores de Hipolito Yrigoyen, entrou em desafio de duelo com Alfredo Palacios.

PALACIOS, Alfredo.
Argentina, 1878-1965: político, foi membro de dois partidos socialistas, exerceu mandatos de deputado e senador; atuou como "embaixador" da causa da Reforma Universitária, presidente da ULA após o falecimento de *José Ingenieros*, projeto no qual teve a parceria de Manuel Seoane; discursando em outros países; concorreu à presidência em uma chapa com Carlos Sánchez Viamonte.

PALACIOS, Nicolas.
Chile, 1858-1911: médico, político, autor de *Raza chilena* (1904).

PALMA, Ricardo.
Peru: 1833-1919: escritor, periodista, tradicionalista, polemizou com González Prada.

PASCUAL CANOSA, Sarah.
Cuba, 1904-1987: escritora, integrante do Partido Comunista de Cuba, cofundadora da Universidad Popular José Martí com Julio Antonio Mella.

PAVLETICH, Esteban
Peru 1906-1981: escritor, secretário da FEP, militante aprista, participou de levantes no Panamá na Guatemala; no México atuou em meetings com Julio Antonio Mella, em Cuba trabalhou na Universidad Popular José Martí e em 1928 se juntou ao exército de Augusto Sandino, na Nicarágua.

PELLICER, Carlos.
México, 1897-1977: militante estudantil, escritor, poeta, político; foi secretário particular de José Vasconcelos.

PEREYRA, Carlos.
México, 1871-1924: advogado, historiador, escritor.

PESCE, Hugo.
Peru, 1900-1969: médico, fundador do Partido Socialista Peruano com José Carlos Mariátegui e Julio Portocarrero em 1928.

PLAZA, Salvador de la.
Venezuela, 1896-1970: político, participou da conspiração contra o ditador Juan Vicente Gómez em 1919; refugiado no México, fundou o o Partido Revolucionario Venezoelano (que se tornaria o PC venezuelano) com os irmãos Eduardo e Gustavo Machado, o Partido Revolucionario Venezolano (que se tornaria o PC venezuelano).

PONCE, Aníbal.
Argentina 1898-1938: psicólogo, ensaísta, militante no Partido Comunista da Argentina, codirigiu com José Ingenieros a Revista de Filosofía.

PORTAL, Magda.
Peru, 1900-1989: poeta; membro fundadora da APRA, da qual se afastaria posteriormente; participante da Universidad Popular González Prada e colaboradora de *Amauta*.

PORTOCARRERO, Julio.
Peru, 1898(?)-1991: líder sindical, trabalhador do setor têxtil em Vitarte, onde trabalhou com Haya de la Torre na fundação da universidade popular González Prada. Em 1928, fundou com Mariátegui o Partido Socialista, sendo seu Secretario de Organización Sindical.

RAVINES, Eudocio.
Peru, 1897-1979: político, passou pelo aprismo, comunismo e anti-comunista; foi delegado argentino da APRA no Congresso de Bruxelas em 1927 e delegado comunista no Congresso de Frankfurt em 1929. Na década de 1940 tornou-se anti-comunista e anti-aprista.

REAL TORRALBA, Félix.
Argentina (?): jornalista, editor, diretor do *Editorial Atlántida*, colaborador do periódico curitibano *Correio do Paraná* na década de 1930.

ROA, Raúl.
Cuba, 1907-1967: militante estudantil, opositor do governo Gerardo Machado, professor da Universidade Popular José Martí.

ROCA, Deodoro.
Argentina, 1890-1942: Advogado, periodista, professor universitário. Liderança na Reforma Universitária em Córdova, em 1918, autor do Manifesto Limiar, destacada atuação na vida de Córdova, única cidade em que viveu. Cf. KOHAN, 1999; ROCA, 2008; *Culturas Interiores* (site).

RODÓ, José Enrique.
Uruguai, 1872-1918: escritor, político, autor da obra *Ariel* (1900) e, em consequência dela, fundador do *arielismo*.

RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, José María.
Espanha, 1877-1961: comerciante em Gijón, amigo de José Vasconcelos, reuniu a coletânea *Poetas y Bufones* (1926) em defesa de Vasconcelos no caso Elmore-Chocano.

ROIG DE LEUCHSERING, Emilio.
Cuba, 1889-1964: historiador, membro do Grupo Minorista, colaborador da Universidad Popular José Martí, diretor do semanário *Carteles* com Alejo Carpentier.

ROMERO, Sílvio.
Brasil, 1851-1914: advogado, jornalista, crítico literário, autor de *A América Latina – Análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim* (1906).

ROSELLÓ, Arturo Alfonso.
Cuba, 1896-1972: jornalista, membro do Grupo Minorista, publicou uma entrevista com Julio Antonio Mella.

SABOGAL, José Arnaldo.
Peru, 1888-1956: pintor, ensaísta, indigenista, responsável pelo projeto gráfico da revista *Amauta*, de José Carlos Mariátegui.

SAIBENE, Natalio Jacinto.
Argentina, 1892-1986: engenheiro, reformista, signatário do Manifesto Liminar.

SAMBLANCAT, Ángel.
Espanha, 1885-1963: escritor, advogado, periodista, político anarcosindicalista .

SÁNCHEZ, Luis Alberto.
Peru, 1900-1994: político, filiado ao APRA em 1931 e o principal biógrafo de Haya de la Torre; deputado, senador, primeiro-ministro no primeiro governo do aprista Alan García.

SÁNCHEZ VIAMONTE, Carlos.
Argentina, 1892-1972: jurista, deputado pelo Partido Socialista, cofundador da revista *Sagitario*, membro do conselho diretivo da ULA, membro do Socorro Rojo.

SANTOS CHOCANO, José.
Peru 1875-1934): poeta, foi secretário do chefe revolucionário Pancho Villa no México; na Guatemala foi colaborador da ditadura de Estrada Cabrera; de volta ao Peru, declarou-se amigo e

simpatizante do presidente Augusto Leguía e defensor das "ditaduras organizadas". Em 1925 assassinou o escritor Edwin Elmore em frente a sede do diário *El Comercio*, em Lima.

SEOANE CORRALES, Juan.
Peru, 1899-1979: escritor, jurista, político, preso em 1932 acusado de atentar contra a vida do presidente Sánchez Cerro. Sobre seu período no cárcere, publicou *Hombres y rejas* (1937). Irmão mais velho do líder aprista Manuel Seoane.

SEOANE CORRALES, Manuel.
Peru, 1900-1963: periodista, membro fundador da APRA, presidiu a ULA em parceria com Alfredo Palacios; deputado, senador e candidato a vice-presidente do Peru na chapa de Haya de la Torre.

SIERRA, Justo.
México, 1848-1912: escritor, historiador e político, autor de *Evolución política del pueblo mexicano* (1902).

SOTO HALL, Máximo.
Guatemala, 1871-1943: escritor, político, liberal, colaborador de *Repertorio Americano*; começou a escrever obras anti-imperialistas, na década de 1920, autor de *Nicaragua y el Imperialismo Norteamericano* (1928).

SUÁREZ PINTO, Carlos.
Argentina, ?: estudante da Universidade de Córdova em 1918, reformista, signatário do Manifesto Liminar.

TERREROS, Nicolás.
Peru, ?: professor da Universidad Gonzalez Prada, deportado para o Panamá junto com Jacobo Hurwitz, rompeu com a APRA no final da década de 1920 e se uniu ao Partido Comunista, membro Comité Manos Fuera de Nicaragua organizado no México.

TORRES RIOSECO, Arturo.
Chile, 1897-1971: crítico literário especialista em literatura ibero-americana, fez toda sua carreira de hispanista em universidades dos Estados Unidos.

TURBAY, Gabriel.
Colômbia, 1901-1947: médico, diplomata, político, signatário da homenagem dos estudantes colombianos a José Vasconcelos em 1923.

UGARTE, Manuel.
Argentina, 1875-1951: escritor, periodista, socialista, apoiou os estudantes na Reforma Universitária; destacado intelectual anti-imperialista, considerado pioneiro na luta anti-imperialista, com artigos publicados desde o início do século XX e o livro *El porvenir de América Latina*, de 1910.

ULLOA SOTOMAYOR, Alberto.
Peru 1892-1975: diplomata, professor, diretor da *Revista Peruana de Derecho Internacional*.

VALDÉS, Horacio.
Argentina, ?: estudante de Direito em Córdova na época da Reforma Universitária, signtário do Manifesto Liminar.

VALEGA, Juan F.
Peru, ?: presidente da Federação Universitária Peruana em 1920.

VARGAS VILA, José María.
Colômbia, 1860-1933: jornalista, diplomata.

VARONA, Enrique José.
Cuba, 1849-1933: político, escritor, filósofo; a pedido de José Martí foi redator do *Patria* (periódico do Partido Revolucionario Cubano); foi vice-presidente de Cuba no primeiro mandato de Mario García Menocal (1913-1917); presidiu o ato de fundação da *Federación Estudiantil Univeristaria* a

convite de Julio Antonio Mella; apoiou os jovens na reforma universitária cubana e contra a ditadura de Gerardo Machado.

VASCONCELOS, José.
México, 1882-1959: político; a filosofia vasconceliana estruturou-se num humanismo mestiçanófilo e anti-racista, tendo publicado *Raza Cósmica;* cofundador do *Ateneo de la Juventud*, Secretário de Educação do México pós-revolucionário que lhe rendeu a alcunha de "apóstol de la educación", candidato à presidência do México.

ZACARÍAS ESPINAL, Manuel.
República Dominicana, 1901-1933: poeta, polemizou com Fabio Fiallo pelas páginas de *Listín Diario* por este defender a soltura de Santos Chocano.

ZULEN, Pedro
Peru, 1889-1925: biblioteconomista, fundador da Asociación Pro-Indígena com Dora Mayer, foi professor e diretor da biblioteca da Universidad de San Marcos (Lima).

ZUMETA, César.
Venezuela, 1860-1955: escritor, político, ministro de Juan Vicente Gómez.

b) Políticos, figuras públicas

BENAVIDES, Óscar.
Peru, 1876-1945: militar, político. Presidente provisório do Peru entre 1914 e 1915; e entre 1933 e 1939, mediante golpe de Estado. Reprimiu fortemente os apristas.

CALLES, Plutarco Elias.
México, 1877-1945: Político, militar. Governou o México entre 1924 e 1928, mas estendeu seu poder por meio de seus sucessores entre 1928 e 1934, período conhecido como Maximato.

ESTRADA CABRERA, Manuel.
Guatemala, 1857-1924: presidente da Guatemala entre 1898 e 1920. Ministro da Justiça de seu antecessor, ascendeu ao poder como presidente interino devido ao falecimento deste e se manteve no poder até ser deposto em 1920.

GÓMEZ, Juan Vicente.
Venezuela, 1857-1935: presidente da Venezuela, ditador entre 1908 e 1935, ano de sua morte.

LEGUÍA, Augusto.
Peru, 1863-1932: membro do Partido Civil, presidente entre 1908 a 1912 e de 1919 a 1930, período conhecido como Oncenio. Em 1919, havia sido eleito temendo não ter o resultado da eleição respeitado, deu um golpe antes da posse.

MACHADO, Gerardo.
Cuba, 1869-1939: açougueiro na juventude juntou-se as tropas pela independência de Cuba, entrou na vida pública em 1900, sendo eleito prefeito. Foi presidente de Cuba de 1925 a 1933, quando foi golpeado pelo grupo liderado por Fulgencio Batista.

OBREGÓN, Álvaro.
México, 1880-1928: chefe militar durante a Revolução Mexicana, apoiou Venustiano Carranza contra o governo Huerta; comandou as tropas contra Pacho Villa, foi presidente do méxico entre 1920 e 1924. Teve José Vasconcelos dirigindo a política educacional de seu governo, com campanhas de alfabetização em massa.

PARDO, José
Peru, 1864-1947: advogado, diplomata, exerceu a presidência do Peru entre 1904 e 1908 e entre 1915-1919, quando foi derrubado por Leguía.

YRIGOYEN, Hipólito.
Argentina, 1852-1933: duas vezes presidente (1916-1922 e 1928-1930), fundador do partido União Cívica Radical (de tendência liberal/social democrata). Em 1930, foi deposto por um golpe militar que resultou na presidência do tenente-general José Félix Uriburu.

2) Associações e grupos

Sigla, nome, local e data de fundação/atuação, breve histórico e informações complementares (quando houver)

AGELA
Asociación General de Estudiantes Latinoamericanos, Paris, 1925-1933
Grupo estudantil anti-imperialista e latino-americanista fundado em Paris para difusão de seus valores. Formado por emigrados da América Latina. (TARACENA ARRIOLA, 1989)

ANERC
Asociación Nacional de Emigrados Revolucionarios Cubanos, México, 1928
Organização de exilados cubanos, sediada no México, e fundada por Julio Antonio Mella, com propósitos anti-imperialistas, revolucionários e anti-machadistas. A partir dela, Mella planejava um levante armado em Cuba e destituir Gerardo Machado. Todavia, em janeiro de 1929, Machado enviaria sicários para assassinar Mella na cidade do México.
Periódico: *¡Cuba Libre!*

APRA (a/o)
(a) Apra: *Alianza Popular Revolucionaria Americana*, criada como um movimento anti-imperialista e latino-americanista, gestado a partir de 1924.
(o) Apra ou PAP (Partido Aprista Peruano): partido político peruano (1930-atual), primeiro partido de massa da América Latina.

GRUPO MINORISTA
Grupo Minorista, Havana, 1923-1927
Um grupo intelectual fundado em 1923 de jovens e artistas cubanos, sem ordenamento formal, autorreferido de esquerda e anti-imperialista, como afirmam os signatários da *Declaración del Grupo Minorista*, de 1927. MINORISTA. Declaración del Grupo Minorista. Carteles, 22/05/1927, p.16 e 25. Entre outros, assinam o documento Rubén Martínez Villena, Jorge Mañach, Emilio Roig de Leuchsenring, Arturo Roselló e Conrado W. Massaguer.

ULA
Unión Latino Americana, Buenos Aires, 1925
Fundada por José Ingenieros.
Associação de caráter anti-imperialista e latino-americanista (PITA GONZÁLEZ, 2009).
Colaboradores: Alfredo Palacios, Manuel Seoane, Aníbal Ponce, Carlos Sánchez Viamonte, Julio V. González
Periódico: *Renovación* (1923-1930)

UCSAYA
Unión Centro Sud Americana y Antillana, México, 1927.
Fundada pelo venezuelano Carlos León e pelo argentino Alejandro Maudet (Alejandro Sux). Organização latino-americanista e anti-immperialista em apoio principalmente à luta de Sandino na Nicarágua. (MELGAR BAO, 2006-2007)
Colaboradores: Salvador de la Plaza, Gustavo Machado, Jacobo Hurwitz.
Periódico: *La Batalla*

3) *Encuesta de Flecha* (1936)

Intelectuais que responderam a *encuesta* de Deodoro Roca em *Flecha* (1936). São duas listas organizadas geracionalmente, conforme argumento desenvolvido no Capítulo 4, p.88-91, com breve biografia e número da entrevista.

1) Mais velhos: nascidos antes de 1905, contemporâneos à Reforma Universitária (1918)

BAQUERO LAZCANO, Emilio.
Argentina (1891-1977): graduado em Direito e Ciências Sociais em 1914 pela UNC, da qual foi professor de Direito Internacional. (**nº24**)

BARROS, Enrique F.
Argentina (1893-1961): médico pela UNC, líder estudantil na Reforma Universitária e primeiro presidente da federação universitária de Córdova, foi reitor da UNC, irmão de José Benjamín Barros. (**nº21**)

BARROS, José Benjamín
Argentina, 1890?: engenheiro, militante da Reforma Universitária, reitor da UNC, irmão de Enrique Barros. (**nº10**)

BORDABEHERE, Ismael.
Argentina (1894-1977): engenheiro, advogado, presidente da Federação Universitária de Córdova em 1918, guardou durante 50 anos a chave da reitoria da universidade (um dos símbolos da Reforma), respondeu ao questionário de Deodoro Roca publicado em *Flecha* (1936). (**nº17**)

BRANDAN CARAFFA, (Carlos) Alfredo.
Argentina (1898-1978?): bacharel em Direito, professor. Estudante em Córdova, participou da Reforma Universitária em 1918 e da *Unión Latinoamericana* na década de 1920. (**nº5**)

FILLOY, Juan.
Argentina (1894-2000): advogado, escritor, desenhista, participante da Reforma Universitária (1918). (**nº4**)

GONZÁLEZ ALBERDI, Paulino.
Argentina (1903-1989): comunista argentino nascido em Madri, economista, membro do PCA, participou da fundação da Liga Antiimperialista (1927). (**nº14**)

GONZÁLEZ, Julio V.
Argentina, 1899-1955: advogado, socialista, presidente da FUA, cofundador da revista *Sagitario*, respondeu a *Flecha* (**nº1**)

LOPEZ GONZALEZ, Jose.
Argentina (?): participou da Reforma Universitária (1918), contemporâneo de Roca; poucas informações. (**nº25**)

MIRAVET, Horacio.
Argentina (1894-1972): médico formado pela Universidade de Córdova, militante da Reforma Universitária. (**nº7**)

NAVARRO, Antonio.
Argentina (1897-1963): médico formado pela Universidade de Córdova, militante da Reforma Universitária. (**nº8**)

ORGAZ, Jorge.
Argentina (?): médico formado pela Universidade de Córdova, da qual também foi professor, militante da Reforma Universitária, irmão de Raúl Orgaz. (**nº12**)

ORGAZ, Raúl A.
Argentina (1888-1948): advogado, professor, escritor, irmão de Jorge Orgaz. (**nº19**)

ROCA, Deodoro.
Argentina, 1890-1942: Advogado, periodista, professor. Liderança na Reforma Universitária em Córdova, em 1918, autor do Manifesto Limiar, destacada atuação na vida de Córdova, única cidade em que viveu. Cf. KOHAN, 1999; ROCA, 2008; Culturas Interiores (site). (**nº11**)

TABORDA, Saúl.
Argentina (1895-1943): advogado, pedagogo, participante da Reforma Universitária (1918). (**nº3**)

2) Mais jovens: nascidos após 1905, não contemporâneos à Reforma Universitária (1918)

BAGÚ, Sergio.
Argentina (1911-2002): historiador, sociólogo, professor, pensador marxista, deu aulas na Argentina, Chila, Estados Unidos, Venezuela, Peru e Uruguai. (**nº18**)

BORDONES, Tomas.
Argentina (?): estudante de medicina e militante universitário no início da década de 1930; poucas informações. (**nº23**)

CARLISKY, Mario.
Argentina (?): autor de estudos em psicanálise na década de 1960; poucas informações. (**nº28**)

CÚNEO, Dardo.
Argentina (1914-2011): escritor, historiador, diplomata, partidário do socialismo, atuou na campanha presidencial de Arturo Frondizi (deposto pelo golpe de 1962), autor de importante trabalho de compilação da Reforma Universitária. (**nº13**)

MARTORELLI, José.
Argentina (?): poucas referências, médico cordovês. (**nº9**)

MAY ZUBIRÍA, Alberto.
Argentina (?): advogado formado nos anos 1930, editor da jurídica *Revista del Notoriado* entre 1956-1957. (**nº15**)

MAYOR, Sergio.
Argentina (?): sem informações; militante universitário no início da década de 1930; poucas informações. (**nº27**)

MEEROFF, Marcos.
Argentina (1909-?): médico, formado pela UNC. (**nº20**)

MOCCIARIO, Vicente.
Argentina (?): sem informações. (**nº16**)

MONTENEGRO, Adelmo R.
Argentina (1911-1994): licenciado em Filosofia pela UNC, poucas informações. (**nº22**)

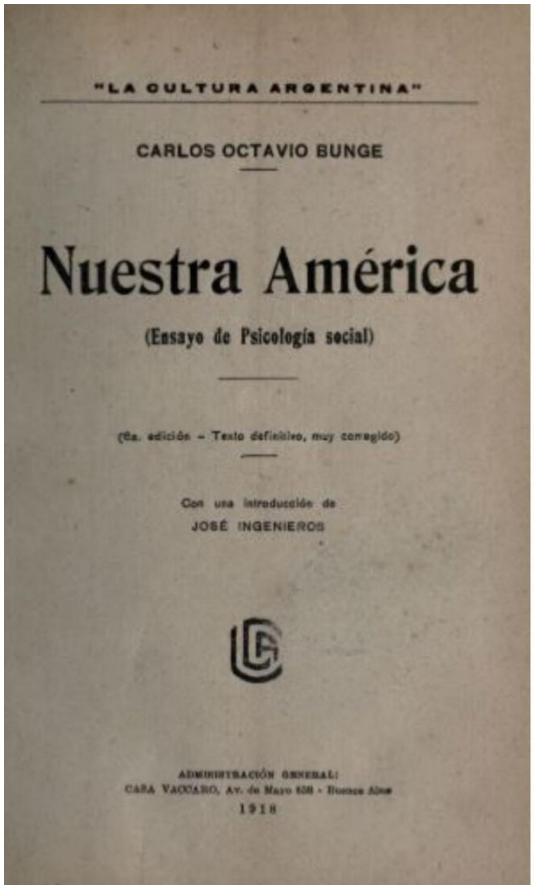
PORTUGAL, Enrique.
Peru, ?: militante aprista exilado em Buenos Aires, quadro da célula da APRA na Argetina. (**nº26**)

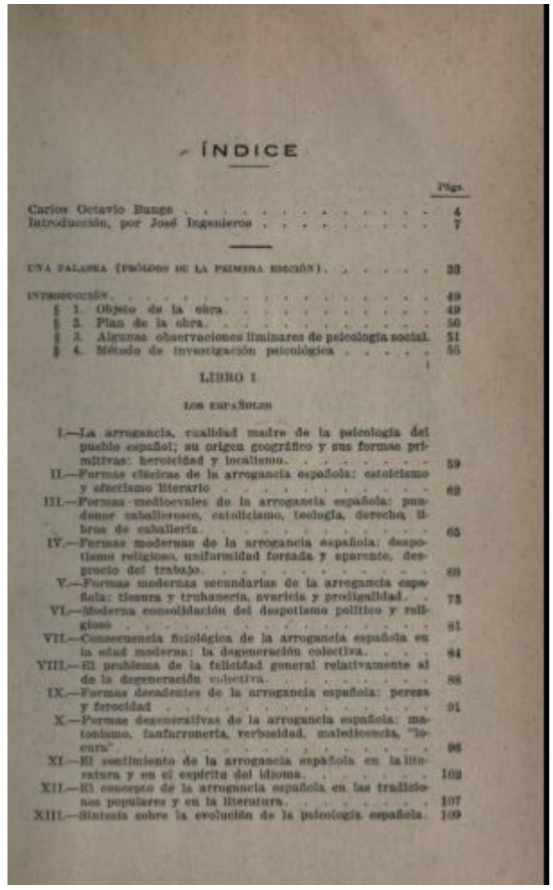
PUCCIO, Enrique A.
Argentina (?): Não há mais informações de Puccio, além de sua presença em listas estudantis da década de 1930 e uma possível atuação na área de medicina (**nº2**)

ZANETTI, Juan E.
Argentina (1910–1971): advogado, educador e bibliotecário. Foi presidente da Federación Bibliotecas Populares de Argentina e diretor da "universidade popular" Colegio Libre de Cultura Popular de Córdova. Cf. PUIGGRÓS, 2016. (**nº6**)

Anexo 2: Sumários

1) *Nuestra América* (1903), Carlos Octavio Bunge

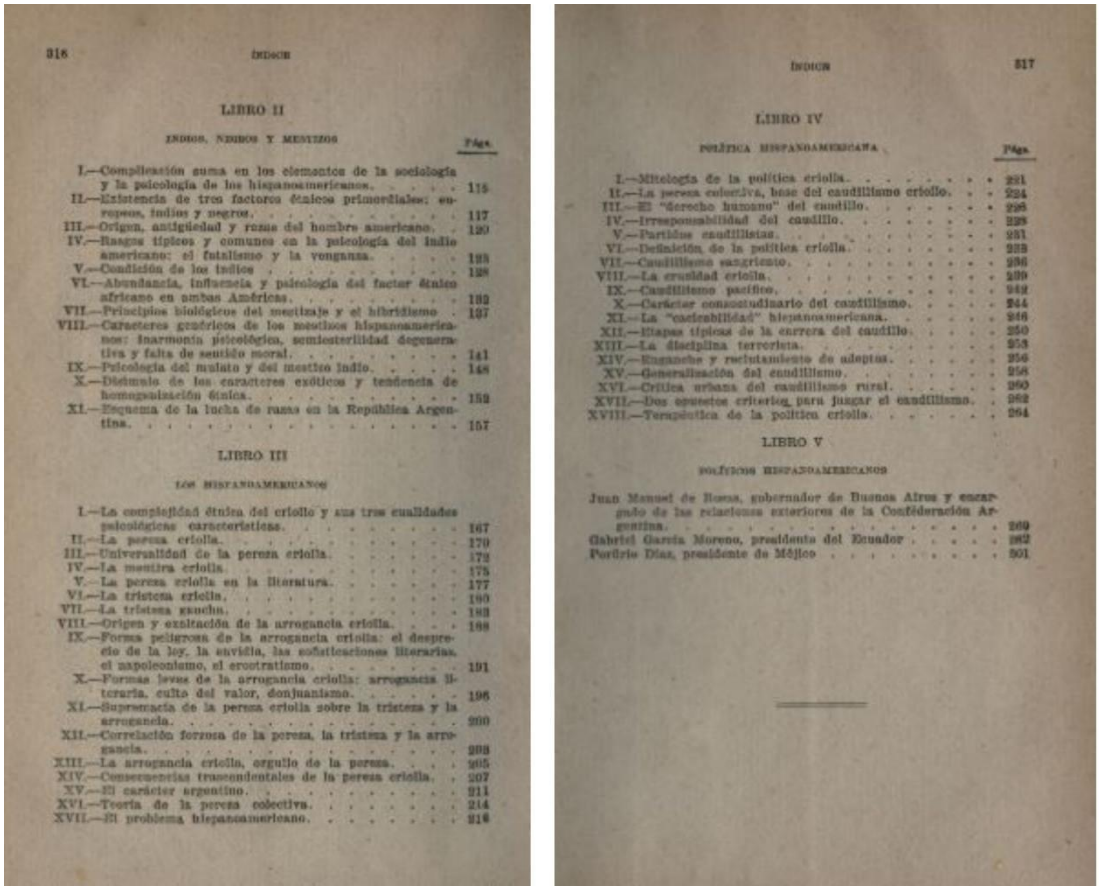




BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América* - Ensayo de Psicologia social. Buenos Aires: Casa Vaccaro, 1918 (1ªed.1903).

Imagem 1 - Descrição

Libro I: Los españoles
I - La arrogancia, cualidad madre de la psicología del pueblo español; su origen geográfico y sus formas primitivas: heroicidad y localismo; II - Formas clásicas de la arrogancia española: estoicismo y efectismo literario; III - Formas medioevales de la arrogancia española: pundonor caballeresco, catolicismo, teología, derecho, libros de caballería; IV - Formas modernas de la arrogancia española: despotismo religioso, uniformidad forzada y aparente, desprecio del trabajo; V - Formas modernas secundarias de la arrogancia española: tiesura y truhanería, avaricia y prodigalidad; VI - Moderna consolidación del despotismo político y religioso; VII - Consecuencia fisiológica de la arrogancia española en la edad moderna: la degeneración colectiva; VIII - El problema de la felicidad general relativamente al de la degeneración colectiva; IX - Formas decadentes de la arrogancia española: pereza y ferocidad; X - Formas degenerativas de la arrogancia española: matonismo, fanfarronería, verbosidad, maledicencia, "locura"; XI - El sentimiento de la arrogancia española en la literatura y en el espíritu del idioma; XII - El concepto de la arrogancia española en las tradiciones populares y en la literatura; XIII - Síntesis sobre la evolución de la psicología española.



316 ÍNDICE

LIBRO II

INDIOS, NEGROS Y MESTIZOS

Págs.

I.—Complicación suma en los elementos de la sociología y la psicología de los hispanoamericanos. 115
II.—Existencia de tres factores étnicos primordiales: europeos, indios y negros. 117
III.—Origen, antigüedad y razas del hombre americano. . 120
IV.—Rasgos típicos y comunes en la psicología del indio americano: el fatalismo y la venganza. 123
V.—Condición de los indios 128
VI.—Abundancia, influencia y psicología del factor étnico africano en ambas Américas. 132
VII.—Principios biológicos del mestizaje y el hibridismo . 137
VIII.—Caracteres genéricos de los mestizos hispanoamericanos: inarmonía psicológica, semiesterilidad degenerativa y falta de sentido moral. 141
IX.—Psicología del mulato y del mestizo indio. 148
X.—Disimulo de los caracteres exóticos y tendencia de homogenización étnica. 152
XI.—Esquema de la lucha de razas en la República Argentina. 157

LIBRO III

LOS HISPANOAMERICANOS

I.—La complejidad étnica del criollo y sus tres cualidades psicológicas características. 167
II.—La pereza criolla. 170
III.—Universalidad de la pereza criolla. 172
IV.—La mentira criolla. 175
V.—La pereza criolla en la literatura. 177
VI.—La tristeza criolla. 180
VII.—La tristeza gaucha. 183
VIII.—Origen y exaltación de la arrogancia criolla. . . . 188
IX.—Forma peligrosa de la arrogancia criolla: el desprecio de la ley, la envidia, las sofisticaciones literarias, el napoleonismo, el erostratismo. 191
X.—Formas leves de la arrogancia criolla: arrogancia literaria, culto del valor, donjuanismo. 196
XI.—Supremacía de la pereza criolla sobre la tristeza y la arrogancia. 200
XII.—Correlación forzosa de la pereza, la tristeza y la arrogancia. 203
XIII.—La arrogancia criolla, orgullo de la pereza. . . . 205
XIV.—Consecuencias trascendentales de la pereza criolla. . 207
XV.—El carácter argentino. 211
XVI.—Teoría de la pereza colectiva. 214
XVII.—El problema hispanoamericano. 216

ÍNDICE 317

LIBRO IV

POLÍTICA HISPANOAMERICANA

Págs.

I.—Mitología de la política criolla. 221
II.—La pereza colectiva, base del caudillismo criollo. . . 224
III.—El "derecho humano" del caudillo. 226
IV.—Irresponsabilidad del caudillo. 228
V.—Partidos caudillistas. 231
VI.—Definición de la política criolla. 233
VII.—Caudillismo sangriento. 236
VIII.—La crueldad criolla. 239
IX.—Caudillismo pacífico. 242
X.—Carácter consuetudinario del caudillismo. 244
XI.—La "cacicabilidad" hispanoamericana. 246
XII.—Etapas típicas de la carrera del caudillo. 250
XIII.—La disciplina terrorista. 253
XIV.—Enganche y reclutamiento de adeptos. 256
XV.—Generalización del caudillismo. 258
XVI.—Crítica urbana del caudillismo rural. 260
XVII.—Dos opuestos criterios para juzgar el caudillismo. . 262
XVIII.—Terapéutica de la política criolla. 264

LIBRO V

POLÍTICOS HISPANOAMERICANOS

Juan Manuel de Rosas, gobernador de Buenos Aires y encargado de las relaciones exteriores de la Confederación Argentina. 269
Gabriel García Moreno, presidente del Ecuador 282
Porfirio Díaz, presidente de Méjico 301

Imagem 2 - Descrição

Libro II: Indios, negros y mestizos

I - Complicación suma en los elementos de la sociología y la psicología de los hispanoamericanos; II - Existencia de tres factores étnicos primordiales: europeos, indios y negros; III - Origen, antigüedad y razas del hombre americano; IV - Rasgos típicos y comunes en la psicología del indio americano: el fatalismo y la venganza; V - Condición de los indios; VI - Abundancia, influencia y psicología del factor étnico africano en ambas Américas; VII - Principios biológicos del mestizaje y el hibridismo; VIII - Caracteres genéricos de los mestizos hispanoamericanos: inarmonía psicológica, semiesterilidad degenerativa y falta de sentido moral; IX - Psicología del mulato y del mestizo indio; X - Disimulo de los caracteres exóticos y tendencia de homogenización étnica; XI - Esquema de la lucha de razas en la República Argentina.

Libro III: Los hispanoamericanos

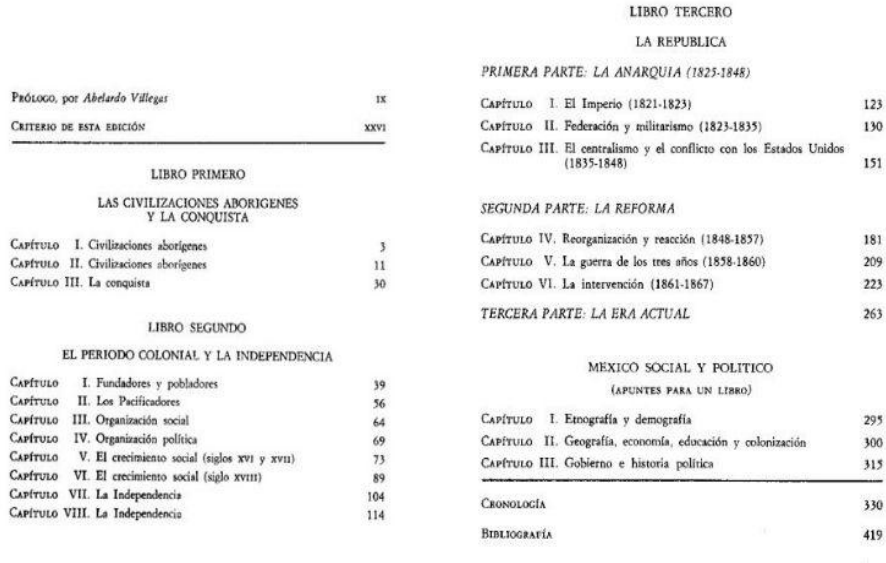
I - La complejidad étnica del criollo y sus tres cualidades psicológicas características; II - La pereza criolla; III - Universalidad de la pereza criolla; IV - La mentira criolla; V - La pereza criolla en la literatura; VI - La tristeza criolla; VII - La tristeza gaucha; VIII - Origen y exaltación de la arrogancia criolla; IX - Forma peligrosa de la arrogancia criolla: el desprecio de la ley, la envidia, las sofisticaciones literarias, el napoleonismo, el erostratismo; X - Formas leves de la arrogancia criolla: arrogancia literaria, culto del valor, donjuanismo; XI - Supremacía de la pereza criolla sobre la tristeza y la arrogancia; XII - Correlación forzosa de la pereza, la tristeza y la arrogancia; XIII - La arrogancia criolla, orgullo de la pereza; XIV - Consecuencias trascendentales de la pereza criolla; XV - El carácter argentino; XVI - Teoría de la pereza colectiva; XVII - El problema hispanoamericano.

Libro IV: Política hispanoamericana

I - Mitología de la política criolla; II - La pereza colectiva, base del caudillismo criollo; III - El "derecho humano" del caudillo; IV - Irresponsabilidad del caudillo; V - Partidos caudillistas; VI - Definición de la política criolla; VII - Caudillismo sangriento; VIII - La crueldad criolla; IX -

Caudillismo pacífico; X - Carácter consuetudinario del caudillismo; XI - La "cacicabilidad" hispanoamericana; XII - Etapas típicas de la carrera del caudillo; XIII - La disciplina terrorista; XIV - Enganche y reclutamiento de adeptos; XV - Generalización del caudillismo; XVI - Crítica urbana del caudillismo rural; XVII - Dos opuestos criterios para juzgar el caudillismo; XVIII - Terapéutica de la política criolla.

2) *Evolución Política del Pueblo Mexicano* (1902), Justo Sierra



PRÓLOGO, por *Abelardo Villegas* IX
CRITERIO DE ESTA EDICIÓN XXVI

LIBRO PRIMERO

LAS CIVILIZACIONES ABORIGENES Y LA CONQUISTA

CAPÍTULO I. Civilizaciones aborígenes 3
CAPÍTULO II. Civilizaciones aborígenes 11
CAPÍTULO III. La conquista 30

LIBRO SEGUNDO

EL PERIODO COLONIAL Y LA INDEPENDENCIA

CAPÍTULO I. Fundadores y pobladores 39
CAPÍTULO II. Los Pacificadores 56
CAPÍTULO III. Organización social 64
CAPÍTULO IV. Organización política 69
CAPÍTULO V. El crecimiento social (siglos XVI y XVII) 73
CAPÍTULO VI. El crecimiento social (siglo XVIII) 89
CAPÍTULO VII. La Independencia 104
CAPÍTULO VIII. La Independencia 114

LIBRO TERCERO

LA REPUBLICA

PRIMERA PARTE: LA ANARQUIA (1825-1848)

CAPÍTULO I. El Imperio (1821-1823) 123
CAPÍTULO II. Federación y militarismo (1823-1835) 130
CAPÍTULO III. El centralismo y el conflicto con los Estados Unidos (1835-1848) 151

SEGUNDA PARTE: LA REFORMA

CAPÍTULO IV. Reorganización y reacción (1848-1857) 181
CAPÍTULO V. La guerra de los tres años (1858-1860) 209
CAPÍTULO VI. La intervención (1861-1867) 223

TERCERA PARTE: LA ERA ACTUAL 263

MEXICO SOCIAL Y POLITICO
(APUNTES PARA UN LIBRO)

CAPÍTULO I. Etnografía y demografía 295
CAPÍTULO II. Geografía, economía, educación y colonización 300
CAPÍTULO III. Gobierno e historia política 315

CRONOLOGÍA 330
BIBLIOGRAFÍA 419

SIERRA, Justo. *Evolución política del pueblo mexicano.* Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977 (1ªed.1902).

Imagem 3 - Descrição

Índice de Evolución Política del Pueblo Mexicano (1902) - Justo Sierra
Libro primero: Las civilizaciones aborígenes y la conquista; I - Civilizaciones aborígenes; II - Civilizaciones aborígenes; III - La conquista.
Libro segundo: El período colonial y la independencia; I - Fundadores y pobladores; II - Los Pacificadores; III - Organización social; IV - Organización política; V - El crecimiento social (siglos XVI y XVII); VI - El crecimiento social (siglo XVIII); VII - La Independencia; XVIII - La Independencia.



Gerações

Nascimento

Antes de 1858	1858 - 1873	1874-1889	Juventude 1920 1890-1910	1911-
• Ricardo Palma (1833) • Gonzalez Prada (1844) • José Varona (1849) • José Martí (1853)	• Rubén Darío (1867) • M. Soto Hall (1871) • José Rodó (1872)	• Leopoldo Lugones (1874) • Santos Chocano (1875) • Manuel Ugarte (1875) • José Ingenieros (1877) • Alfredo Palacios (1878) • Alcides Arguedas (1879) • José Vasconcelos (1882) • P. Henríquez Ureña (1884) • Alfonso Reys (1889) • Gabriela Mistral (1889)	• Deodoro Roca (1890) • José C. Mariátegui (1894) • Haya de la Torre (1895) • Eudocio Ravines (1897) • Gabriel del Mazo (1898) • Luis A. Sánchez (1900) • Carlos Manuel Cox (1902) • Julio A. Mella (1903)	

***A organização do quadro foi feita a partir da noção de *geração* que, além da data de nascimento, considera a atuação conjunta dos indivíduos. O maior período recortado, entre 1890 e 1910, buscou agrupar no mesmo eixo geracional todos aqueles que iniciaram sua atividade intelectual entre ao final da Grande Guerra até fins da década de 1920.**